



UTOPIA ou DISTOPIA?

O regresso à cidade de Santarém.

Gonçalo Chinita Pirrolas (Licenciado)

Orientação Científica: Professor Doutor Sérgio Miguel Padrão Fernandes
Professor Doutor Jorge Luís Firmino Nunes

Júri: Presidente: Professora Doutora Maria Manuela Afonso da Fonte
Vogal: Professora Doutora Cristina Soares Ribeiro Gomes Cavaco

Projecto Final para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura,
com especialização em Urbanismo.

Este documento foi escrito segundo o acordo ortográfico de 1990.

UTOPIA ou DISTOPIA?

O regresso à cidade de Santarém.

Gonçalo Chinita Pirrolas (Licenciado)

Orientação Científica:

Professor Doutor Sérgio Miguel Padrão Fernandes

Professor Doutor Jorge Luís Firmino Nunes

Júri:

Presidente: Professora Doutora Maria Manuela Afonso da Fonte

Vogal: Professora Doutora Cristina Soares Ribeiro Gomes Cavaco

Projecto Final para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura,
com especialização em Urbanismo.

Documento Definitivo

Lisboa, Janeiro 2021

Resumo

O conceito do Utopia, até antes do aparecimento do termo que designa, sempre foi assumido como um sonho, como todos os desejos do Homem que, à primeira vista, são inalcançáveis. Em contrapartida, muitas vezes, quando o sonhador tenta materializar o seu sonho, acabando no pesadelo, que veio a apelar-se de Distopia. O estudo do pensamento utópico deste trabalho, debruçar-se-á sobre a cidade e os problemas surgidos a partir do século XIX e os fenómenos que motivaram a sua transformação posterior.

Os problemas que apareceram são circunstâncias de um elevado Valor do Solo e de um Planeamento vindo do Urbanismo Moderno: os centros ditos históricos são esquecidos, sendo quase sempre abandonados, cristalizado no tempo ao passo que o resto da cidade se desenvolveu, fragmentando ligações, mas sempre dependente deste núcleo. A cidade tende a crescer para a periferia, consumindo território de forma desmesurada devido a uma ideia errada de que a melhor qualidade de vida está desligada da urbe e deverá estar ligada ao campo, acompanhando o poder burocrático e económico do uso do solo para o seu crescimento.

A cidade de Santarém será o laboratório para ensaiar, como em todas as utopias, os problemas referidos: uma cidade tipicamente portuguesa que, em tempos, dedicou parte da sua actividade ao Rio, viu esta cultura ser esquecida e a cidade ser abandonada com aparecimento do automóvel, da via rápida e de infra-estruturas que ganharam um novo protagonismo na cidade. Será objectivo deste pensamento utópico a preparação de um regresso à cidade dita Scalabitana, abandonando os subúrbios e fomentando a sua ligação ao Rio. Para tal, será proposta a invenção da nova frente ribeirinha através de estratégias para re-activação de edifícios e espaços obsoletos, que respondam às necessidades do lugar - desenvolvendo a actividade cultural e mercantil.

Palavras-chave

utopia . distopia . cidade . limite . lugar de trocas . mercado

Abstract

The concept of Utopia, even before the term that designates it, has always been assumed as a dream, like all the wishes of Man that are impossible. On the other side, whenever the dreamer tries to materialize his dream, he ends up in the nightmare that came to be called Dystopia. The study of the utopian thinking in this work will focus on the City and the problems from the 19th century onwards and the phenomena that were a consequence for his transformation.

The problems that appear are circumstances of an highest Land Value and Planning from Modern Urbanism: the so-called historical cities is forgotten, crystallized in time as the City develops, fragmenting connections, but always dependent of that spaces. The city tends to grow up from his periphery, consuming territory in an excessive way by exchanging an erroneous idea that the best quality of life is disconnected from the city and must be linked to the countryside, following the bureaucratic and economic power of using the land for its growth.

Santarém will be the test scenario. As in all utopias, the problems processed: a complete Portuguese city, which once dedicated part of its activity to Rio, has this culture forgotten and the abandoned city in exchange the appearance of the car, the railway and infrastructures that have gained new protagonism in the city. The objective of this utopian thinking will be prepare for a future return to Santarém, leaving the suburbs, promoting the connection with the river. The invention of the new riverfront will be proposed with strategies for re-activating obsolete buildings and spaces, which respond to the needs of the city - with development of cultural and commercial activity.

Keywords

utopia . dystopia . city . limit . place of changes . market

Agradecimentos

À Escola de Lisboa pelo acolhimento, assim como a todos os docentes que contribuíram para este percurso que procuro transmitir neste trabalho, com especial atenção para o Professor Sérgio Fernandes e Professor Jorge Nunes pela coragem, pelos ensinamentos transmitidos, pelo interesse em comum neste tema e pelos acompanhamentos espirituais que um trabalho destes exige.

À equipa do FORMAURBIS Lab pelo acolhimento, partilha e oportunidade;

À Câmara Municipal de Santarém pela disponibilidade;

Aos que, ao longo destes cinco anos, tive o prazer de conhecer e de trabalhar, e que fizeram parte do que sou hoje e do que levo comigo;

À Filipa, pela paciência inesgotável, para tudo;

Aos do costume, no sítio do costume às 20h, pago eu;

À família e enteados, sobrinha e cunhados que serão sempre lembrados;

À Luísa e ao José Rosa, a quem dedico este trabalho, inquestionavelmente.
Que vejam neste o orgulho e o empenho como se de obra vossa se tratasse.

A todos, o meu *sin-cero* Obrigado.

Índice geral

Resumo	III
Abstract	VI
Agradecimentos	VII
Índice Geral	IX
Índice de Imagens	XI
Introdução	
Enquadramento e Justificação do Tema	2
Objectivos	2
Metodologia	3
Estrutura	4
1. O Sonho	
1.1 Outopia, Eutopia, Utopia	7
1.2 Distopia ou Utopia tornada praticável?	9
1.3 Casos práticos de Utopias	11
1.3.1 Familistério	13
1.3.2 Cidade Jardim	19
1.3.3 Ville Radieuse	23
1.3.4 Exodus	29
2. O Lugar: Santarém	
2.1 A Viagem	35
2.2 A aproximação à Cidade	41
2.3 A Chegada	64
3. O Lugar de Sonho: Cidade	
3.1 O regresso à cidade de Santarém ...	101
3.2 À Cidade Ribeirinha ...	125
3.3 Aos lugares e costumes esquecidos	147
Considerações Finais	179
Bibliografia	183
Anexos	188

Índice de imagens

Imagem de Capa I Nova Frente Ribeirinha de Santarém.

Montagem do autor.

1.1 I A ilha da Utopia de Thomas More, 1516.

Disponível em https://pl.wikipedia.org/wiki/Plik:Insel_Utopia.png

1.2 I Do Plano à prática - a Cidade Ideal do Renascimento: exemplo do Plano para a cidade de Palmanova e fotografia aérea

Montagem do autor. Imagens disponíveis em http://fortalezas.org/midias/jpg_originais/00652_008850.jpg + Google Earth

1.3 I Uma perspectiva da Vila de Chaux, Jean-Claude Ledoux, 1773

Disponível em <http://socks-studio.com/img/blog/Ledoux-Claude-architecture-281.jpg>

1.4 I Trecho do filme Metropolis de Fritz Lang, 1928

Disponível em <https://wsimag.com/pt/arquitetura-e-design/36852-as-possibilidades-de-uma-visao-digital>

1.5 I Linha Cronológica de “Pensamentos Utópicos”

Esquema do autor. Imagens disponíveis em <https://i.pinimg.com/originals/19/d8/1c/19d81cd1faa7c-c2254799a9d48116139.jpg> + http://www.beyoungdesign.com/uploads/6/3/5/0/6350628/533668_orig.jpg + https://miro.medium.com/max/800/1*0aFh90EENX-SZ3eCAw2-bfw.jpeg + <http://urbanplanning.library.cornell.edu/DOCS/whitwell.htm>

1.6 I New Harmony, Robert Owen, 1824

Disponível em <http://urbanplanning.library.cornell.edu/DOCS/whitwell.htm>

1.7 I Falansterio, Charles Fourier, 1837

Disponível em <https://www.familistere.com/fr/decouvrir/une-architecture-au-service-du-peuple/phalanstere-familistere-et-cites-ouvrieres>

1.8 I Familisterio, Godin, 1847

Disponível em <https://www.familistere.com/fr/decouvrir/le-familistere-par-l-image/vue-projet-du-familistere>

1.9 I Complexo do Familisterio

Disponível em <https://www.familistere.com/fr/decouvrir/regenerer-le-familistere-le-programme-utopia/le-programme-utopia>

1.10 + 1.11 I Definição de projecto do Familisterio

Disponível em <https://www.familistere.com/fr/decouvrir/une-architecture-au-service-du-peuple/le-familistere-de-guise/le-palais-social>

1.12 I Actividades no Pátio Central entre os habitantes do Familisterio

Disponível em https://scontent.flis61.fna.fbcdn.net/v/t1.09/87941496_3170093343022775_8166980467686375424_o.jpg?_nc_cat=101&ccb=2&_nc_sid=8bfeb9&_nc_ohc=6EvoITpSDZIAx9fxBV8&_nc_ht=scontent.flis6-1.fna&oh=ce5d0de20dc9b0f78c3c46b13f8d75a9&oe=60104AC5

1.13 + 1.14 I Espaços de Controlo: Comparação entre os espaços interiores do Familisterio e do Panóptico de Bentham

Disponível em <https://cycling74.com/articles/on-the-road-familistere-de-guise> + <https://spasme.noblogs.org/2014/12/09/surveillance-de-tous-les-instants-bienvenue-dans-la-societe-panoptique/>

1.15 + 1.16 I Abordagem conceptual para a Cidade Jardim

<http://urbanplanning.library.cornell.edu/DOCS/howard.htm> + <https://quadralectics.wordpress.com/4-representation/4-1-form/4-1-4-cities-in-the-mind/4-1-4-2-the-future-city/>

1.17 + 1.18 I Abordagem conceptual para a Cidade Jardim - Pormenor do Plano

<http://urbanplanning.library.cornell.edu/DOCS/howard.htm> + <https://quadralectics.wordpress.com/4-representation/4-1-form/4-1-4-cities-in-the-mind/4-1-4-2-the-future-city/>

1.19 I Plano de Letchworth – Cidade Jardim realizada

Disponível em <https://quadralectics.wordpress.com/4-representation/4-1-form/4-1-4-cities-in-the-mind/4-1-4-2-the-future-city/>

1.20 | Comparação entre os tecidos Edificados de Paris, Nova Iorque, Buenos Aires e a Ville Contemporaine

Disponível em https://64.media.tumblr.com/tumblr_lju2pd9Cm21qe0nlvo1_1280.jpg

1.21 | Skyline entre Nova Iorque e a Ville Contemporaine

Disponível em <https://i.pinimg.com/originals/37/23/db/3723db3127d146b27a9ea297fe3500d6.jpg>

1.22 | Planta do Plano Voisin para o centro de Paris

Disponível em <https://www.dwell.com/collection/6133532597566550016/6133532588511158272>

1.23 | Esquema dos princípios da Unité d' Habitation

Disponível em <https://www.architectsjournal.co.uk/archive/house-plan-keith-williams-on-le-corbusiers-unite>

1.24 | Interior da Unité – Espaços Comerciais

Disponível em [http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384#pretty-Photo\[inline\]/3/](http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384#pretty-Photo[inline]/3/)

1.25 | Interior da Unité – Espaços Residenciais

Disponível em <https://www.domusweb.it/en/from-the-archive/2011/02/28/corbusier-s-cite-radieuse.html>

1.26 + 1.27 | Exodus – Ilustrações de Rem Koolhaas

Disponível em <http://socks-studio.com/2011/03/19/exodus-or-the-voluntary-prisoners-of-architecture/>

2.1 | Enquadramento Ibérico

Disponível em <https://www.atlasofplaces.com/research/atlas-of-landsat-i/>

2.2 | Enquadramento Ibérico: Rios e Cordilheiras – Rio Tejo

Esquema do autor.

2.3 | Enquadramento Nacional: Infra-estruturas;

Rios; Província do Ribatejo

Esquema do autor.

2.4 | Bacia Hidrográfica do Tejo Nacional

Esquema do autor.

2.5 | Normais Climatológicas da Estação Climática de Santarém entre 1971 e 2000, dados de www.portaldoclima.pt

Esquema do autor.

2.6 | Artur Pastor, Feira do Ribatejo, 1950-60

Disponível em <https://64.media.tumblr.com/7726f1606d9b35826a84911e19189524/801d64cb9c9d355a-a2/s2048x3072/b1f22ef37d7ad01b2a14a4b79f1c4e2a26066c92.jpg>

2.7 | Artur Pastor, Monda do Arroz, Salvaterra de Magos, 1954

Disponível em https://64.media.tumblr.com/ca529978ab5e775fc4fbdedef6ce33a/tumblr_ozqm5nslGh1tcav4fo1_1280.jpg

2.8 | Autor desconhecido, Grupo Académico de Danças Ribatejanas, Santarém, 1960

Disponível em <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/passado-recente/grupo-de-folclore-nas-portas-do-sol-em-1960>

2.9 | Rio Tejo - Relação entre a Lezíria e os núcleos ribeirinhos.

Esquema do autor.

2.10 | “Planta do Rio Tejo desde o Mouchão dos Coelhoos até ao extremo do Dique da Vallada” - 1861

Imagem disponível em http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart168852/cart168852.jpg

2.11 | Análise do Lugar – Santarém: Tecido Urbano; Topografia; Traçado Urbano; Tecido Edificado

Esquema do autor.

2.12 | Vista Aérea do Centro Histórico de Santarém, no séc. XX

Disponível em <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos/santarem-a-meio-do-seculo-xx>

2.13 | Monumental Celestino Graça, Joana Gregório, João Gomes de Abreu, Matilde dos Reis, ano desconhecido

Disponível em <https://museudapaisagem.pt/pontos/detail/30>

2.14 I Igreja de São João de Alporão como antiqúario, Estúdio Mário Novais, (1899-1967)

Disponível em <https://www.flickr.com/photos/biblarte/48258072391/in/album-72157675944180328/>

2.15 I Igreja do Mosteiro de Santa Maria da Graça, Estúdio Mário Novais, (1899-1967)

Disponível em <https://www.flickr.com/photos/biblarte/48263922556/in/album-72157675944180328/>

2.16 I Inventário de Edifícios Singulares presentes no Planalto e na Ribeira

Esquema do autor. Imagens disponíveis em <https://correiodoribatejo.pt/wp-content/uploads/2018/06/20-141.jpg> + <https://patrimonio-santarem.pt/fdt67sdhj/wp-content/uploads/2017/02/25m-al-fange.jpg> + https://www.vortexmag.net/wp-content/uploads/2018/08/29014735334_d7ec64a898_b.jpg + http://1.bp.blogspot.com/_jIWhLjk_Pw/TPvegBTdjil/AAAAAAAAACOY/6xTkhqsPyxM/s1600/4047246850_2b02195482.jpg + <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-w/16/1b/af/55/monumental-celestino.jpg> + https://cdn.visitportugal.com/sites/default/files/styles/encontre_detalhe_poi_destaque/public/mediateca/Santarem_IgrejaGraça_JM_660x371.jpg?itok=E-j9ywusE + https://lh3.googleusercontent.com/proxy/X0ErPbY0ihQOi_Dc8gYotX5Oxqg3g_Oqpbe5yzOb-ZQcZN3Yq3sO1dnIMYmdFDfkl1KczSgsM3ONXg-MyZw-mmWQdcv5Kpnpq8eXpOqDG79--mMQg-XT-0WhPv5_S4bASwxzRU5UCKJkmGZGw + <https://portugalin.eu/wp-content/uploads/2015/05/xlgreja-de-Nossa-Senhora-da-Assuncao-de-Marvila.jpg>, <https://pagespeed.ic.kXVfLY692u.jpg> + Imagem do autor

2.17 I Evolução - Pré-Existência

Esquema do autor.

2.18 I Evolução – Castra Scallabis

Esquema do autor.

2.19 I Evolução - Sancta Herena

Esquema do autor.

2.20 I Evolução - Santarém

Esquema do autor.

2.21 I Evolução - Actualmente

Esquema do autor.

2.22 I Edifícios Singulares

Esquema do autor.

2.23 I Vista Panorâmica a partir das Portas do Sol

Imagem do autor.

2.24 I Ilustrações da Chegada à Cidade pelo Rio:

Jornal “O Panorama” - 1839

Disponível em <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/desenhos/santarem-no-final-do-seculo-xvi>

2.25 I Ilustrações da Chegada à Cidade pelo Rio:

Autor desconhecido - 1811

Disponível em https://nabl.tamu.edu/index.php/landscapes/europe_landscapes/santarem/

2.26 I Ilustrações da Chegada à Cidade pelo Rio:

António de Holanda - 1530

Disponível em https://nabl.tamu.edu/index.php/landscapes/europe_landscapes/santarem/

2.27 I Autor desconhecido, Nova Ponte sobre o Tejo, séc. XIX

Disponível em <https://lh3.ggpht.com/-KkNVa6QVxzk/UDNBsUxGKbl/AAAAAAAAAelk/m6RZcYMnhZc/s1600-h/Ponte-D.-Luis-I.2.jpg>

2.28 I Planta Base - Núcleos Ribeirinhos

Esquema do autor.

2.29 I Planta de Espaços Livres

Esquema do autor.

2.30 I Planta de Usos - Comércio

Esquema do autor.

2.31 I Planta de Usos - Equipamentos Culturais e

Desportivos

Esquema do autor.

2.32 I Planta de Usos - Restauração

Esquema do autor.

2.33 I Planta de Edifícios Singulares

Esquema do autor.

2.34 I Planta de Edifícios Obsoletos

Esquema do autor.

2.35 I Corredor criado para circulação ferroviária

Imagem do autor.

2.36 I Deslizamento de terras em Santarém

Disponível em <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos/ponte-d-luis-e-santarem-em-1941>

2.37 I Padrão da Santa Iria da Ribeira de Santarém

Imagem do autor.

2.38 I Relações entre o Planalto e a Ribeira: Acessibilidades e Vistas

Esquema do autor.

2.39 I Postal Ilustrativo das Cheias na Ribeira - séc. XX

Disponível em http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais3/Santarem/120_Santarem.jpg

2.40 I Vista das Portas do Sol - Cheias 2006

Disponível em <https://mapio.net/pic/p-19672651/>

2.41 I Cheias na Ribeira - Simulação dos níveis no

Largo dos Barcos

Esquema do autor.

2.42 I Limites edificados com a margem

Esquema do autor.

2.43 I Curso do Rio - Séc XIX

Esquema do autor.

2.44 I Curso do Rio - Séc XX

Esquema do autor.

2.45 I Curso do Rio - Séc XXI

Esquema do autor.

2.46 I Esquema de Cheias - 1979 [+11.00 m]

Esquema do autor.

2.47 I Esquema de Cheias - 2019 [+9.00 m]

Esquema do autor.

2.48 I Plano Estratégico de reabilitação da zona

ribeirinha de Santarém - Projecto Atelier PROAP

Planta cedida pela Câmara Municipal de Santarém

2.49 I Plano de Urbanização para a Ribeira de Santarém, entre 1906 e 1974

Disponível em <https://www.scalabis.net/2020/06/16/urbanizacao-da-ribeira-de-santarem-plano-geral-de-circulacao-extensao-e-defesa-planta-sugestao/>

3.1 I Fotografia Aérea de Santarém - 2012

Disponível em Google Earth.

3.2 + 3.3 I Léon Krier: Cidade e o “parasita” dos subúrbios

Imagens disponíveis em <https://pbs.twimg.com/media/DNypmRSVQAA5TRo?format=jpg&name=medium> + <https://pbs.twimg.com/media/EXlvAEoX-0AA49i0?format=jpg&name=large>

3.4 I City Metaphors - O.M.Ungers: Cidade como Sistema

Disponível em <https://i.pinimg.com/564x/ea/e8/5f/eae85fc6bf71ec2c550883768a75a332.jpg>

3.5 I Trechos do filme La Forma della Città - Pier

Paolo Pasolini, 1974

Disponível em <https://vimeo.com/99520799>

3.6 I City Analogies - O.M.Ungers: Limites

Disponível em <http://socks-studio.com/2020/02/16/visual-thinking-strategy-oswald-mathias-ungers-morphologie-city-metaphors-1982/>

3.7 I Santarém do Planalto vs “Nova Santarém”.

Junção dos bairros e urbanizações edificadas fora do Planalto da cidade.

Esquema do autor.

3.8 I Planta PDM – Santarém 2008, com a nova

acção de Planeamento: Limite da Cidade

Planta disponível https://www.cm-santar-em.pt/?option=com_k2&view=item&layout=item&id=1967&Itemid=1203. Montagem elaborada pelo autor.

- 3.9** | Santarém: Dependência do Rio e a Acrópole do Planalto
Montagem do autor.
- 3.10** | Planta de Roma - Giambattista Nolli, 1748
Imagens disponíveis em <https://imgur.com/gallery/38rqF>
- 3.11** | Concurso “Roma Interrota” - Piero Sarlogo, 1978
Imagens disponíveis em <https://imgur.com/gallery/38rqF>
- 3.12** | “Retorno a Santarém” – Divisão da Cidade de Santarém
Esquemas do autor.
- 3.13** | “Retorno a Santarém” – Propostas para cada um dos fragmentos
Esquemas do autor.
- 3.14** | “Retorno a Santarém”
Limite e coesão da Cidade
- 3.15** | Fragmento 1 - Limite do Planalto
Esquema do autor.
- 3.16** | Fragmento 1 - Proposta para novo troço ferroviário e terminal terrestre a Santarém
Esquema do autor.
- 3.17** | Fragmento 2 - Planalto
Esquema do autor.
- 3.18** | Fragmento 2 - Propostas para Edifícios Obsoletos
Esquema do autor.
- 3.19** | Fragmento 3 - Planalto
Esquema do autor.
- 3.20** | Fragmento 3 - Proposta para o redesenho da margem ribeirinha
Esquema do autor.
- 3.21** | Porto e Rio Douro
Imagem de Google Earth.
- 3.22** | Coimbra e Rio Mondego
Imagem de Google Earth.
- 3.23** | Alcácer do Sal e Rio Sado
Imagem de Google Earth.
- 3.24** | Lisboa e Rio Tejo
Imagem de Google Earth.
- 3.25** | Proposta para nova Frente Ribeirinha de Santarém
Ilustração do autor.
- 3.26** | Proposta de acessibilidades entre o Planalto e a nova Frente Ribeirinha
Esquema do autor + Imagem disponível em <http://www.eugostodesantarem.pt/textos/historias/um-elevador-para-santarem-que-nunca-saiu-do-papel>
- 3.27** | Intervenção de Estudo: Boulevard de L'Impératrice - Argel
Charles Frédéric Chasseriau, 1860
Esquemas do autor.
- 3.28** | Intervenção de Estudo: Muro da Ribeira - Porto
Damião Pereira de Azevedo + Barros Lima, Séc XX
Esquemas do autor e parte in FERNANDES, Sérgio (2014). Génesis e Forma dos Traçados das cidades portuguesas. Tese de doutoramento
- 3.29** | Intervenção de Estudo: Ribeira das Naus - Lisboa
GLOBAL arquitectura paisagista + PROAP, 2012
Esquemas do autor e Imagem disponível em <https://divisare.com/projects/299255-global-architecture-paisagista-joao-antonio-ribeiro-ferreira-nunes-proap-ribeira-das-naus-riverfront/#lg=1&slide=12>
- 3.30** | Chegada a Santarém pelo Rio
Ilustração do autor
- 3.31** | Cidade voltada para o Rio
Ilustração do autor

- 3.32** | Esquema Comparativo dos Edifícios Singulares em estudo na Zona Ribeirinha de Santarém
Esquemas e Imagens do autor
- 3.33** | Exemplos de intervenções em edifícios obsoletos
Imagens disponíveis em <https://www.rimasebatidas.pt/20-anos-de-lux-o-clube-que-sempre-foi-mais-do-que-isso/> + http://bit.ly/unnamed_ + <http://cidadani-alx.blogspot.com/2013/01/teatro-thalia-de-byrne-por-antonio.html>
Esquemas do autor
- 3.34** | Proposta de intervenção para a Frente Ribeirinha
Esquema do autor
- 3.35** | Proposta de intervenção para a Frente Ribeirinha - Detalhe
Esquema do autor
- 3.36** | Secções de espaços da Proposta
Esquema do autor
- 3.37** | Planta de espaços interiores propostos
Esquema do autor
- 3.38** | Desenho de estudo para o Terreiro
Desenho do autor
- 3.39** | Cidades de estudo: Relação entre o Rio e o Mercado Municipal
Esquema do autor
- 3.40** | Desenhos de estudo para o Terreiro de Feira
Desenhos do autor
- 3.41** | Secção Urbana do Terreiro
Esquema do autor
- 3.42** | Transformação: Ribeira de Santarém – Estado actual
Esquema do autor
- 3.43** | Transformação: Ribeira de Santarém – Proposta para Doca de Recreio e Terreiro de Feira
Esquema do autor
- 3.44** | Ribeira de Santarém – Cobertura da Av. Júlio Malfeito
Ilustração do autor
- 3.45** | Lugares de Exemplo: Piazza San Marco - Veneza + Praça do Comércio - Lisboa
Imagens de Google Earth
- 3.46** | Estudo preliminar de Casos de Estudo
Desenhos do autor
- 3.47** | Mercado de Braga
Disponível em <https://ducciomalagamba.com/en/architects/eduardo-souto-moura/290-caranda-market-braga-2/#DM-030b-290>
- 3.48** | Mercato del Pesce di Firenze
Disponível em <https://www.fotocommunity.it/photo/loggia-del-pesce-firenze-francesca-de-grazia/26880344>
- 3.49** | Mercato di Rialto
Imagem do autor
- 3.50** | Mercato Nuovo di Firenze
Disponível em https://it.wikipedia.org/wiki/Loggia_del_Mercato_Nuovo#/media/File:Loggia_del_mercato_nuovo_01.JPG
- 3.51** | Stoa de Attalos, Atenas
Imagem do autor
- 3.52** | Mercado de Ljubljana
Disponível em <https://www.ilovejourneys.com/trailing-the-architecture-of-one-of-ljubljanas-finest-jozefplecnik/>
- 3.53** | Halle Centrale - Monpaizer
Disponível em <https://monumentum.fr/halle-centrale-pa00082655.html>
- 3.54** | Mercado de Vodice - Croácia
Disponível em <https://www.publicspace.org/works/-/project/j032-harbour-market>

- 3.55** | Mercado de Castelo de Vide
Disponível em https://scontent.flis6-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/86261337_2541816412741987_2573685862806061056_o.jpg?_nc_cat=103&ccb=2&_nc_sid=0debeb&_nc_ohc=9XZek0hD8iwAX_Fnzl7&_nc_ht=scontent.flis6-1.fna&oh=3d7076b9c31d362e-3106621a5c7cbf91&oe=601B6734
- 3.56** | Mercado de Santa Maria da Feira
Disponível em <http://pin.amp.pt/recurso/102>
- 3.57** | Esquema Comparativo dos Mercados estudados
Esquemas do autor
- 3.58** | Axonometria Explicativa da Proposta – Mercado Municipal da Ribeira de Santarém
Esquema do autor
- 3.59** | Análise do Quarteirão – Orto 2019
Imagem de Google Earth
- 3.60** | Análise do Quarteirão – Tecido Edificado existente
Esquema do autor
- 3.61** | Análise do Quarteirão – Proposta de demolição
Esquema do autor
- 3.62** | Análise do Quarteirão - Desenho de estudo do objecto arquitectónico
Desenho do autor
- 3.63** | Análise do Quarteirão – Implantação do Mercado Municipal e edifícios a recuperar
Esquema do autor
- 3.64** | Análise do Quarteirão - Transformação da frente de rua - Av. Júlio Malfeito
Esquema do autor
- 3.65** | Análise do Quarteirão - Transformação da frente de rua - Largo Oliveira Marreca
Esquema do autor
- 3.66** | Desenho do ambiente anterior
Desenho do autor
- 3.67** | Análise do Projecto - Programa
Esquema do autor
- 3.68** | Análise do Projecto – Ocupação: Produtos de Origem Animal
Esquema do autor
- 3.69** | Análise do Projecto – Ocupação: Produtos de Origem Vegetal
Esquema do autor
- 3.70** | Desenhos de estudo - Definição construtiva
Desenho do autor
- 3.71** | Desenhos de estudo - Definição construtiva
Desenho do autor
- 3.72** | Análise do Projecto – Mercado: Definição Construtiva - Escala 1:50
Esquema do autor
- 3.73** | Análise do Projecto – Espaço Público: Definição Construtiva - Escala 1:50
Esquema do autor
- 5.1** | Disposição dos elementos apresentados: painéis e maquetas
Esquema do autor
- 5.2** | Maqueta de Enquadramento: Topografia [Escala 1:2500]
Fotografia do autor
- 5.3** | Maqueta de Enquadramento: Traçado Urbano - Ligações entre o planalto e o rio [Escala 1:2500]
Fotografia do autor
- 5.4** | Fragmentos da maqueta da proposta para a nova frente ribeirinha de Santarém [Escala 1:500]
Fotografia do autor
- 5.5** | Maqueta da proposta para a nova frente ribeirinha de Santarém [Escala 1:500]
Fotografia do autor

5.6 I Maquetas de estudo de fragmentos para a nova frente ribeirinha
[Escala 1:200]
Fotografia do autor

5.7 I Maquetas de fragmentos da proposta para a nova frente ribeirinha
[Escala 1:200]
Fotografia do autor

5.8 I Estudo do quarteirão: maqueta da situação existente
[Escala 1:200]
Fotografia do autor

5.9 I Estudo do quarteirão: maqueta de transformação e edifícios a demolir
[Escala 1:200]
Fotografia do autor

5.10 I Estudo do quarteirão: maqueta do objecto arquitectónico proposto
[Escala 1:200]
Fotografia do autor

5.11 I Estudo do quarteirão: maqueta do cenário final
[Escala 1:200]
Fotografia do autor

5.12 I Estudo do quarteirão: maquetas da situação existente e solução proposta
[Escala 1:200]
Fotografia do autor

5.13 I Maqueta conceptual do projecto - embasamento para o mercado municipal
[Escala 1:100]
Fotografia do autor

5.14 I Maqueta conceptual do projecto - cobertura para o mercado municipal
[Escala 1:100]
Fotografia do autor

5.15 I Painéis de apresentação
Elementos produzidos pelo autor

Introdução

A capacidade do ser humano sonhar deu-lhe sempre uma vantagem para enfrentar os seus problemas, encarando-os de forma positiva e encontrando soluções com final feliz. Para as suas adversidades individuais, como para um grande grupo de pessoas que constitui uma sociedade, encontramos ao longo dos tempos, várias tentativas de especular cenários ideais para as adversidades a que estamos sujeitos. A esse tipo de especulação ideal – ou sonho – Thomas More deu o nome de *Utopia*, sendo por essa palavra que conhecemos todos os cenários que a procurem resolver os problemas reais e actuais. No caso da Arquitectura, quando os criadores de sonhos tentaram ver construídos os seus cenários utópicos – ou, segundo Friedmann (2000): *pensamento utópico* – enfrentaram as dificuldades associadas ao seu idealismo, que mais tarde ficara conhecido como Distopia. O antagonismo do sonho, ou o medo do resultado das consequências que possam surgir, por consequência, passam a ser chamados de distópicos e, a partir do séc XIX, ganham destaque no cinema, na literatura, em representações que hoje enquadrámos na ficção científica.

A partir do Renascimento, a Utopia procurou ir além das narrativas literárias, procurando soluções alternativas para os problemas sociais que o mundo sofrera a partir da invenção da máquina a vapor. O estudo da Utopia e da sua relação com a arquitectura, e, principalmente com a cidade, será o objectivo primordial deste trabalho. Porque grande parte das nossas vivências urbanas graças a propostas ideais, nasceram de um plano de *tabula rasa*, e transformaram-se em distopias. Procurar-se-à, com o estudo aprofundado desse imaginário, os fundamentos do conceito de cidade.

Objectivos

O objectivo principal deste trabalho é questionar se é possível, através do *Pensamento Utópico*, imaginarmos o regresso ao que consideramos ser cidade, novamente com urbanidade, com a coesão possível para que cumpra os propósitos pelos quais foi inventada.

Será objecto de reflexão o impacto da Utopia e das suas propostas imaginadas na solução dos problemas que a cidade apresentou ao longo dos tempos. Para além disso, nos dias de hoje, enfrentamos – como sociedade – um problema com os nossos espaços urbanos: fragmentados, esquecidos, muitas vezes em prol de uma protecção despropositada do que se chama património, do capitalismo que vigora e define novas hierarquia e do automóvel que fez crescer as cidades dimensões descontroladas.

Santarém será o laboratório para essa construção. Através do seu estudo prévio em Laboratório de Projecto, surgiu como lugar conveniente para palco deste ensaio. Reconhecida pelo seu legado histórico, – sobretudo pela presença do património Gótico – a sua posição estratégica com origem no Castro Romano presente no planalto e a sua ligação com o Rio Tejo, com a Lezíria e a Bacia Hidrográfica, fizeram com que, em tempos, esta povoação fosse um cenário desejado.

Actualmente, esta cidade caracteriza-se por problemas que também afectam tantas outras, sendo bastante evidentes os problemas provocados pela forma do território, pelas alterações que sofreu com o processo de modernização, e pelo esquecimento provocado pelo abandono. É, portanto, o lugar apropriado para se imaginar o regresso a uma hipotética condição de cidade ideal.

Metodologia

Para que o regresso à cidade seja possível, torna-se fundamental o estudo dos conceitos de Utopia e Distopia, bem como alguns dos exemplos de problemas urbanos. A relação entre a Utopia, a Cidade e a Arquitectura.

A partir do estudo do tema, sucede-se o lugar de intervenção: o território ribatejano como contexto de uma cultura; a Cidade de Santarém como um lugar, reflectindo e procurando respostas para os actuais problemas que esta apresenta; assim como um desenvolvimento aprofundado dos lugares a desenvolver a nível projectual.

Após toda esta reflexão crítica, será criado um cenário utópico, tendo como propósito enquadrando o conceito de cidade e a sua realidade nos dias de hoje, enquadrando estratégias e propostas a apresentar, para tornar praticável a Utopia, e responder à questão que o título coloca. Nesta circunstância, serão também explicadas as decisões de projecto tomadas, com uma aproximação detalhada, partindo da escala territorial até ao pormenor construtivo do equipamento proposto, apoiando-se na análise de necessidades sentidas por Santarém e em casos de estudo.

Deste modo, o documento compõe-se por uma primeira parte introdutória, apresentando o tema e as intenções a realizar ao longo do trabalho, assim como a sua organização.

De seguida, será organizado em três partes: o tema estudado, a análise do território e a apresentação descritiva da proposta. O primeiro capítulo terá como objectivo a apresentação e estudo relacionado com os conceitos de Utopia e Distopia, partindo de um conjunto de autores de referência, assim como quatro casos de exemplo, de diferentes fases cronológicas, que procuram apresentar o pensamento utópico presente em cada época - o Familistério do séc. XIX e a Cidade-Jardim dos finais desse século; à Ville Contemporaine, assim como ao Exodus, de meados e finais do século XX, respectivamente.

O segundo capítulo procura um estudo dos lugares a desenvolver em projecto. Iniciado a partir de um enquadramento ibérico para compreensão da importância do Rio Tejo para Santarém e para Portugal, seguindo uma abordagem cada vez mais específica - como se de uma viagem de aproximação à cidade se tratasse - até à escala do lugar de projecto: a Ribeira de Santarém. Houve uma preocupação numa introdução histórica para a caracterização destes lugares, procurando desenvolver, de forma mais concreta, o impacto desses acontecimentos: como o inventário Gótico presente no planalto da cidade e o acontecimento sazonal de cheias nas zonas ribeirinhas.

A terceira parte será dedicada à explicação do pensamento utópico formulado, tendo como base os princípios dos capítulos anteriores. Para além da formulação teórica deste cenário, será descrito o Programa Urbano-Arquitectónico, as acções a desenvolver e os casos de estudo analisados para a sua elaboração e posterior comparação. Esse Programa apresenta uma proposta de divisão da cidade presente no planalto e no núcleo ribeirinho em três fragmentos, expondo um conjunto de objectivos, com o intuito de a revitalizar - através do seu regresso. Numa segunda fase, será desenvolvido um dos fragmentos desse programa - neste caso, o fragmento correspondente à frente ribeirinha - onde será projectada uma nova realidade ribeirinha e um conjunto de edifícios e programas a desenvolver em cada um deles, apresentando um conjunto de exemplos construídos. A última parte é dedicada ao desenvolvimento, em matéria de projecto, de um desses programas para um novo equipamento na Ribeira de Santarém - o Mercado Municipal, complementar ao existente no planalto.

Em suma, será evidenciado o impacto da Utopia no planeamento social e urbano, fomentando o seu carácter especulativo e questionando, a partir do título do trabalho, se a proposta desenvolvida se trata de um pensamento utópico ou distópico.

1. O Sonho



1.1 | A ilha da Utopia de Thomas More, 1516

Tenho uma má notícia para vos dar (...): a má notícia é que eu não sou utopista.

E pior do que isso ainda, considero a utopia, ou o conceito de utopia, não só inútil, como também tão negativo (...) como a ideia de que quando morremos todos, vamos para o paraíso. A Utopia, segundo se diz, começou com Thomas More, com o seu livro Utopia, publicado em 1516, e aí se coloca o nascimento de uma palavra, de uma ideia, mas podíamos ir muito mais atrás, podíamos ir a Platão. No fundo, a utopia nasce sem nome, e talvez o que esteja a atrapalhar aqui tudo isto seja o nome, porque curiosamente tudo quanto foi dito antes podia ter sido dito com igual rigor, (...) sem a introdução da palavra Utopia.

Demonstrarei, (...) porque há uma questão que é indissociável, da utopia ou do pensamento utópico, ou do anseio do ser humano em melhorar a vida, - e não só no sentido material, melhorá-la também no sentido de uma outra dimensão: a dimensão espiritual, a dimensão ética, a dimensão moral – está indissociavelmente ligada (e parece que não) à revitalização, e se quiserem, à reinvenção da democracia.

Quando eu vos digo que não sou um utopista, (...) [é] porque o discurso sobre a utopia é o discurso sobre o não existente. Já sabemos, toda a gente sabe que a utopia é algo que está em um lugar qualquer e que, portanto, (...) não se conhece o destino. Também não se saberá o caminho para lá chegar. Também não se saberá quando, mas o pior que tudo é um equívoco tremendo em que caímos todos os que falamos de utopia, e que é o seguinte: a Utopia, no fundo em termos práticos, significa que eu que necessito umas quantas coisas, quer como pessoa, quer como membro (...) de uma sociedade, mas que sou consciente de que não os posso ter agora. Porque os inimigos são mais poderosos, porque me faltam os meios, porque a fruta não está madura (...) portanto isto que não posso ter agora, hei-de tê-lo um dia. O Hitler também dizia que o regime nacional-socialista era para durar 2000 anos. E aqui está outra utopia. E vivemos como durante séculos, vivemos de mitos, vivemos de crenças, vivemos de coisas que não tem nada que ver com a razão. Basta ver a multiplicação das igrejas, das ceitas, de tudo isso. Que não tem nada para dar, mas que tem tudo para prometer.¹

1 | in [Intervenção de José Saramago na mesa redonda], "Quixotes hoje: utopia e política", Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 29.01.2005. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yh2GDMzdMBE>

[Consultado a 13.05.2020]

7 1.1 Outopia, Eutopia, Utopia

O Homem, desde sempre, rege a sua vida por intuições, objectivos, essencialmente por crenças, em busca de um sentido para o seu percurso na Terra. As memórias e a capacidade de imaginar são as ferramentas necessárias para que possa especular ou definir tais objectivos, pois são estas que permitem ao sonhador idealizar o que deseja, embora não consiga controlar o futuro de forma certa.

Utopian thinking: the capacity to imagine a future that departs significantly from what we know to be a general condition in the present. It is a way of breaking through the barriers of convention into a sphere of the imagination where many things beyond our everyday experience become feasible. All of us have this ability, which is inherent in human nature, because human beings are insufficiently programmed for the future. (FRIEDMANN, 2000, 462)

Associamos muitas vezes o sonho como um processo que decorre durante o sono e a Utopia como um acto de sonhar lúcido e desperto. Foi Thomas More quem lhe concedeu, através de um poema informal, o seu significado: *Nessa pequena estrofe explicava, em grego, que a palavra utopia podia querer dizer “eutopia”, o bom lugar, ou “outopia” o não-lugar (MUNFORD, 2007, 9)*. Resumindo, o mundo Utópico existe como um lugar perfeito, sem morada conhecida. Como exemplo apresentado por diversos autores, uma das maiores Utopias conhecidas será o paraíso reservado pela religião, nomeadamente pelo Cristianismo, tendo como premissa - como pensamento utópico - a bíblia, descrevendo o paraíso e os meios para o alcançar.

Assim como para a vida pessoal, a nossa vida social também é vivida em sonhos. Porque a especificidade do pensamento utópico é que, para além do medo pelo futuro desconhecido, se acrescentam os problemas do presente. *Foi na procura da bonança da desintegração social que se segue à Guerra do Peloponeso, e parte da sua coragem e espírito cáustico resulta provavelmente das condições de desespero que Platão terá presenciado que o incentivaram à escrita da sua obra; Foi também numa época marcada pela violência e desordem que Thomas More lançou as fundações da sua comunidade imaginária sendo a utopia (...) a ponte através da qual ele procurava transpor o fosso entre a velha ordem medieval e os novos interesses e instituições do Renascimento (MUNFORD, 2007, 20)*. Portanto, a Utopia serve como ferramenta de especulação para tentar resolver problemas que nos comprometem a felicidade, em busca do bem comum, através da procura de uma sociedade justa, ideal.

- Compreendo. Referes-te à cidade que edificámos há pouco na nossa exposição, aquela que está fundada só em palavras, pois creio bem que não se encontre em parte alguma da terra.

- Mas talvez haja um modelo no céu, para quem quiser contemplá-la e, contemplando, fundar uma para si mesmo. De resto, nada importa que a cidade exista em qualquer lugar, ou venha a existir, porquanto é pelas suas normas, e pelas de mais nenhuma outra, que ele pautará o seu comportamento.

- É natural - concordou.

(PLATÃO, 2017, 447)

Até ao séc. XVIII, essa vontade pouco podia passar de uma obra literária. Talvez por isso, encontremos tantos registos escritos de problemas e tentativas para os resolver. Contudo, é sobretudo no século seguinte, que a Utopia começa a demonstrar uma vontade de se materializar, como alternativa ao presente, não só através do desenho e da representação, mas também das tecnologias que ligamos em torno do século Iluminista. Começa assim a ser possível materializar o que Thomas More definia como *Outopia*, numa procura de resolver o problema criado pela evolução tecnológica e pela industrialização.

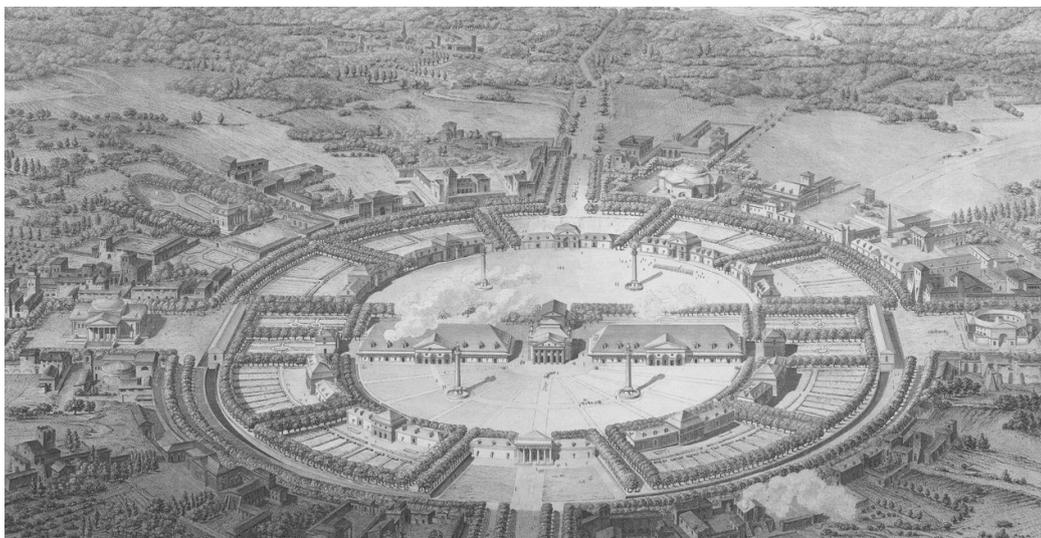
É a partir da sua materialização que se torna evidente o estudo deste pensamento utópico nas áreas sociais, a salientar o método – a relação com a arquitectura e com a cidade – abandonando a literatura. Os cenários que até agora não passavam de palavras, descrevem agora acções e projectos para conjuntos construídos.



1.2 Distopia ou Utopia tornada praticável?

For which propose, and particularly since we are speaking of cities, there are two stories: the first that of the classical utopia, the critical utopia inspired by universal rational morality and ideas of justice, the Spartan and ascetic utopia which was already dead before the French Revolution; and the second that of the activist utopia of the post Enlightenment. (ROWE; KOETTER, 1978, 13)

Seguindo o raciocínio presente na obra de Colin Rowe e Fred Koetter, confirmamos a transformação da utopia, como demonstra a figura abaixo (1.3), em propostas concretas, apoiadas nos ideais que se viviam a partir do século XVIII. Crenças humanistas e racionalistas, tendo a liberdade de criar uma sociedade desejada, despojada das críticas lógicas, sendo apenas uma cidade nunca antes concretizada. Assim, a representação de projectos em obras de arte passou a ser uma chave importante para a justificação, ou até mesmo a explicação destas ideias, persuadindo quem as observava aos ideais de perfeição. Com a Revolução Francesa, tenta-se pôr em prática essas ideias, sobretudo a partir do aparecimento do Socialismo Utópico do Conde de Saint-Simon, que ligado à melhoria de um futuro do proletariado, procura a solução através de novos sistemas de organização social. Foi indirectamente, através desta fase, que chegamos ao séc. XX, com algumas experiências utópicas postas em prática, e que se começa a perceber que não é assim tão fácil passar do mundo ideal para o mundo real, distorcendo a Utopia para cenários pouco desejados. O que levou a que esta época fosse descrita por ideias totalitárias, onde *a liberdade se converteu em reconhecimento de necessidade*, concluindo com o aparecimento de uma *cidade futurista proto-moderna* e uma *cidade futurista proto-fascista*. (ROWE; KOETTER, 1978, 29)



1.3 | Uma perspectiva da Vila de Chaux,
Jean-Claude Ledoux, 1773

Does the noble Lord really think it's possible that the people of England will submit to this?

I may be permitted, as one who, in common with many of my betters, have been subjected to the charge of being Utopian, to congratulate the Government on having joined that goodly company.

It is, perhaps, too complimentary to call them Utopians, they ought rather to be called dys-topians, or cacotopians. What is commonly called Utopian is something too good to be practicable; but what they appear to favour is too bad to be practicable. (MILL, 1988, 247)

Foi neste discurso de Stuart Mill na Câmara dos Comuns que a Distopia ganha protagonismo. O que era tido como um cenário ideal, que viria solucionar os problemas, transforma-se no seu inverso. Uma das vantagens que nos detemos enquanto sonhamos é que somos donos dos nossos sonhos – somos nós que comandamos e manipulamos para que corra bem. Talvez tenha sido esse o problema evidente ao tornar a Utopia como *praticável*: todos os cenários precisam de alguém que os controle. O Homem, por vezes descrito como egoísta por natureza, quando se vê com o poder pleno torna-se corrupto e compulsivo, conseguindo alterar um pensamento utópico persuasor, mas que cai na distopia de movimentos autoritários. Assim como a religião serviu para exemplificar a Utopia, pois o resultado só será possível saber depois da morte; o regime fascista alemão poderá ser exemplo de uma Distopia: Adolf Hitler escreveu o seu pensamento utópico que procurou resolver o caos e a desorganização da Alemanha no início do séc. XX – na obra intitulada *A Minha Luta* - que, quando se vê como figura do poder, transforma os ideais para o bem comum em ferramentas para um controlo opressivo, libertadora de medo, onde a liberdade lhes é retirada em nome do tal bem comum que a utopia procura estabelecer.

Procuramos um idealismo através da organização de tudo: da vida dos habitantes das cidades, da forma de habitar, dos hábitos e até da sua liberdade. A monotonia, ou o excesso de controlo e poder como veremos em diante, levará a Utopia ao seu fracasso. Graças a isso, a partir do séc XX, através de histórias de ficção científica representadas em Cinema e noutras artes, o que se chamava anteriormente de Pensamento Utópico transformou-se em ferramenta de previsão ou crítica a um futuro que se avizinha indesejável, distópico.

1.4 | Trecho do filme *Metropolis*,
Fritz Lang, 1928



11 1.3 Casos práticos de Utopia

A partir do século XIX, o mundo sofre com o fenómeno industrial: o capitalismo começa a ganhar destaque, a exploração mineral e a produção em massa fazem com que seja benéfico para as populações que, com todo este desenvolvimento migrem para as cidades, abandonando os campos. Estes espaços urbanos, até agora consolidados pelos limites de antigas muralhas defensivas ou porque não tinham mais necessidade de se desenvolver, vêm-se confrontadas com uma invasão de população, à qual não estão efectivamente preparadas. *Estamos perante um processo duplo ou, dito de outro modo, um processo com dois aspectos: a industrialização e a urbanização, o crescimento e o desenvolvimento, a produção económica e a vida social* (LEFEBVRE, 2012,22). Dando o exemplo da cidade de Londres, que durante o século XIX, viu a sua população aumentar mais de um milhão de habitantes.



As cidades não estavam preparadas para este fenómeno. Criou-se um cenário propício para a Utopia. Desta data em diante, começou a formar-se um fenómeno que transformou as nossas cidades, justificando o método do planeamento e o tecido urbano em que hoje vivemos. Esse pensamento utópico teria como base o despovoamento das cidades problemáticas, caóticas em que a sanidade foi absorvida numa densidade que sobrelotou os núcleos urbanos. Seria vantajoso o seu abandono, ou pelo menos, afastar para um lugar distante destes problemas. Os complexos industriais e agrícolas tinham a vantagem de não serem forçosamente dependentes das cidades, dando alguma liberdade para os complexos cooperativos que, daí em diante, teriam como objectivo juntar os trabalhadores e as suas famílias. Em suma, a maior parte das Utopias apresentadas terão como objectivo transportar a cidade para um único lugar, um complexo habitacional e de trabalho, uma única arquitectura, que satisfaça as necessidades da sua população de uma forma mais feliz e saudável.

1898 garden city . ebenezer howard

1925 voisin plan . le corbusier

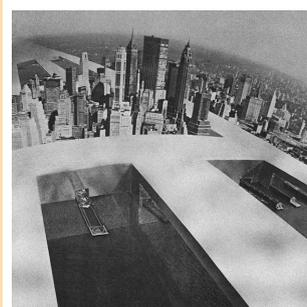
1935 broadacre city . frank lloyd wright



1969 no-stop city . archizoom



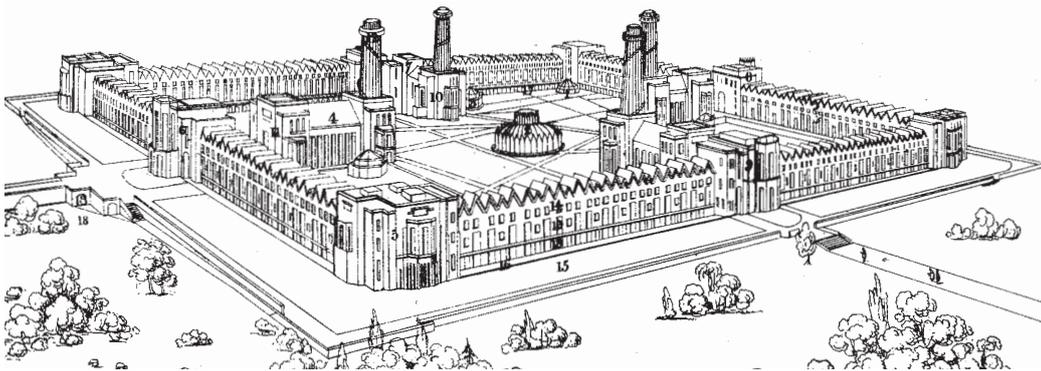
1969 monumento contínuo . superstudio



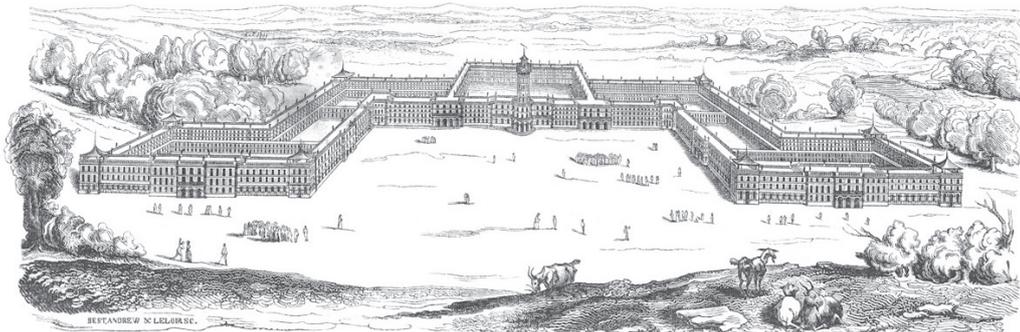
1972 exodus . rem koolhaas

XX

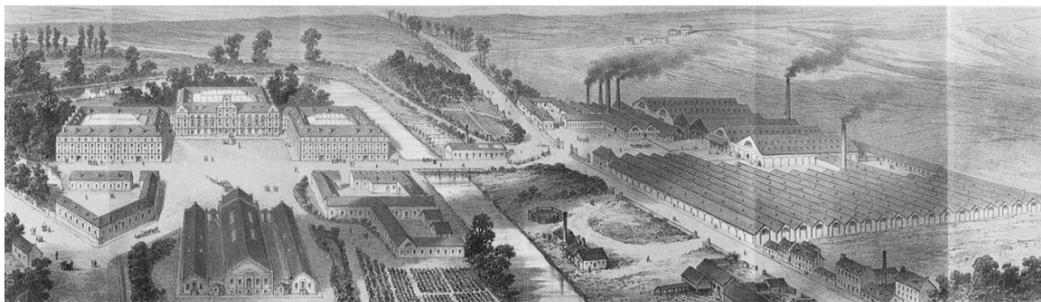
XXI



1.6 | New Harmony, Robert Owen, 1824



1.7 | Falanstério, Charles Fourier, 1772 - 1837



1.8 | Familistério, Godin, 1847

No séc. XIX surgem as primeiras ilustrações feitas por socialistas cooperativistas, que mostram testes para a criação deste grande complexo habitacional, procurando resolver a fraca qualidade de vida e de habitação da classe operária. A sua forma arquitectónica assemelhava-se ao grande complexo de Versailles, contudo, apresentando ideais que apenas tinham alguma relação de forma metafórica. Um edifício que albergasse todas as funções necessárias à habitação e que funcionasse num contexto cooperativista – tal como numa cidade. Este novo ideal torna-se doutrina, criando o que se conhece hoje como Socialismo Utópico, criado por Conde San-Simon, que se pode assemelhar à construção do lugar que Thomas More descrevera como *não lugar*, num único edifício.



1.9 | Complexo do Familistério

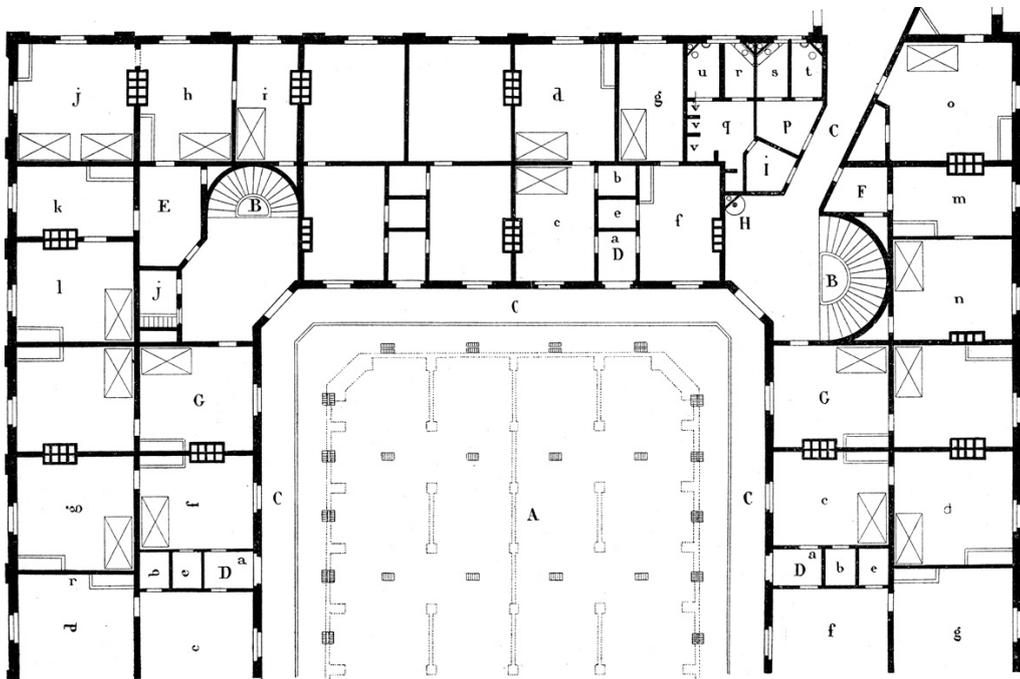
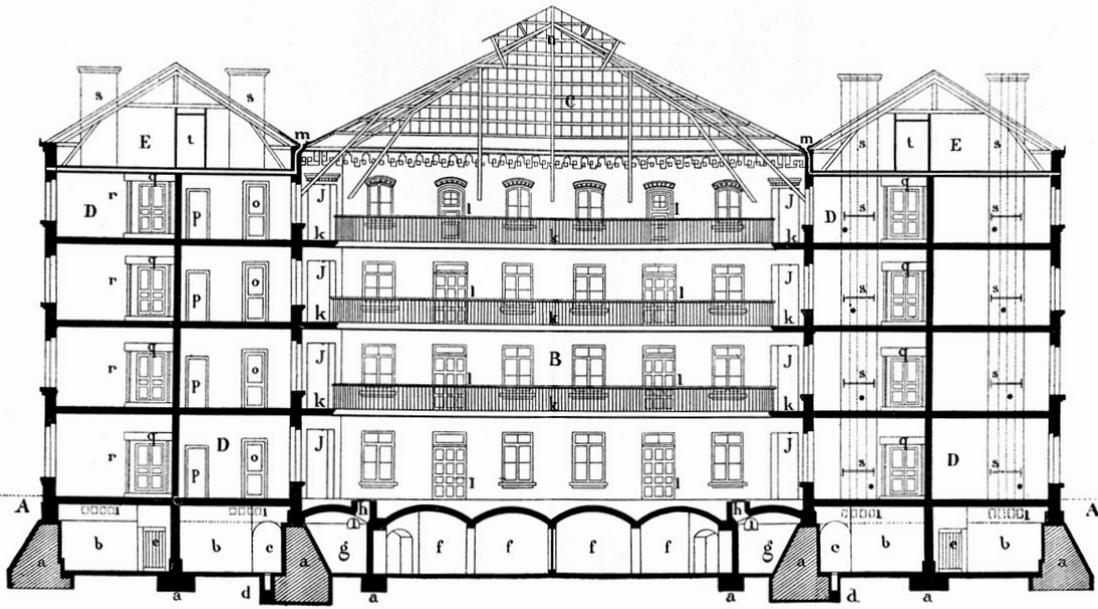
O progresso social das massas está subordinado ao progresso das disposições sociais da arquitectura. – Godin, 1870¹

Apoiado nesta ideologia, e reunindo as condições necessárias para tal, foi em 1859 que Jean-Baptiste André Godin cria e faz construir a sua adaptação do Falanstério: o Familistério de Guise.

A juntar à sua indústria siderúrgica criada em 1847, projecta este complexo para os seus trabalhadores e para as suas respectivas famílias, de onde advém o seu nome. O Palácio Social aparece para solucionar as condições de vida precárias que se faziam sentir nas cidades e nos complexos habitacionais das fábricas, indesejáveis pelas fracas condições. Melhorando os princípios de habitação e da sociedade, propõe uma nova ordem social, criando uma comunidade de pessoas que habitam e trabalham no mesmo espaço, no mesmo edifício – como se de uma colmeia se tratasse. Neste edifício prevê-se o fim das classes, onde todas compartilhavam do mesmo espaço, coabitando em harmonia.

1 | in “Le Familistere - Une cité radieuse ai XIXème siècle”, Realizado por Richard Copin e Stan Neumann.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uuqHVYZRyml> [Consultado a 26.10.2020]



1.10 + 1.11 | Definição de projecto do Familiarstério

A partir destas premissas, constrói um complexo de três edifícios de habitação para as famílias dos operários, cada um deles dispendo ao longo do pátio coberto e um conjunto de outros edifícios públicos à semelhança dos dispostos na cidade: escola, teatro - onde os *Familisterianos* eram convidados a assistir a palestras sobre moral -, lavandaria e o estábulo que seriam construídos com o desenvolver do plano. O principal enfoque será nos blocos de habitação. Promovendo não só o bem comum, pensa em torno do indivíduo e do seu bem-estar. Escolhe esta localização do complexo para estar em contacto com a natureza e oferecendo aos seus habitantes as três premissas que a tecnologia construtiva permite oferecer - Ar, Espaço e Luz.

As habitações que servem de invólucro ao grande pátio central, a disposição dos acessos baseados nos edifícios mais avançados à época - quartéis e hospitais - em tudo contribuíam para uma sucessão de acontecimentos sazonais e aleatórios que promoviam a sociabilidade entre os moradores do Familistério. Também com esse propósito eram organizadas festas e outras actividades neste espaço central, oferecendo uma visão total através da janela ou da porta que dava para este espaço interior. A partir desta tipologia, crê-se que Godin seja o pioneiro do urbanismo moderno.

Todo este experimentalismo e pragmatismo de Godin, que tentaram edificar uma comunidade feliz, foram também interpretadas como uma ferramenta para um controlo natural entre moradores. O facto de viverem de uma forma nua e desarmada entre eles, permitia um controlo de comportamentos através da observação. Dito por Godin: *A vida de cada um está ao descoberto*².

Para além de todo este complexo ser um labirinto, quando comparamos estes blocos de habitação à invenção não muito distante do Panóptico, deparamo-nos com tal fenómeno. No entanto, este edifício foi uma invenção de punição e vigilância, enquanto que o Familistério foi uma invenção de habitação.

O controlo social, que evidencia a falta de privacidade e o excessivo paternalismo de Godin sobre os seus funcionários, revelam um autoritarismo que se reflectirá no século seguinte. A utilização do bem comum como premissa para uma sociedade ideal cairá facilmente no controlo do poder e manipulação social.

2 | in Idem

1.12 | Actividades no Pátio Central entre os habitantes do Familistério





1.13 + 1.14 | Espaços de Controle: Comparação entre os espaços interiores do Familiaristério e do Panóptico de Bentham

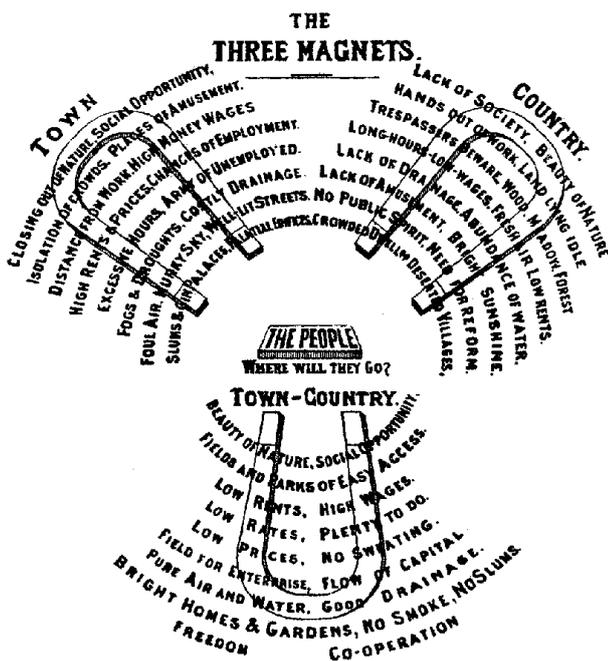


A crítica sobre a cidade densa e desconectada do meio natural manteve-se na maioria das experiências utópicas do século XIX, assim como a crença em movimentos cooperativistas.

Town and country must be married, and out of this joyous union will Spring a new hope, a new life, a new civilization. (Ebenezer Howard 1898) (FISHMANN, 2012,37)

A sua crença pela descentralização das cidades para um melhor controlo, pela relação entre a cidade e o campo e por uma sociedade cooperativista foram os três grandes conceitos que estiveram presentes na origem deste plano.

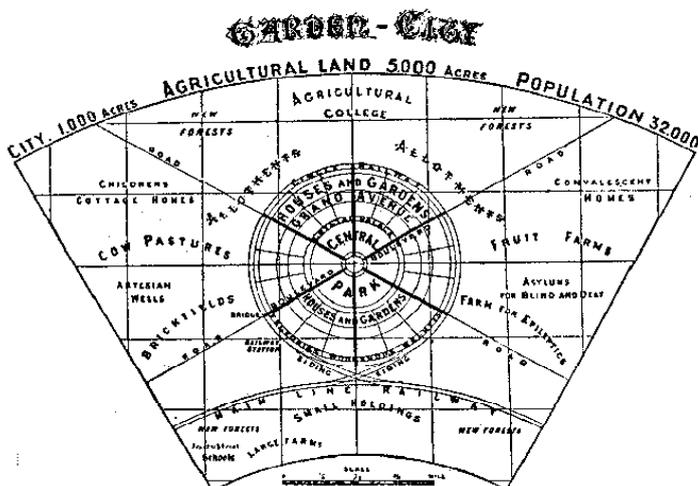
Segundo Fishmann (1982) foi uma das teorias urbanas mais influenciáveis à época. Uma das principais crenças deste movimento urbanístico seria a substituição de uma tendência capitalista por uma sociedade baseada na cooperação – o socialismo cooperativista. Enquanto Godin constrói um edifício que recebe os seus habitantes, Howard propõe a construção de pequenos núcleos urbanos para habitar entre as 30 000 e 70 000 pessoas, separados entre si, no entanto, munidos de uma rede ferroviária que permitia uni-las. Desta forma, as cidades dispunham-se por uma vasta área, mantendo uma ligação a grandes espaços verdes, ao campo, à natureza, resolvendo os actuais problemas de salubridade, pobreza e poluição presentes nas cidades. Desta forma, o plano foi intitulado de *To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform*, adaptando-se em 1902 para *Garden Cities of To-Morrow*.



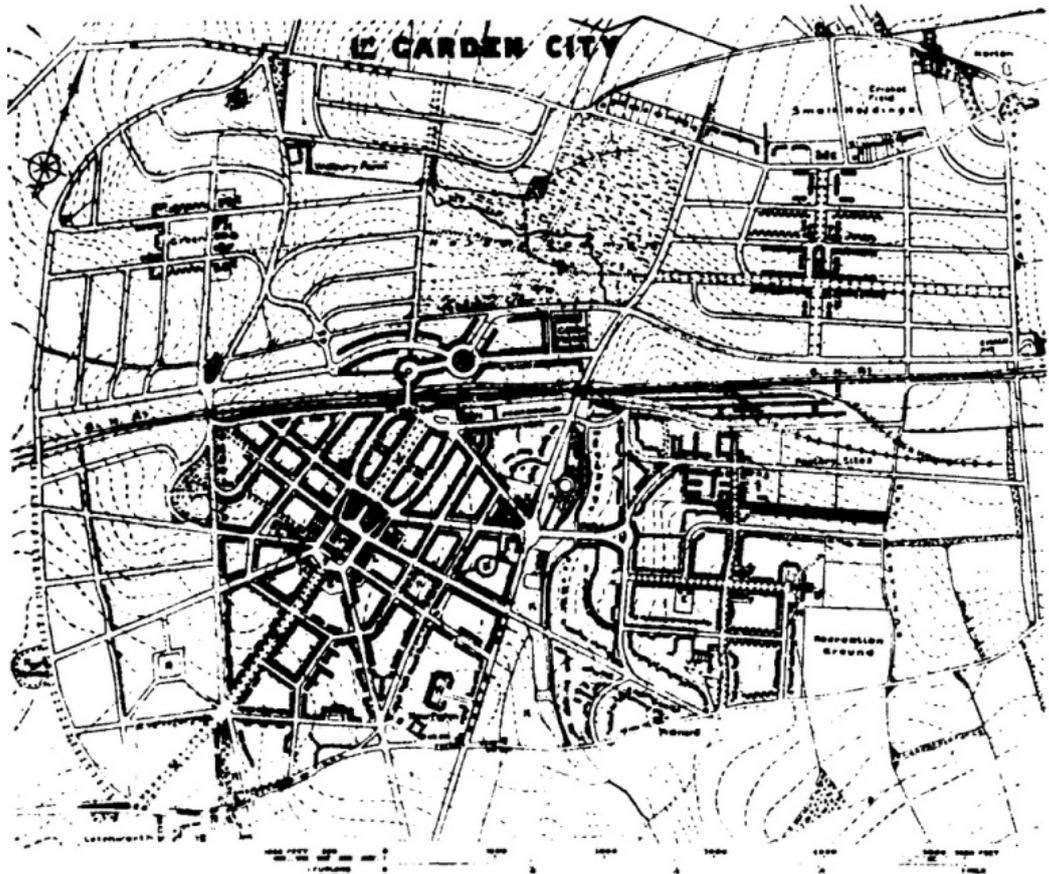
Não só de aspectos urbanos era constituído este plano. Esta *Cidade Social* teria um modelo económico diferente. Como base para que esta organização resultasse, criou a *Garden Cities Association*, uma organização cooperativa responsável pela coordenação destes núcleos. Habitar nestes lugares seria possível através do investimento dos seus moradores – através da angariação de fundos e obrigações a uma taxa fixa -, da cobrança de rendas que variavam consoante o número de habitantes e sendo assim possível a compra do terreno, a construção e a manutenção da Cidade e dos seus edifícios públicos: estradas, escolas, etc. Com isto, o direito à propriedade privada seria abolido, havendo apenas um proprietário: a Associação que representava a comunidade.

Com a criação desta Associação, em 1903, partiu-se para a prática do pensamento utópico de Howard – a cidade de Letchworth, através do Plano de Barry Parker e Raymond Unwin. Em 1907, esta cidade já apresentava mais de 2 500 habitantes, tendo, três anos depois, chegado ao seu auge e com sucesso nos seus 486 hectares de área urbana e 1 133 hectares de áreas agrícolas e florestais.

Apesar do sucesso aparente neste caso, o pensamento de Howard e as tendências económicas vividas no início do século XX não foram benéficas para o seu Plano. Os crescimentos económicos dos Estados Unidos opunham-se ao plano Inglês de salvar a Europa da Industrialização. Este método foi esquecido, no entanto, ainda hoje pode encontrar-se influências deste tipo de planeamento nas cidades contemporâneas.

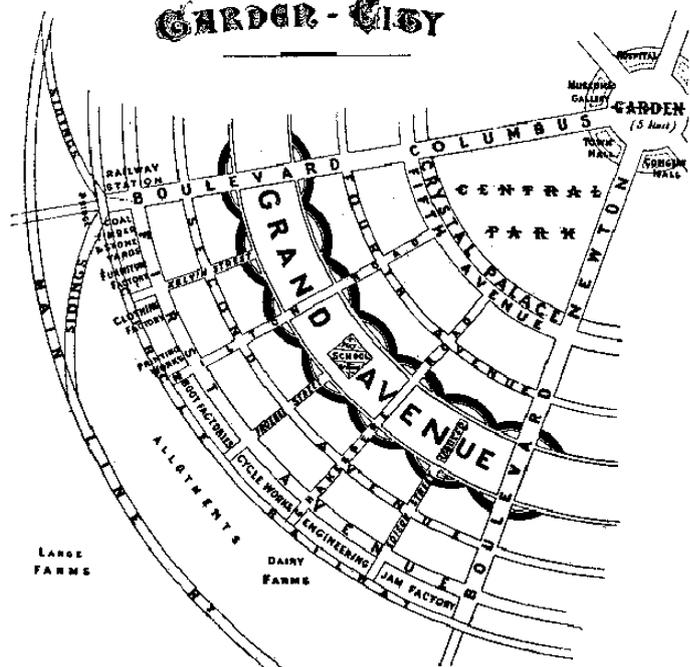


PLAN OF ESTATE



1.19 | Plano de Leitchworth - Cidade Jardim realizada

WARD AND CENTRE GARDEN - CITY

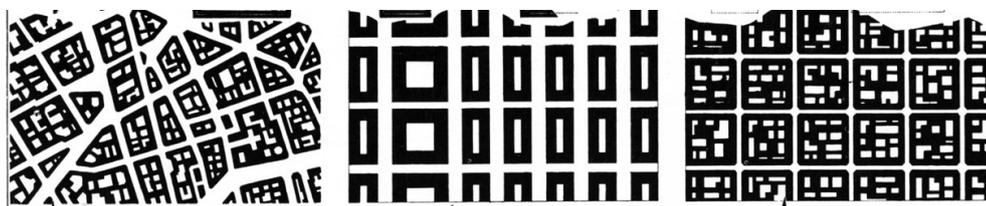


Com o decorrer de um século XX revolucionário em vários aspectos, será imperativo falar daquele que pode ser considerado como o *Utopista* desta época. Le Corbusier foi o arquitecto que, face às recorrentes transformações do século, imaginou um conjunto de soluções para as cidades, assim como para a Arquitectura. Muitos dos seus Planos, até mesmo os que conseguiu edificar revelaram-se um fracasso, mas manteve-se como um dos arquitectos mais influenciadores para a Cidade Moderna.

Também baseado nas Utopias que foram criadas anteriormente, Corbusier segue as tendências sociais de comunidade, cooperação e do sindicalismo. O seu primeiro Plano proposto em 1903, para a primeira edição do *Salon d'Automme*, foi a base para o desenvolvimento como Utopista. Neste seu primeiro estudo, encontramos diversos pontos de convergência com a *Garden City*: a criação de uma nova cidade, planeada de raiz para um número planeado de habitantes – neste caso, para três milhões de pessoas –; que teria uma forte ligação com a natureza, aumentando a sua densidade para os arranha-céus com 200 metros de altura e blocos de habitação de 12 pisos, dispersos por uma vasta área verde, conectados por grandes infraestruturas rodoviárias – para Corbusier, o automóvel seria a máquina do progresso. Ao contrário do cooperativismo, mantinha uma crença no mercado livre, controlado de forma natural pela concorrência de iniciativas privadas.

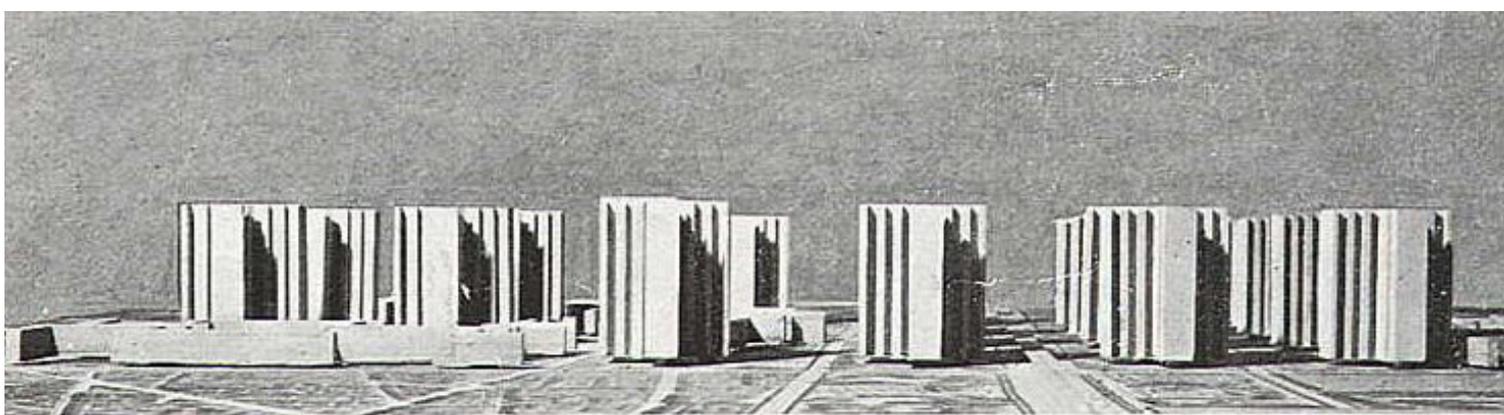
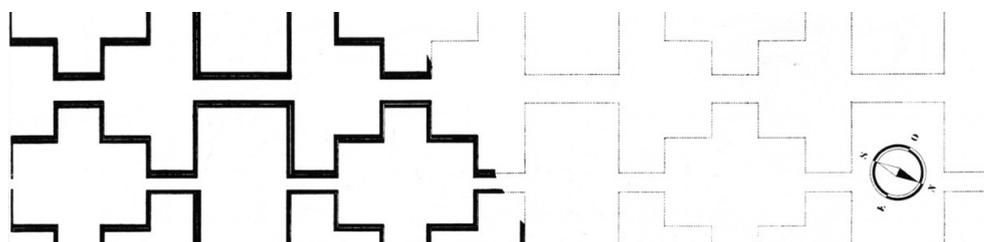
Foi através desta organização utópica que partiu para uma prática mais agressiva e provocatória. A sua conhecida viagem a Nova Iorque, em 1935, serviu como motivação para o seu futuro trabalho.

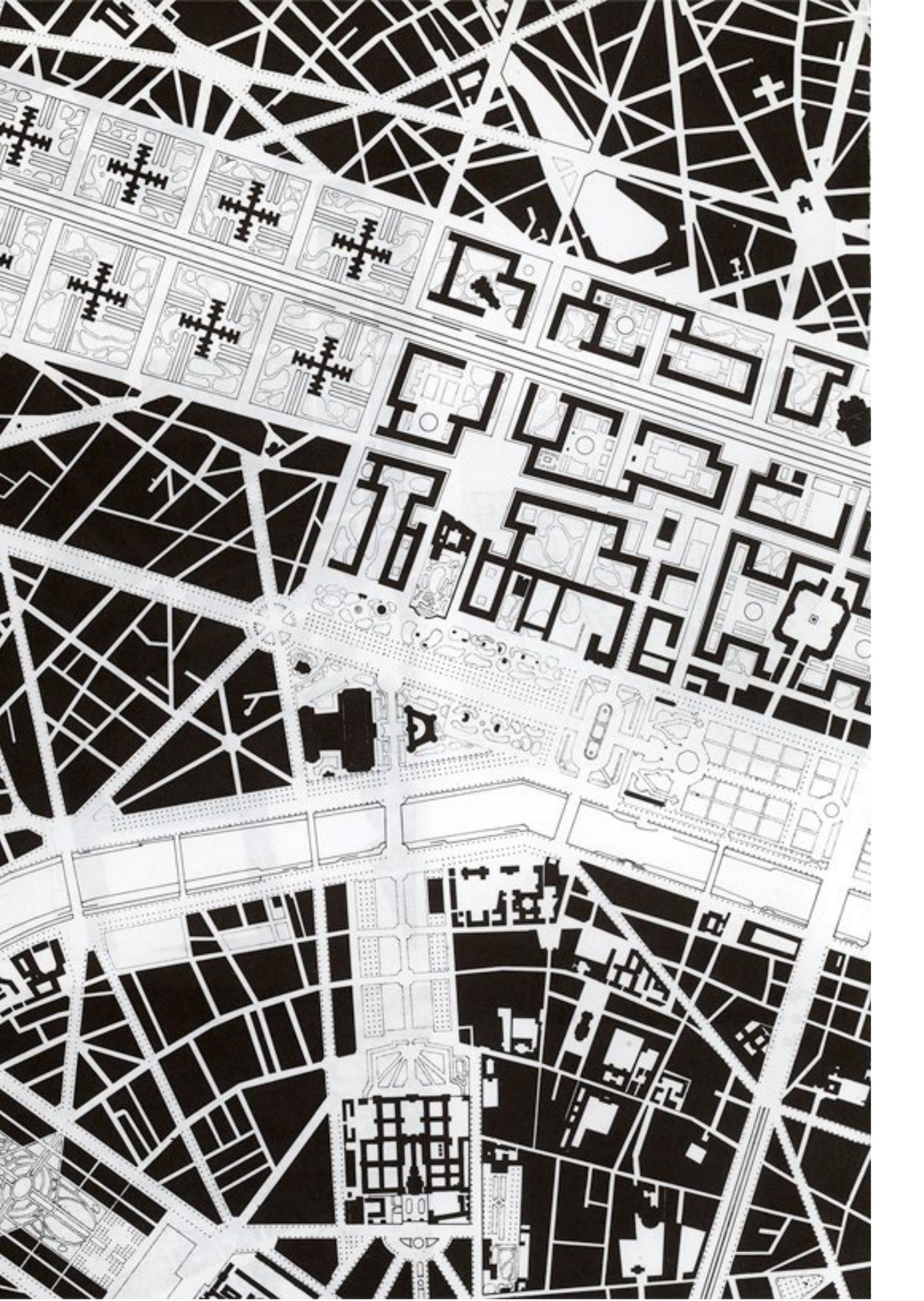
O problema com Nova Iorque é que os seus arranha-céus são pequenos demais. E o número deles é excessivo. (KOOLHAAS, 2008, 299)

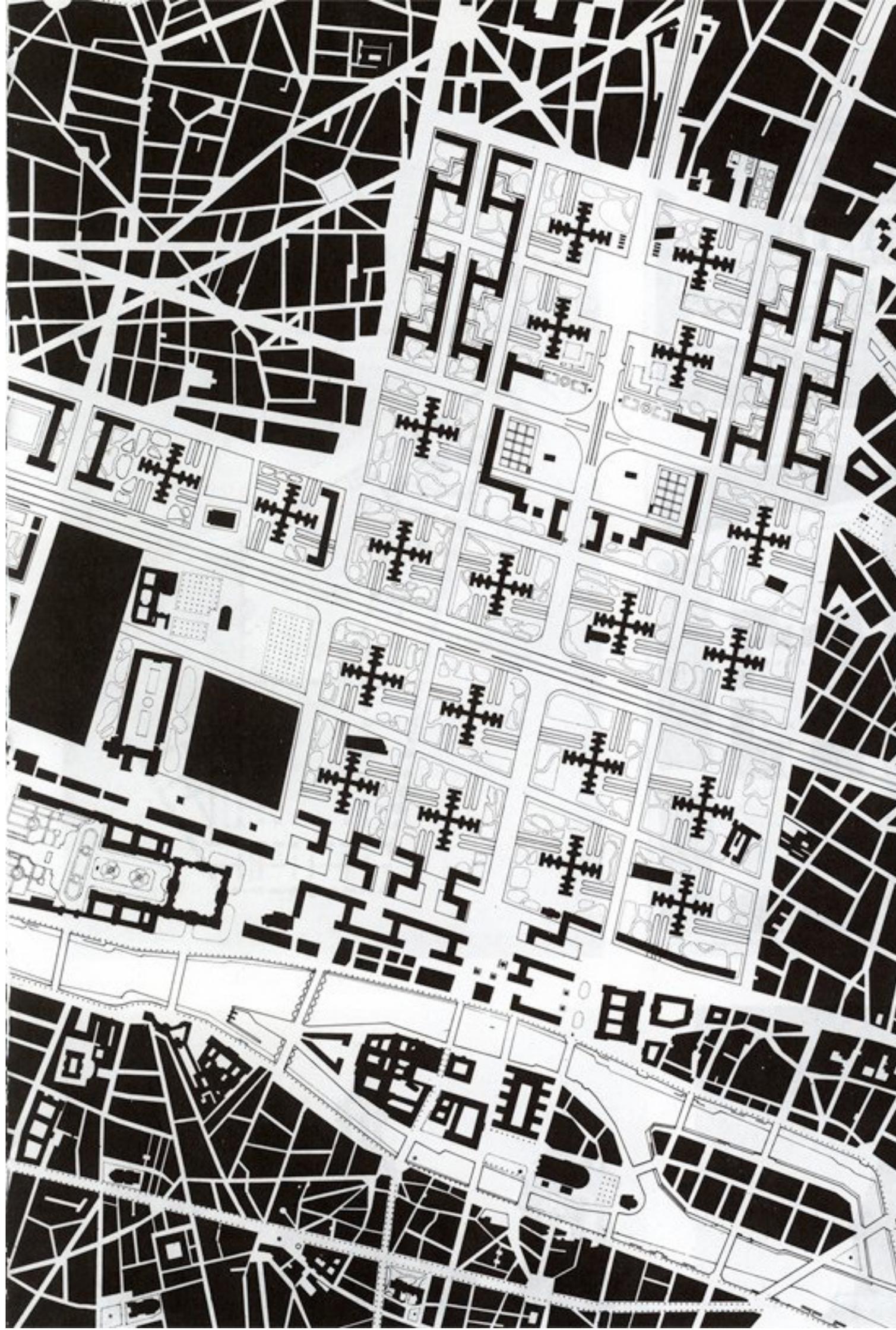


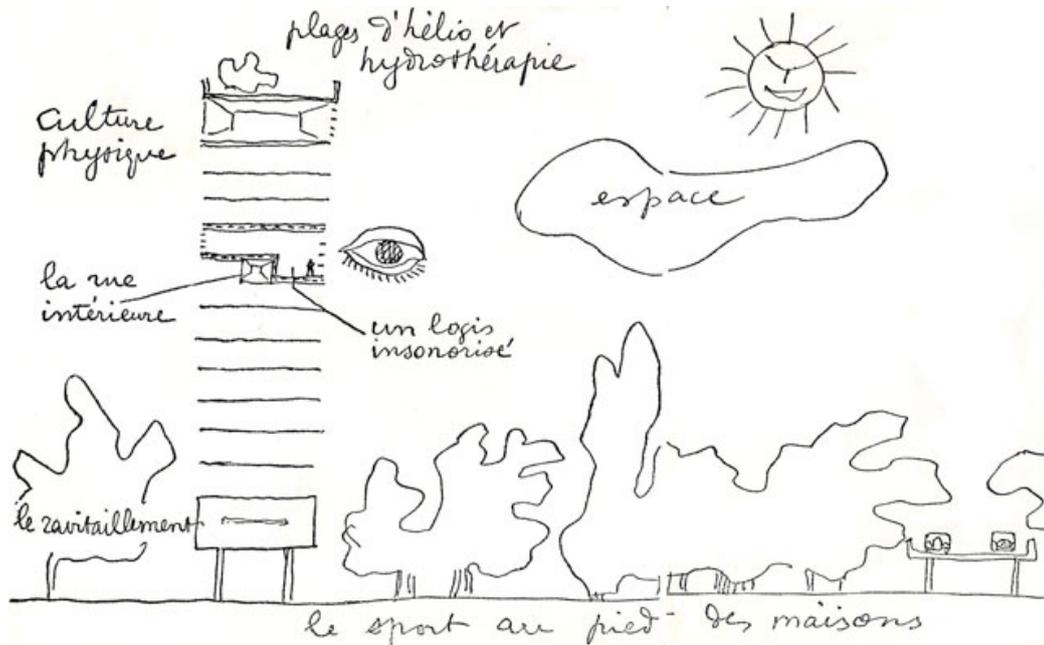
Esta sua revolta, segundo Koolhaas faz com que Corbusier traga *Nova York de contrabando para a Europa, (...) e guarda-a para uma futura reconstrução*. (KOOLHAAS, 2008, 289). A partir deste transtorno nasce a sua adaptação da *Ville Contemporaine* às grandes metrópoles – *A Ville Radieuse*. Com a Grande Depressão de 1929, Corbusier perde a crença no capitalismo, assim como na organização política, este seu novo Plano apresentar-se-á mais autoritário e libertário que o anterior, num equilíbrio entre aspectos colectivos e individuais, numa junção entre a pressão de uma sociedade industrial com uma comunidade baseada no Socialismo Utópico. Em 1935, cria o Plano que será das primeiras Utopias práticas que envolvem concretamente a Cidade, neste caso, para areformular. Assim, defende que a Sociedade deveria depender da ordem dada por um Plano, autoritário, absoluto e sindicalista – ao qual a sua organização tenderia para o que ele chamou a *Pirâmide de Hierarquia Natural*. De igual forma, o mercado seria de controlo por administração total, dependendo das necessidades e da capacidade produtiva.

Quanto à sua aplicação prática, o zonamento proposto tem como base as grandes torres de escritórios e as *Unités d'Habitation*, mas desta vez adaptados aos centros das grandes metrópoles. Mesmo assim, a *tabula rasa* continuava a ser a preferência para o seu projecto, argumentando que a cidade vernacular era insalubre, numa ocupação do solo altamente densificada e com pouco espaço livre. Foi nas grandes cidades ocidentais que apresentou a sua Utopia: Barcelona, Paris, Roma, Rio de Janeiro, Nova Iorque ou Buenos Aires, assim como Cidades de países em desenvolvimento e com potência para experiências, como as capitais das colónias francesas, destacando a cidade de Argel.









Apesar da diversidade de Cidades e de defender uma ideia elaborada, tornou-se demasiado arrojada para que alguém tivesse a coragem de a adoptar. A sua crença em destruir grande parte dos núcleos urbanos do mundo em nome da salubridade, não alcançou os ideais defensores do património histórico que estas continham. Restava-lhe ainda uma solução para salvar a sua crença utópica e aplicar os seus conceitos modernistas: a *Unité d'Habitation* já anteriormente apresentada em ambos os planos.

A *Unité d'Habitation*, é comparada por Fishmann ao Falanstério da Era da Máquina. Um edifício projectado para 2 700 habitantes, mas seguindo as tendências sindicalistas de Corbusier, todos os apartamentos seguiam uma mesma organização – defendendo uma única classe – sendo a dimensão adaptada ao número de elementos da família: *Le Corbusier remarked that he “thought neither of rich nor of poor but of man”* (FISHMANN, 1982,49). Seguiu o princípio moderno baseado no *Existenzminimum*, usando as tecnologias modernas do betão armado, propondo para cada habitação as condições mínimas de salubridade e condições de habitação, como explicita a figura acima (1.23). Este edifício trazia consigo as mesmas qualidades da proposta para a Ville Radieuse – um edifício de alta densidade, em prol da libertação de espaço para os espaços verdes, jardins.

Independentemente da individualidade dos apartamentos por famílias, o contexto social presente nas *Unités* seria de uma grande comunidade onde os habitantes trabalhavam num espírito de cooperação entre todos. Os pisos intermédios do edifício eram dotados de lojas, oficinas, restaurantes; e no terraço, para um contacto com o espaço exterior, contendo espaços desportivos como ginásios, campos de jogos, piscinas e creches. Seria assim possível realizar o quotidiano sem necessitar de sair da *Unité*. Com a crença de Corbusier na igualdade de género, e do fim da família como objecto económico em que *a mulher é responsável pelos serviços domésticos enquanto o homem trabalha pelo salário* (FISHMANN, 1982, 50), a mulher é assim libertada da labuta caseira, sendo esse trabalho assegurado pelos habitantes da comunidade:

The family belongs to the realm of play. Indeed, it virtually ceases to exist during the working day. When mother and father leave their apartment in the morning for their jobs, their childrens accompany them down on the elevator. The parents drop them off at the floor where the school or day-care center is located and pick them up after work. The family reassembles in the afternoon, perhaps around the pool or at the gym, and the family members return to their apartment they find it already cleaned, the laundry done and returned, the food ordered in the morning already delivered and prepared for serving.

(FISHMANN, 1982, 50),

Foram projectadas várias destas *Unités*, sendo em 1952, construída a primeira em Marselha, a mais simbólica. As restantes foram edificada em território francês, sendo a única excepção a do governo alemão, que em 1958, encomenda a Le Corbusier um projecto para Berlim. Actualmente, estas *Unités* continuam habitadas, mas nunca chegaram a adoptar o princípio utópico desejado por Corbusier, sendo convertido em edifício de habitação como tantos outros. Apesar de ter sido um dos maiores influenciadores do Movimento Moderno que ditou a entrega das nossas cidades e da sua expansão derivada à máquina – e ao carro – e ao Planeamento, nenhuma das suas propostas apresentadas passou de um pensamento distópico apoiado nos movimentos totalitários que surgiram na Europa nos meados do século XX. Concluindo com a apreciação crítica de Antoine PICON (2017,226) salienta que as obras de *Le Corbusier* não são verdadeiramente utópicas, na medida em que as questões sociais são remetidas para segundo plano, em favor da ambição de ordenar o espaço e de lhe atribuir significado.

1.24 | Interior da Unité - Espaços Comerciais



1.25 | Interior da Unité - Espaços Residenciais



Once, a city was divided in two parts. One part became the Good Half, the other part the Bad Half.

Suddenly, a strip of intense metropolitan desirability runs through the center of London.

This Strip is like a runway, a landing strip for the new architecture of collective monuments.³

Como todas as cidades, Londres apresenta-se uma cidade esgotada. Para o grupo de Rem Koolhaas, formado na Architectural Association a causa está na arquitectura: *was the guilty instrument of despair*⁴. A partir deste facto, criam em 1972 uma das utopias que sintetizam as demais criadas no final do séc. XX. A admiração de Koolhaas pelo Muro de Berlim, e da sua inspiração como objecto arquitectónico, fazem com que o seu pensamento utópico tenha este símbolo como ponto de partida: a criação de dois muros, que, no seu espaço confinante, oferecem a oportunidade de criar a *Boa Parte*, livre da cidade doente que ficaria além muros. O cenário que ilustra através de um conjunto de foto-montagens remetem, como o nome do trabalho indica, para um *Êxodo, ou os prisioneiros voluntários da arquitectura*. Os habitantes da velha cidade, ao perceberem o fracasso de Londres insalubre, migrariam de forma voluntária para este novo lugar, palco de uma comunidade, onde todos seriam libertados da asfixia da arquitectura corrente, dita moderna. *Contrary to modern architecture and its desperate afterbirths, this new architecture is neither authoritarian nor hysterical: it is the hedonistic science of designing collective facilities that fully accommodate individual desires*⁵.

3 | in "Exodus, or the Voluntary Prisoners of architecture". Realizado por Losco Fucarelli. Disponível em <http://socks-studio.com/2011/03/19/exodus-or-the-voluntary-prisoners-of-architecture/>

4 | in Idem

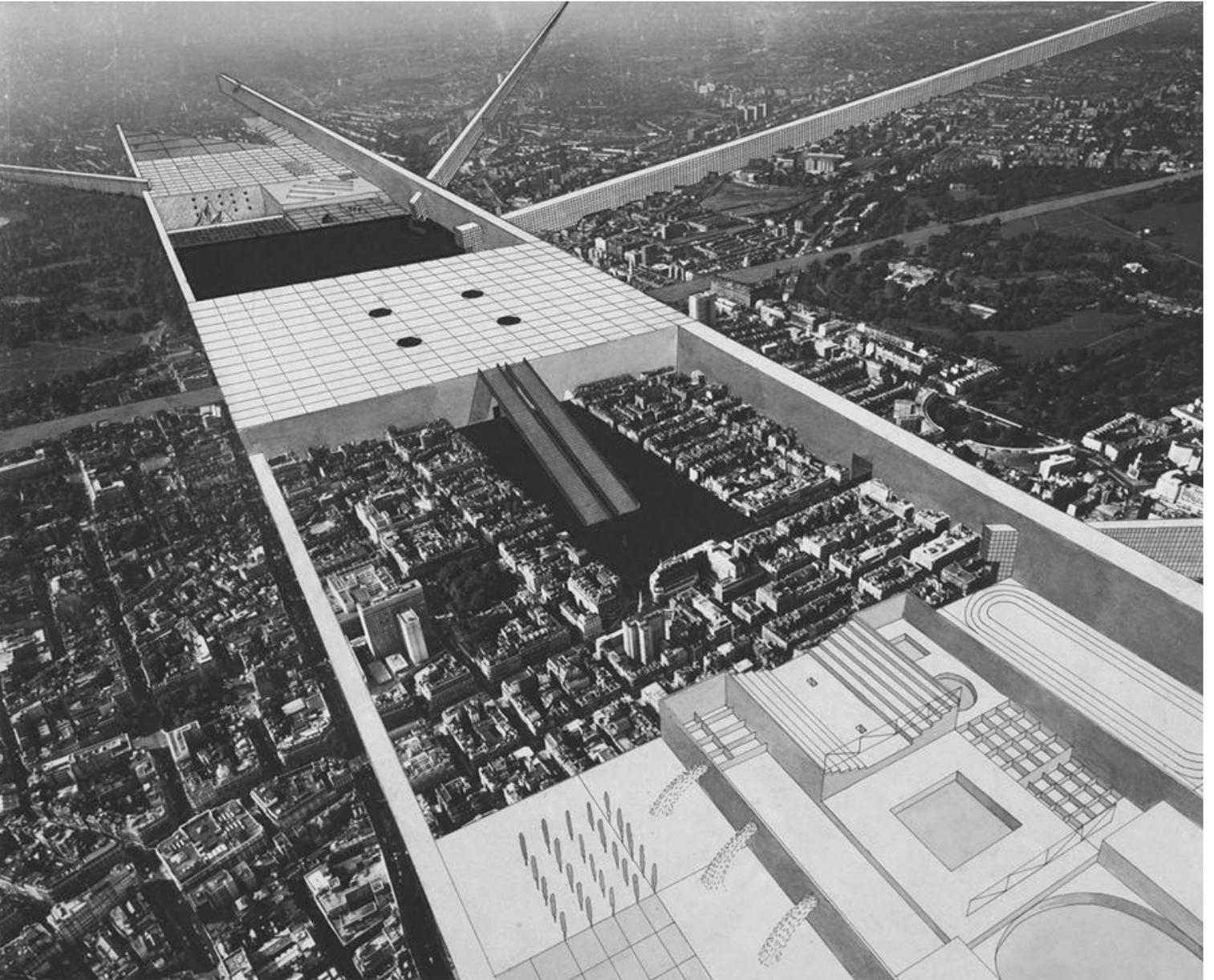
5 | in Idem

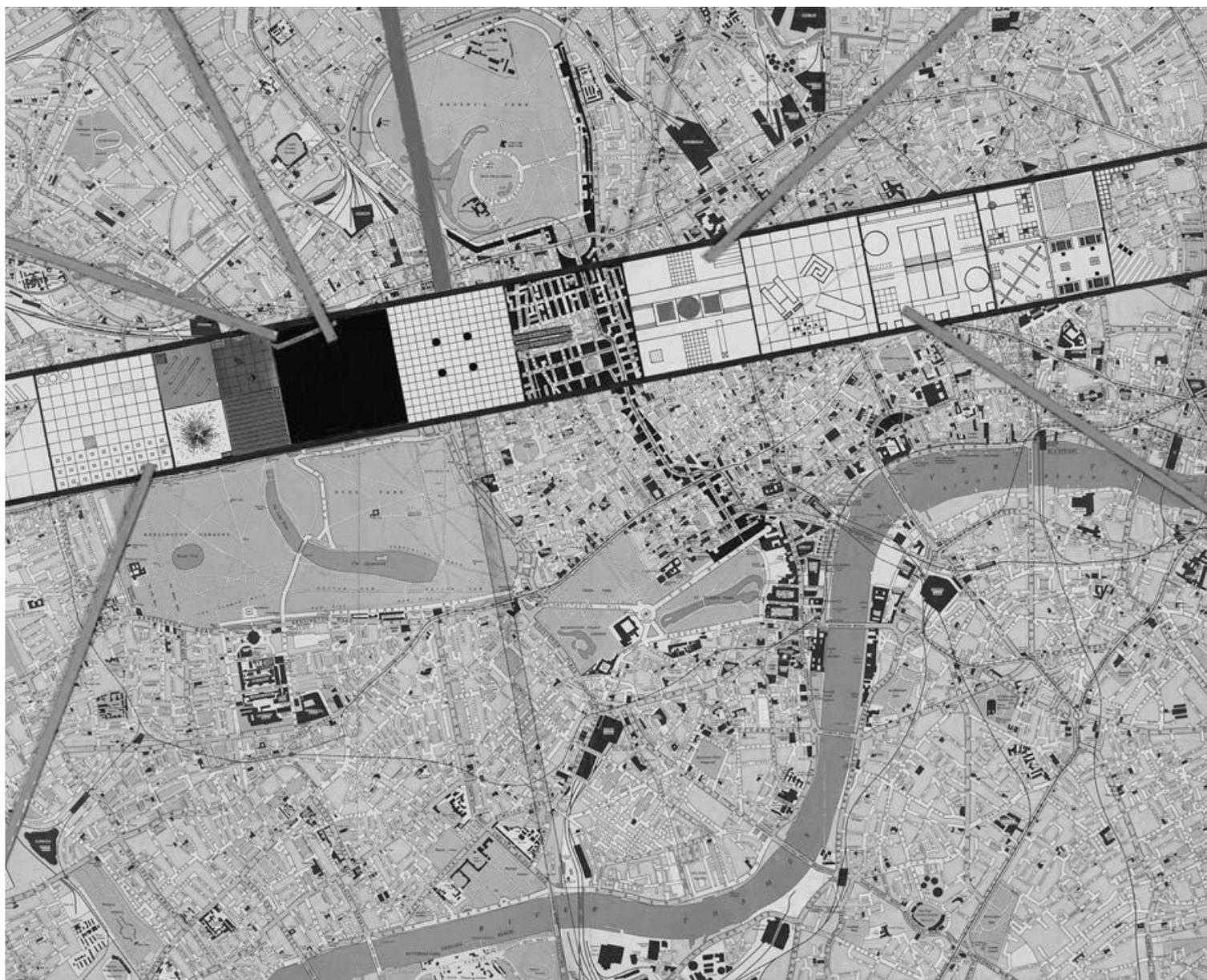
*We witness the Exodus of London. The physical structure of the old town will not be able to stand the continuing competition of this new architectural presence. London as we know it will become a pack of ruins.*⁶

Um conjunto de lugares que transformaram de forma radical a antiga cidade, serão ocupados por funções que permitem com que os seus habitantes vivam e que descubram novas formas de viver e de socializar. É esse o grande objectivo desta nova cidade, a transformação dos hábitos e valores que formataram o ser humano. Desde a *Reception Area* que recebe os prisioneiros voluntários, à *Central Square*, *Ceremonial Square*, *Tip of the Strip*, *The Park of Four Elements*, *Baths* e o *Park of Agression* onde o objectivo passa pela experimentação de novas formas de relacionamentos e comportamentos, através de novas experiências e sensações; reflectindo-se também nas formas de aprendizagem na *Square of Arts*; às medicina alternativas através de rituais no *Institute of Biological Transactions*; até ao único lugar onde seria possível refugiar de toda esta actividade colectiva, na zona habitacional: *The Allotments*.

No entanto, basta conhecer a realidade nos anos 70 para interpretar como todo este pensamento utópico cai na distopia e que não passará de uma reflexão crítica prove-niente, em hipótese, da antiga profissão de Koolhaas como jornalista. As libertações de grande parte da Europa Ocidental aos movimentos totalitários criaram uma onda de manifestos activistas que reflectiam tal liberdade. É também por esta altura que se dá o auge no consumo de estupefacientes, ligada ao florescimento da vida noturna, dos novos estilos musicais e do frenesim de uma época pós-moderna.

Juntando a esta realidade, é fácil entender porque é que grande parte das actividades desenvolvidas pelos habitantes do *Exodus* tenham como base actividades intensas ou experiências alucinogénias. Vive-se num espaço sem arquitectura e, portanto, sem uma rotina sazonal, mas sim numa experiência em festa, noutra estado de consciência, no sonho: onde é possível tornar este lugar e qualquer outro numa cidade idealizada.





2. O Lugar: Santarém



- Pois bem – respondi eu a Rafael -, descreva-nos, então, essa ilha maravilhosa. Peço-lhe que não oculte o mínimo pormenor. Descreva-nos os campos, os rios, as cidades, os homens, os costumes, as instituições, as leis, quanto pense que nos possa interessar, e acredite que este nosso desejo abraça tudo quanto ignoramos.

- Da melhor vontade -respondeu Rafael. – Essas coisas estão sempre presentes na minha memória; mas a descrição necessita de muito tempo.

- Nesse caso – sugeri eu -, vamos primeiro almoçar, depois teremos todo o tempo que nos for necessário.

- De acordo, retorquiu Rafael.

(MORE, 2020,64)

*O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.*

*O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia*

*E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.*

*Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.*

(PESSOA, 1993, 46)

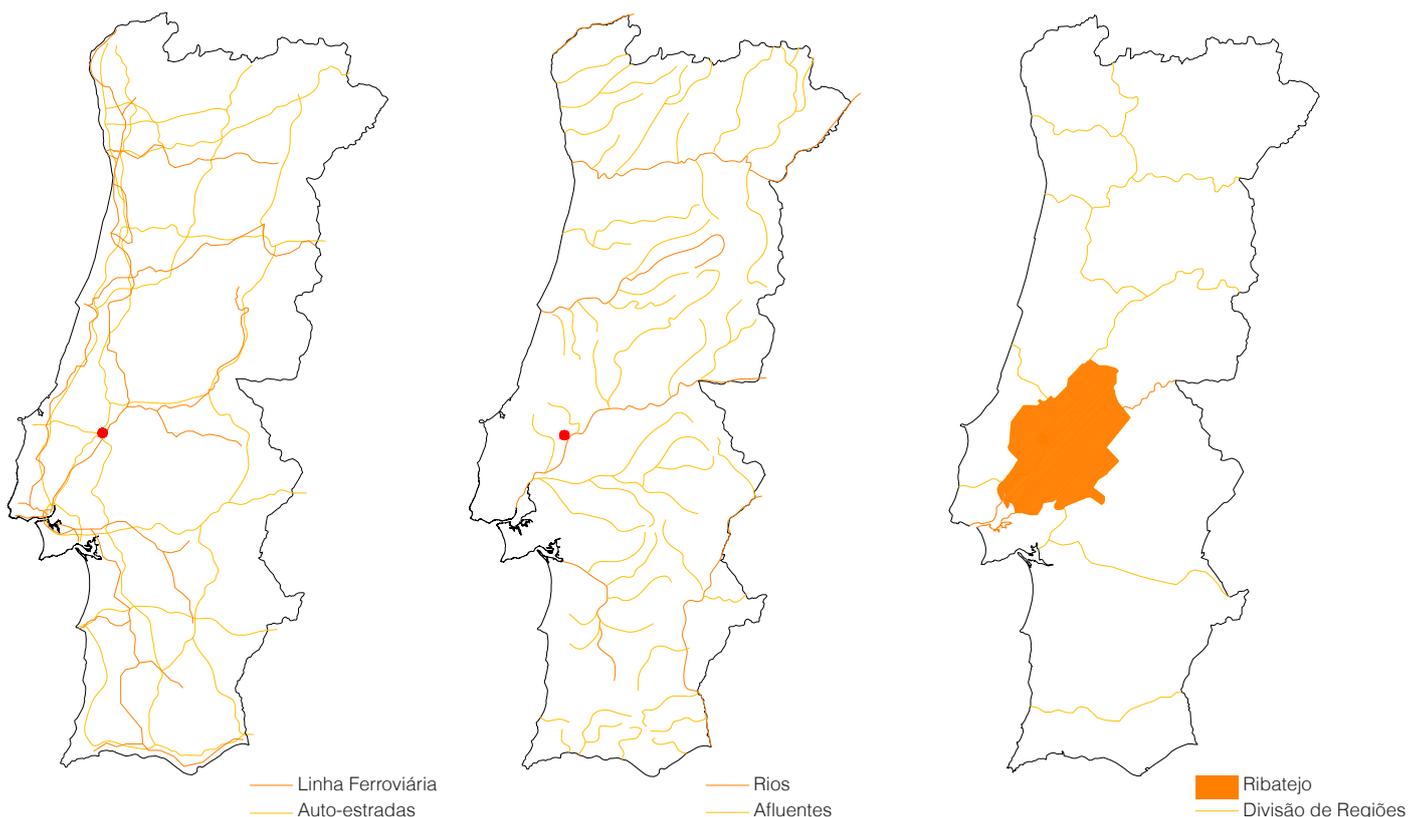


Evocar Santarém remonta directamente à sua ligação com a topografia que a coloca no planalto de uma colina, à mercê do Tejo, que abriu as portas à descoberta deste lugar. Como Zephyrino Brandão, Almeida Garret e muitos outros o fizeram para descobrir, descrever este lugar através de uma viagem de aproximação, seguindo o rio.

O percurso de 1 007 km de extensão do Rio, desde a sua nascente em Espanha até desaguar à Barra de Cascais, faz-se a barlavento da Cordilheira Central que, em território Português, conhecemos pela Serra D’Aire e Candeeiros e Estrela, fazendo da sua zona a Sul todo o extenso vale que é preenchido pelo Tejo. Talvez por isso, a sua Bacia Hidrográfica se apresente como a maior em território Português. Composta por uma diversidade de lugares, é o que antecede o seu término no Mar que nos interessa salientar.

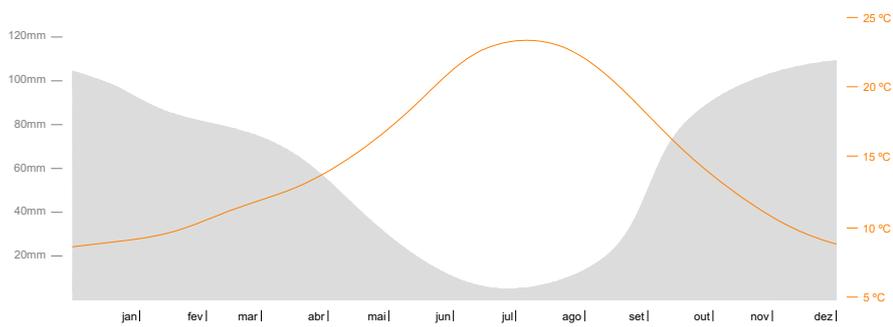
Os seus solos permeáveis em Aluviões nas zonas inundáveis, por areias e por zonas Argilo-Calcárias serão ideais para justificar determinadas actividades e, na arquitectura, certos métodos construtivos usados nesta área do país. É também pela sua morfologia de Vale que se justifica a grande área de Lezíria em que a zona de Santarém se insere, dando origem a uma região ímpar, consequentemente, a uma cultura que é reconhecida como tipicamente portuguesa – o Ribatejo.

2.3 | Enquadramento Nacional:
Infra-estruturas - Ferroviárias e Rodoviárias
Rios e Afluentes
Regiões - Ribatejo





2.4 | Bacia Hidrográfica do Tejo Nacional



2.5 | Normais Climatológicas da Estação Climática de Santarém entre 1971 e 2000 dados de www.portaldoclima.pt

A junção de um clima típico Português – temperado marítimo – e a posição geográfica atrás descrita, levam a que a labuta diária da população, seja propícia em terrenos férteis pelas chuvas de inverno e pelo sol de verão, vantajosos à prática da agricultura e da pastorícia. Prova de tal condição, leva-nos ao tempo d’El Rei D. Sancho II, citando: *Deixo ao Mosteiro de S. Jorge, parte das minhas vacas e ovelhas e metade das minhas vinhas de Alvisquer, termo de Santarém, e a outra metade ao meu chanceler Duarando Forjas e a minha adega de Marvila com todas as suas cubas.*⁷

A produção de arroz, de uma diversidade de legumes provindos da cultura de regadio, o vinho que tanto caracteriza esta região, os extensos olivais e outras espécies típicas mediterrânicas – típicas de montado como o sobreiro e o carvalho -, e a criação de animais, nomeadamente bovinos e cavalos, enquadram a cultura Ribatejana e a sua ligação à gastronomia, ao folclore e trabalho no campo, à tauromaquia e à arte equestre.

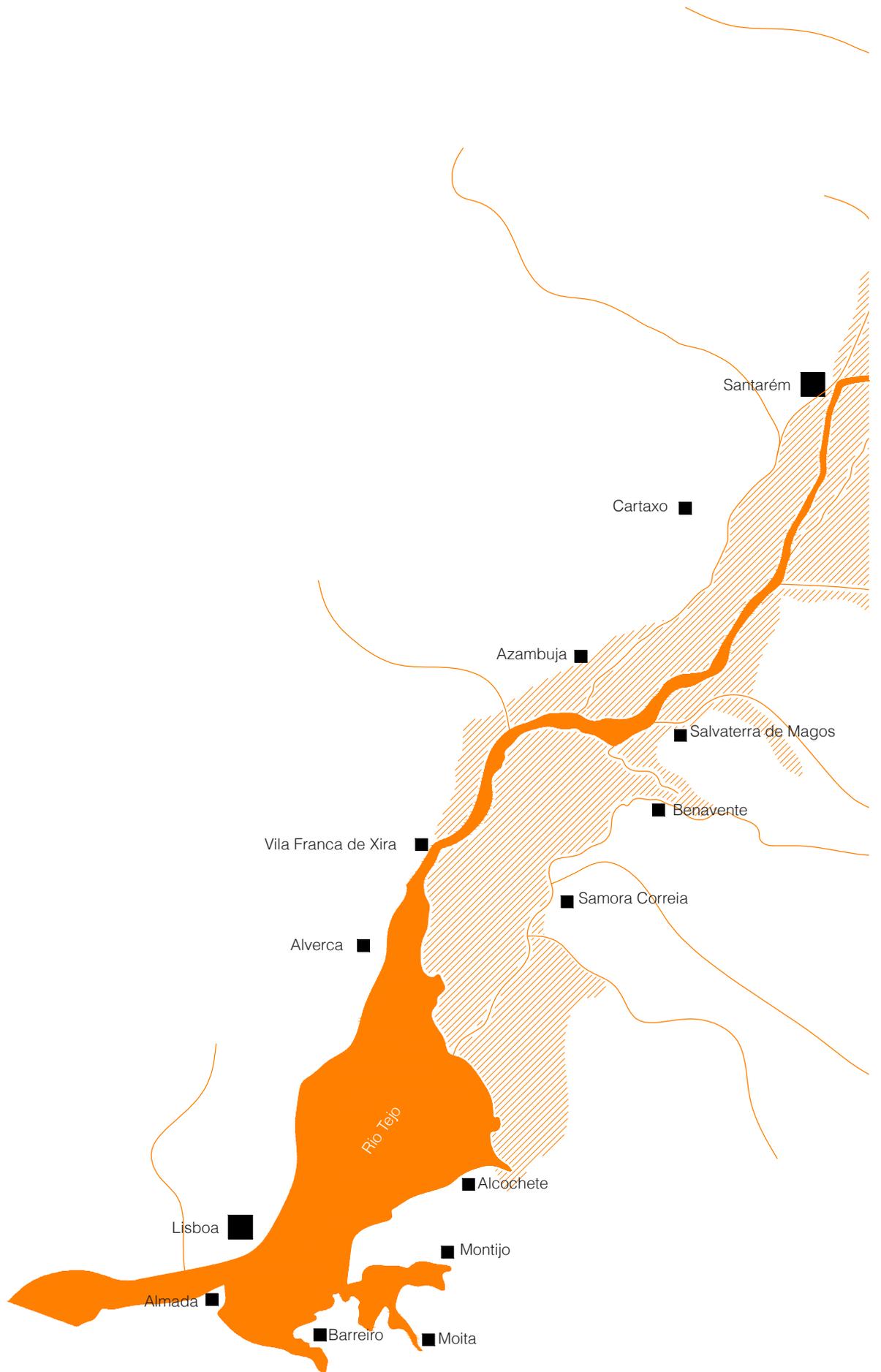
7 | in “Santarém Digital - nº4”. Disponível em https://issuu.com/santaremdigital/docs/revista_santaremdigital_n4 [Consultado a 26.11.2020]

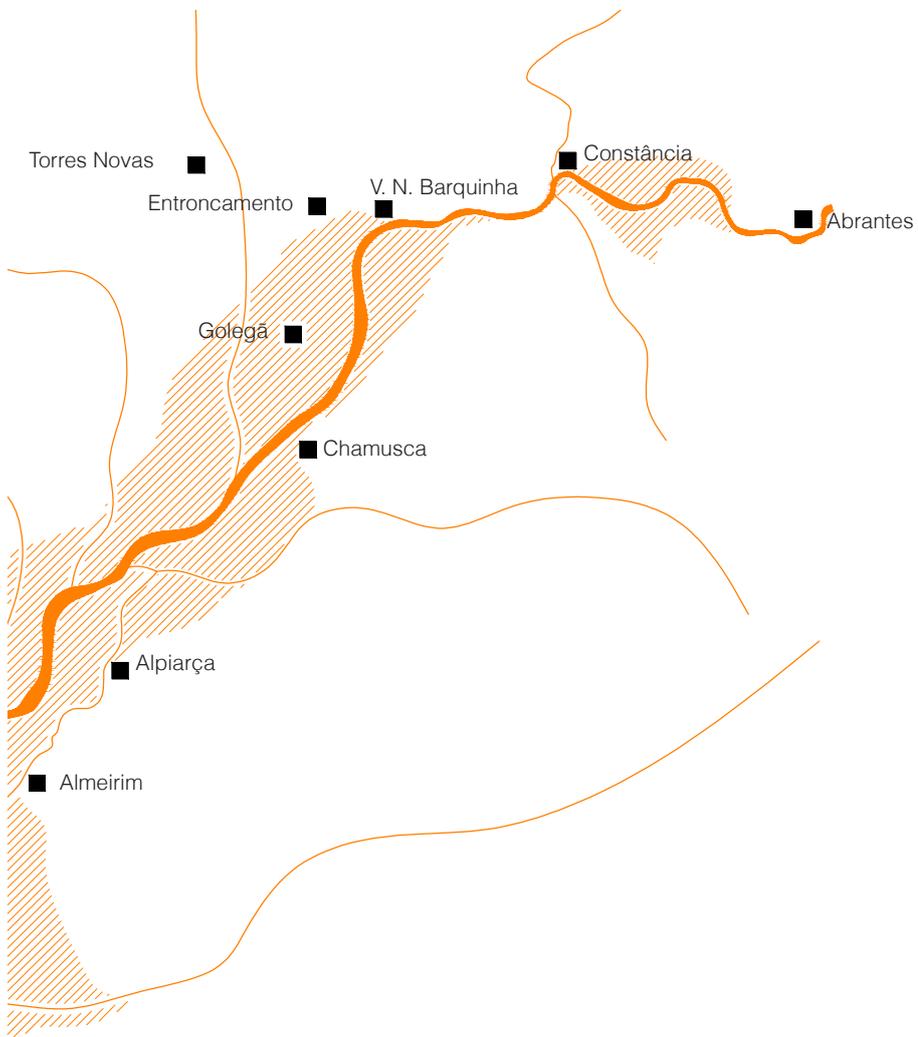
2.6 | Artur Pastor, Feira do Ribatejo, 1950-60
2.7 | Artur Pastor, Monda do Arroz, Salvaterra de Magos, 1954



2.8 | Grupo Académico de Danças Ribatejanas Santarém, 1960







Mais valioso é o testemunho de Lassota de Steblovo, (...) referiu nas suas “Memórias”:

Santarém é uma formosa e grande povoação, situada sobre o Tejo, a catorze legoas de Lisboa, a cuja diocese pertence. Não tem o título de cidade, mas sòmente o de vila, porque não é sede de bispado. Tomou o seu nome da virgem Irena que, em Tomar, foi assassinada e o seu corpo deitado ao rio que por ali passa (...) e depois desagua no Tejo... Esta povoação (Santarém) é considerada, sem discussão, como a melhor vila de todo o Portugal, e é-o na verdade, vindo daí o refrain “Vila por vila, Valladolid em Castilla e Sant’Arein en Portugal”. O Tagus naquela comarca é muito rico em peixe, especialmente de um a que chamam sável e tem um gosto esquisito. À volta da cidade há muitas oliveiras, hortas, laranjas, limões, cidras e outras frutas semelhantes, com magníficas vinhas e terrenos de cereais”. (por volta do séc. XVI)

(SERRÃO, 1959, 33)



Santarém fica num morro à beira do Tejo. Sempre que, junto de um curso de água, há um morro escarpado, aí apareceu um castro. Porquê? Porque como é um morro (...), é de fácil defesa, difícil ataque, e portanto presta-se à instalação de um castro. (...) Por outro lado, o Rio permitia a viagem fácil até longe. Isto aconteceu em Lisboa, isto aconteceu em Leiria, isto aconteceu no Porto. Sempre que há um cabeço, um morro à beira da água, nasceu um Castro. E desses castros, muitos vieram a ser cidades. É o caso de Santarém que é uma das mais antigas e uma das mais interessantes cidades portuguesas.⁸

Pela junção à Serra d'Aire e Candeeiros e ao Vale da Lezíria, Santarém dispõe-se numa posição de topografia acidentada entre o Planalto e o Rio. A sua posição estratégica, também num contexto mais vasto do território, permitiu a fixação dos povos Romanos, marcando a sua origem como povoado, vindo a ser considerada como *Convento* intitulado de *Castro Scalibis*, pela sua extensa escada que fazia ligar o Rio às Portas do Sol. Em tempos, estas características permitiram a defesa do seu burgo, tendo criado contratempos também a D. Afonso Henriques quando conquistou a cidade aos Mouros, em 1147.

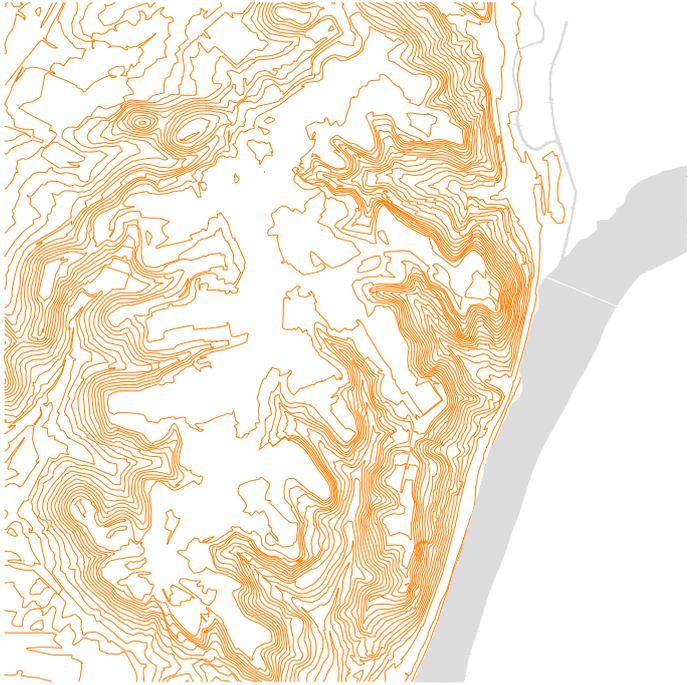
8 | in "Santarém, Capital da Lenda", Realizado por José Hermano Saraiva. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/santarem-capital-da-lenda/> [Consultado a 10.12.2020]



Tecido Urbano



Topografia



Tecido Edificado



Traçado Urbano





Os seus tempos de glória viriam quando os Portugueses dela tomaram posse. Com o passar dos tempos, esta cidade ganhou importância no mapa do país. Como prova disso, foi o lugar preferido onde a povoação desfrutava, nesses recuados tempos de meia idade, de todas as condições de ambiente para ser o melhor burgo do reino. Por esses dons naturais, a Corte vinha assentar na acrópole de Santarém amiudadas vezes. A qual onde José Barata gravou (...) “Santarém foi a terra predilecta da nobreza e dos provadores” (...) a formosa urbe tivesse sido “centro notável da cultura e da poesia” (SERRÃO, 1959, 26) refletindo as características benéficas, tais como o clima e a paisagem, para que a cidade fosse uma segunda estadia para o burgo e a sua realza. Assim, a cidade torna-se um lugar de encontro de intelectuais, de tertúlias e discussões, ou um lugar de descontração para o rei e seus descendentes, até, segundo se conta, Afonso de Portugal – filho querido de D. João II e D. Leonor – ter falecido numa queda a cavalo junto ao rio. Após este trauma, a cidade fica maioritariamente por conta das ordens religiosas, vindo estas a construir um grande espólio de Conventos e Igrejas na cidade, o que faz com que hoje a conheçamos como Capital do Gótico, dado o estilo artístico dominante na arquitetura de tais elementos religiosos da época.

2.14 | Igreja de São João de Alporão como antiquário (1899-1967)

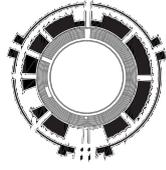
2.15 | Igreja do Mosteiro de Santa Maria da Graça (1899-1967)



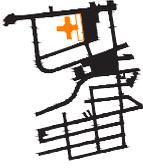
2.13 | Monumental Celestino Graça, ano desconhecido



Campo Infante da Câmara
Monumental Celestino Graça
1964



Bairro dos Combatentes
Presídio Militar
1895



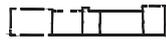
Bairro de São Bento
Escola Secundária Sá da
Bandeira, 1940



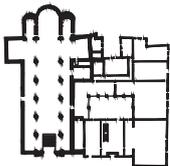
Ribeira de Santarém
Igreja de Santa Iria
séc XVI



Alfange
Antiga Fábrica de Sabão
1843



Centro Histórico
Igreja Santa Maria da Graça
séc. XV



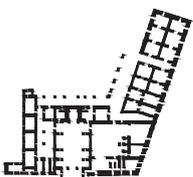
Centro Histórico
Teatro Rosa Damasceno
1884

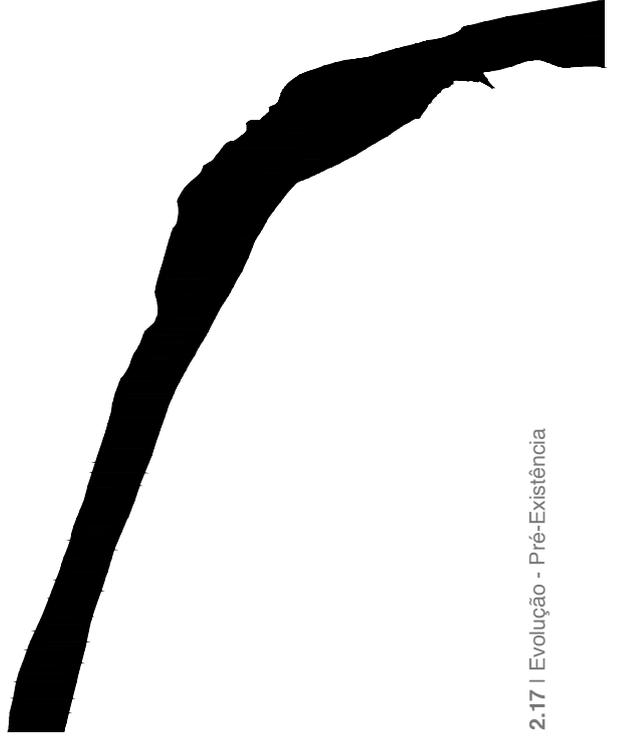


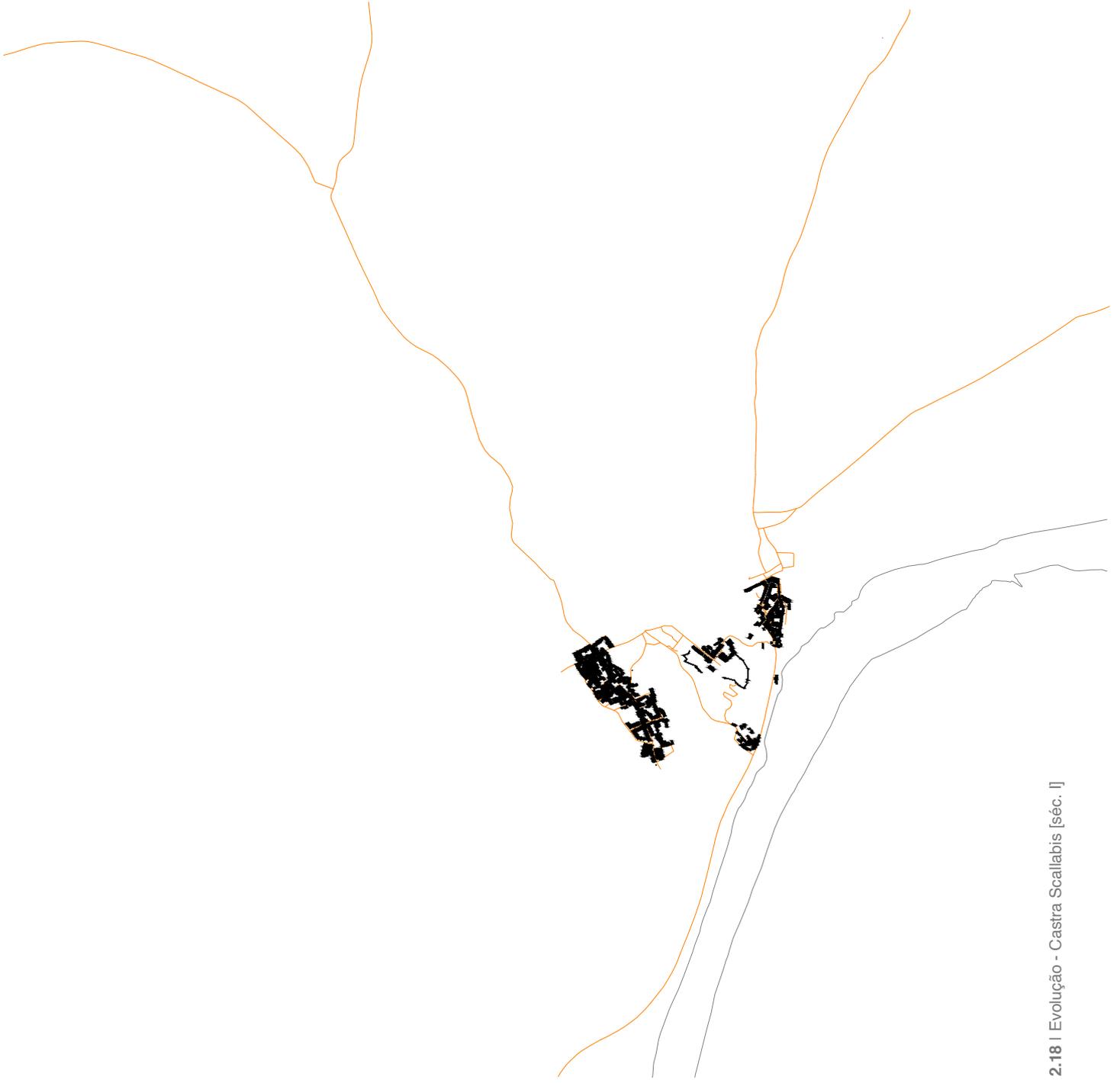
Centro Histórico
Igreja Santa Maria de Marvila
1149



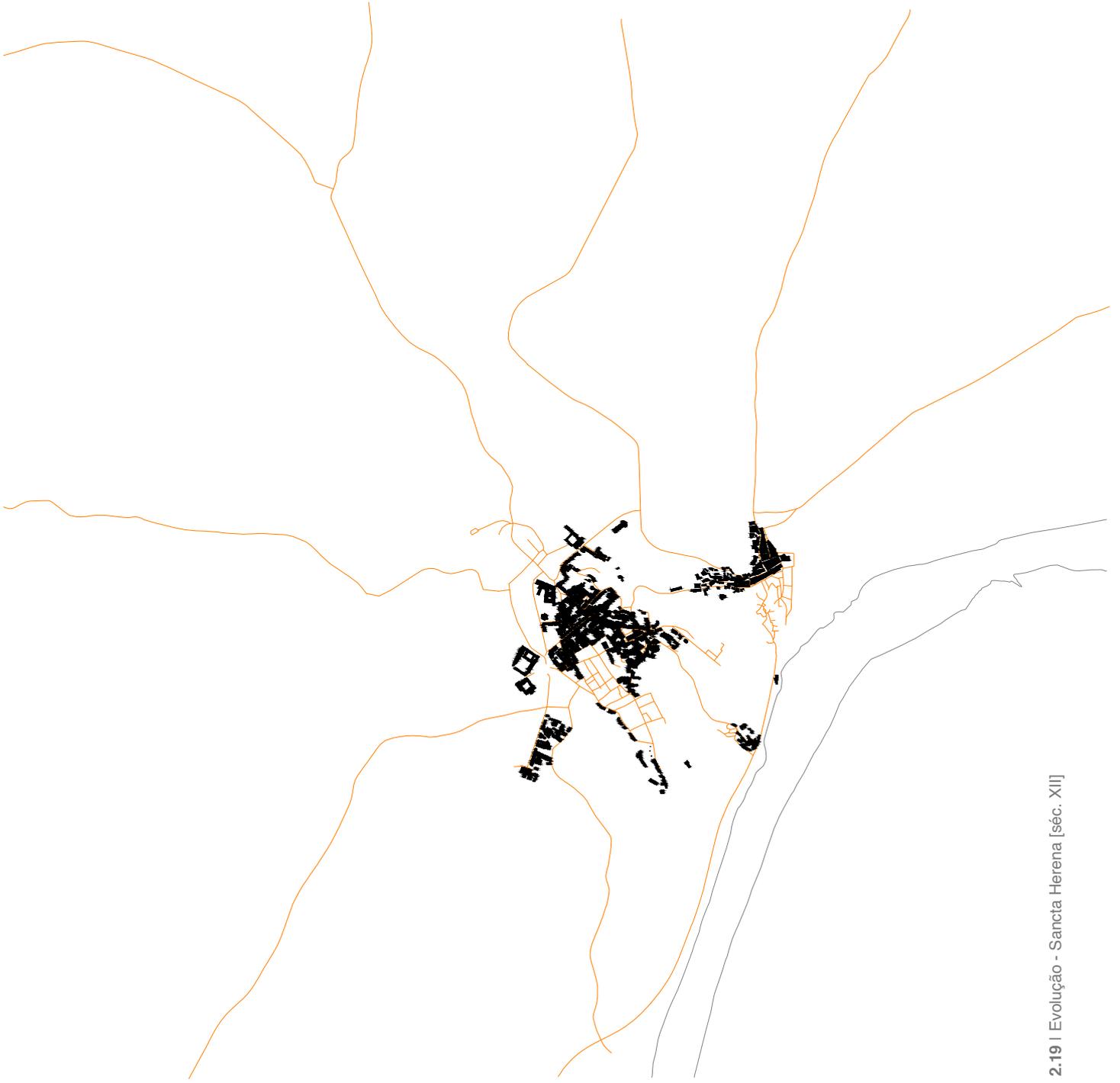
Centro Histórico
Sé de Santarém
1711



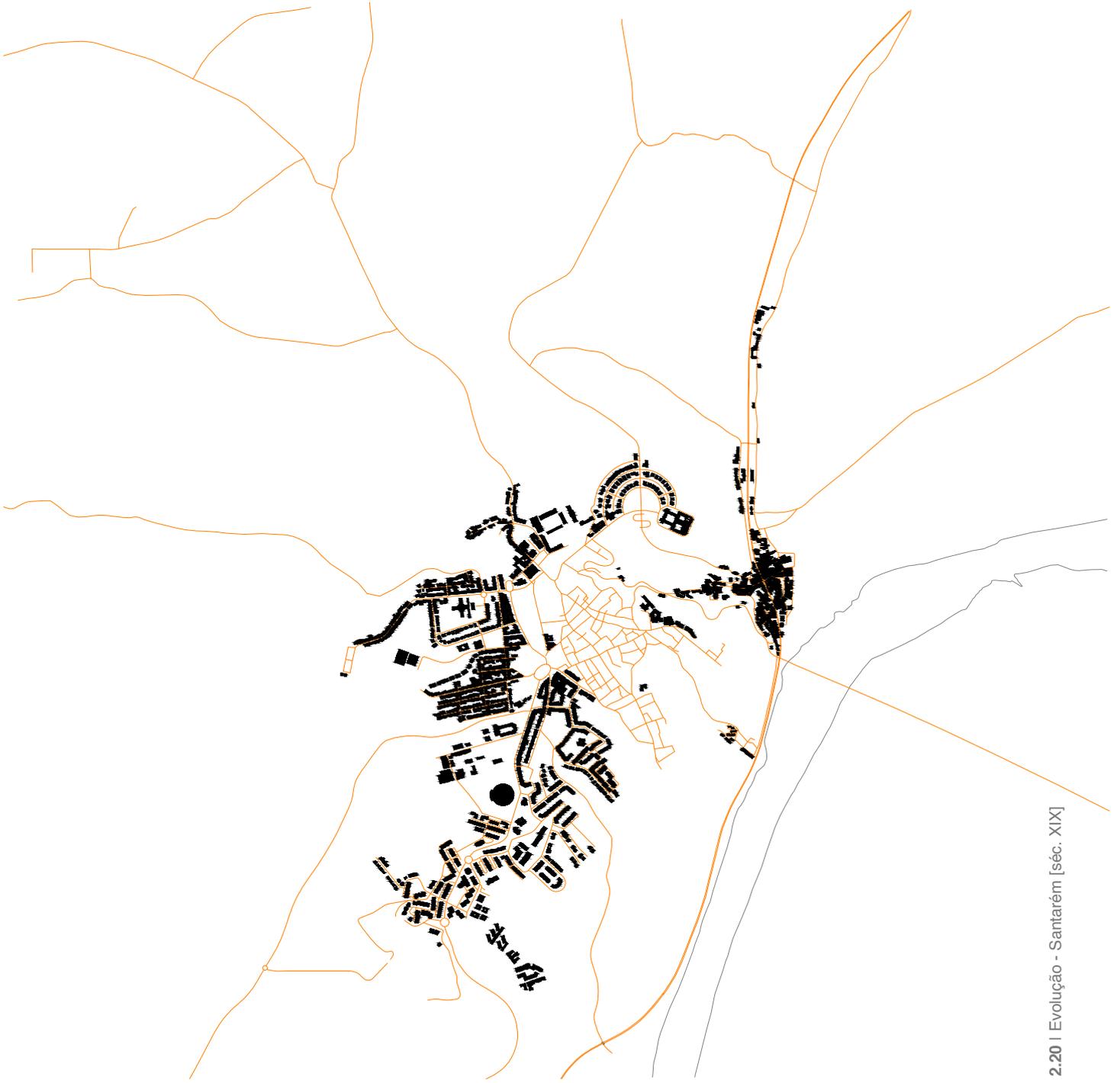




2.18 | Evolução - Castra Scallabis [séc. I]



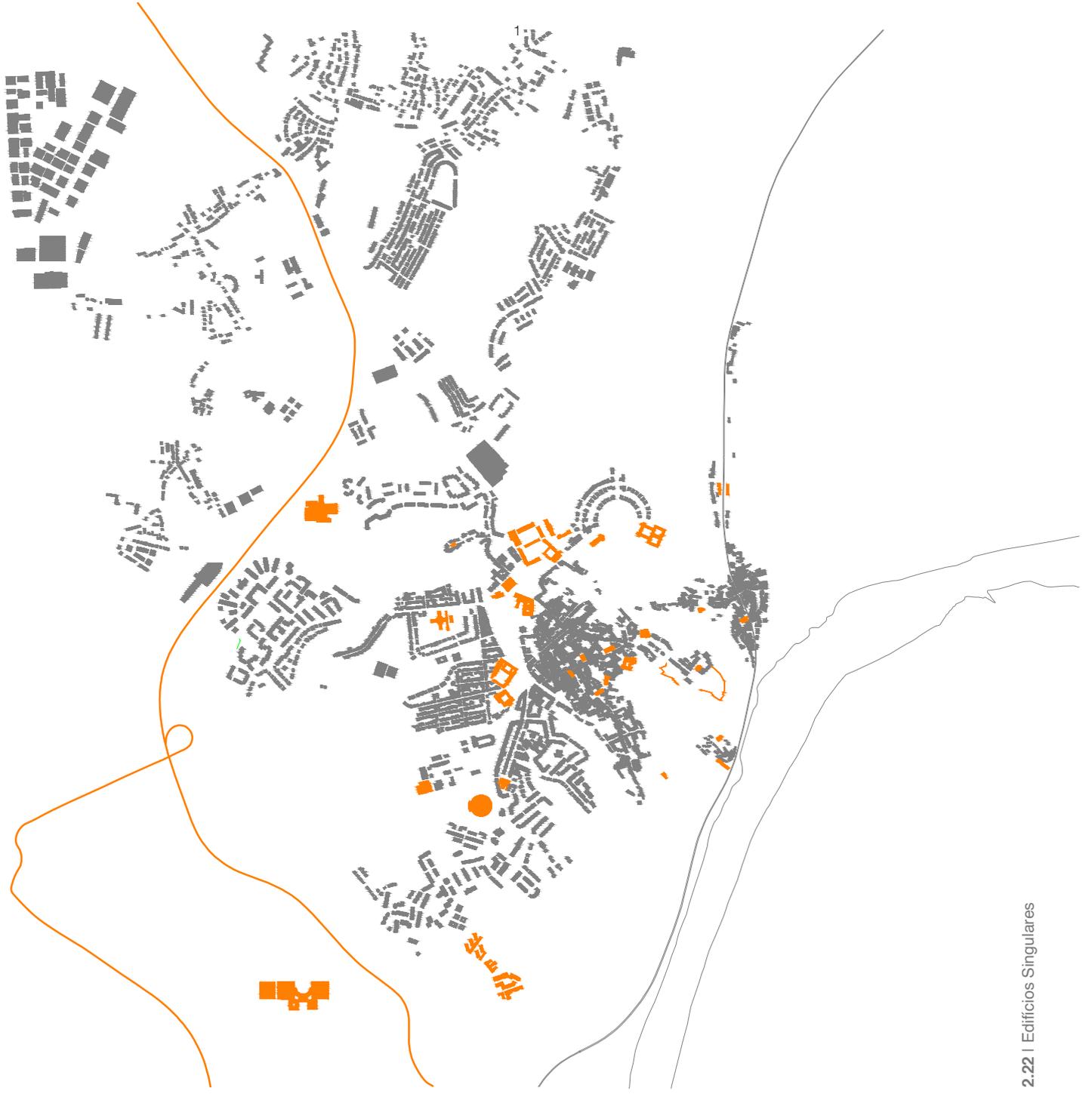
2.19 | Evolução - Sancta Herena [séc. XII]



2.20 | Evolução - Santarém [séc. XIX]



2.21 | Evolução - Actualidade [séc. XXI]



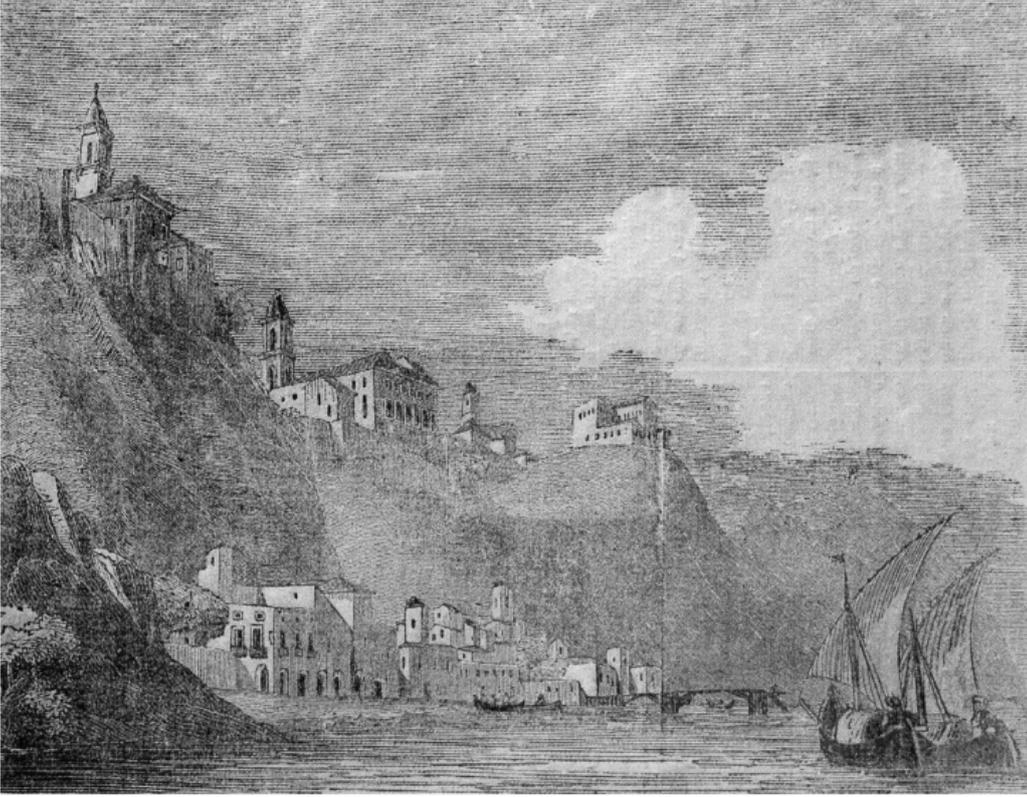
Santarém vive assim o seu auge até à *extinção das ordens religiosas* [que] em 1834 abre as portas ao esvaziamento dos espólios conventuais e, à sua sombra, à ação de toda a espécie de especuladores sem escrúpulos. (A insensibilidade da Câmara Municipal lança o seu estigma anti patrimonial sobre o Convento e cerca dos capuchos, em 1835; manda demolir pouco depois a Porta da Valada, e o Arco de Palhais, na Ribeira; o Convento de S. Domingos começa a ser demolido em 1839, apesar dos veementes protestos públicos de Alexandre Herculano, aí nascendo em 1865 uma praça de touros, sendo a cantaria da Igreja de S. Frei Gil reutilizada na obra do Presídio Militar construído em 1879-82; o interior de S. João de Alporão sofre os efeitos da sua adaptação a teatro) (SERRÃO, 1990, 103).



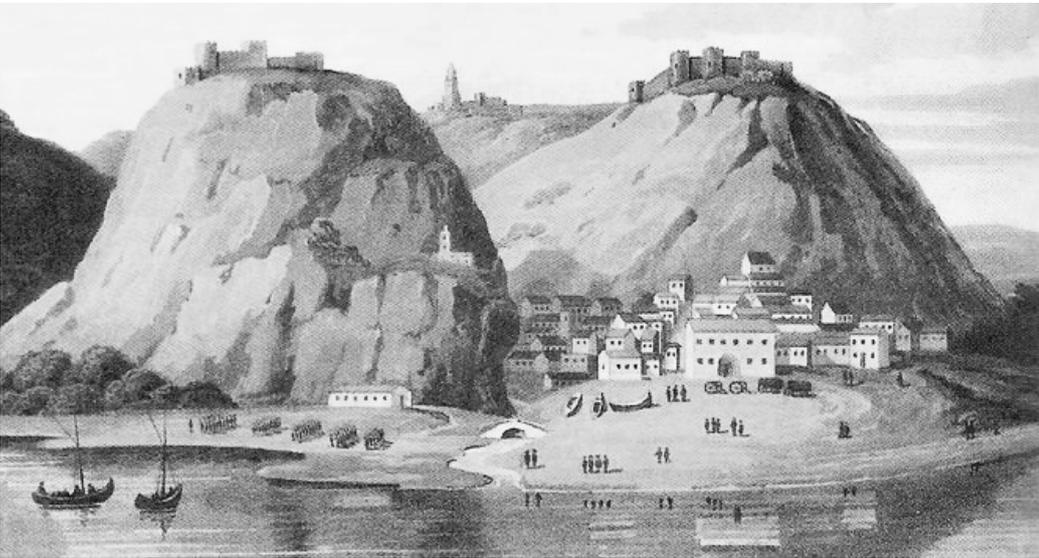
Desde então, dá-se o declínio da Cidade de Santarém. Declínio esse que se dá a propósito da metamorfose que a cidade ocidental sofre motivada pela sua explosão demográfica, a datar em Portugal no século XIX e com o aparecimento da autoestrada que fez ligar Lisboa ao Porto.

Vemos um núcleo histórico a ficar para trás nas prioridades de um planeamento exaustivo que faz com que a cidade se desenvolva, absorvendo o restante espaço disponível no extenso planalto – até sentir a necessidade de partir para além deste. Devido a um conjunto de circunstâncias a relatar em seguida, esse crescimento deu-se no sentido inverso ao rio, deixando-o apenas pelo contacto visual a partir das Portas do Sol.





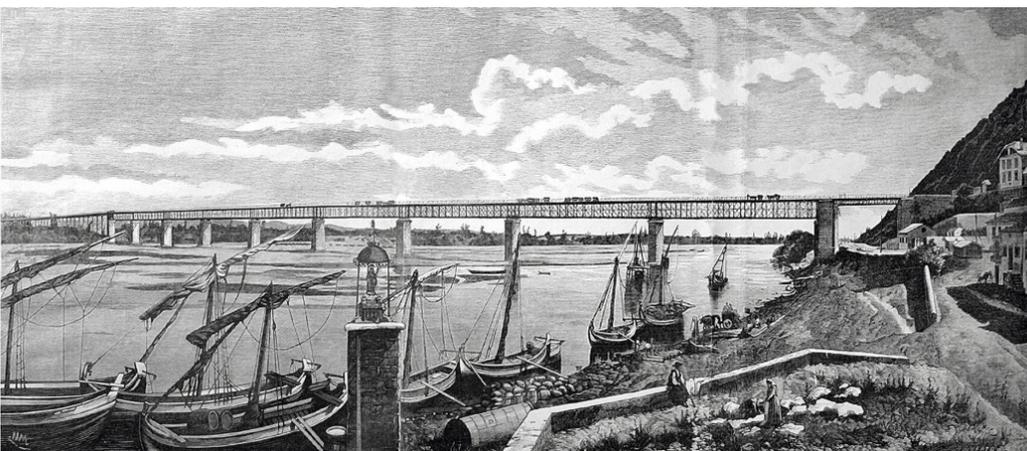
2.24 | Jornal O Panorama, Santarém, 1839



2.25 | Autor desconhecido, ilustração de Santarém, 1811



2.26 | António de Holanda, Santarém vista do Rio, 1530



2.27 | Nova Ponte sobre o Tejo, séc. XIX

Santarém, para além da divisão administrativa por freguesias que actualmente dispõe, reconhece-se pelas áreas anteriormente descritas como planalto e dos fragmentos que lhe dão o toque na margem do Tejo – os núcleos da Ribeira de Santarém e da Alfange. A sua génese advém da mobilidade feita por via fluvial, conferindo-lhe uma posição vantajosa com Lisboa, sendo em tempos uma das rotas de abastecimento da Capital. A recordar também a lenda que acabara com Iria morta e de seu corpo levado pelas águas do Tejo, desde o Convento de Tomar até esta parte da cidade, sendo canonizada e de seu nome ter dado origem ao que reconhecemos hoje como Santarém. Diz-se também que D. Isabel prestara sua homenagem ao mandar erguer o Padrão com que, ainda hoje, nos deparamos no Largo dos Barcos. Uma menagem que merece evidência, não só por pertencer a grande parte da descrição escrita e fotográfica da Ribeira de Santarém, assim como da sua relação intrínseca com a água, mencionando o Tejo.

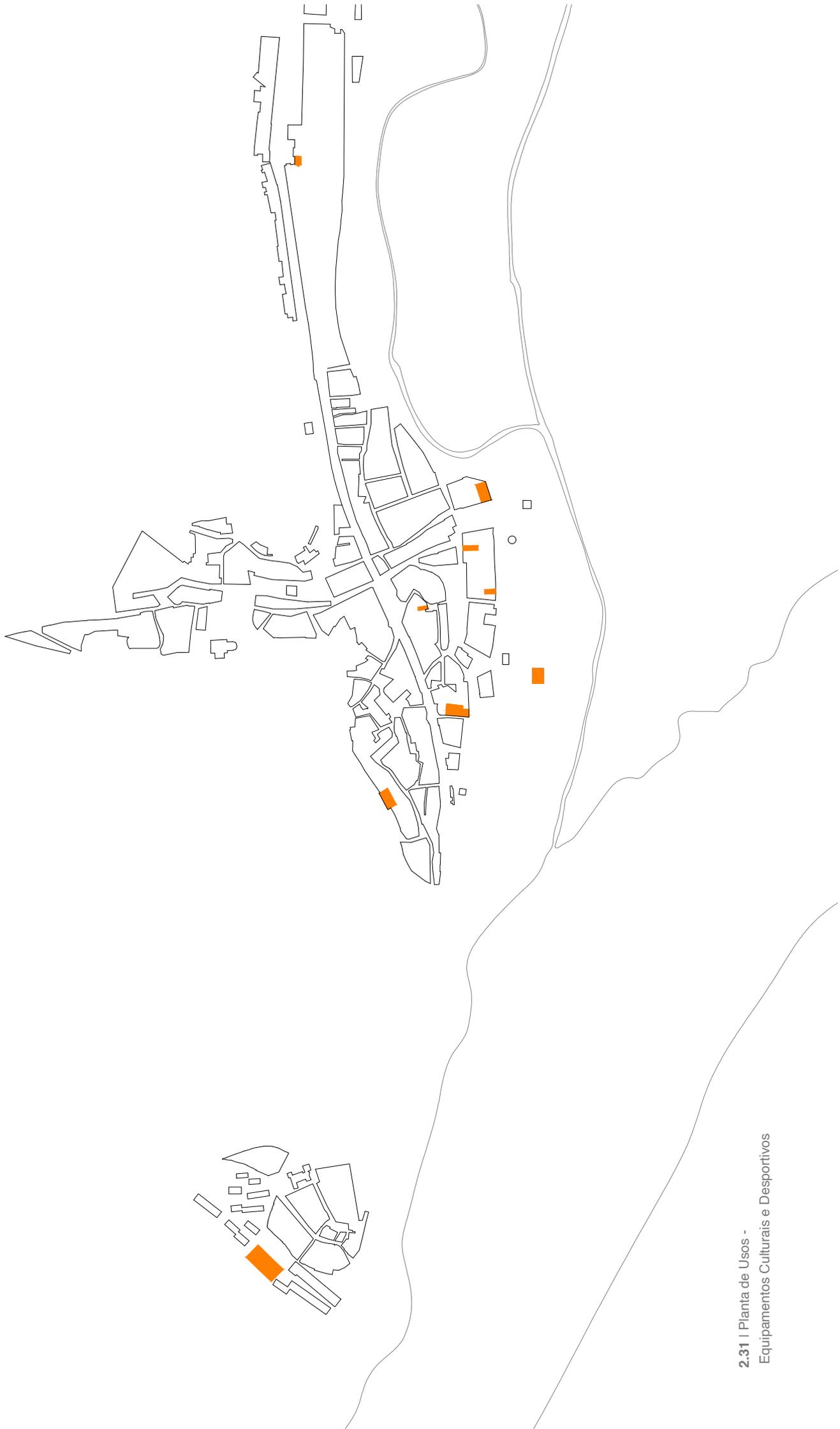
Dos dois núcleos que estabelecem esta relação, a Ribeira destaca-se não só pela sua dimensão como pela sua posição. Esta alude-nos a um passado agrícola, ao trabalho no campo e às suas necessidades infraestruturais: daí grande parte do edificado ser composto por adegas, grandes espaços de armazéns, assim como as habitações pertencentes a quem nos campos da lezíria trabalhara, e aos seus respectivos proprietários. Constata-se então, que para além de se considerar como uma das portas da cidade, é também um dos focos agrícolas de Santarém e de toda área envolvente, sendo fácil concluir a existência, em tempos passados, de actividade mercantil de que ambas as realidades anteriores.

Com a localização centrada entre a cidade, o rio e os campos, o segundo núcleo ribeirinho da cidade perdeu a força que em tempos lhe dera estatuto de *portus* ou *catapulus romano*, por outras palavras, o porto de chegada fluvial que pertencia aos povos de romanos que ocupavam a cidade – a Alfange. Ao longo da história, poucos são os acontecimentos que marcam esta pequena urbanidade. Deduz-se que estria ligada à arte piscatória, destacando a construção no séc IX, da Igreja de São João Evangelista do Alfange da qual hoje lhe oferece o nome, erguída no início da Calçada que ligava ao planalto pelas Portas do Sol; e pela construção de uma Fábrica de Sabão. Não só por ser uma nova centralidade para este bairro, a sua dimensão monumental veio atribuir-lhe um significado singular para este lugar. Dadas as circunstâncias, esta indústria acabou por falir. Desde então que muitos futuros foram pensados: desde usos agrícolas, uma central elétrica a ligar à cidade e seus arredores, e no início do século XXI, a ser recuperado para um Pólo Universitário. No entanto, esta fábrica foi deixada ao esquecimento, transformando-se numa ruína praticamente irrecuperável nos dias de hoje.



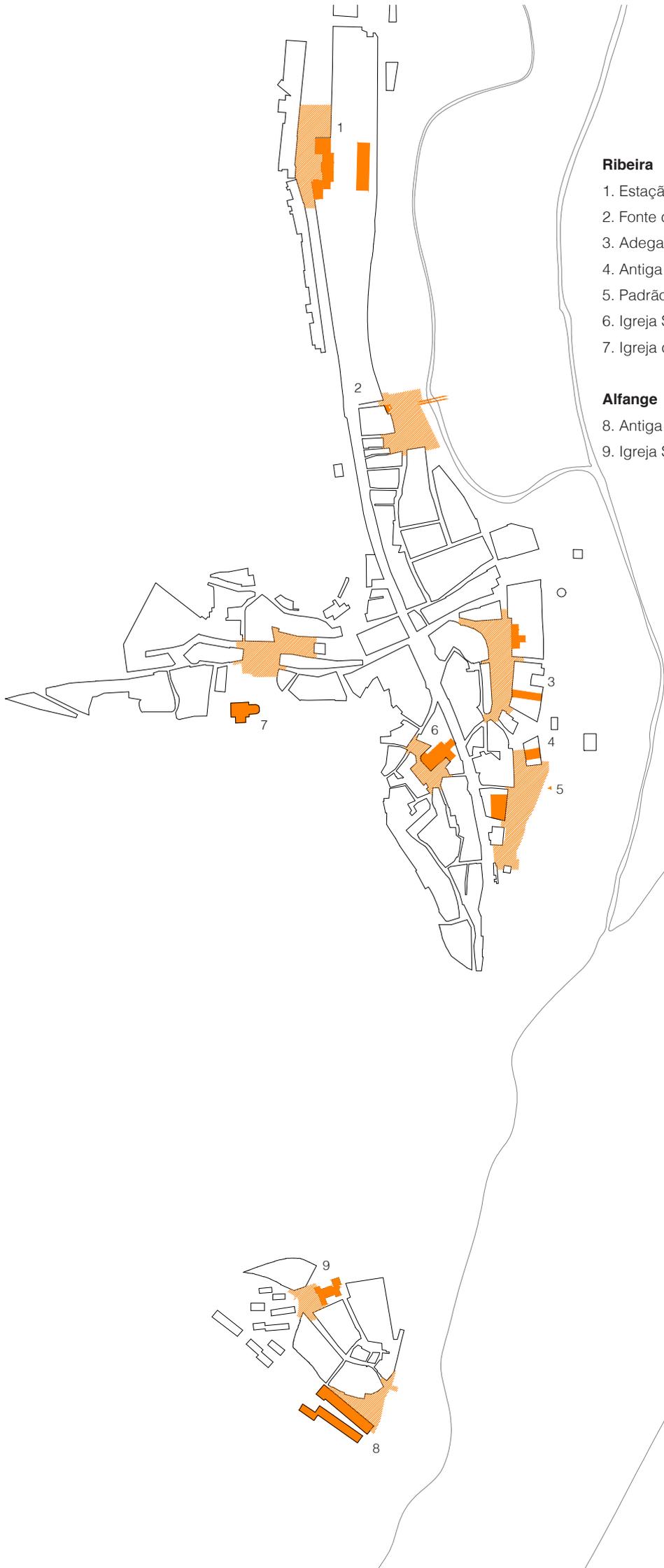






2.31 | Planta de Usos -
Equipamentos Culturais e Desportivos



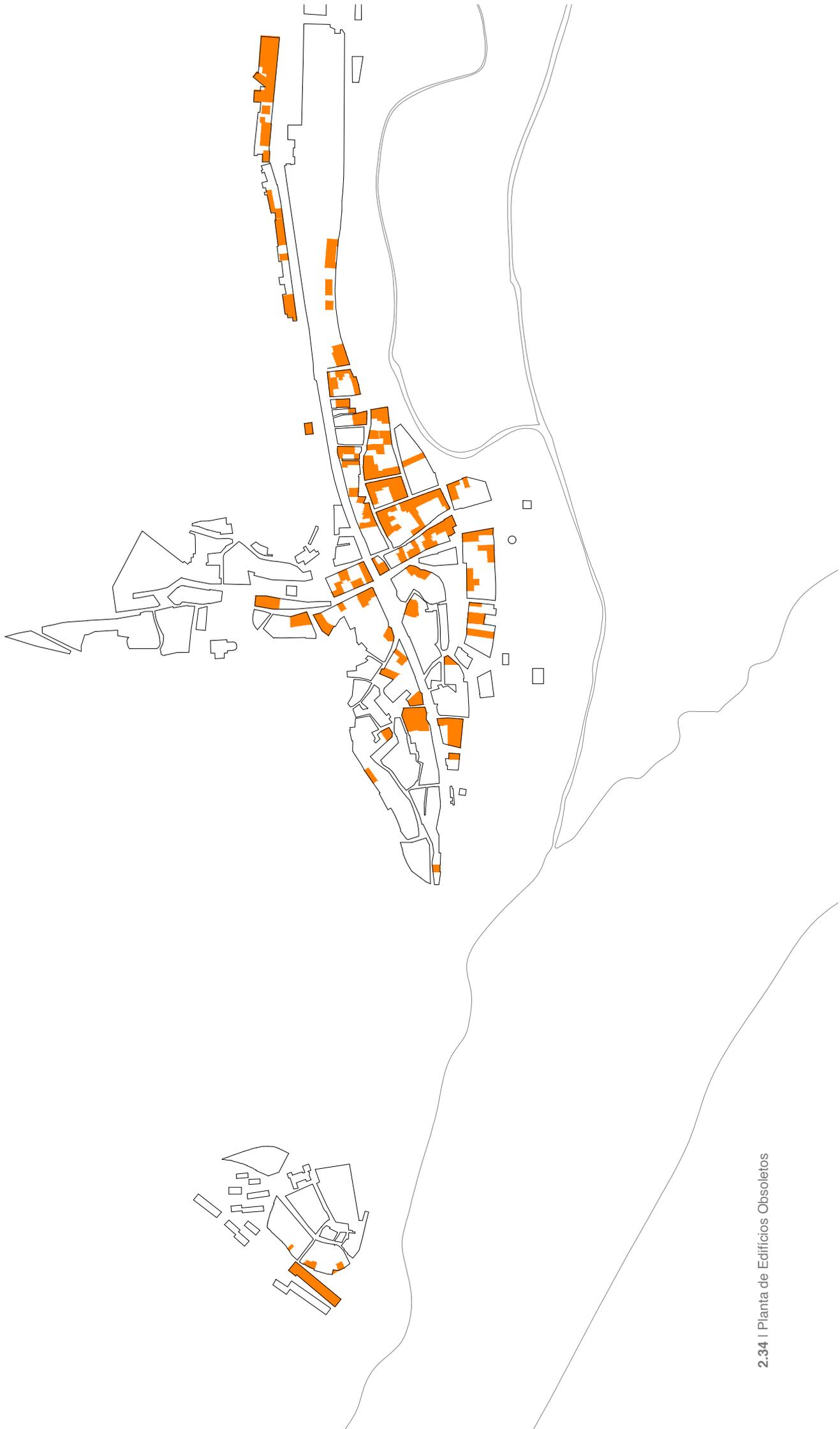


Ribeira

- 1. Estação Ferroviária
- 2. Fonte de Palhais
- 3. Adegas Abandonadas
- 4. Antiga Igreja de Santa Iria
- 5. Padrão Santa Iria
- 6. Igreja Santa Iria
- 7. Igreja de Santa Cruz

Alfange

- 8. Antiga Fábrica de Sabão
- 9. Igreja São João



2.34 | Planta de Edificios Obsoletos

As realidades que atrás foram descritas de outros tempos, em nada se assemelham com o que na actualidade ali encontramos, podendo concluir-se através da análise realizada. Facilmente descrevemos com uma palavra: esquecimento, para o qual contribuiu a criação do troço ferroviário, que em 1861, viria a ligar, mais tarde, o troço de Lisboa-Carregado ao Porto e a Espanha. A dimensão de tal infraestrutura rasgou o traçado consolidado da Ribeira, pondo em causa a relação da Alfange com o Tejo e a ligação que fazia fundir estas três realidades com a ligação viária que ligava estas três realidades. Fragmentar um corpo unificado, contudo frágil, em partes faz com que este se desmaterialize com facilidade.



2.36 | Deslizamento de terras em Santarém
2.35 | Corredor criado para circulação ferroviária

Com o aparecimento do comboio, a cidade ficaria ligada por menos de uma hora à capital, que outrora só se realizava por barco. Porém, alcançar o planalto tornou-se cada vez mais um problema complicado de colmatar. A inclinação para vencer os 100 metros de altitude que separam os dois núcleos, por si só difícil de vencer, tornam-se mais problemáticas quando se estabelecem em terrenos instáveis, propícios a derrocadas. Prova disso, foi a derrocada que, em 1941, abalou parte da muralha do castelo (fig. 2.36) – justificando os actuais taludes artificiais que marcam a imagem desta colina.

Sendo esse um dos aspectos fulcrais para a fragmentação dos núcleos que constituem Santarém, esta evidenciou-se quando automóvel se tornou o meio de transporte dominante. As infraestruturas passaram de pequenas calçadas para largos arruamentos, difíceis de encaixar neste cenário. Talvez por isso, os actuais acessos rodoviários encontram-se degradados, de difícil acesso e quando usados, causam engarrafamentos. Os acessos pedonais, suplantados pela troca do automóvel como meio de mobilidade, tornaram-se ineficazes para o peão. Sem outra alternativa, os acessos limitaram-se à estação ferroviária e ao núcleo da Ribeira, contornando o Planalto a norte.

A esta fragilidade acrescenta-se um dos constrangimentos para estas urbanizações ribeirinhas: as cheias. A sua posição de proximidade com a lezíria, ou seja, de vale guardado de um grande curso de água, faz com que seja propícia a criação leitos de cheia que inundam totalmente toda a área que não disponha de uma topografia que a proteja. Este fenómeno está tão enraizado neste local que, entre os populares, dita-se *que quando as águas do Rio Tejo atingirem os pés da Santa, Lisboa é inundada*. (LOUREIRO, 2009, 33). Contrariamente, durante certas alturas do ano, o rio enfraquece-se ao ponto de parte do seu caudal ficar reduzido às areias que revelam o fundo em resposta das secas. Circunstância também que se deve à criação das barragens no seu segmento inicial, não permitindo que a água este circule naturalmente e favorecendo a acumulação de sedimentos nas partes planas do seu percurso.

2.37 | Padrão da Santa íria da Ribeira de Santarém



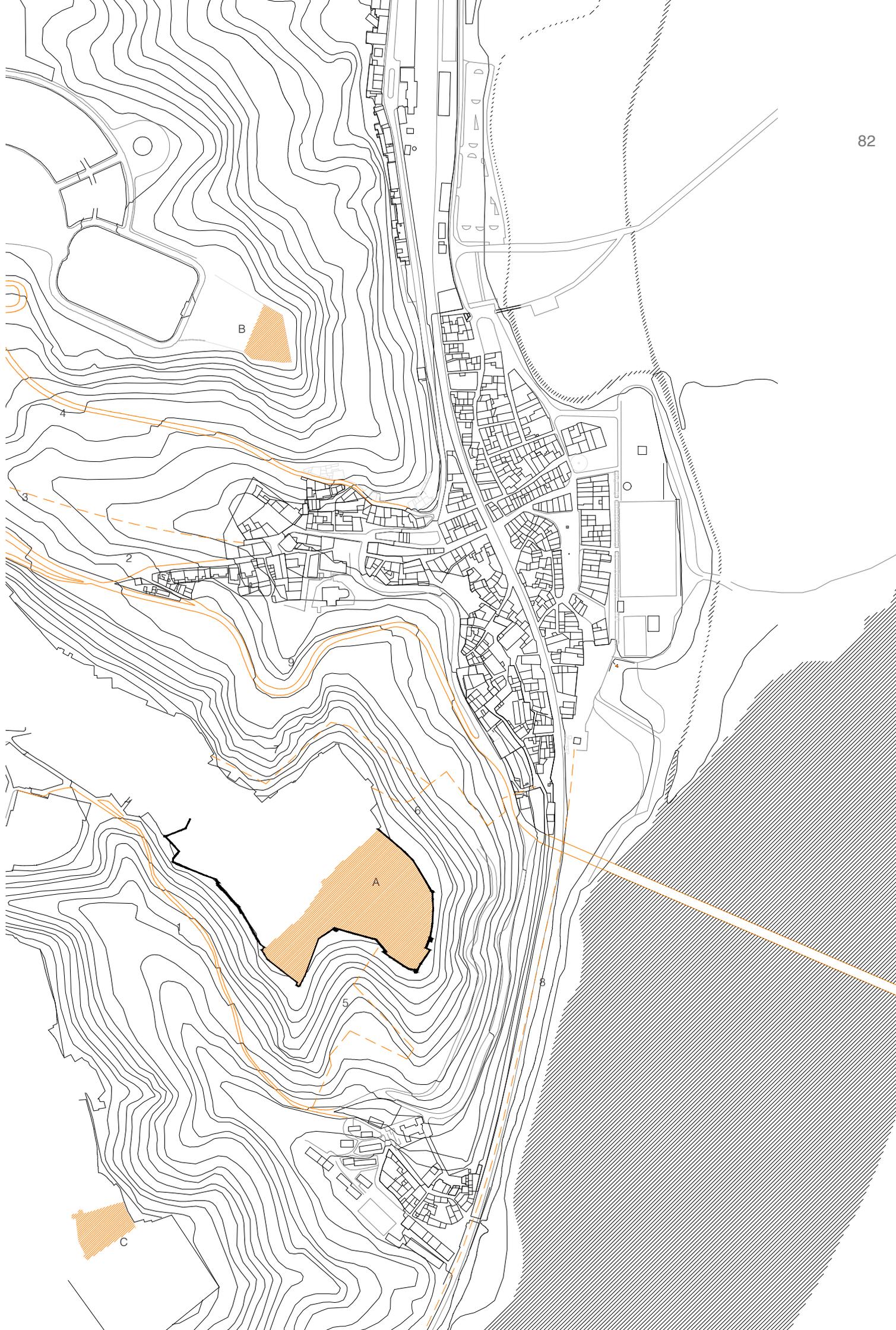


Acessos

- 1 - Estrada da Alfange
- 2 - Calçada da Atamarma
- 3 - Calçada do Gaião
- 4 - Calçada de Santa Clara
- 5 - Calçada do Alhanse
- 6 - Calçada de Santiago
- 7 - Calçada dos Oleiros
- 8 - Parte da antiga Estrada Real (Lisboa - Coimbra)
- 9 - EN 114 (Santarém - Almeirim)

Miradouros

- A - Portas do Sol
- B - São Bento
- C - Capuchos





2.39 | Postal Ilustrativo das Cheias na Ribeira - séc. XX



2.40 | Vista das Portas do Sol - Cheias 2006

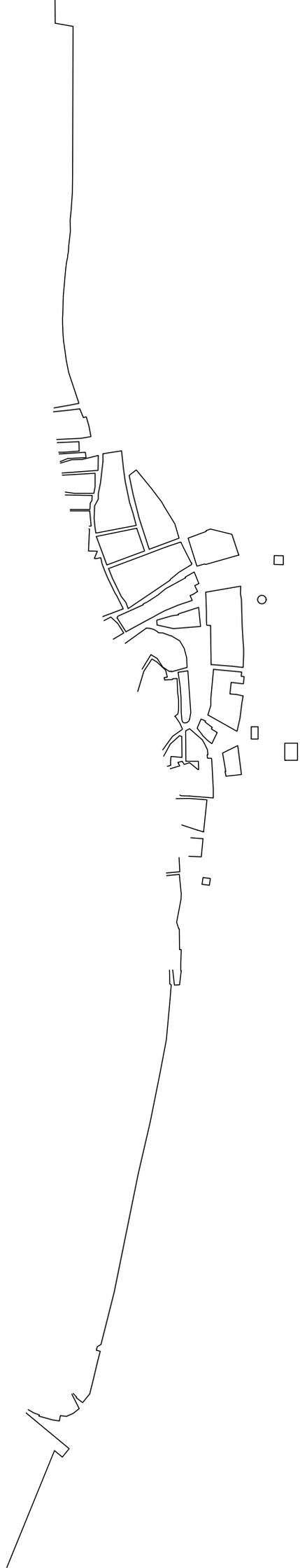


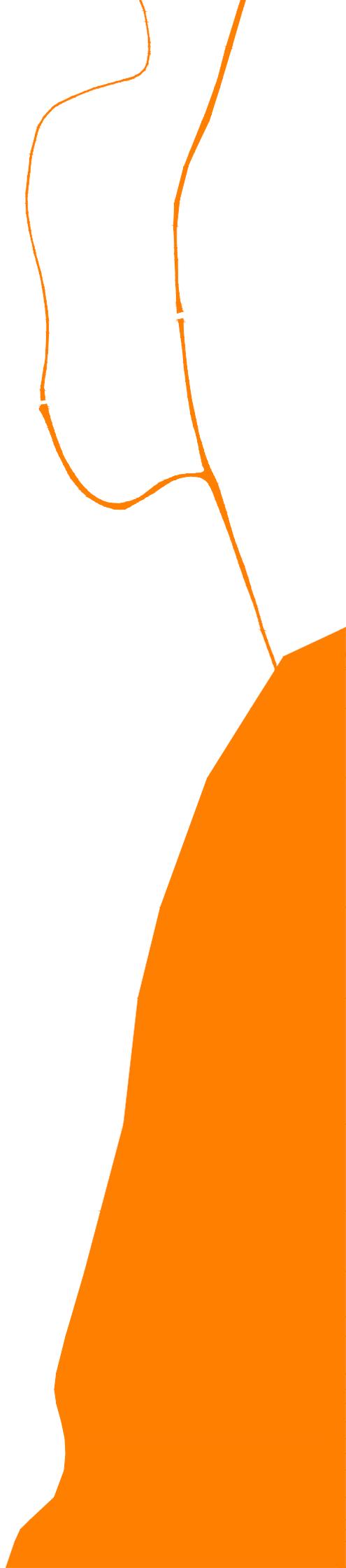
1979

média desde o séc. XIX

2.41 | Cheias na Ribeira - Simulação dos níveis no Largo dos Barcos

2.42 | Limites edificados com a margem





2.44 | Curso do Rio - Séc XX



2.45 | Curso do Rio - Séc XXI



2.46 | Esquema de Cheias - 1979 [+11.00 m]



2.47 | Esquema de Cheias - 2019 [+9.00 m]





2.49 | Plano de Urbanização para a Ribeira de Santarém, entre 1906 e 1974



3. O Lugar de Sonho: Cidade



First there are the utopias. Utopias are sites with no real place. They are sites that have a general relation of direct or inverted analogy with the real space of Society. They present society itself in a perfected form, or else society turned upside down, but in any case these utopias are fundamentally unreal spaces.

There are also, probably in every culture, in every civilization, real places — places that do exist and that are formed in the very founding of society — which are something like counter-sites, a kind of effectively enacted utopia in which the real sites, all the other real sites that can be found within the culture, are simultaneously represented, contested, and inverted. Places of this kind are outside of all places, even though it may be possible to indicate their location in reality. Because these places are absolutely different from all the sites that they reflect and speak about, I shall call them, by way of contrast to utopias, heterotopias. I believe that between utopias and these quite other sites, these heterotopias, there might be a sort of mixed, joint experience, which would be the mirror.⁹

9 | in "Of Other Spaces (1967), Heterotopias".

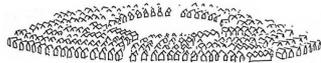
CITY & PARASITE



CITY WITHOUT SUBURB



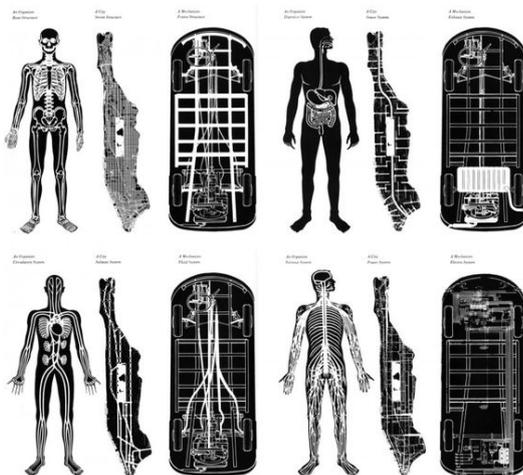
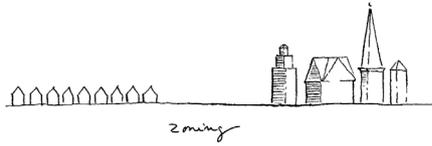
CITY WITH SUBURB



SUBURB WITHOUT CITY



CITIES WITHIN THE CITY



3.2 + 3.3 | Léon Krier: Cidade e o "parasita" dos subúrbios

3.4 | City Metaphors - O.M. Ungers:
Cidade como sistema

O ser humano, sempre demonstrou uma necessidade de socializar. Por desejo e necessidade, o Homem é um animal social. A ponto de, uma das formas que arranjou de sobreviver aos perigos da vida selvagem foi a linguagem, para que, em grupo, fosse possível prevalecer. Deste ponto de vista, é fácil imaginar a Cidade como uma das suas maiores invenções.

De uma forma sintética, Edward T. Hall expõe que:

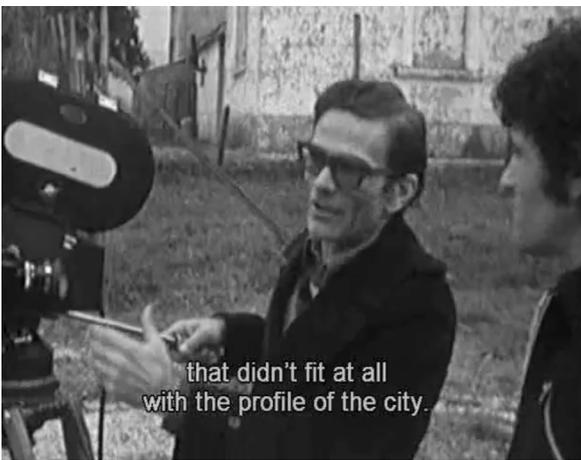
A cidade existe sob diversas formas desde há mais de cinco mil anos, e parece pouco provável que jamais lhe encontremos substituto integral. Sem dúvida alguma, a cidade, para além de tudo o que representa, é uma expressão da cultura do povo que a criou, bem como um prolongamento da sociedade destinado a preencher uma rede complexa de funções, das quais, de resto, não nos encontramos muitas vezes por completo conscientes. (HALL, 1986, 202)

Também este organismo passou por várias crises – guerras, surtos de doenças, etc. – que a afectaram e viriam a necessitar de uma solução que a salvasse do abismo. Todos os trabalhos apresentados anteriormente são disso exemplo. Não tendo conseguido um final concreto e desejável, influenciaram na forma como olhamos e a organizamos. É fácil supor que se continuou a seguir a regra de evitar a cidade como palco, pela sua complexidade e, mais tarde, pela preservação do seu tecido antigo como monumento histórico.

Consequência desse processo, olhamos hoje para uma cidade que abandonou o lugar que a fez nascer, adoptando uma tipologia e um genérico, aliado ao desenvolvimento automóvel do século passado. Actualmente, *aprofunda-se um processo induzido que se pode designar como “implosão-explosão da cidade”. (...) Sucede também, simultaneamente, que muitos antigos núcleos urbanos se deterioram ou explodem. As pessoas deslocam-se para periferias distantes, residenciais ou produtoras. (LEFEBVRE, 2012, 23).*

Os valores de urbanidade são substituídos pela especulação do mercado e os elevados Valores do Solo, destruindo as relações sociais e criando uma estratificação social, favorecendo a periferia como a nova cidade. Cidade esta sem identidade, sem lugar particular, como Rem Koolhaas revela na obra que critica a cidade contemporânea¹⁰.

10 | “¿Son las ciudades contemporáneas como los aeropuertos contemporáneos; es decir “todas iguales”? ¿Es posible teorizar esta convergencia? Y si es así, ¿a qué configuración definitiva aspiran? La convergencia es posible solo a costa de despojarse de la identidad. Esto suele verse como una pérdida. (...) Cuanto más poderosa es la identidad más aprisiona, más se resiste a la expansión, la interpretación, la revolución y la contradicción.” (KOOLHAAS, 2014, 37-38)



Contrariar esta tendência torna-se o ponto principal para o pensamento utópico que se segue.

Não é possível entender, não existe civilização sem cidade, sendo tão difícil definir esta quanto aquela. É banal, mas certo, ser o homem um animal social. (ROSSA, 2015, 16) Sendo, portanto, a Cidade uma invenção fundamental para a sua sobrevivência. Mas para que tal organismo consiga funcionar, esta necessita que certas características se façam cumprir – a densidade, complexidade, mutação, comunidade, diversidade, intensidade, espaço físico, tempo, entre outros (ROSSA, 2015, 19).

Os aspectos mencionados na obra de Rossa serão, sem dúvida, fundamentais para uma análise à urbe. A grande maioria dos espaços urbanos continuam a ser planeados de forma fragmentada, simples e dotado de um certo *pastiche*. Os espaços periféricos tentam ter as mesmas vivências dos antigos espaços urbanos, enquanto se mantinham no seu auge, apenas com recurso ao desenho de estirador, que se torna impossível salientar questões que visem projectar espaços sociais de qualidade.

Entre estes direitos em formação, figura o direito à cidade (não à cidade antiga, mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos lugares de encontros e trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitam o uso pleno e inteiro destes momentos e lugares, etc.) A proclamação e a realização da vida urbana como reino do uso (da troca e do encontro separados do valor de troca) exigem o domínio do económico (do valor de troca, do mercado e da mercadoria), inscrevendo-se, como consequência, nas perspectivas da revolução sob hegemonia da classe operária. (LEFEBVRE, 2012, 140)

Não só pela sua coerência como conjunto, pela organização territorial e consequentemente na paisagem, toma-se como ponto de partida o regresso aos núcleos urbanos que hoje encontramos abandonados ou inacessíveis pela sua protecção, por se definir como património. No entanto *o património não são quatro pedras velhas (...)* [mas] *um ambiente*¹¹, e seguindo esta afirmação, defende-se a adaptação às necessidades actuais ou a sua reconstrução terá um papel de salvaguarda superior ao seu esquecimento, tornando-se um espaço desejável. O objectivo de retornar à Cidade antiga e ao tecido que a este se juntou não se singe apenas ao que chamamos de Centro Histórico, tendo a diversidade de estar presente, independentemente da época ou das técnicas utilizadas no planeamento de determinados lugares, desde que apresentem uma imagem de conjunto.

11 | in "Arquitecto Eduardo Souto Moura - Uma ideia para Amarante", Realizado pela Câmara Municipal de Amarante. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=bobwT9_om24&t=1058s

[Consultado a 24.11.2020]



Encirclement



Einkreisung

- *Este seria, portanto - prossegui eu - o mais belo limite para os nossos chefes imporem à grandeza que a cidade deve ter; e, uma vez atingida ela, para a quantidade de território que devem reservar, deixando o restante.*

- *Que limite?*

- *Em minha opinião, o seguinte: até onde puder aumentar permanecendo unida, até aí pode crescer; para além disso não.*

- *Muito bem!*

- *Por conseguinte, imporemos ainda outro preceito aos guardiões: que velem com todo o empenho por que a cidade não seja pequena nem grande de aparência, mas suficiente e unida (PLATÃO, 2010, 167)*

Sugere-se uma selecção de lugares na cidade que se procura salvar por este pensamento utópico, que demonstrem densidade, diversidade, coesão e conexão desejáveis para uma cidade saudável, a partir da projecção de um limite – seja físico ou instrumento de planeamento – onde será enclausurada a urbe ideal, para onde os habitantes expulsos da cidade, pelos mais diversos motivos, possam retornar, deixando abandonados as urbanizações fragmentadas e distantes do núcleo central.

No sentido figurativo, este limite foi interpretado como um espelho que percorre a cidade, sendo que o seu reflexo a rodeia. Olhar para a paisagem como um espaço natural, onde a permanência humana deverá ser artificial e ordeira, tendo como principal objectivo deste espelho, a reflexão dos espaços urbanos a preservar e adaptar as cidades às circunstâncias, não utilizando o consumo desmesurado de território como solução. O espelho parte por analogia do pensamento de Michel Foucault através da sua Heterotopia - um pensamento utópico que é reflectido de um certo lugar concreto, como se, quando estamos perante um espelho, fosse possível ver uma outra realidade imaginada de nós próprios.

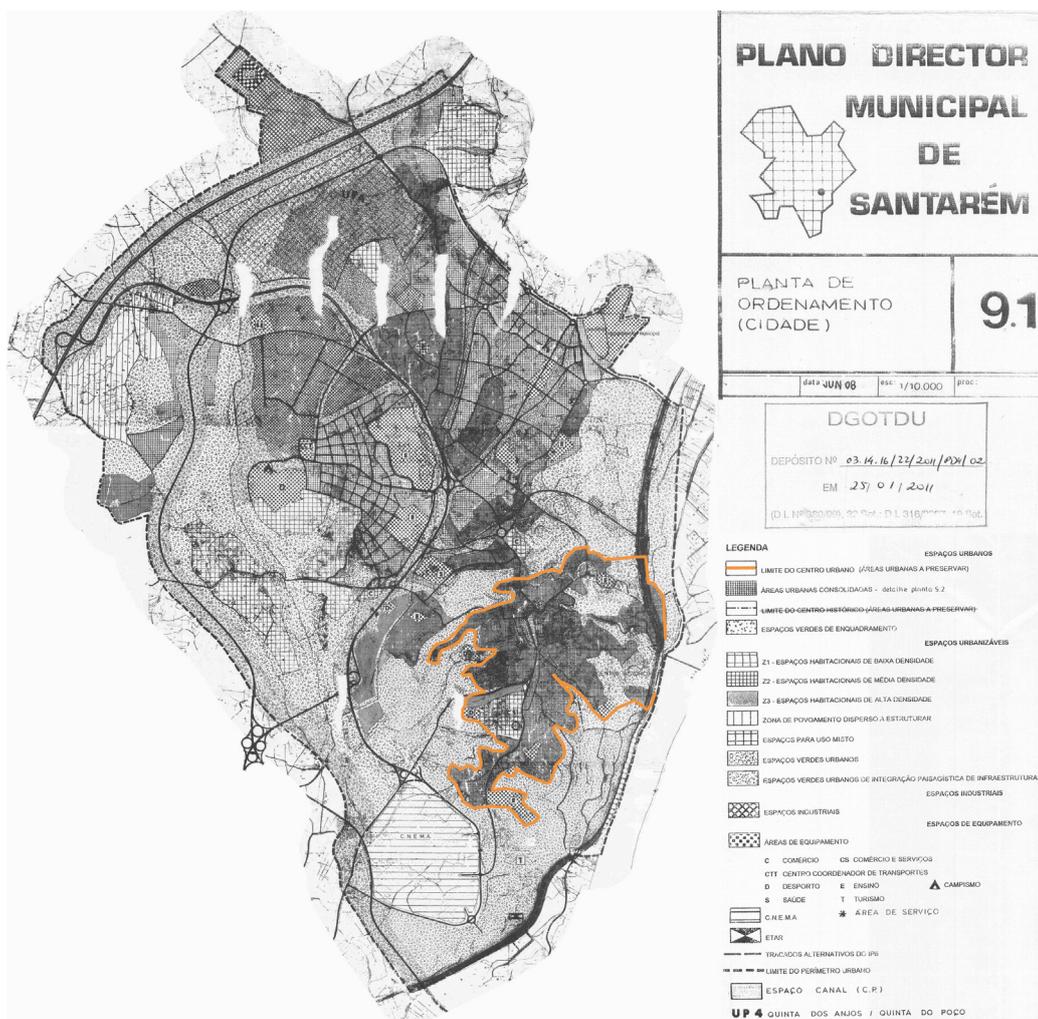


3.7 | Santarém do Planalto vs "Nova Santarém"
Junção dos bairros e urbanizações edificadas fora do Planalto da cidade.



Será objectivo deste trabalho tornar prático este pensamento utópico na cidade de Santarém. Concluindo através da análise do capítulo precedente, o seu núcleo que se posiciona no planalto foi ultrapassado pelos diversos loteamentos que se fragmentaram e aproveitaram a o troço da auto-estrada para crescer, dispersando-se e perdendo a sua identidade. Reconhecida como a Cidade do Gótico, o seu legado foi transposto para uma infra-estrutura de comunicação que a fez crescer ao ponto de quase criar uma “Nova Santarém”.

Desta forma, este cenário apoiar-se-á no abandono dos subúrbios em prol de um regresso aos lugares que reconhecemos como a Cidade de Santarém – todo o tecido urbano presente no planalto e nas áreas que o fazem ligar ao Tejo. Para que tal aconteça, surge um conjunto de adversidades que, ao longo do tempo, prejudicaram este núcleo, que sofreu o esquecimento de várias décadas. Existem problemas a resolver para que seja vista como um conjunto: o abandono do centro histórico, degradação de alguns dos edifícios marcantes para a cidade – e para o país – e a sua ligação com o Rio.



Propõe-se uma abordagem semelhante àquela que foi apresentada em concurso na Bienal de Veneza de 1978 – *Roma Interrota* – onde, sucintamente expondo, a cidade de Roma seria o palco das mesmas questões salientadas neste trabalho. A estruturação para uma solução passou pela divisão da antiga Planta de Giambattista Nolli em doze fragmentos distribuídos pelo mesmo número de arquitectos que foram convidados a especular um futuro para o centro histórico de Roma.

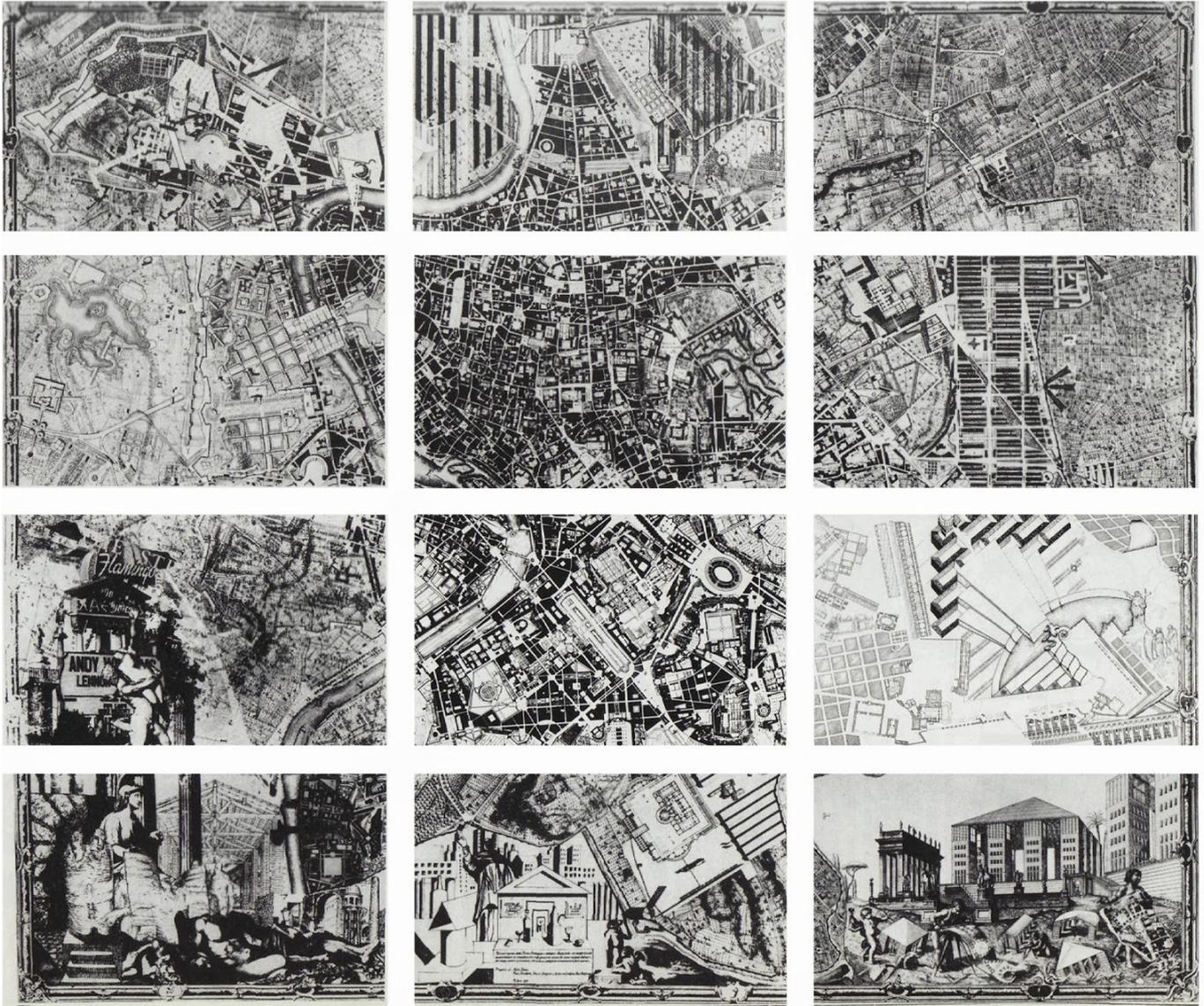
É pela inspiração neste concurso que se propõe a divisão do núcleo Scalabitano em áreas de características distintas, submetendo para cada um destes fragmentos, uma solução. Ter-se-á como intenção o desenvolvimento, em detalhe, de cada uma dessas partes.

Como tal, para compreensão, torna-se necessário o estudo de cidade escolhidas como exemplos similares. A sua relação entre a topografia, o rio e a sua localização em território português foram factores a ter em consideração, dado que se são condições homólogas à cidade de Santarém.



3.10 | *Planta de Roma - Giambattista Nolli, 1748*





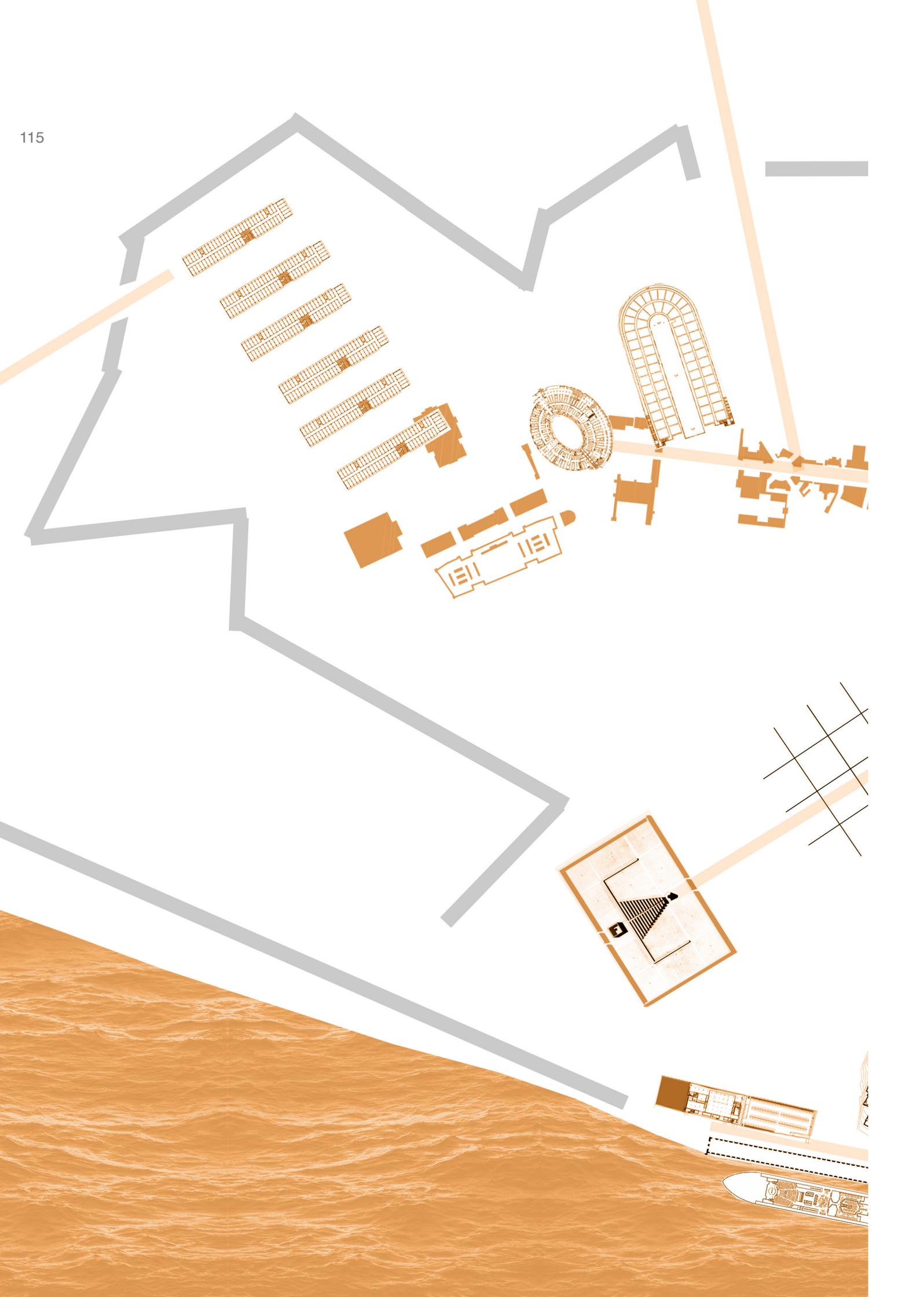
3.11 | Concorso "Roma Interrotta" - Piero Sartogo, 1978

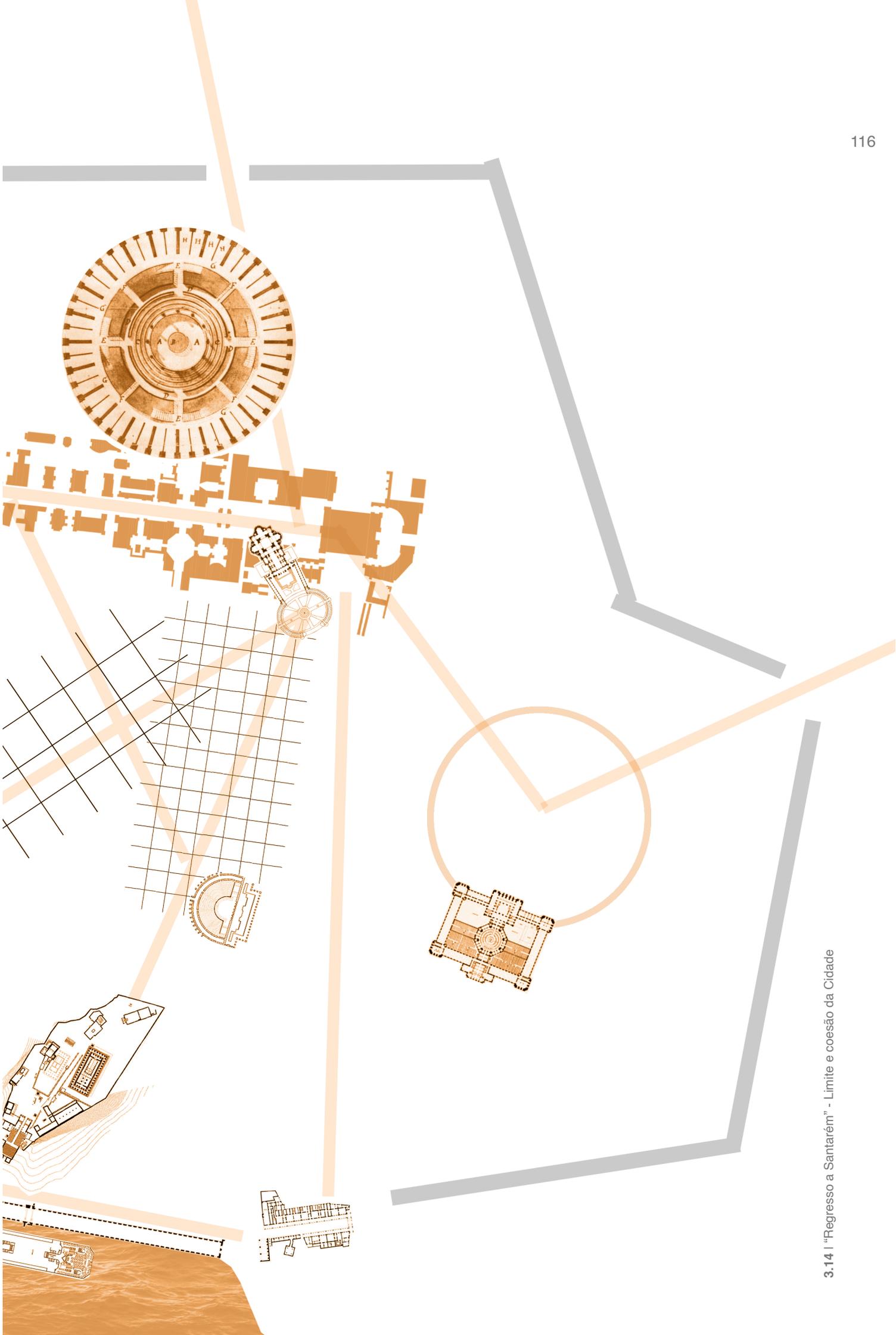
3.12 | "Retorno a Santarém" - Divisão da Cidade de Santarém em fragmentos





3.13 | "Regresso a Santarém" - Propostas para cada um dos fragmentos





3.14 | "Regresso a Santarém" - Limite e coesão da Cidade

Nova Chegada à Cidade por meios terrestres:
Comboio + Automóvel

Regresso ao planalto e conseqüente abandono dos
bairros periféricos desconectados da cidade.

Consolidação de espaços vazios obsoletos
e desaproveitados.

Respeito pela paisagem, com a coesão do tecido
edificado no Planalto.



Legenda

- Actual Estação Ferroviária 
- Proposta de Interface Pedestre 

- Actual traço ferroviário 
- Proposta de traçado ferroviário 
- Cursos rodoviários 



3.16 | Fragmento 1 - Proposta para novo traço ferroviário e terminal terrestre de Santarém



Aproveitamento de Edifícios de carácter singular em estado obsoleto

Adaptação e consolidação dos tecidos urbanos antigos, conforme as necessidades actuais

Reconstrução dos espaços comerciais e de habitação esquecidos

Consolidação do legado histórico e da Cidade de Santarém

Campos Infrante da Câmara Monumental
Celestino Graça
1964



Bairro dos Combatentes
Presídio Militar
1895



Alfange
Antiga Fábrica de Sabão
1843



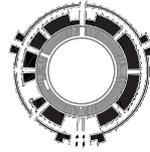
Centro Histórico
Teatro Rosa Damasceno
1884



Centro Histórico
Igreja Santa Maria de Marvila
1149



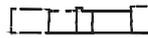
Coliseu



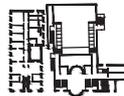
Hotel



Centro Multiusos



Escola



Museu





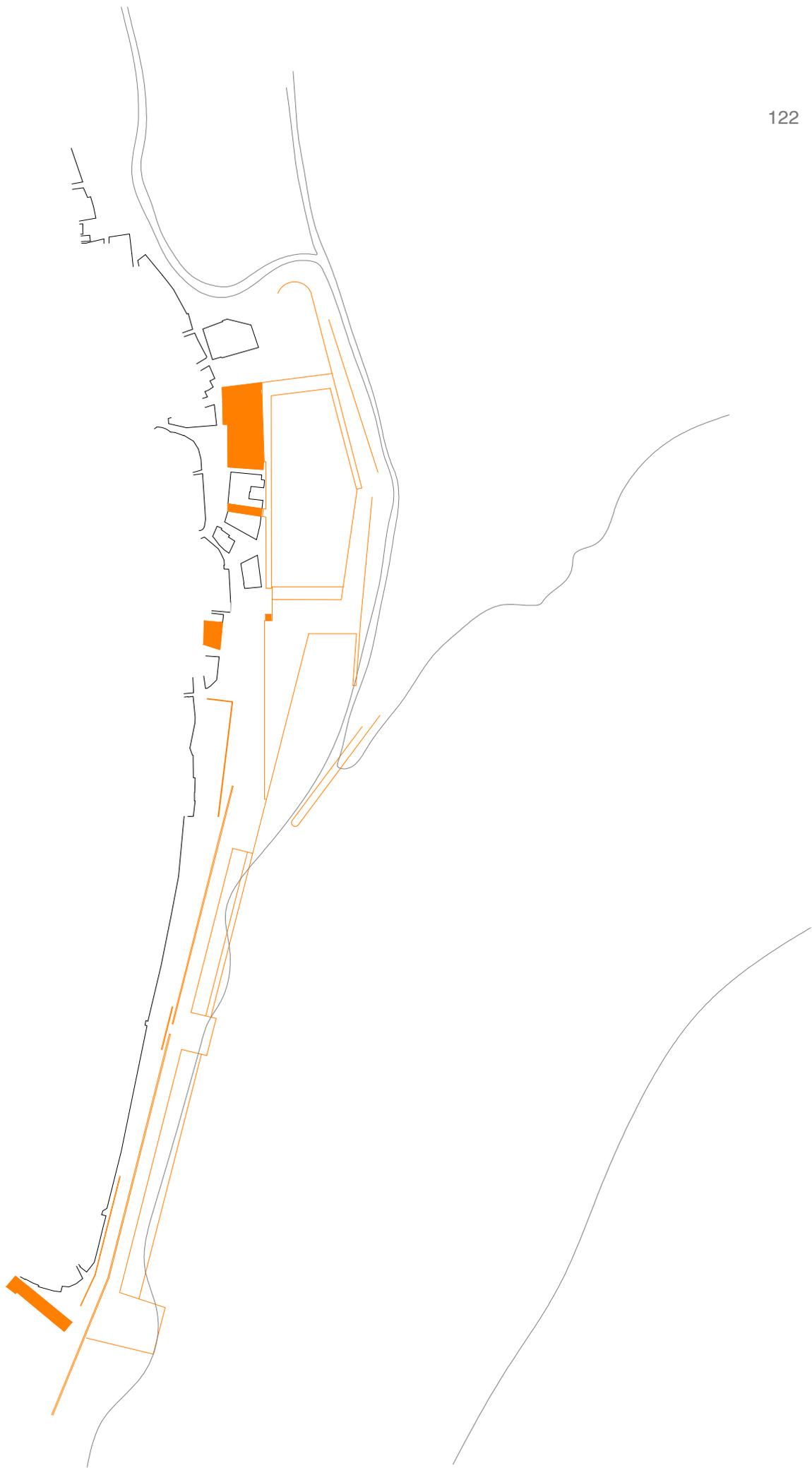
Nova Chegada à Cidade pela água:
Frente Ribeirinha e Cais Fluvial

Criação de novas oportunidades, consoante as
necessidades do lugar

Planear novos acessos entre o Planalto e a Ribeira

Reanimação das memórias ribeirinhas de Santarém

3.20 | Fragmento 3
Proposta para o redesenho da margem ribeirinha





3.22 | Coimbra e Rio Mondego
3.21 | Porto e Rio Douro

3.23 | Alcácer do Sal e Rio Sado
3.24 | Lisboa e Rio Tejo



A água actua (...) como elemento estruturador dos lugares, ao descrever e protagonizar relações, tanto de ordem funcional, como de ordem conceptual, simbólica e geométrica.

(CONCEIÇÃO, 1997, 776)

(...) Deste modo, a fruição e a convivialidade – lúdica, pragmática ou preventiva – geraram estruturas e artefactos espaciais dialogantes – embarcações, faróis, pontes – ou frentes relacionais (cais, embarcadouros, portos de abrigo). A água determina ainda nas faces exteriores dos edifícios (telhados, açoteias, gárgulas) e a articulação e ordenamento dos seus espaços interiores (do compluvium romano às actuais “zonas húmidas” do habitáculo), bem como a condição essencial da urbanidade, ou seja, do sentido gregário que determinou a existência da cidade.

(CONCEIÇÃO, 1997, 770)



Foi pela importância que a água teve na formação das cidades, que o fragmento escolhido foi a que procura reaver a vida ribeirinha desta cidade. Para que tal seja possível, será apresentada a reestruturação dos acessos, um novo desenho da margem, adaptando o actual troço da linha ferroviária que será transferido para ocidente e a criação de novos equipamentos considerados necessários neste lugar, como apresentado no Fragmento 1.

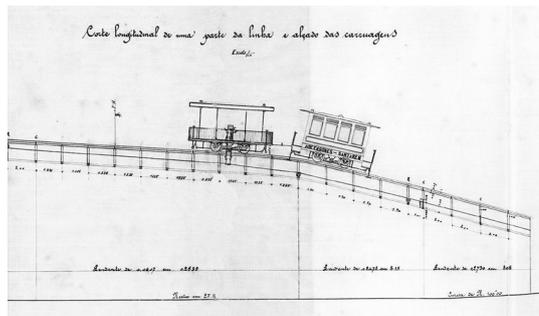
Actualmente, a cidade conecta com o Rio apenas através da vista nos seus miradouros. A ligação aos núcleos ribeirinhos é complicada e pode tornar-se um desafio para alguns. Assim, para além da requalificação dos acessos existentes e que oferecem a oportunidade de descer até ao Tejo, propõe-se um conjunto de acções de mobilidade suave que visa oferecer a ligação entre os distantes níveis, para que não seja apenas o automóvel o método preferido. Como referência, serão exibidos projectos que tiveram como objectivo tornar a mobilidade possível entre diversos níveis da cidade, destacando o projecto do funicular para Santarém: que nunca saiu do papel.



3.26 | Proposta de acessibilidades entre o Planalto e a nova Frente Ribeirinha

Legenda:

Construção do projecto do funicular de Santarém na antiga Calçada do Gaião



Reconstrução da Calçada da Atamarna como acesso pedonal

Criação de acessos directos entre as Portas do Sol e a Frente Ribeirinha

Adaptação dos antigos acessos para acesso circular entre o Planalto e os Núcleos Ribeirinhos

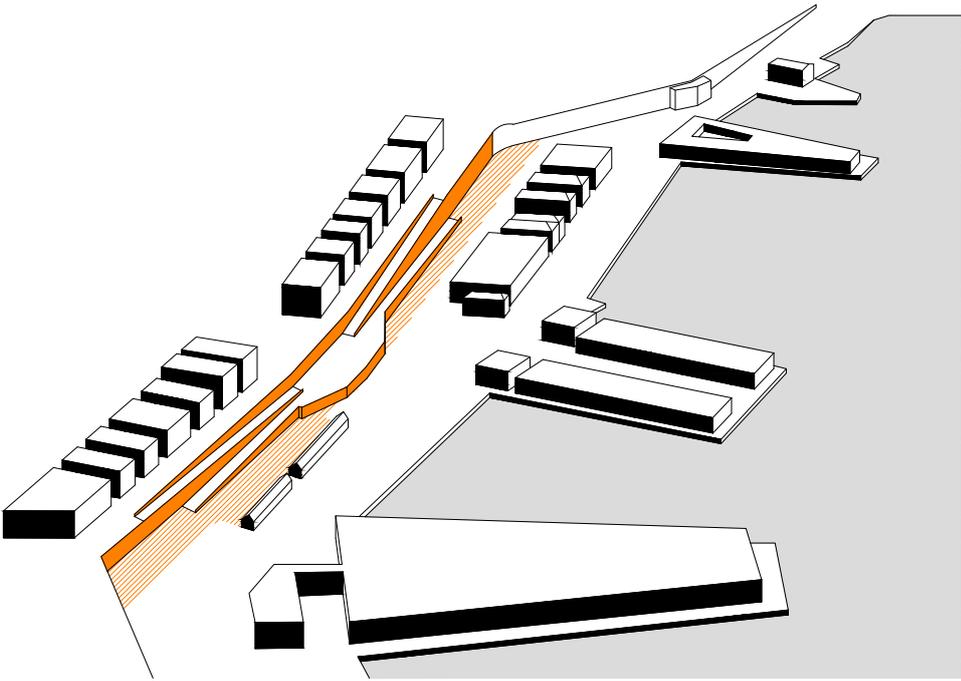




Enquadramento Urbano



Axonometria

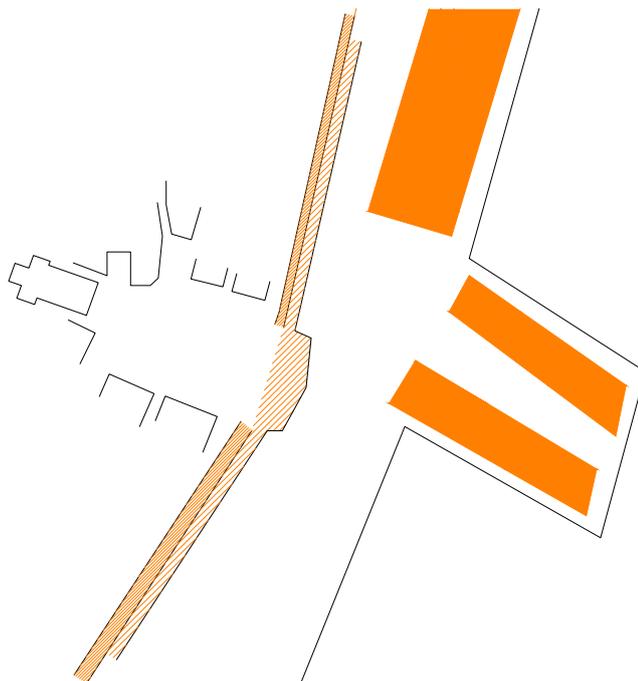


3.27 | Intervenção de Estudo: Boulevard de L'Impératrice - Argei
Charles Frédéric Chasseriau, 1860

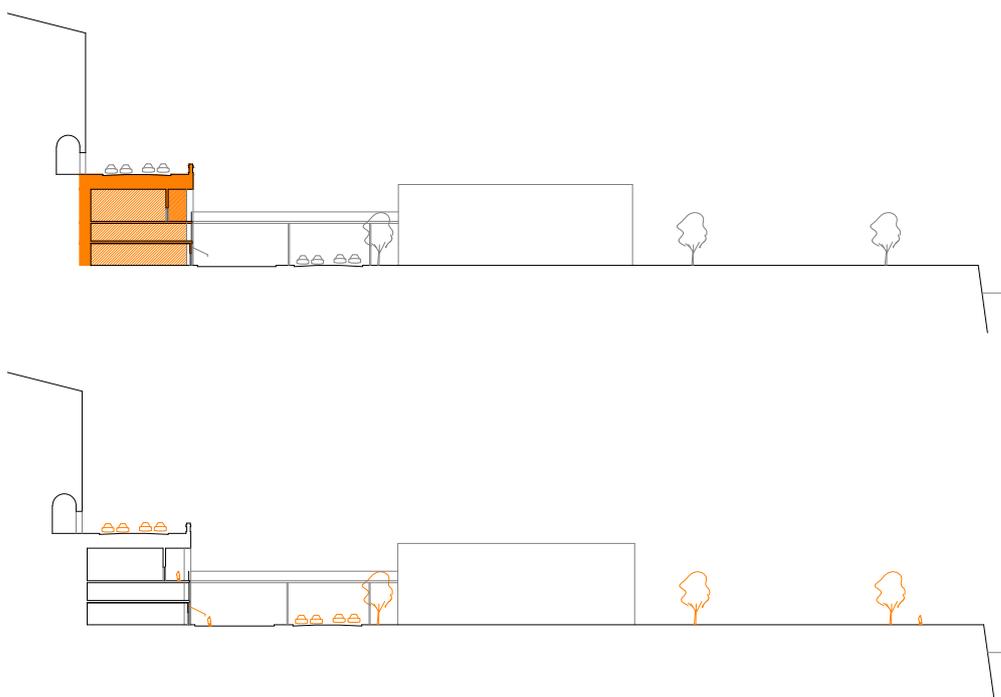
Programa

- Armazéns 
- Rampas de acesso entre níveis 
- Espaços Comerciais | Armazéns 

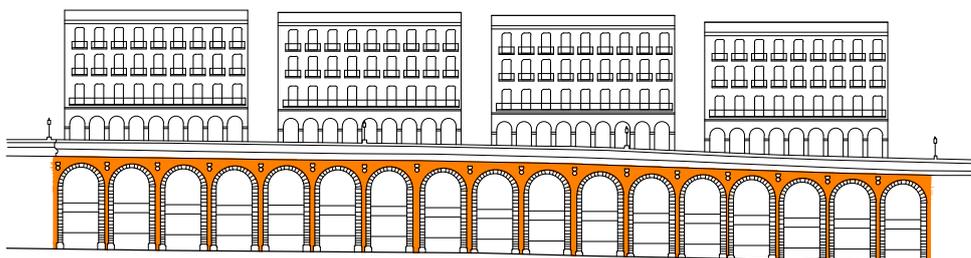
Planta [Praça Port-Saïd]



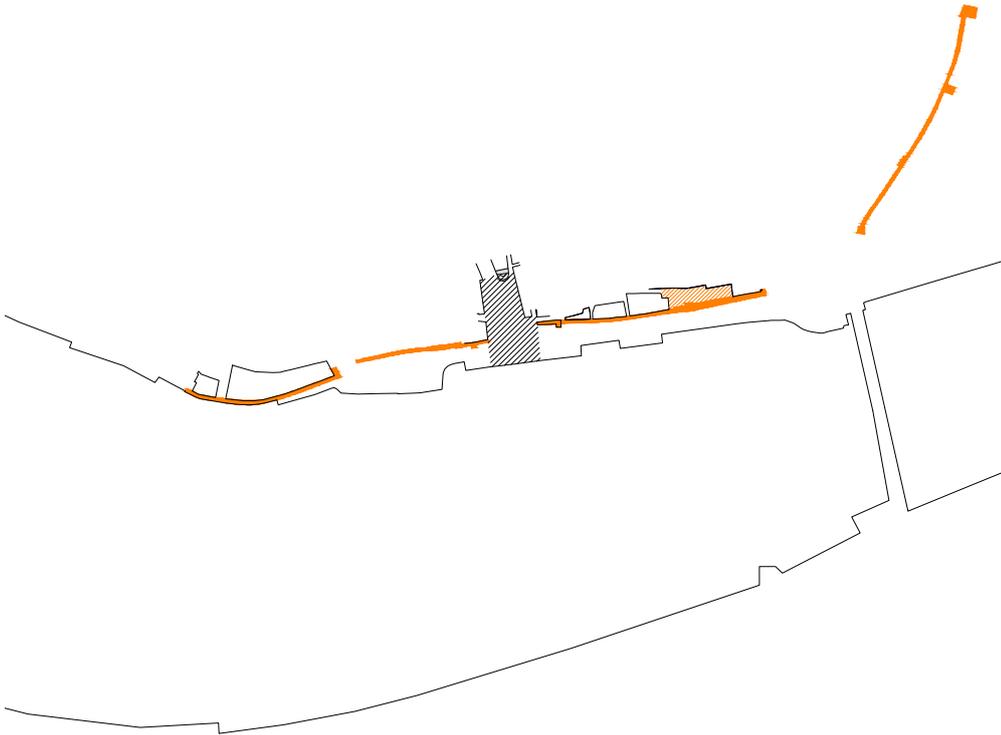
Seção [interior + espaço público]



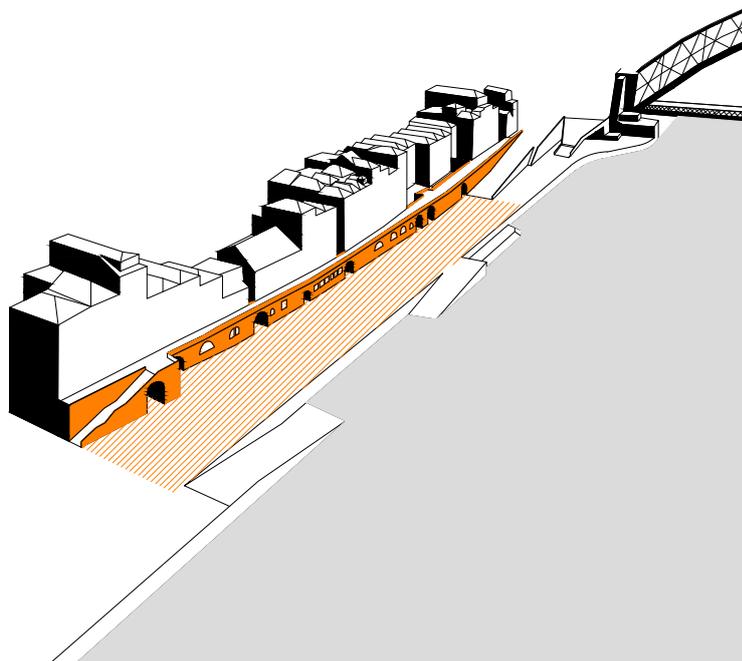
Alçado



Enquadramento Urbano - Muralha



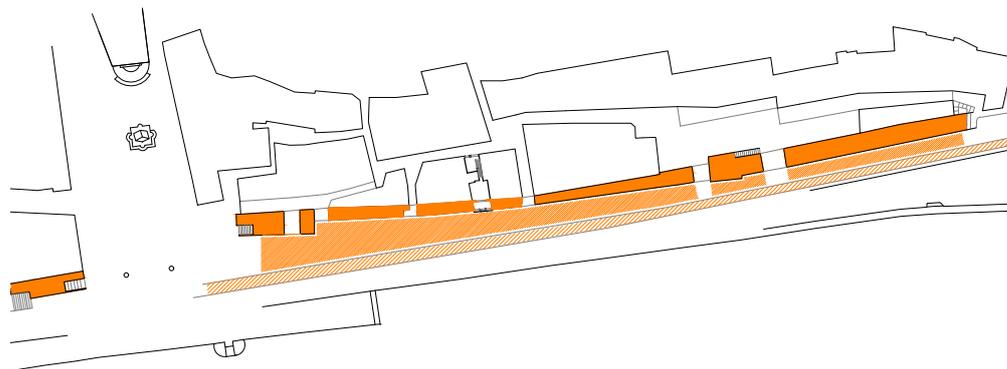
Axonometria



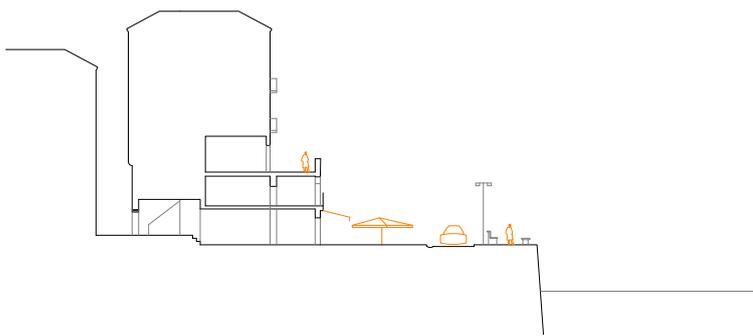
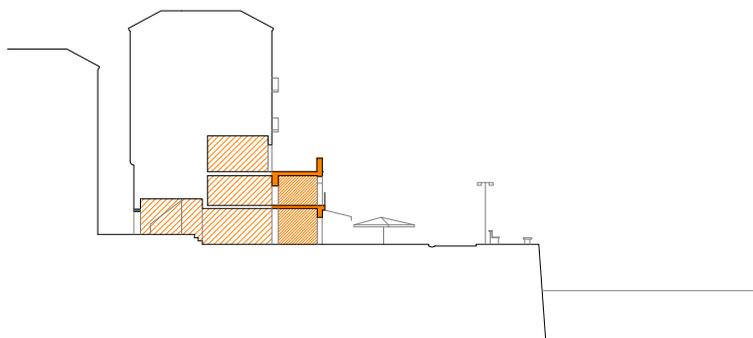
3.28 | Intervenção de Estudo: Muro da Ribeira - Porto
Damião Pereira de Azevedo + Barros Lima, Séc XX

Programa

- Muro - Espaços Comerciais
- Esplanadas
- Circulação Automóvel
- Espaço Público



Planta



Secção [espaço público + espaço privado]

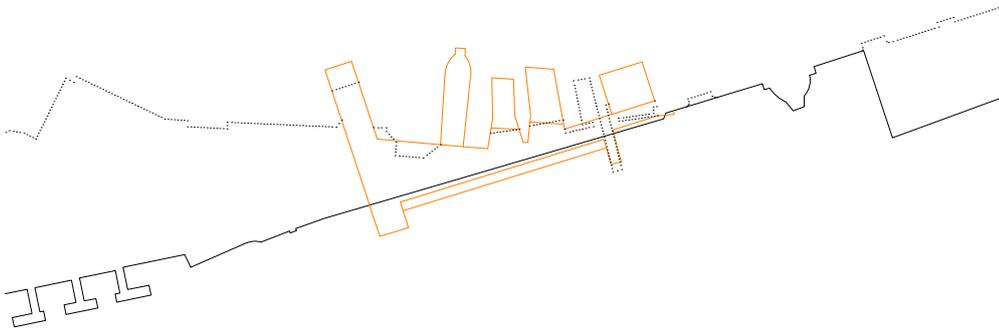


Alçado

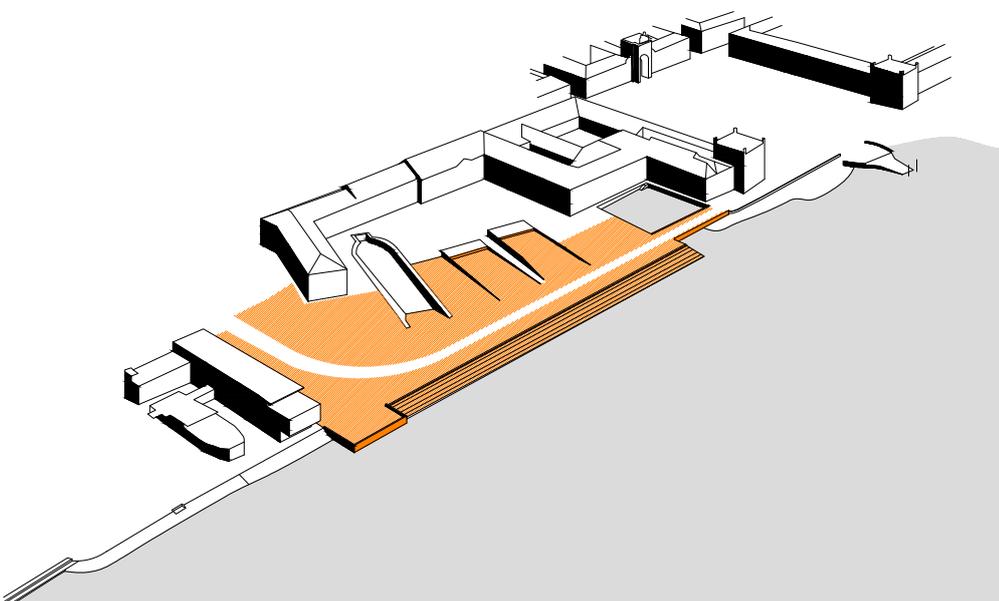
Enquadramento Urbano - Limites da margem

Linhas de margem

- Séc. XVII
- Séc. XIX
- Proposta



Axonometria



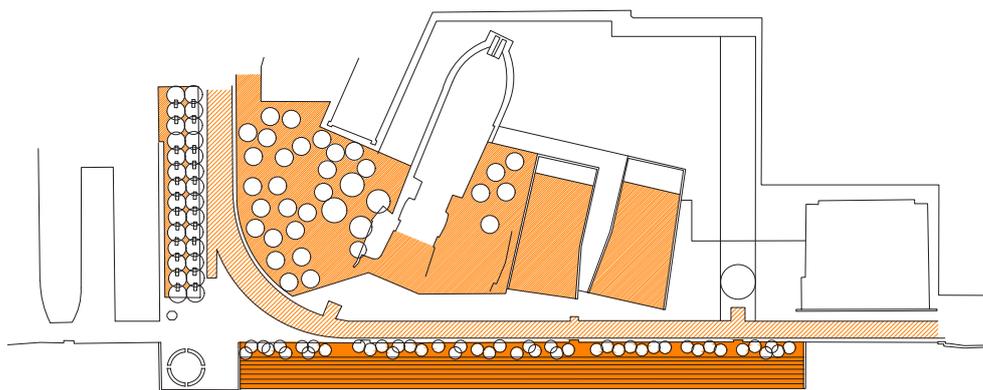
3.29 | Intervenção de Estudo: Ribeira das Naus - Lisboa
GLOBAL arquitectura paisagista + PROAP, 2012

Programa

Conexão ao Rio | Estadia

Áreas Verdes

Circulação automóvel



Planta - tipo [fragmento]



Secção - tipo



Fotografia



Aproveitar os taludes e aterros que suportavam a linha ferroviária será uma das premissas para reaproveitar este lugar. Para além da mobilidade, estes níveis oferecem outro tipo de oportunidades: a ocupação. Não querendo tornar esta nova frente como um eixo de ligação deserta e sem urbanidade, serão criados espaços que, tendo em conta os casos de outras cidades apresentadas, remetem para uma ocupação comercial, actividades náuticas e de recreio, tornando este espaço como um lugar para visita e permanência. Também a sua ligação com a água, tal como noutros tempos, permitirá a criação de uma Doca de Recreio remontando aos tempos em que o Rio servia como infra-estrutura, lugar de lazer, de trabalho e subsistência. Tanto no caso da intervenção na cidade de Argel, como nas antigas muralhas da cidade do Porto e na frente ribeirinha de Lisboa, o propósito foi a criação de infra-estruturas comerciais e de lazer que consigam conectar a cidade com o rio, criando também oportunidades de usos e de ocupação — o que se procura para a proposta da cidade de Santarém.

Nos dias de hoje, olhamos tanto para a Alfange como para a Ribeira como lugares abandonados, sendo inerente a possibilidade de enquadramento de novas oportunidades quando olhamos para o desenho da margem que delimita a cidade e para os edifícios que, em tempos marcaram uma singularidade nesses lugares. Esses edifícios perderam esse seu papel e, com isso, o lugar perdeu todas as suas valências.

O património urbano, enquanto forma identitária criada, é resultado de um processo contínuo de reinvenções ou reinterpretações da história que muda na medida em que esta transita de sociedade em sociedade, de cultura em cultura. E, nesse processo de apropriação cultural, são incorporadas formas distintas de intervenção, construção e uso do património.

(SILVA, 2017, 353)

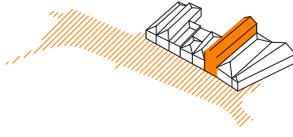
Para além da análise sugerida no capítulo 2, existe um conjunto de edifícios que foram alvo de um estudo mais aprofundado, pela sua relação com espaço público, pelas suas funções anteriores que a fizeram valorizar como património urbano, assim como pelo seu poder hierárquico nesta realidade ribeirinha. Pelo que, serão estes os espaços escolhidos para albergar novas funções, numa procura de reestruturar a realidade ribeirinha da cidade, e de reanimar estes edifícios esquecidos pelo tempo, que se encontram obsoletos.



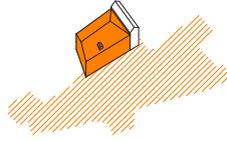
Igreja de Santa Iria
Ribeira de Santarém
Em restauro



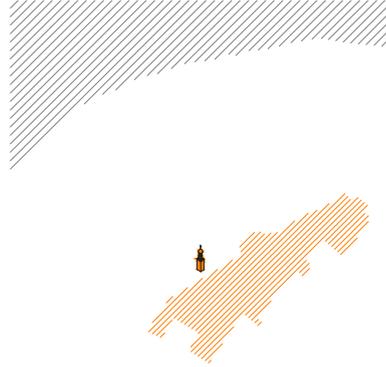
Antiga Adega
Ribeira de Santarém
Edifício para venda



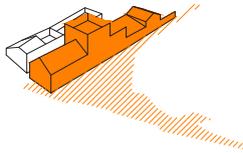
Edifício de Habitação
Ribeira de Santarém
Edifício para venda

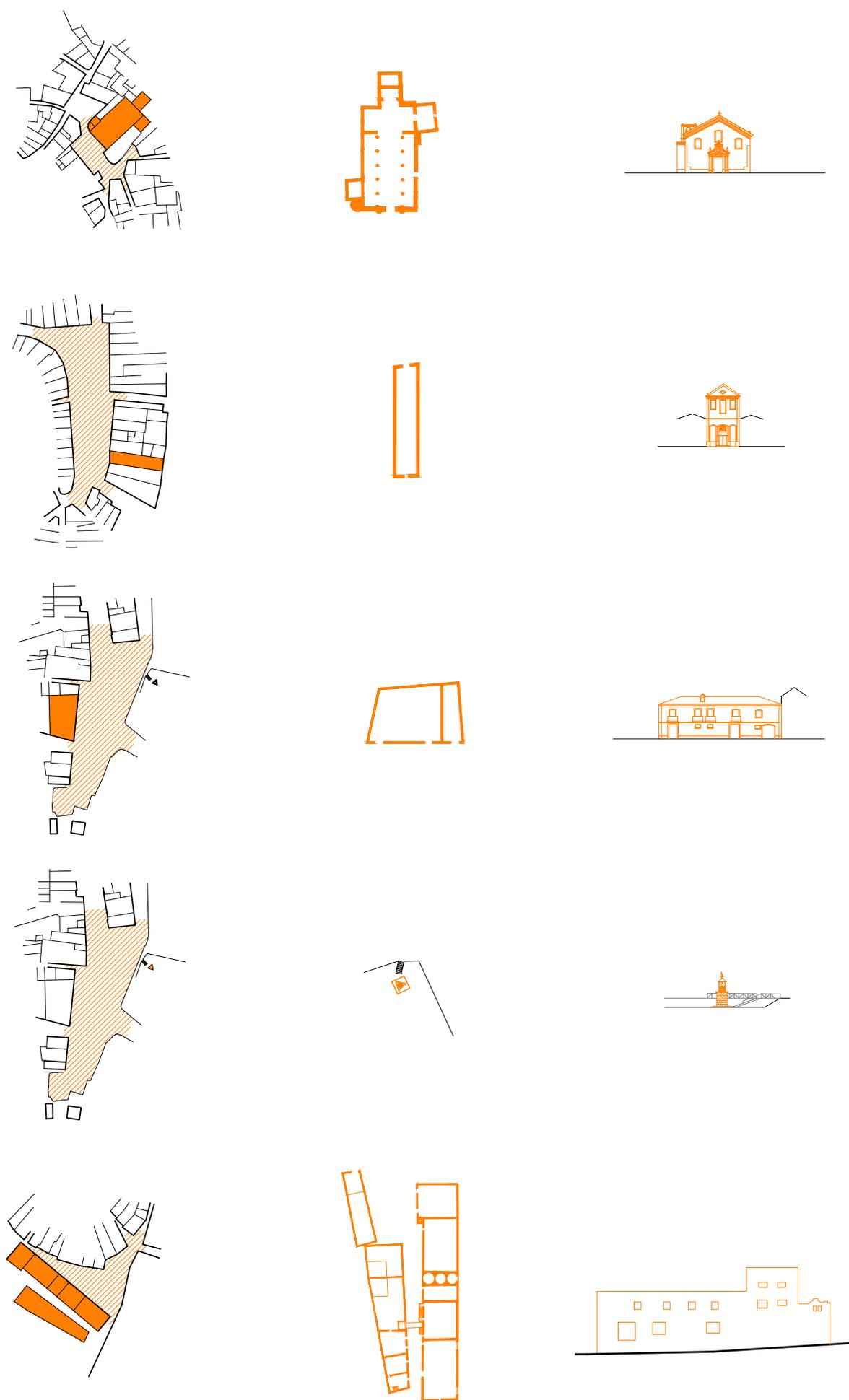


Padrão de Santa Iria
Ribeira de Santarém
Obsoleto



Fábrica de Sabão
Alfange
Em ruína





3.32 | Esquema Comparativo dos Edifícios Singulares em estudo na Zona Ribeirinha de Santarém

Para justificar a possibilidade de recuperação destes edifícios e não sendo possível intervir em todos numa proposta de escala arquitectónica, servirão os projectos adiante apresentados como exemplo para a intervenção dos estudados, alguns sem um carácter singular aparente, mas que através do seu restauro se tornam peças fundamentais de um tecido urbano activo.

Discoteca Lux Frágil, Lisboa
Fernando Salvador + Margarida Nunes

1997



Teatro Thalia, Lisboa
Gonçalo Byrne + Barbas Lopes

2012



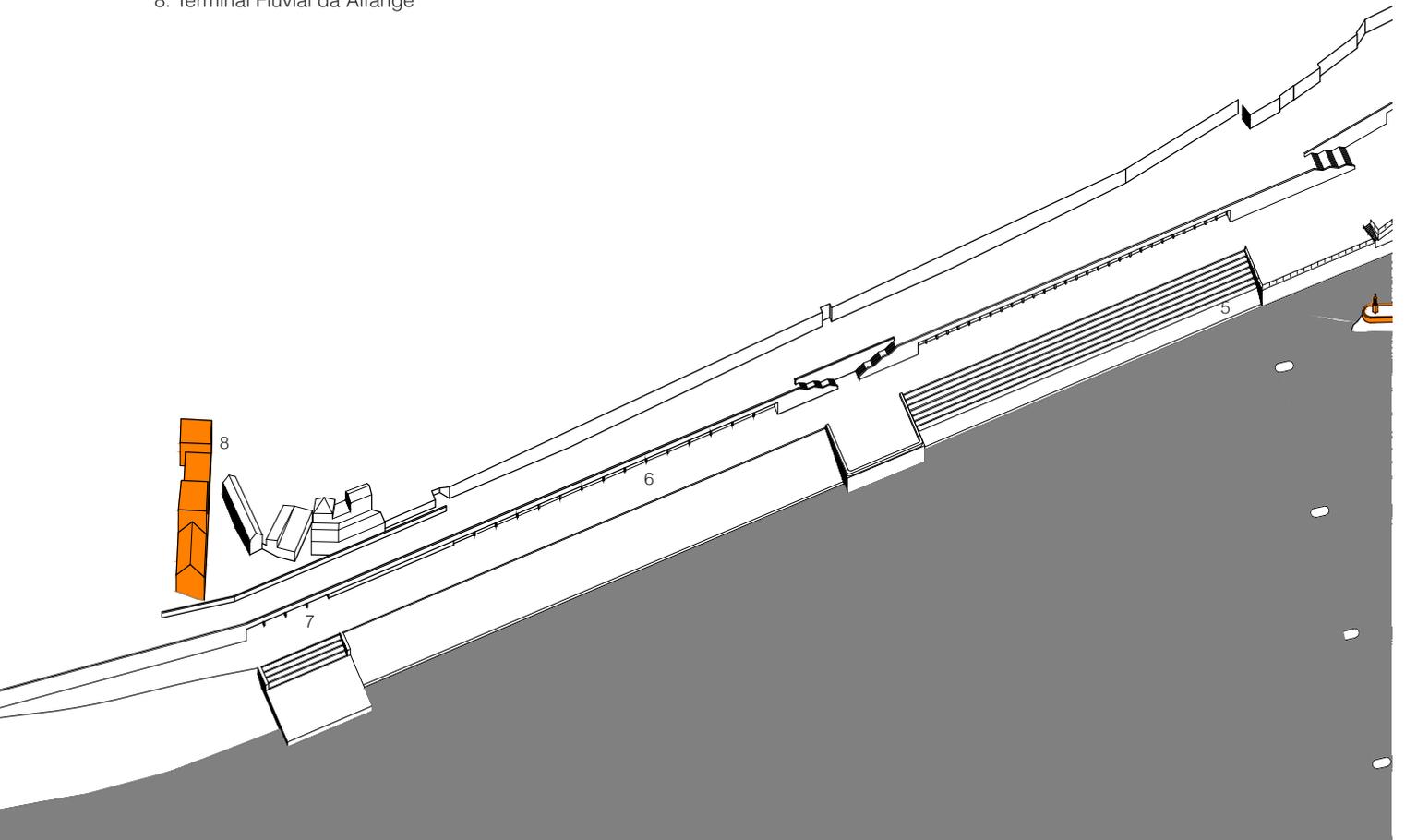
Será exposto um conjunto de intervenções a realizar e de equipamentos que se esperam reavivar Santarém, como uma cidade ligada ao rio.

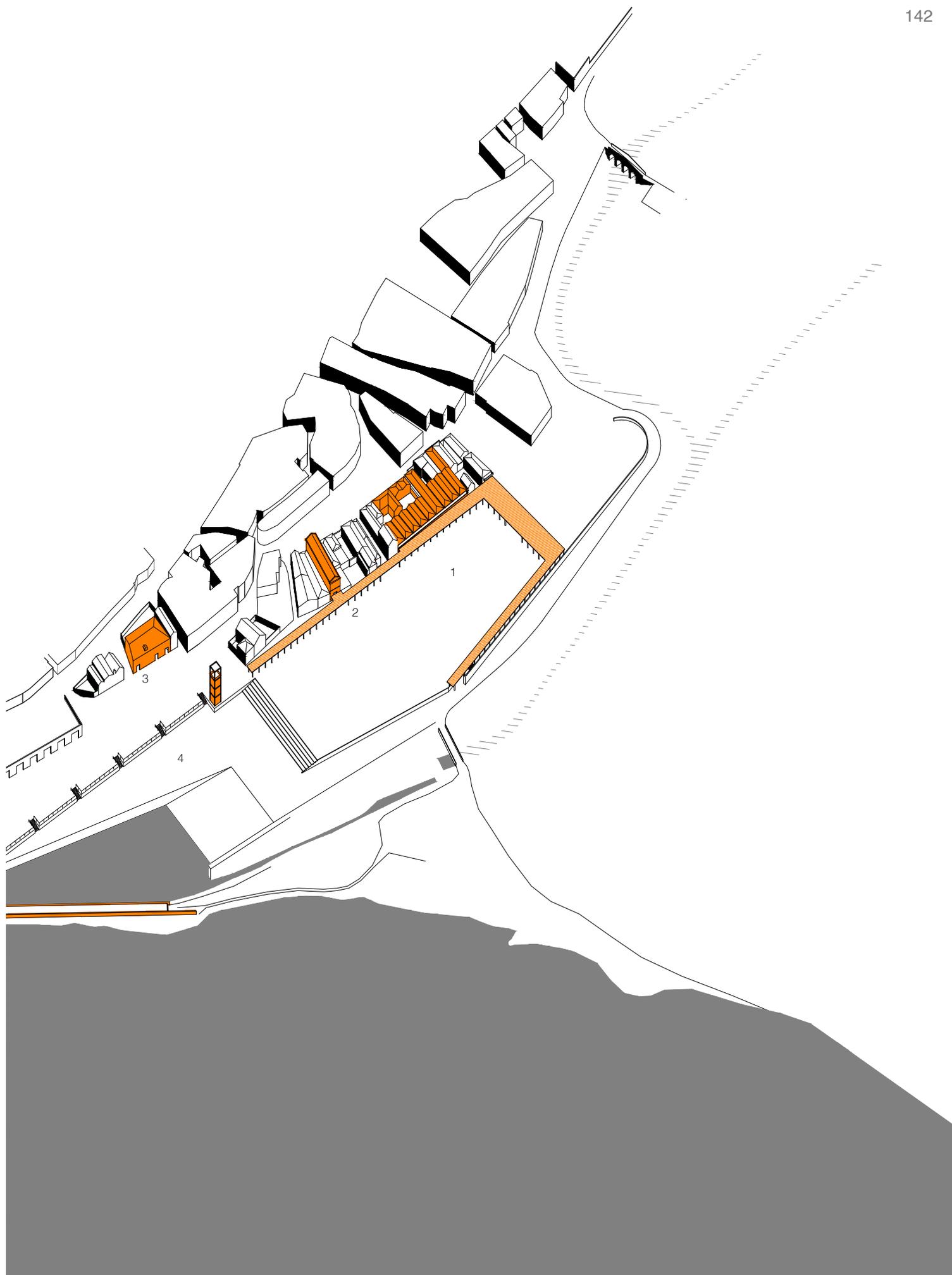


3.33 | Exemplos de intervenções em edifícios obsoletos

3.34 | Programa
a Frente Ribeirinha

1. Mercado da Ribeira + Terreiro de Feira
2. Novo núcleo para Rancho Folclórico da Ribeira
3. Nova Sede e Armazém para Clube de Canoagem
4. Doca de Recreio
5. Espaços Comerciais
6. Armazéns + Oficinas
7. Nova passagem entre o Rio e a Alfange (Fonte de água)
8. Terminal Fluvial da Alfange





Fábrica da Alfange



Restauro da Fábrica para Centro Interpretativo e Pavilhão Multiusos

Edifício de Habitação



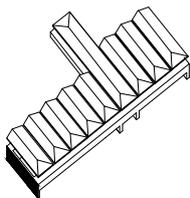
Reconversão para Centro Náutico
Aproveitamento de Piso Térreo para Armazéns e 1º Piso para Sede

Adega



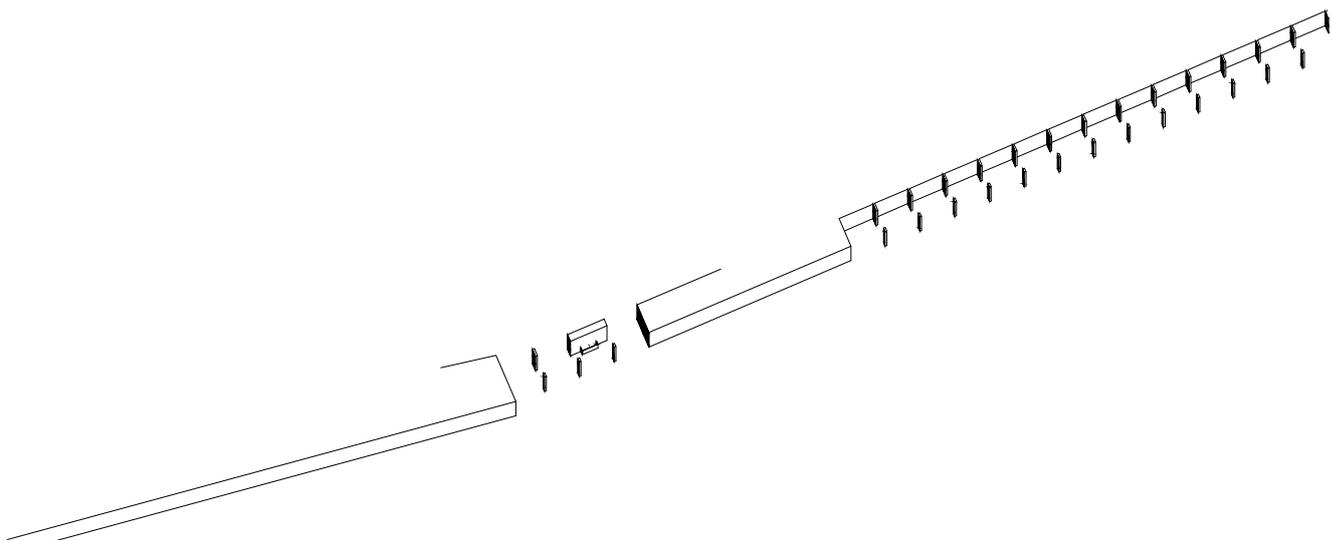
Regresso do Rancho Folclórico à antiga Sede.
Aproveitamento para Sala de Eventos e novas instalações para o actual restaurante

Quarteirão



Consolidação do quarteirão, grande parte em ruína, para construção do Mercado Municipal, oferecendo oportunidades de comércio, actualmente escassas

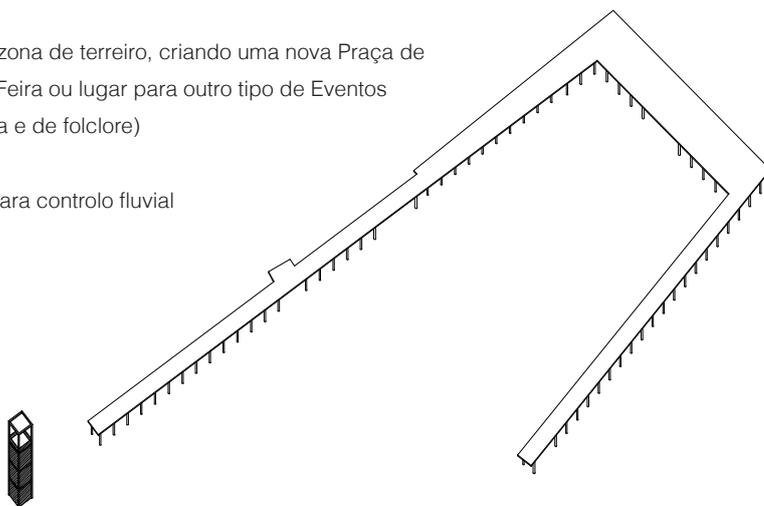
3.35 | Proposta de intervenção para a Frente Ribeirinha
Detalhe



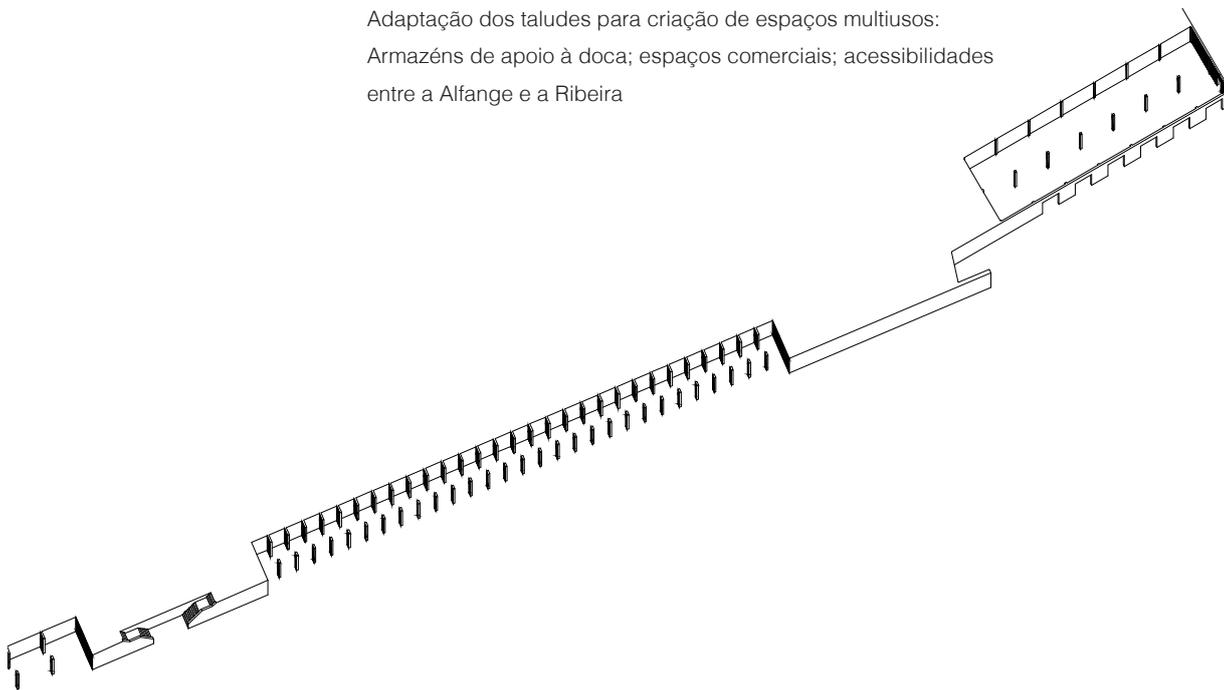
Novo desenho para a zona de terreiro, criando uma nova Praça de Comércio, Terreiro de Feira ou lugar para outro tipo de Eventos (ex: festivais de música e de folclore)

+

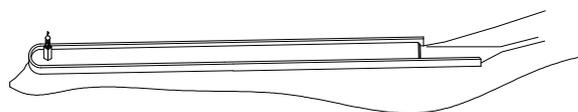
Torre de observação para controlo fluvial

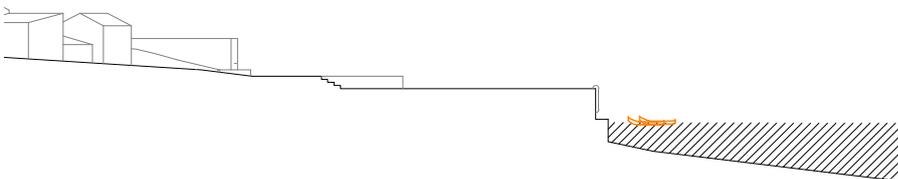
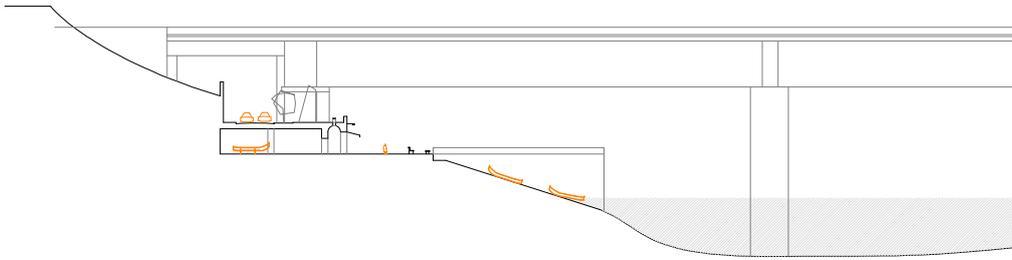
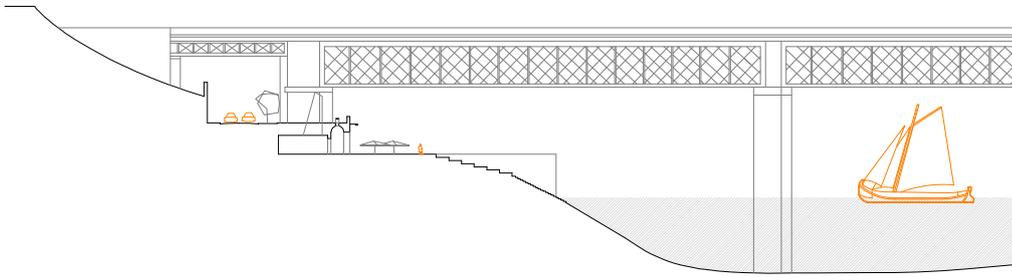
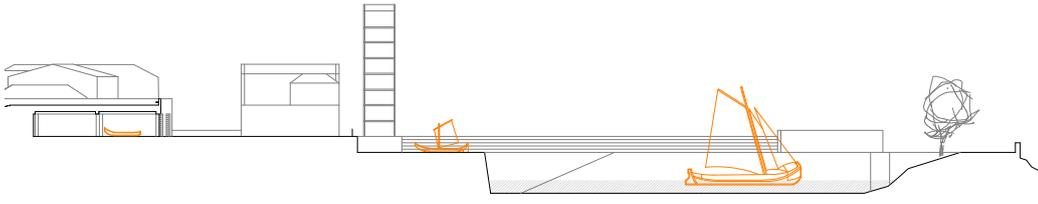


Adaptação dos taludes para criação de espaços multiusos: Armazéns de apoio à doca; espaços comerciais; acessibilidades entre a Alfange e a Ribeira

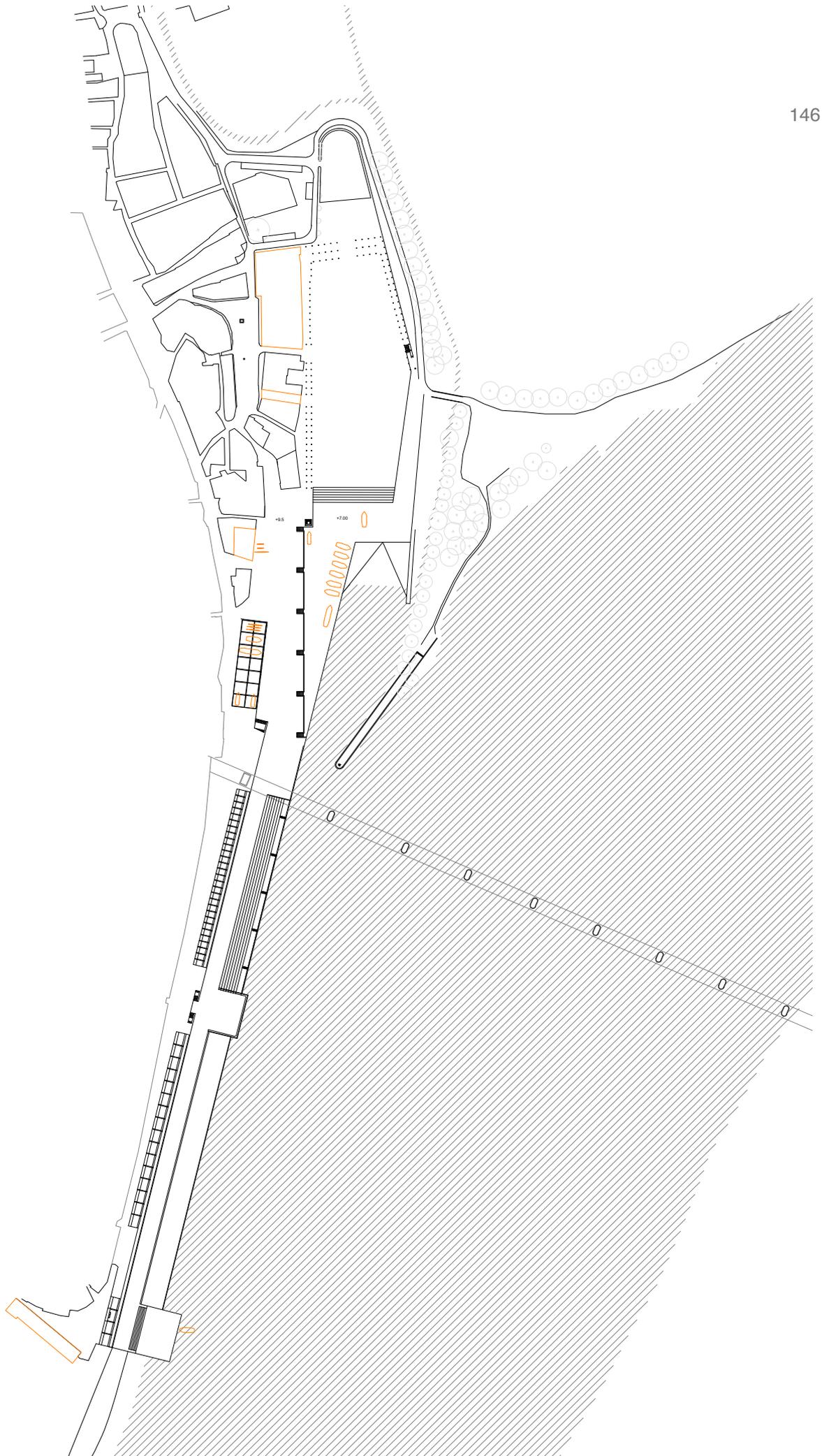


Pontão para protecção da Doca e novo lugar para o Padrão da Santa Iria da Ribeira, mais perto do Rio





3.37 | Planta de espaços interiores propostos



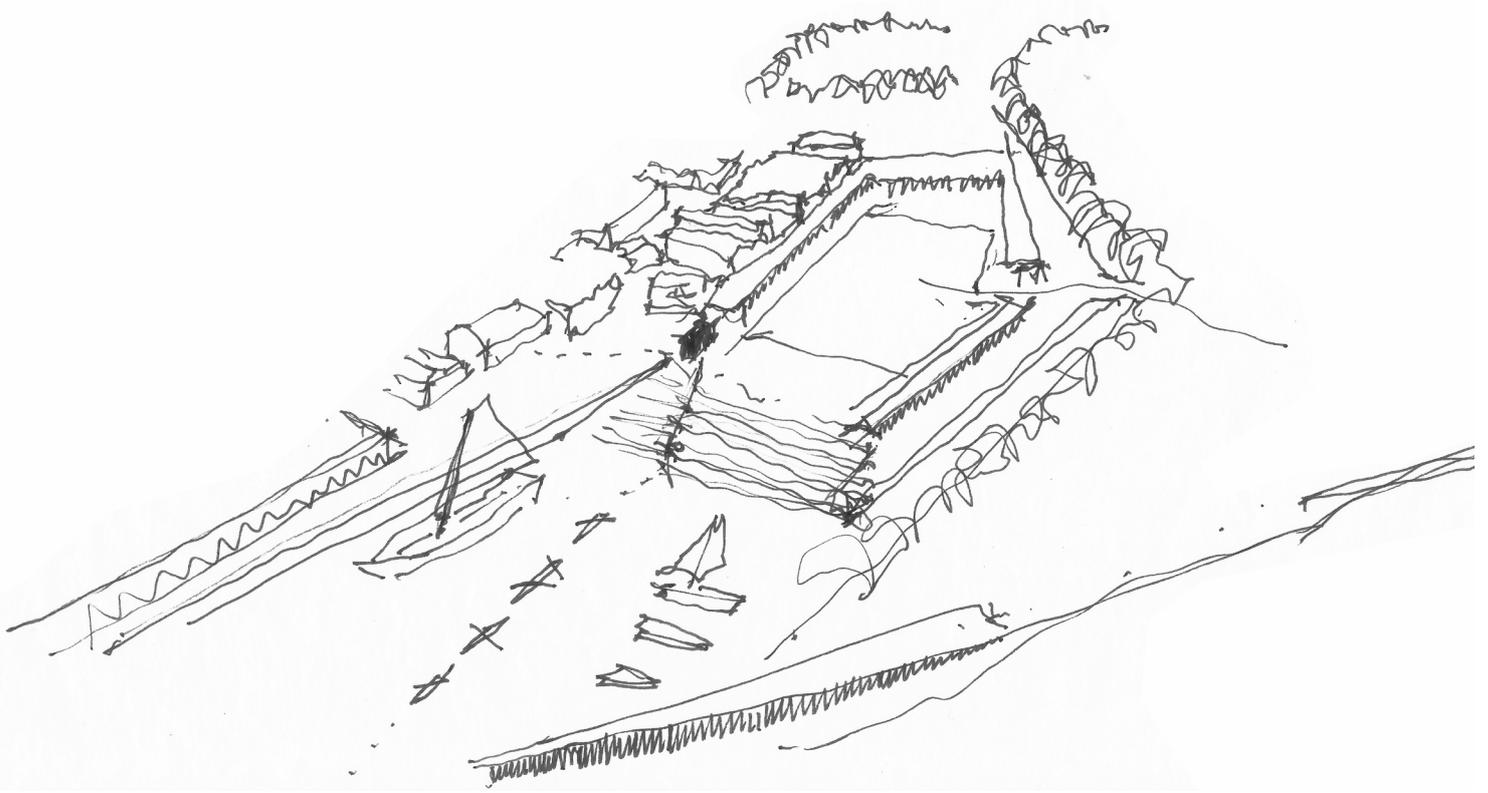
A acção sobre o património não pode ser entendida como um acto preservacionista no sentido da sua congelação, mas sim analisada a partir da sua habilidade e liberdade criativa. O espaço existente já contém criatividade, e desse ponto de vista, é apenas acrescentado um novo elemento ao reportório de adições e sobreposições efectuadas na sua construção ao longo do tempo.

(SILVA, 2017, 479)

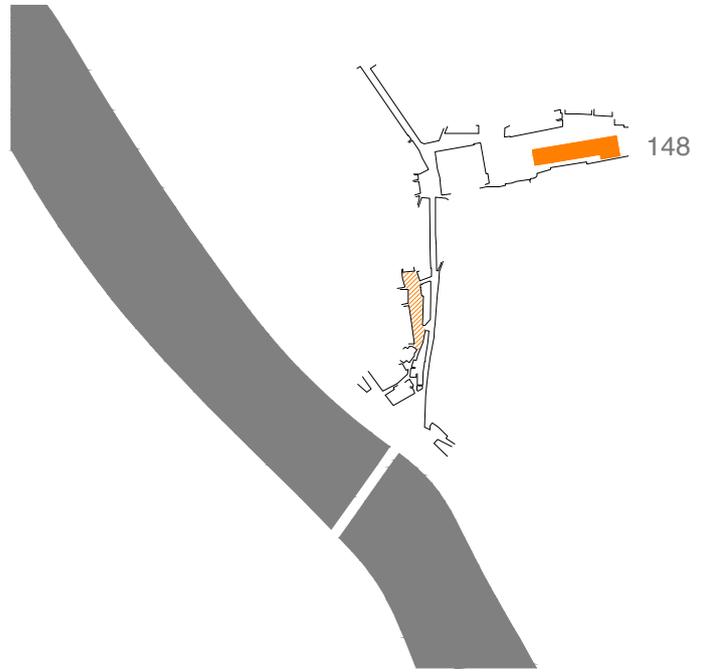
Ao longo deste trabalho, reconhecemos desde sempre na Ribeira de Santarém a sua importância na ligação da cidade ao Rio. Derivado disso, este núcleo sempre foi palco de recepções por via fluvial, e lugar para trocas comerciais. Com o passar dos anos, essas vivências perderam-se até ao ponto de apenas restar um espaço comercial nestes núcleos ribeirinhos. Foi com esta fundamentação que se acertou o programa prioritário a aplicar neste lugar, sob as circunstâncias apresentadas anteriormente, sendo o que será desenvolvido em maior detalhe. Para além das necessidades deste lugar, foi tido em consideração parte da análise desenvolvida nas Cidades de estudo, que enfatizam uma vinculação entre os espaços comerciais, de lazer e a sua proximidade com a água.

Apesar de ser muito ligada às antigas culturas mercantis e de transporte fluvial, actualmente, essas mesmas funções permanecem activas, tornando-se acertada a escolha da temática a desenvolver.

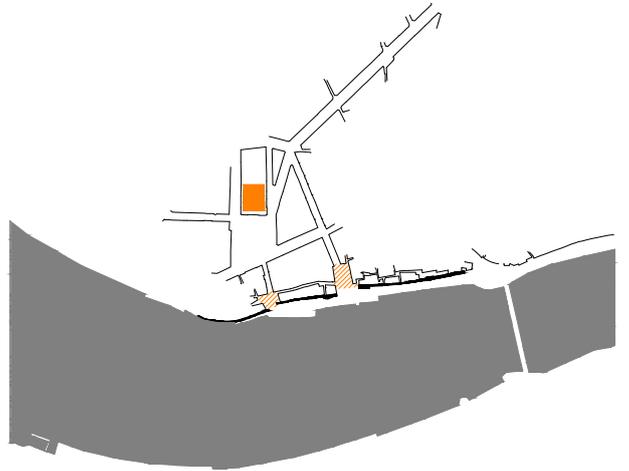
Assim, este projecto terá que ter em respeito também a valorização não só de todo este núcleo, como do espaço público que o envolve. Para além do Largo Oliveira Marreca, também o espaço que o sucede se caminhar-mos em direcção à Praia Fluvial se encontra desorganizado, destacando-se apenas o campo de futebol existente. Todos os outros espaços encontram-se obsoletos e degradados.



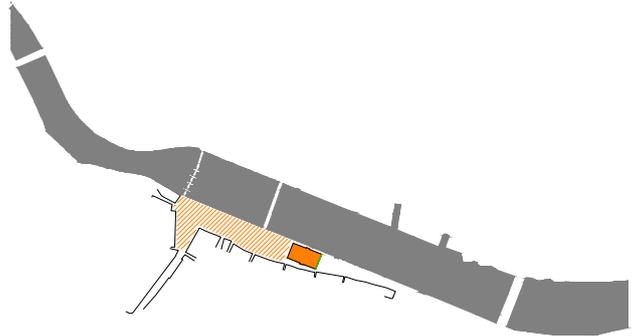
Coimbra
Mercado Municipal D Pedro V



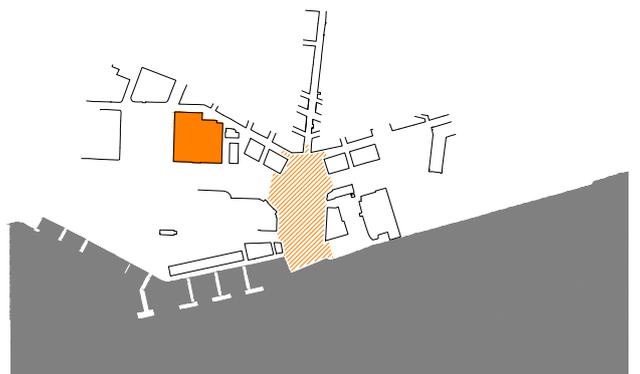
Porto
Mercado Ferreira Borges



Tavira
Mercado de Peixe



Lisboa
Mercado da Ribeira

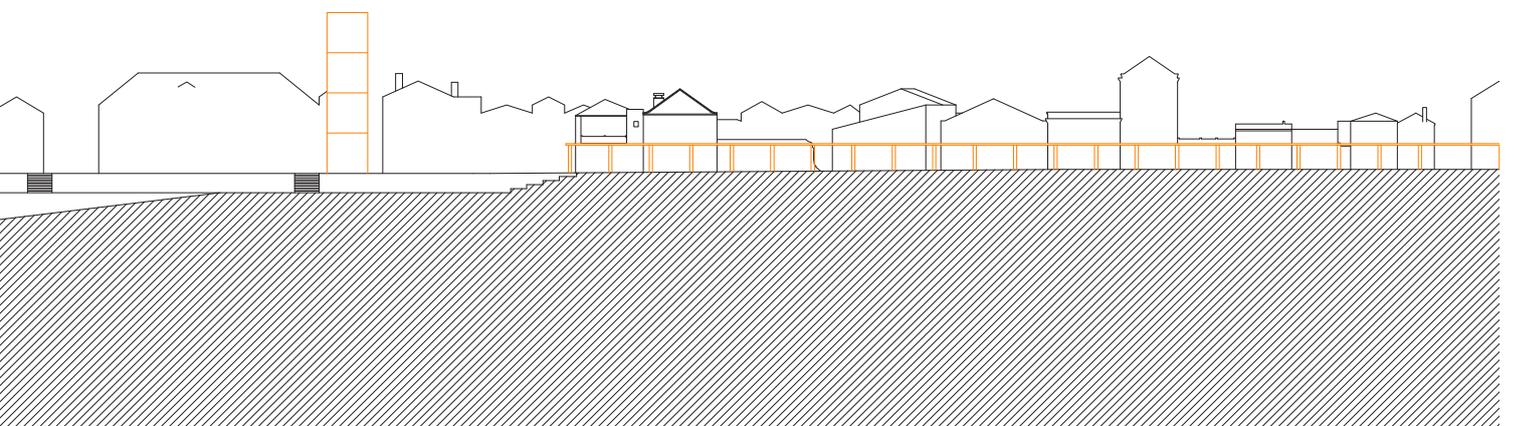
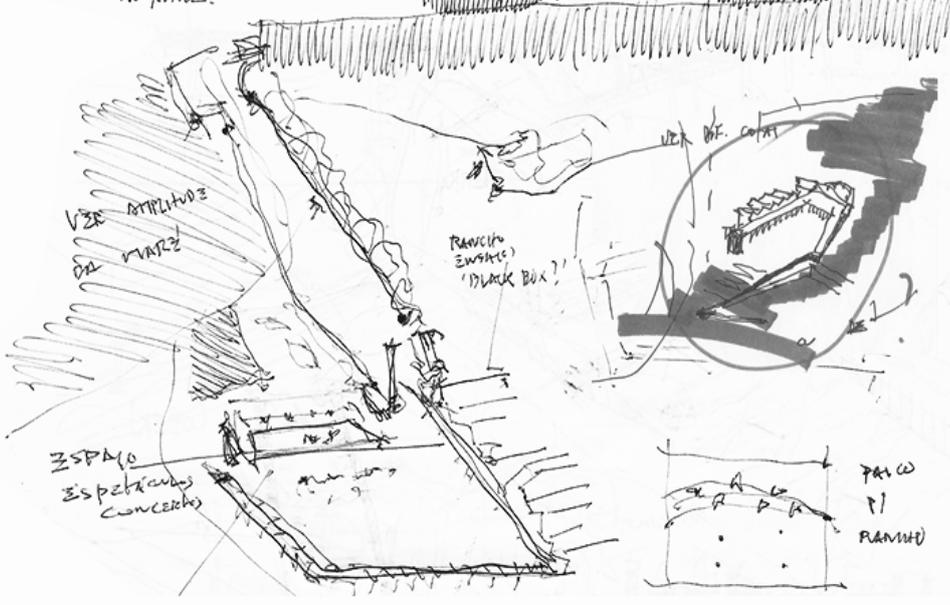


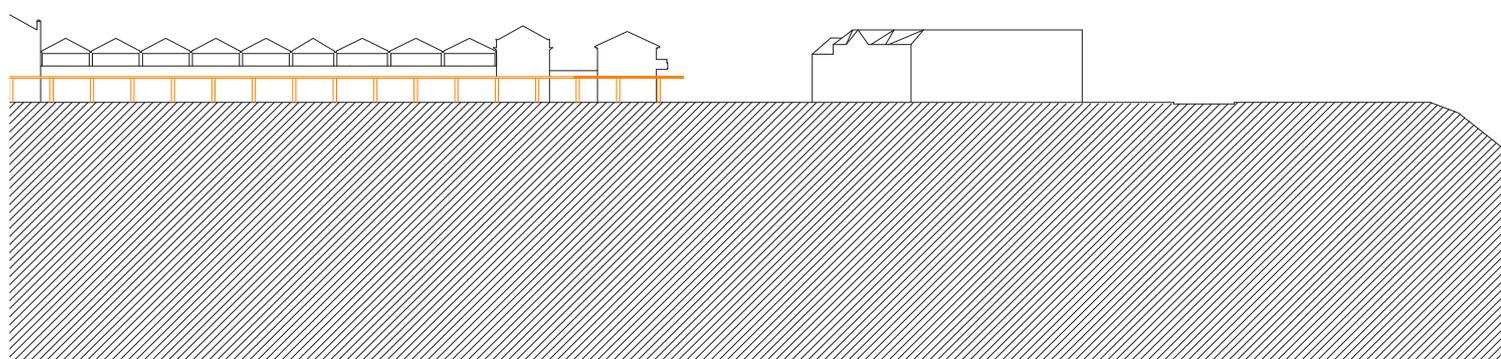
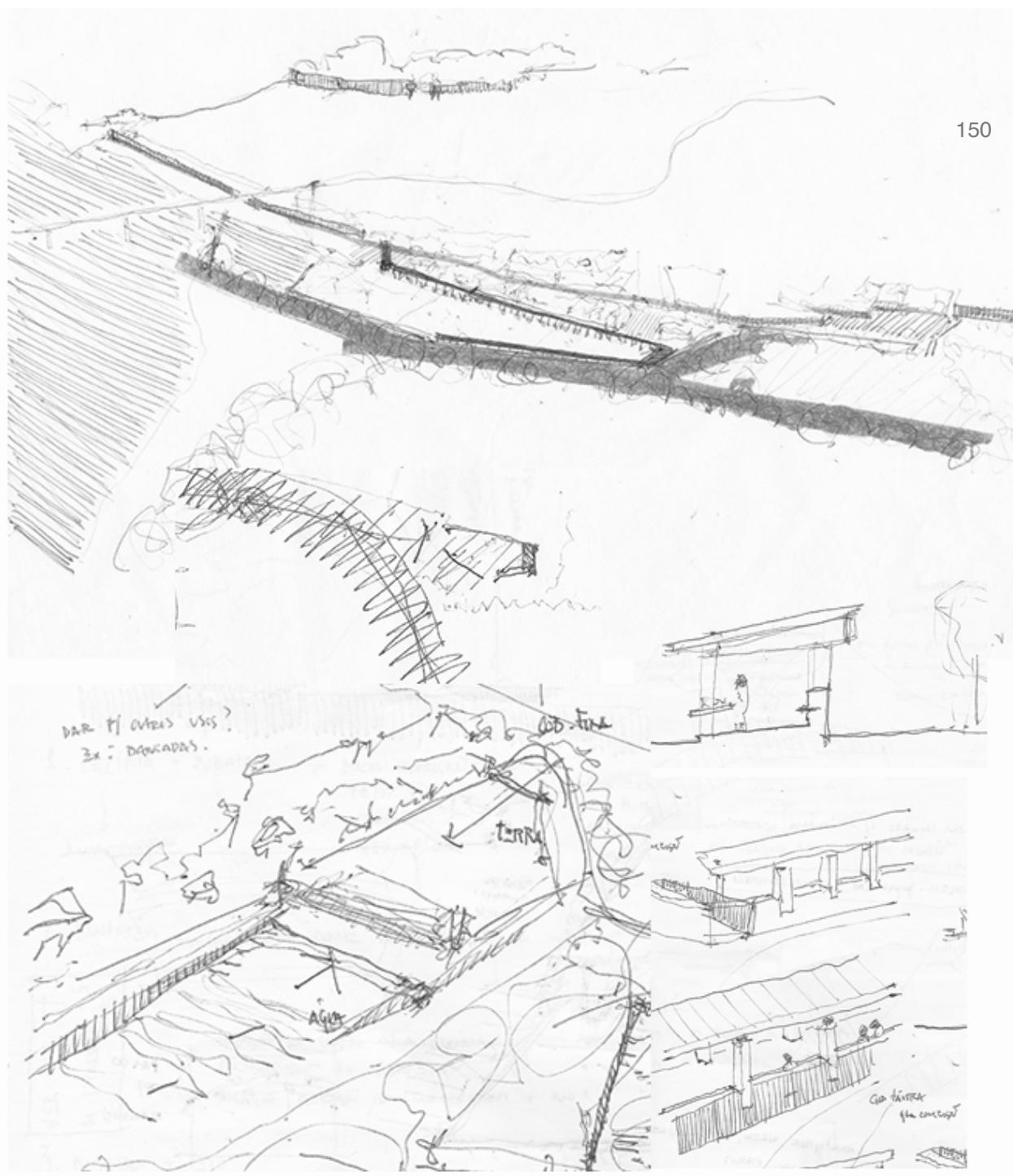
RANCHO

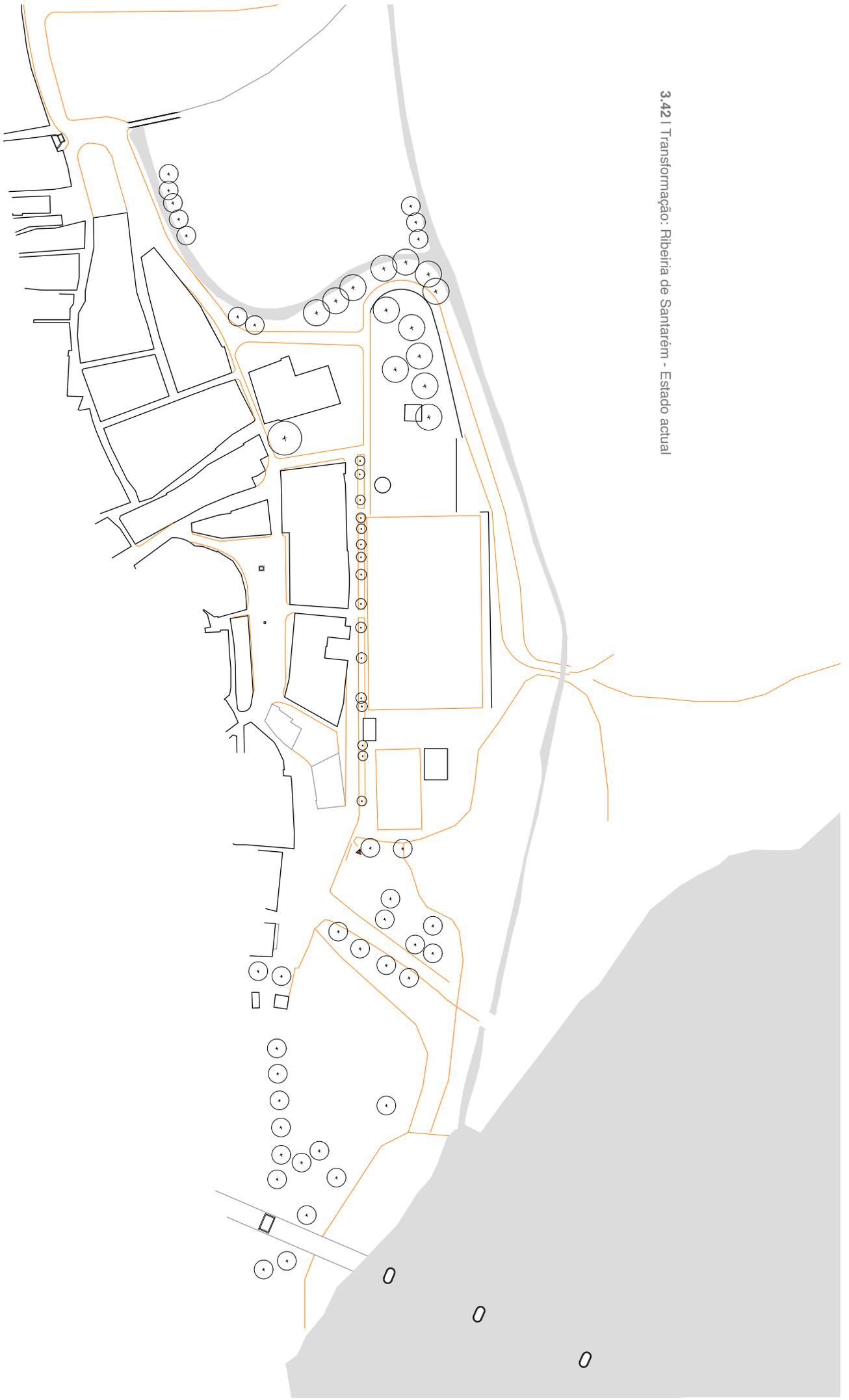
FOLCLÓRIO RIO. SANTARÉM

IM 30º FESTIVAL NACIONAL

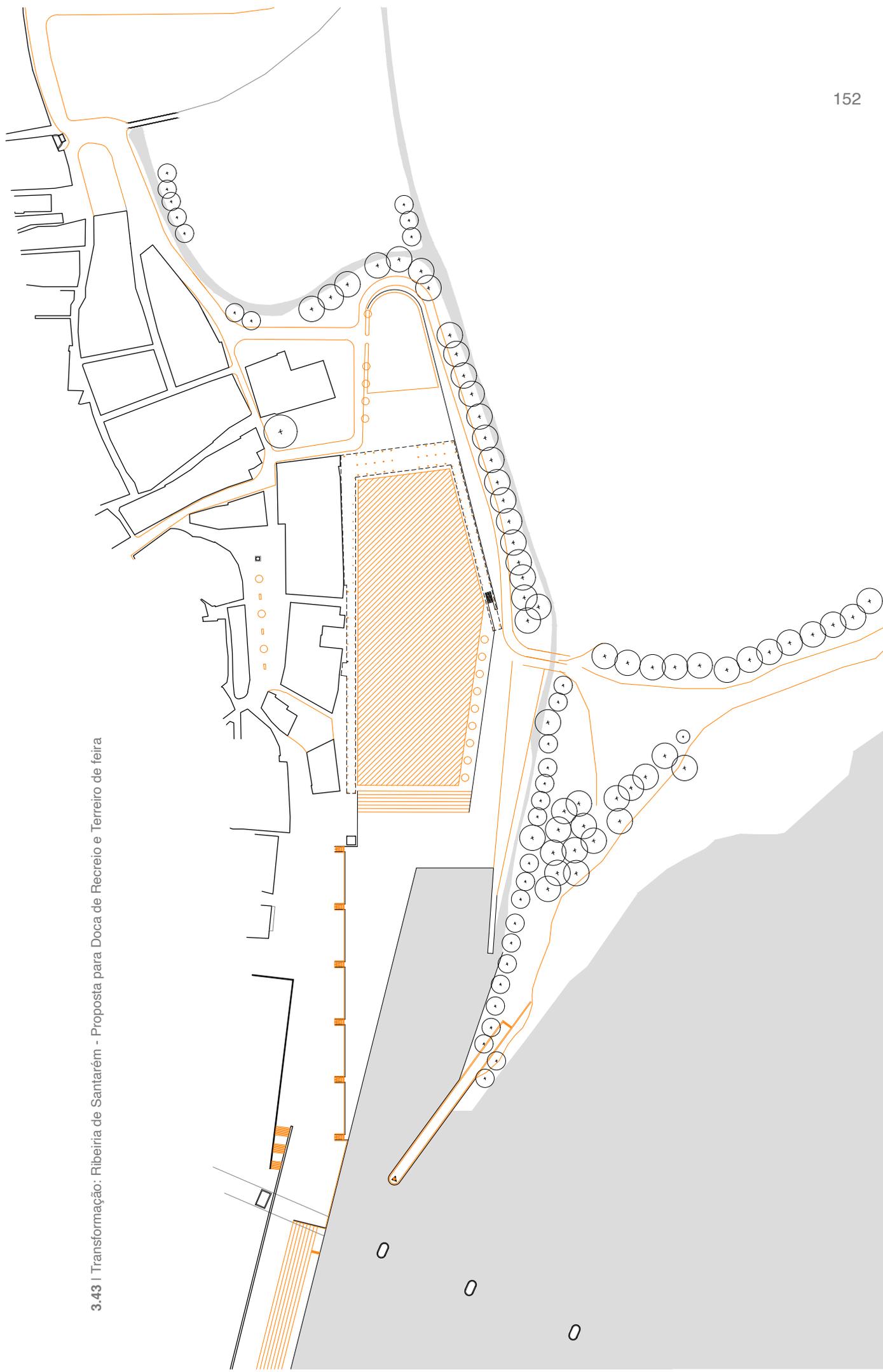
RIO TEJO 2017
NO VERÃO.



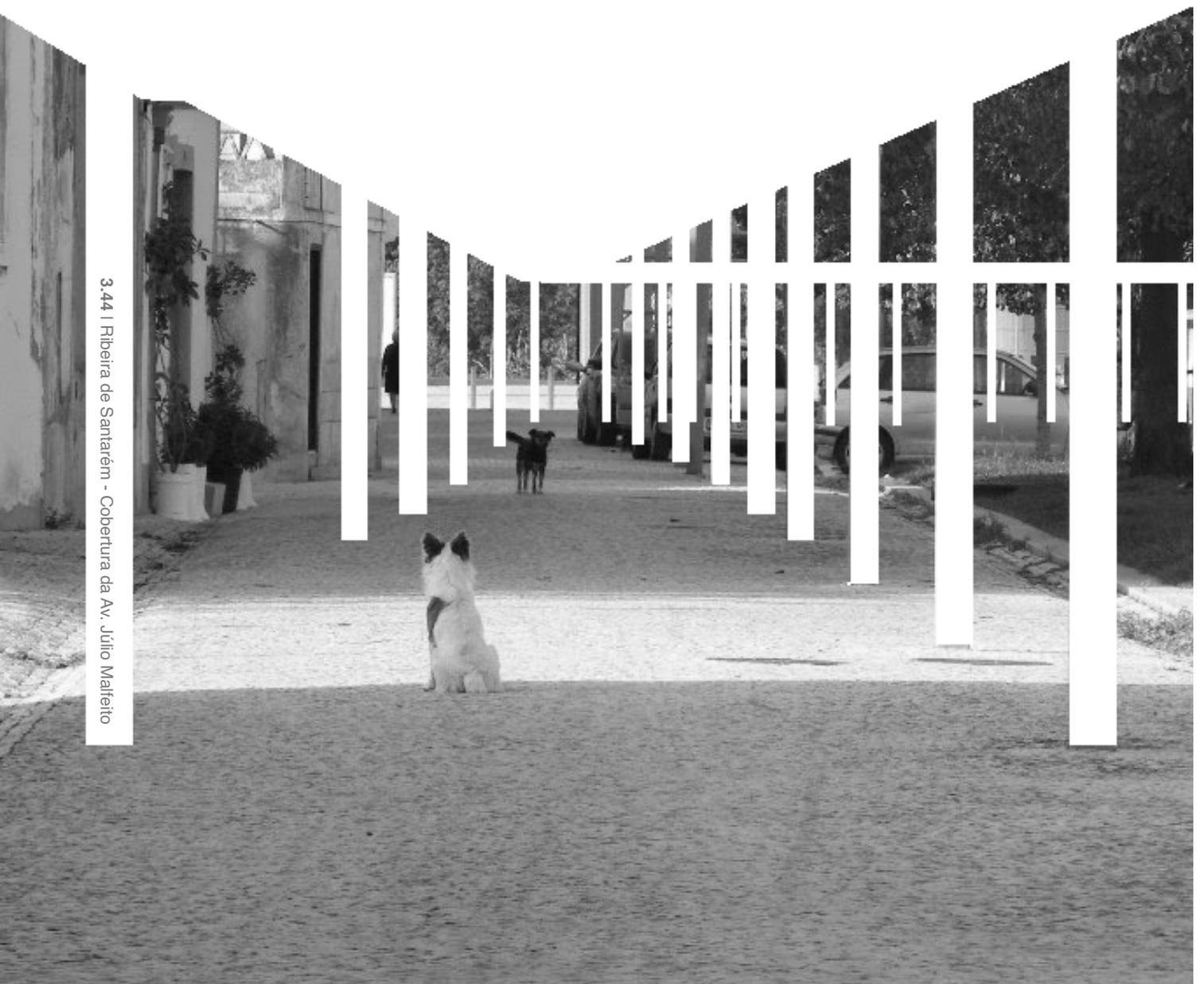


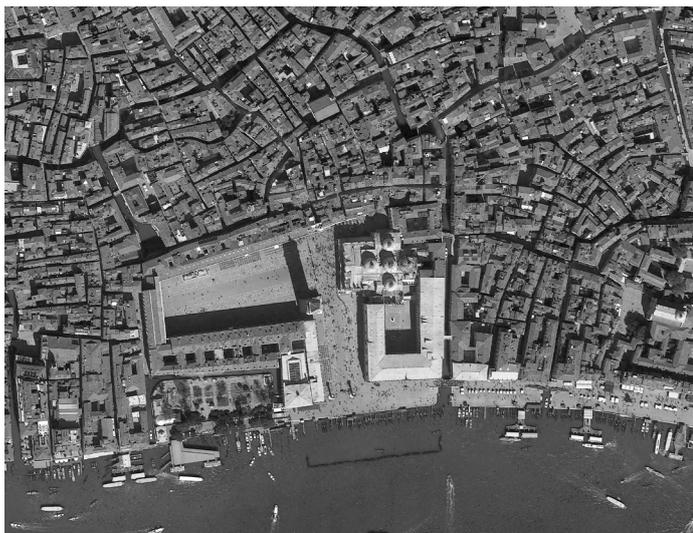


3.43 | Transformação: Ribeiria de Santarém - Proposta para Doca de Recreio e Terreiro de feira



3.44 | Ribeira de Santarém - Cobertura da Av. Júlio Malfreito



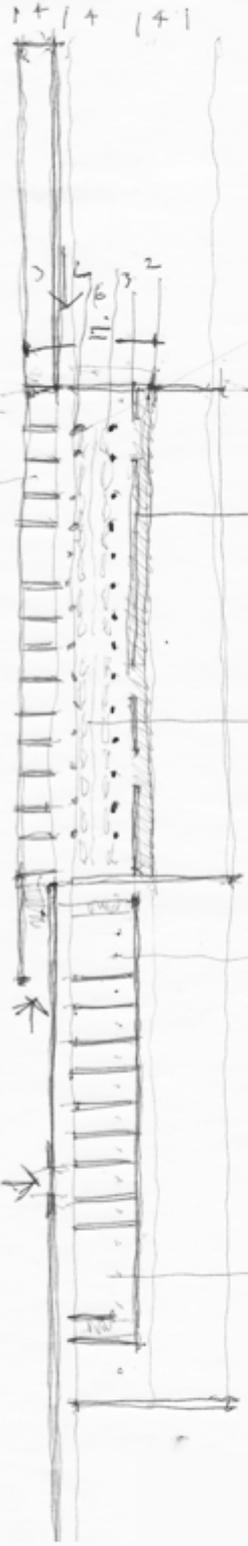
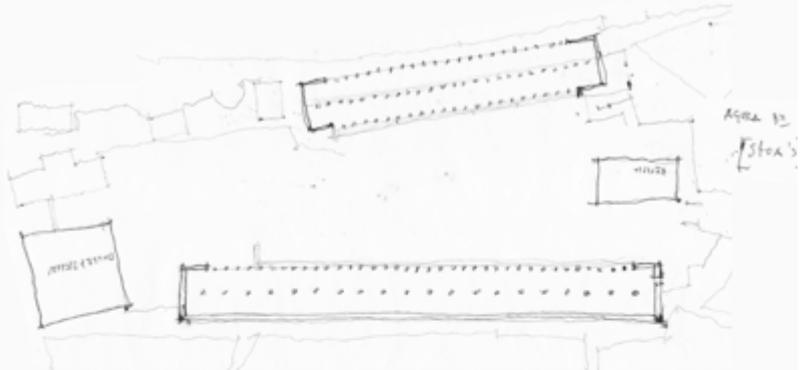


3.45 | Lugares de Exemplo: Piazza San Marco - Veneza
Praça do Comércio - Lisboa

Seguindo o raciocínio anterior, e encontrando ligações com o contexto cultural presente em Santarém relacionado com as festas populares, com a feira e com actividades culturais, propõe-se a reconversão deste espaço em Terreiro de Feira para a cidade, assentando as actividades que actualmente ocorrem na Ribeira de Santarém, de uma forma mais digna - como festivais, feiras, eventos desportivos e culturais -, oferecendo a oportunidade para outras demais. A sua proximidade com a proposta Doca de Recreio pretende que não só o Largo dos Barcos seja a chegada por barco à cidade, mas sim, esta praça. Para isso, criar-se-á uma estrutura com a possibilidade de ser coberta para auxiliar essas actividades e, de uma forma conceptual, fechar este espaço, sendo a grande abertura virada para o rio.

Cumprindo os objectivos programáticos expostos no capítulo anterior, este terreiro será composto por dois novos equipamentos, reconvertendo o edifício da antiga adega e a criação de um Mercado Municipal, que visa colmatar a carência de comércio existente na Ribeira de Santarém. Numa crença de respeitar as actuais características do tecido edificado, e devido ao excessivo número de espaços e edifícios abandonados, partiu-se da ideia de consolidação desses mesmos espaços, respeitando a configuração inicial dos quarteirões. Para tal, tomou-se como primeira acção o estudo de edifícios que acolhessem este programa, tornando-se casos de referência para o projecto.

MERCADO CARANDA Souto Moura DRAGA 1984



AREA
1350 m² de lojas
1000 m² S/4

BANCADAS 2.20m

77

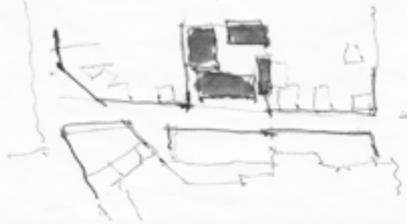
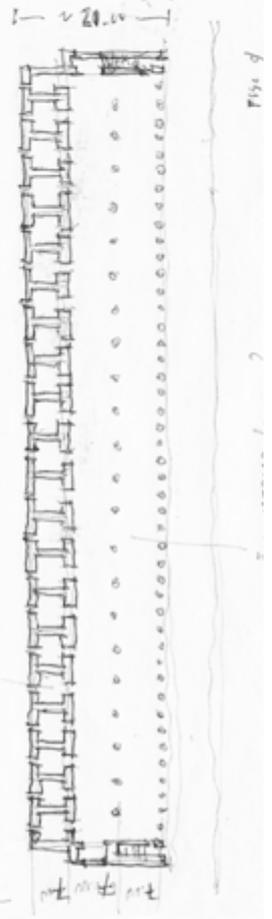
CORREÇÃO PÁRUA

6. C. CONV. + ARTIZ. (+ -1)



Portico para as lojas

SEDA DE ALGALOS

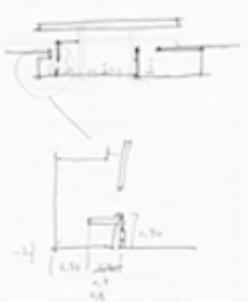


Edif. Principal Sda. 11^a Estoa
F. Fátima
1977

1. Alameda
m. simétrico



Galileu
Vitor Américo II,
Piedade Reis
1977
out

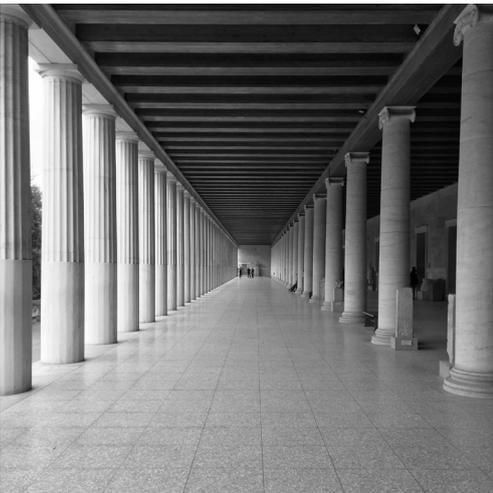




3.47 | Mercato de Braga
3.48 | Mercato del Pesce di Firenze



3.49 | Mercato di Rialto
3.50 | Mercato Nuovo di Firenze



3.51 | Stoa de Attalos
3.52 | Mercato de Ljubljana

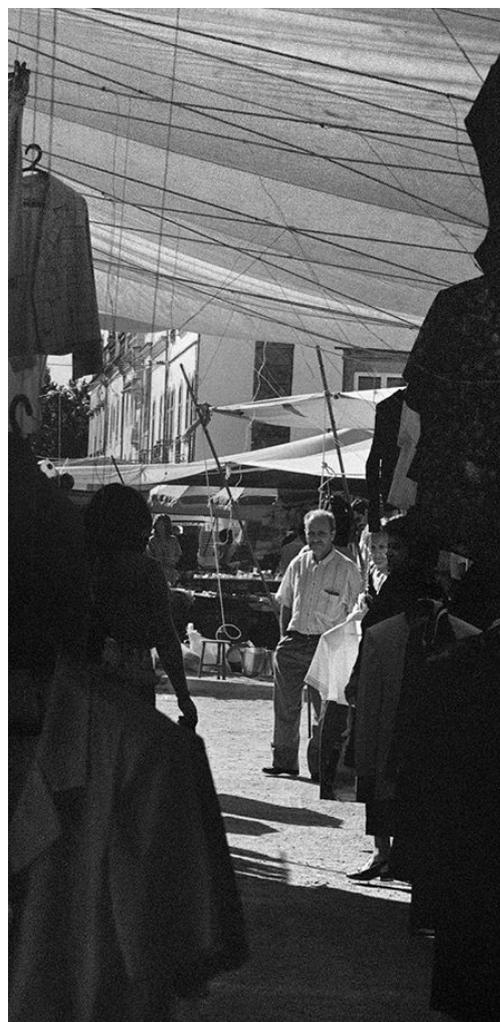
3.53 | Halle Centrale - Monpaizer



3.54 | Mercado de Vodice - Croácia



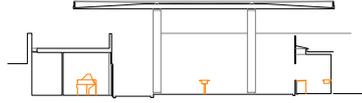
3.55 | Mercado de Castelo de Vide



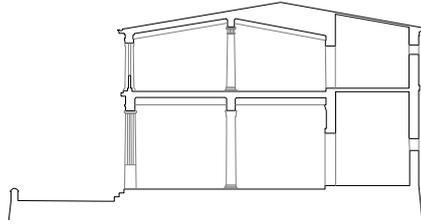
3.56 | Mercado Santa Maria da Feira



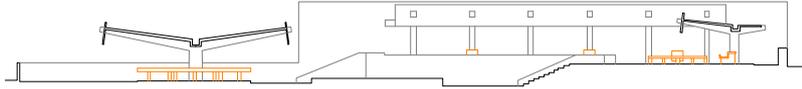
Mercado de Braga
Eduardo Souto Moura
1984



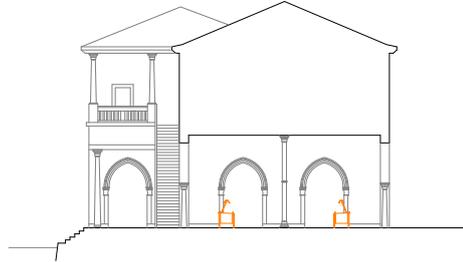
Stoa de Atfalos - Atenas
Autor não identificado
138 a.C.



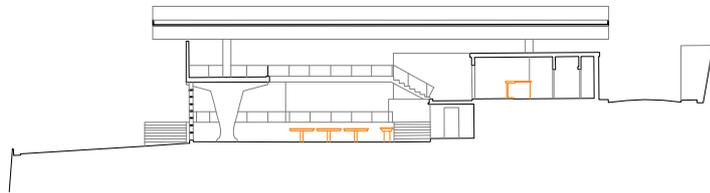
Mercado Santa M^a da Feira
Fernando Távora
1959



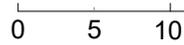
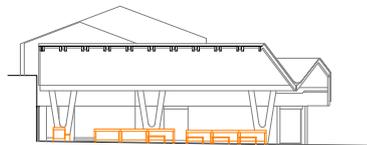
Mercato di Rialto - Veneza
Autor não identificado
1907

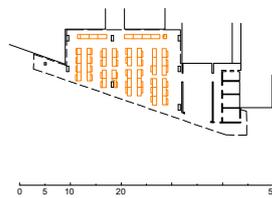
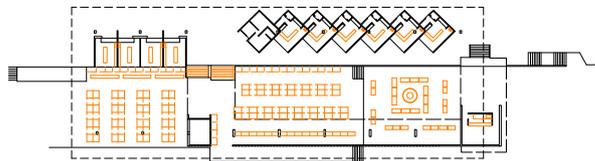
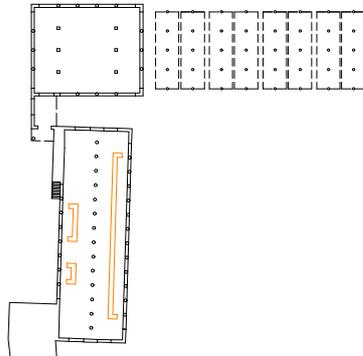
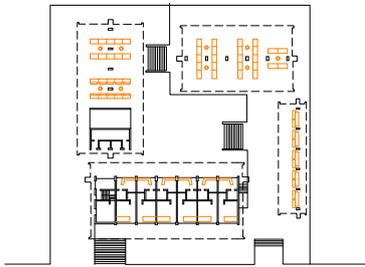
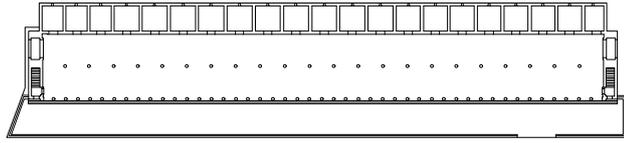
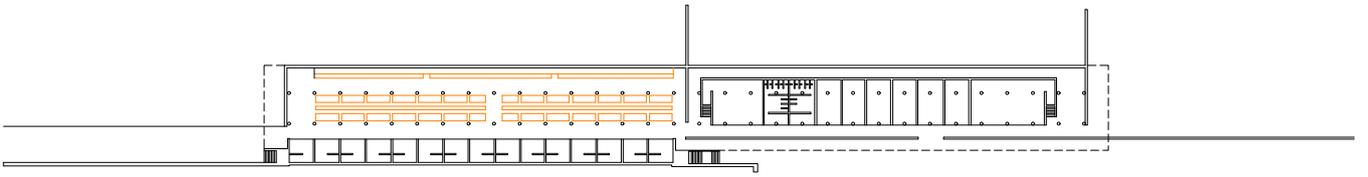


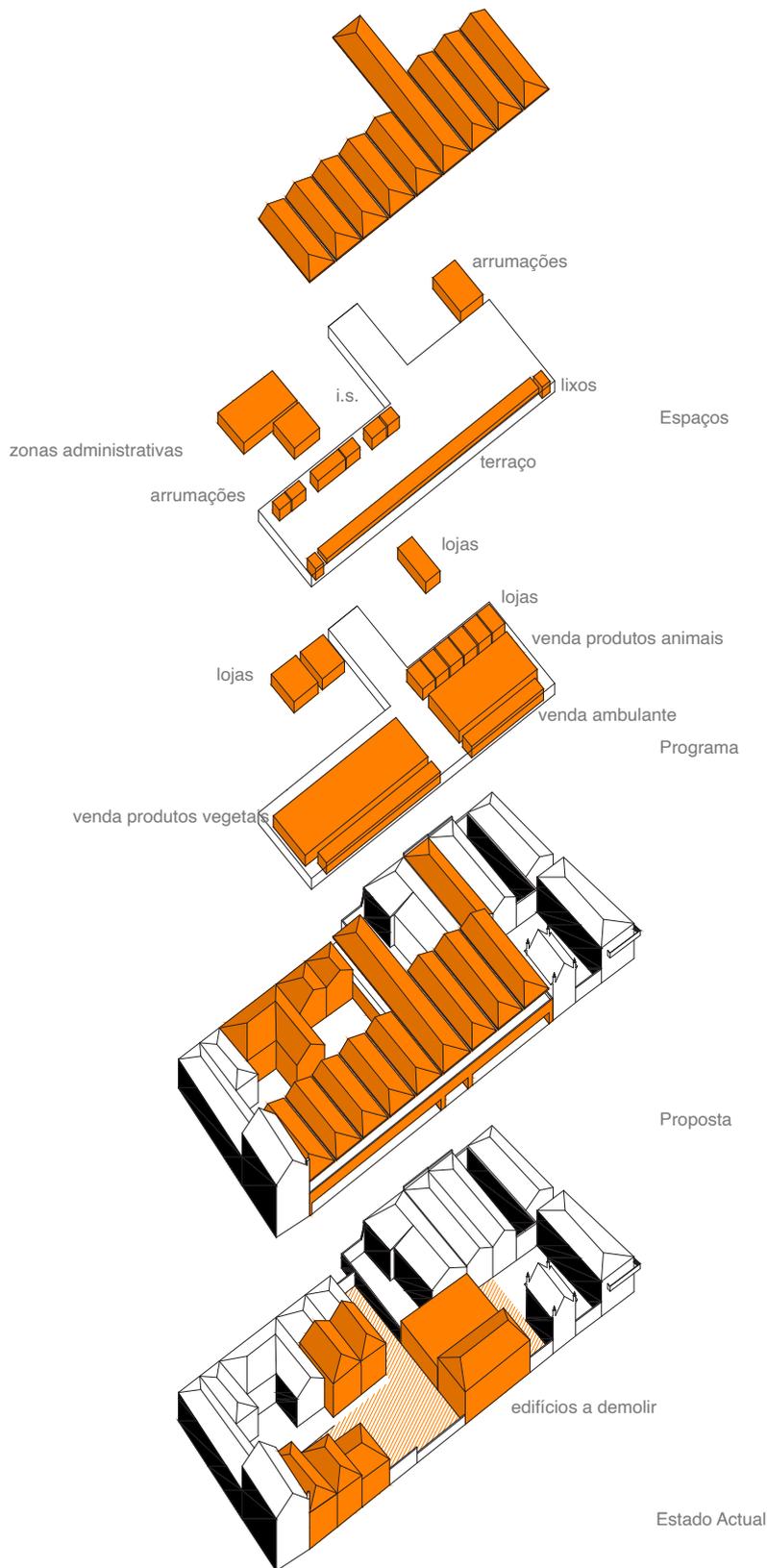
Mercado de Amarante
Januário Godinho
1960



Mercado de Vodice
Dinko Peracic
2014





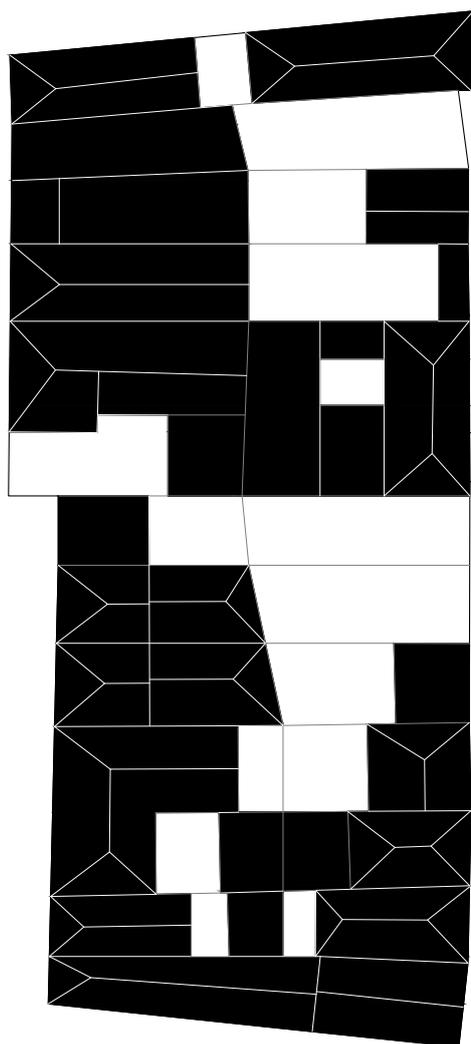


3.58 | Axonometria Explicativa da Proposta
Mercado Municipal da Ribeira de Santarém

Dos dois quarteirões existentes entre o Largo Oliveira Marreca e o novo terreiro proposto, houve um dos que se tornou com evidente necessidade de intervenção, pela sua degradação e abandono, assim como pelas oportunidades que oferecia através dos espaços livres e do seu conjunto icónico de toda este lugar.

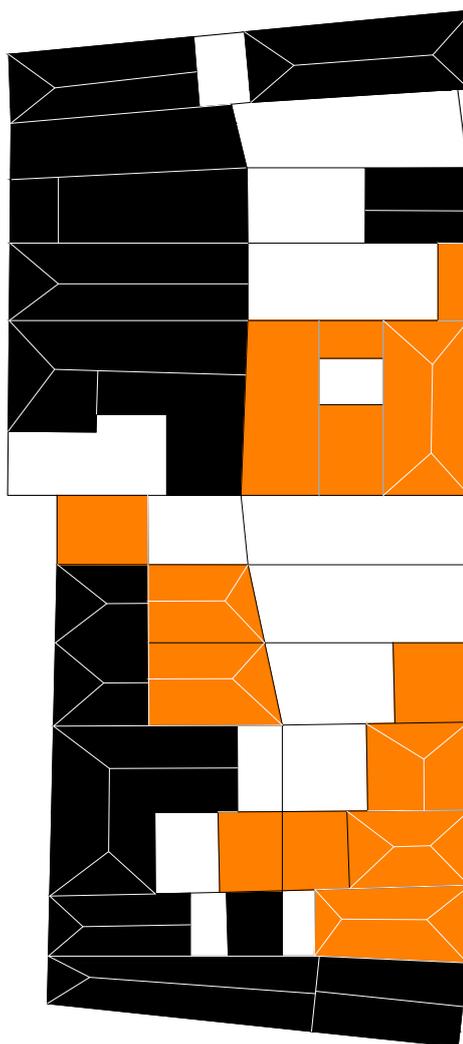


3.59 | Análise de Quarteirão - Out 2019

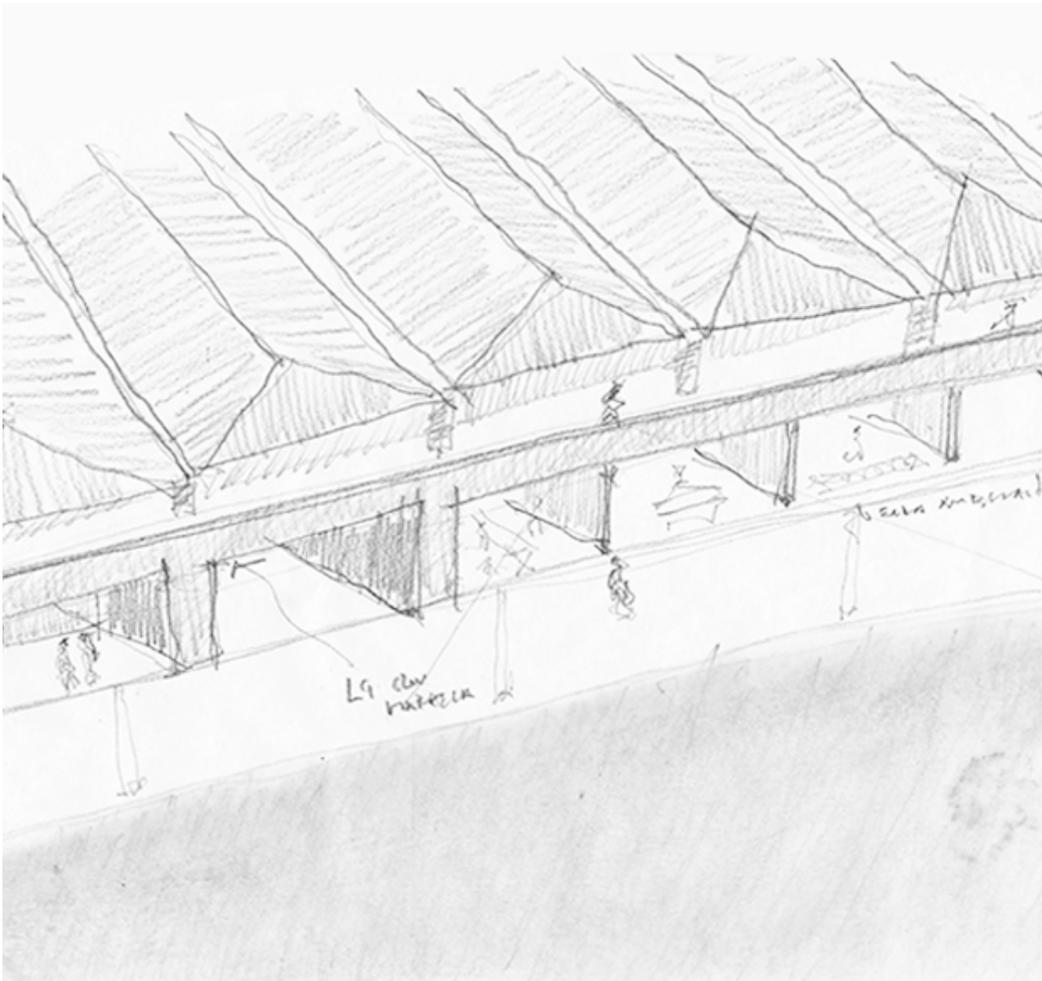


3.60 | Análise de Quarteirão - Tecido Edificado existente

Parte-se para um conjunto edificado dividido em parcelas de dimensão e configuração idênticas, bem como a cêrcea dos seus edifícios, na sua maioria, a não excederem os dois pisos. Para além dos espaços vazios ou ocupados de forma ilegal, um número considerado de edifícios encontra-se em estado avançado de degradação.

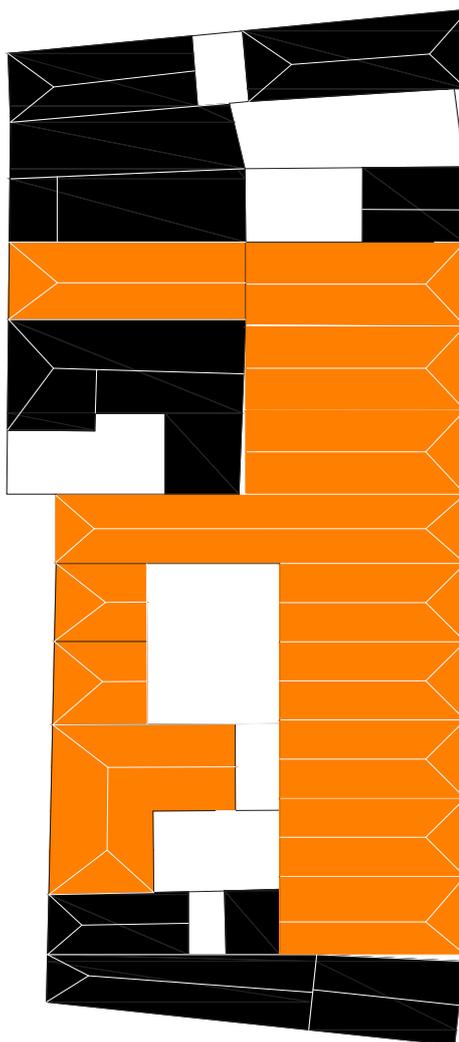


Portanto, surge a intenção de demolir as partes debilitadas do conjunto. Edifícios que se demonstram em mau estado e sem intenção de restauro ou, como é o caso do edifício que albergava o Rancho Folclórico de uma forma precária – e que, por isso, foi planeada a sua transição para outro edifício com maior dignidade (a antiga adega) – farão parte do conjunto de critérios estabelecidos para este processo.



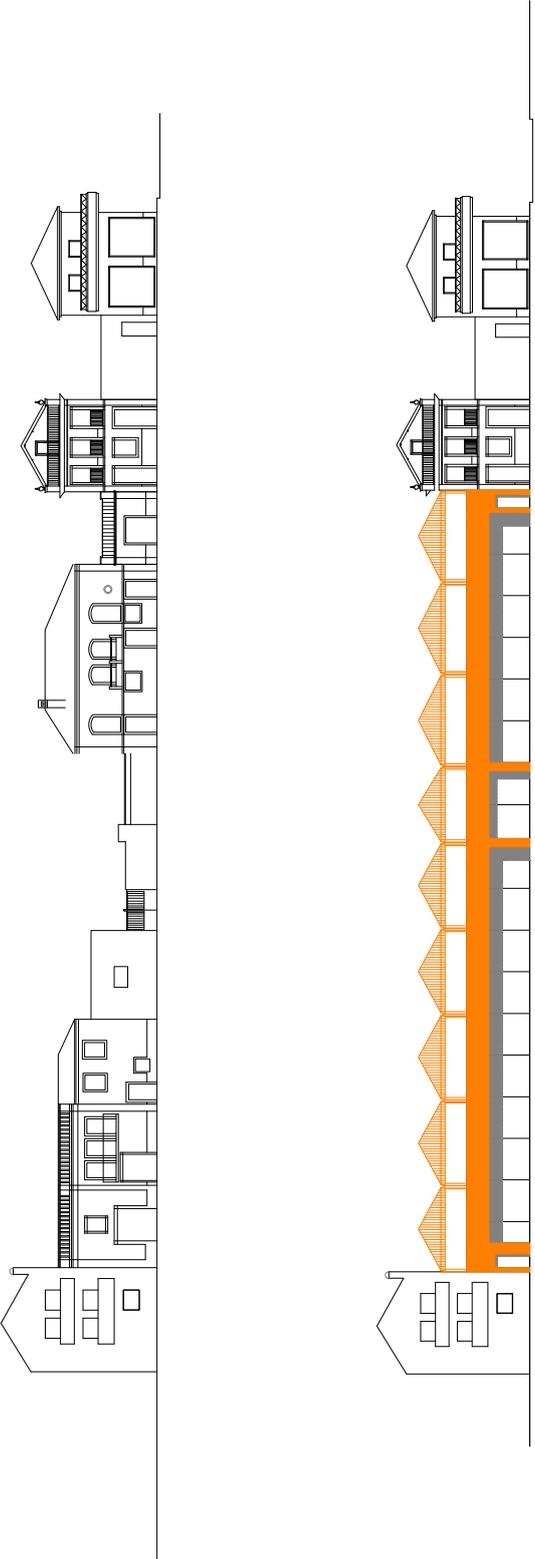
3.62 | Análise de Quarteirão
Desenho de estudo do objecto arquitectónico

3.63 | Análise de Quarteirão
Implantação do Mercado Municipal e edifícios a recuperar

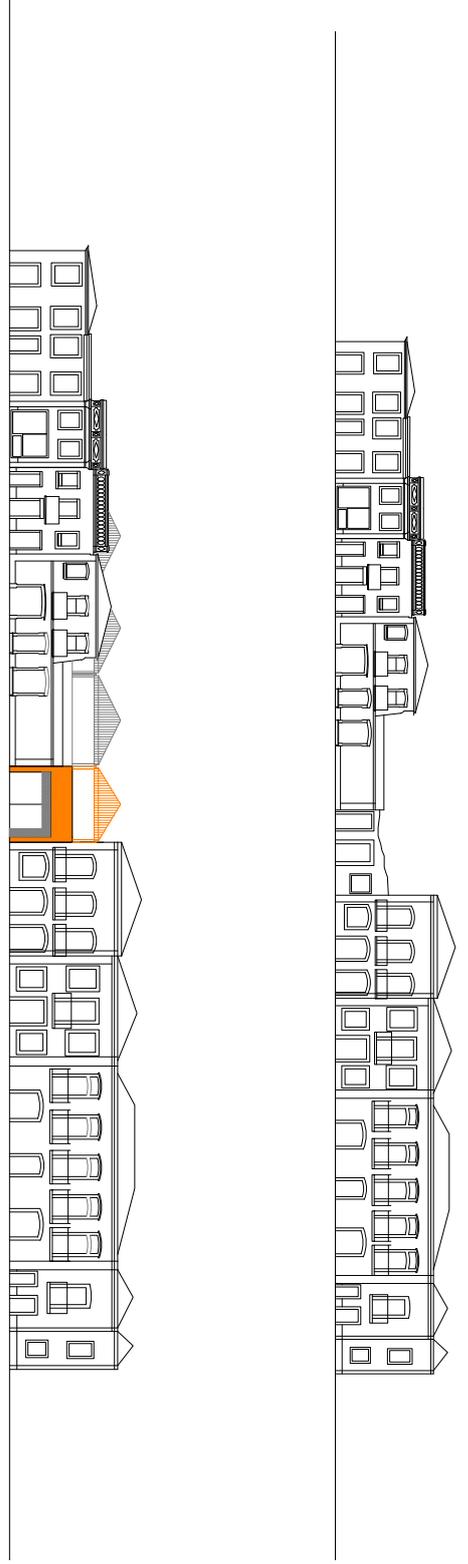


Foi também com uma ideia de continuidade que foi tida em conta a libertação deste espaço. Este equipamento deveria preencher toda a nova parcela e enquadrar-se com a sua envolvente. Os telhados ajudarão na organização do espaço, procuram uma reinterpretação do antigo parcelário, evidenciando-o pelas suas dimensões. A própria forma de telhados de três ou de quatro águas procuram a fusão entre o novo e o antigo edificado.

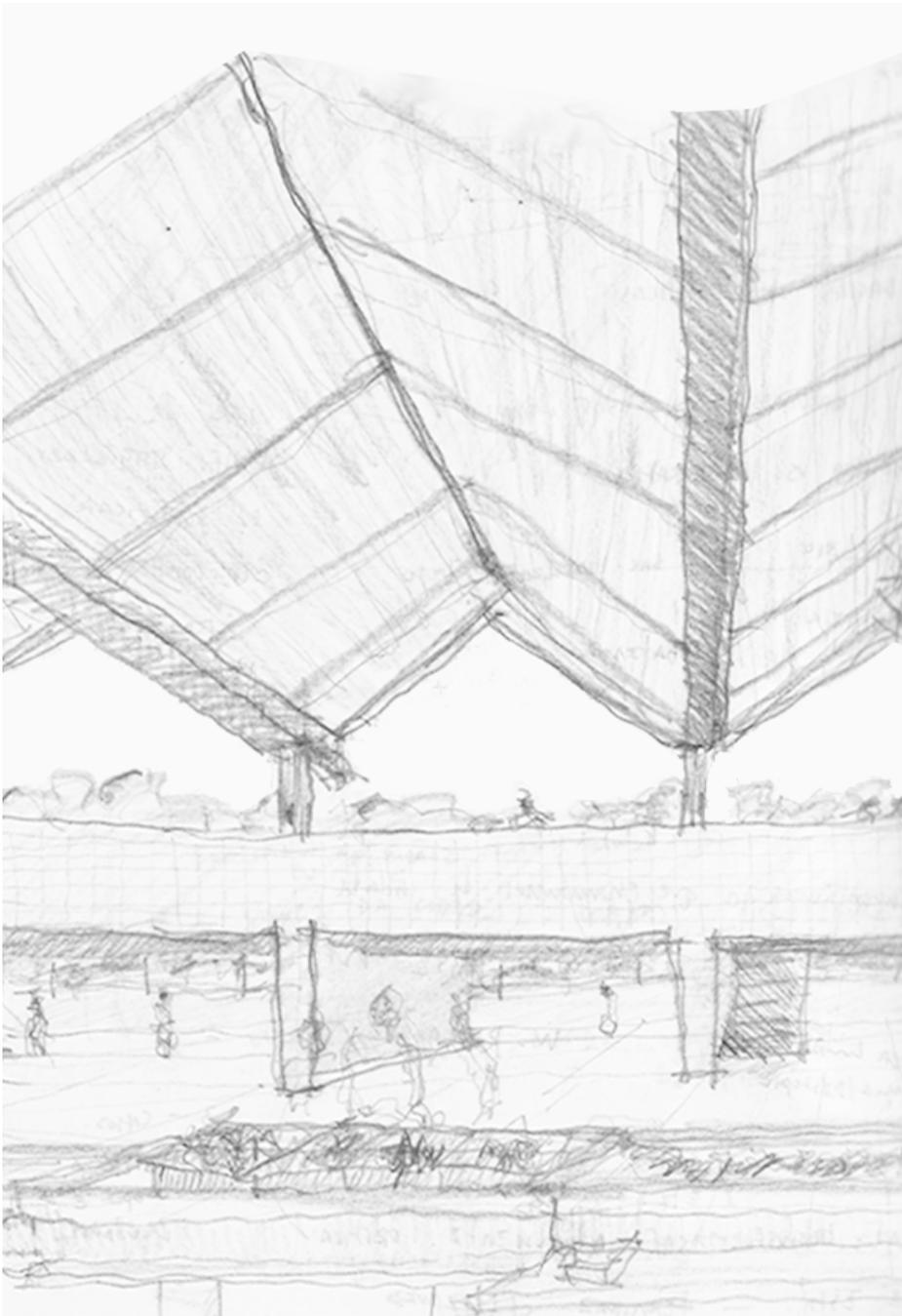
3.64 | Análise do Quarteirão
Transformação da frente de rua - Av. Júlio Malfeito



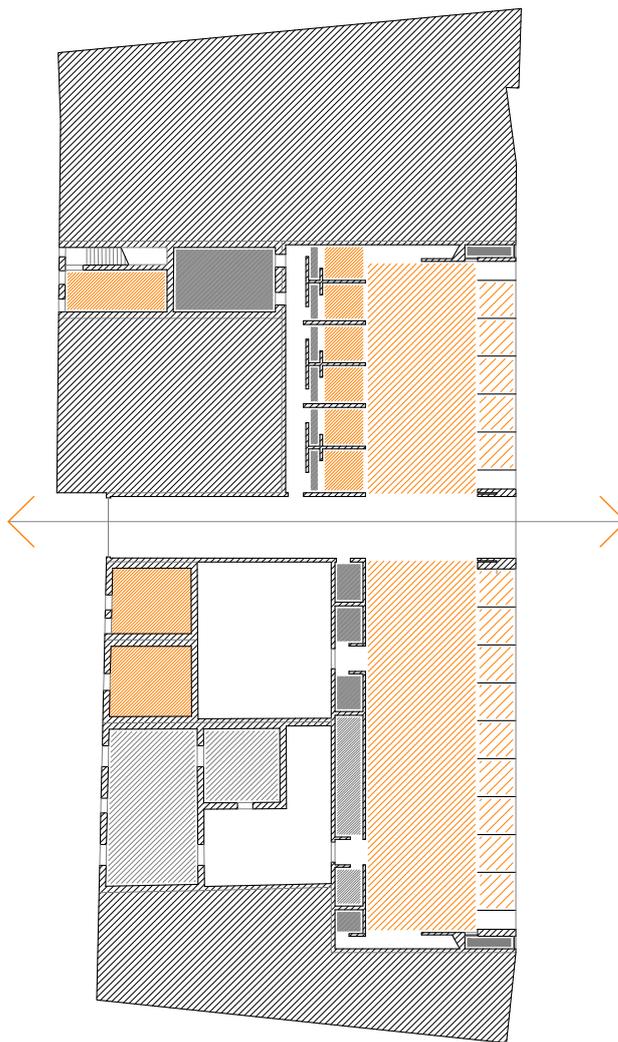
3.65 | Análise do Quarteirão
Transformação da frente de rua - Largo Oliveira Marreca



Apoiado neste conjunto de coberturas, todo o espaço torna-se completamente livre para a prática da programática exigida. Foi conseguido um acesso que, para além de permitir o atravessamento deste quarteirão, também ajuda na construção deste lugar. A divisão em duas áreas distintas, porém num espaço único, oferece a possibilidade de ocorrerem diversos acontecimentos em simultâneo. Em conjunto com a cobertura, o piso térreo é dotado de uma construção que ajudará a limitar o espaço entre o interior, exterior e as restantes parcelas, criando as áreas técnicas, de auxílio e de arrumos necessárias para este tipo de equipamentos.

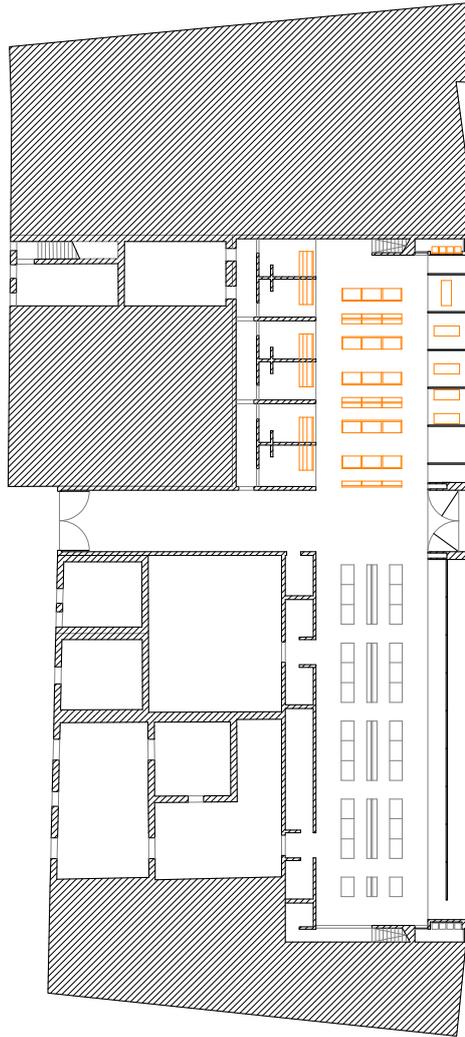


3.66 | Desenho do ambiente interior

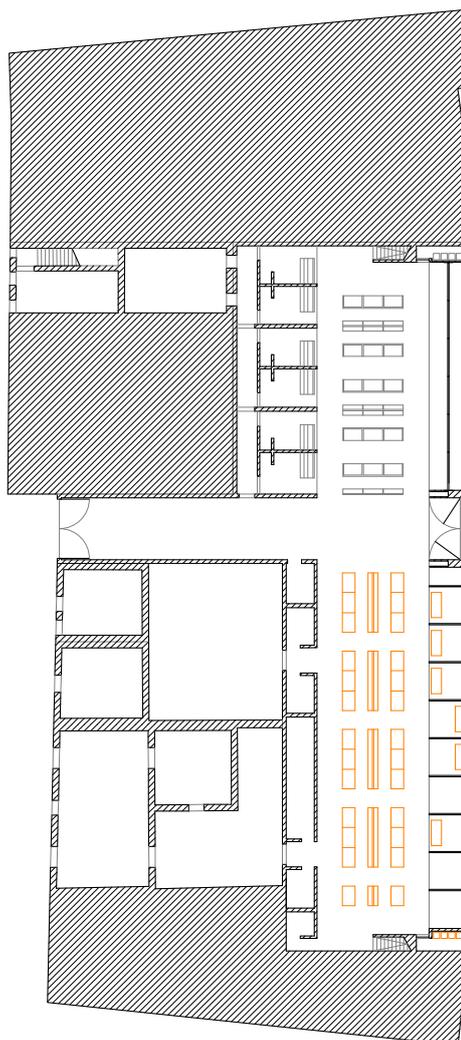


Programa

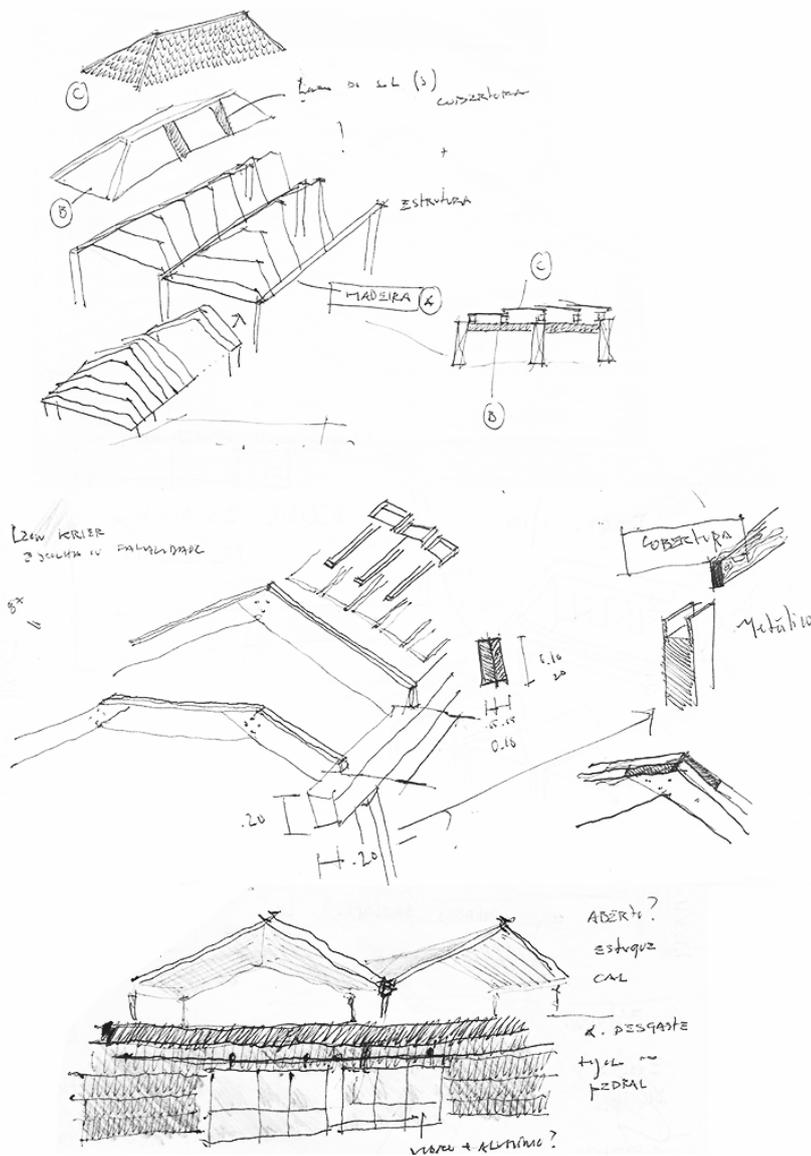
- Venda de Produtos de Origem Animal
- Venda de Produtos de Origem Vegetal
- Espaços Comerciais
- Espaços para Venda Ambulante
- Arrumações
- Instalações Sanitárias
- Lixos
- Ligação interior entre espaços públicos
- Área Administrativa



A organização do espaço é projectada tendo em conta os três tipos de venda ao público praticados até hoje nos Mercados Municipais: a Loja, a Bancada e o Terrado. Para além do tipo de produtos que são vendidos: de origem animal – pêlo e pescado; e de origem vegetal – hortícolas, cereais, flores, frutos; entre outros relacionados com a venda ambulante. A disposição em dois grandes espaços facilita na separação. A área mais a norte será dedicada aos produtos de origem animal, em harmonia com as bancadas fixas, pela necessidade acrescida de tratamento, armazenamento e venda.



A segunda área será entregue para as bancadas com maior mobilidade e com menos necessidades infra-estruturais: venda de produtos vegetais. O comércio de terrado será disposto no espaço que, oportunamente, se criaram nas aberturas das entradas para a zona de Mercado. As portas, com a dimensão desta zona percorrível no piso superior, ajudam a marcar uma disposição de espaços para uma venda ambulante entre o interior e o exterior. Esta última área referida, foi planeada para uma ocupação efémera, sendo facilmente adaptável para outro tipo de actividades.

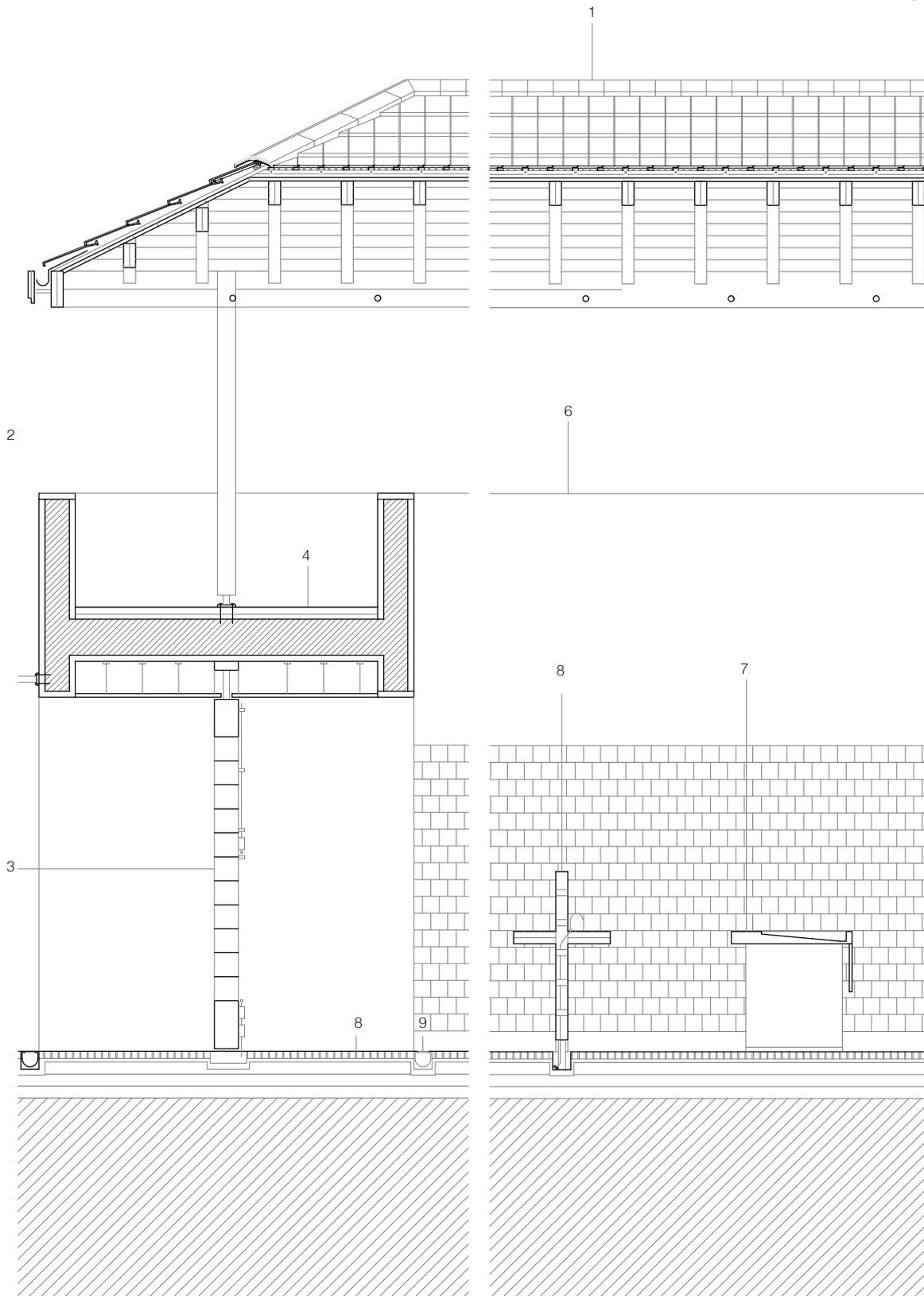


Por fim, a definição construtiva. A ideia de terreiro foi tomada tendo consciência os índices de pluviosidade e as cheias, sendo imperativo um solo permeável e que oferecesse um fácil escoamento das águas. Para a cobertura, foi escolhida uma estrutura metálica, pela facilidade de produção e de transporte, criando a métrica estrutural pretendida. Oposto a esta parte, a zona oriental deste terreiro será ocupada pela estrada de acesso à praia fluvial e de um muro de suporte que irá proteger contra as cheias sazonais de Inverno.

175 **Legenda**

- 1. Cobertura em telhado de 3 águas [estrutura em lamelado de madeira; telha plana]
- 2. Estrutura em aço
- 3. Porta Pivotante em madeira, fechaduras em alumínio
- 4. Pavimento Cerâmico
- 5. Pavimento "Calçada à Portuguesa"
- 6. Painel de Azulejo e Parede estucada
- 7. Bancada de Venda em Aço Inox
- 8. Estrutura metálica para bancadas de apoio
- 9. Caleira em Mármore Lioz

3.721 | Análise do Projecto - Mercado
Definição Construtiva - Escala 1:50



10. Bancada com vitrine em aço inox

11. Bancada de apoio em aço inox

12. Pavimento Cerâmico

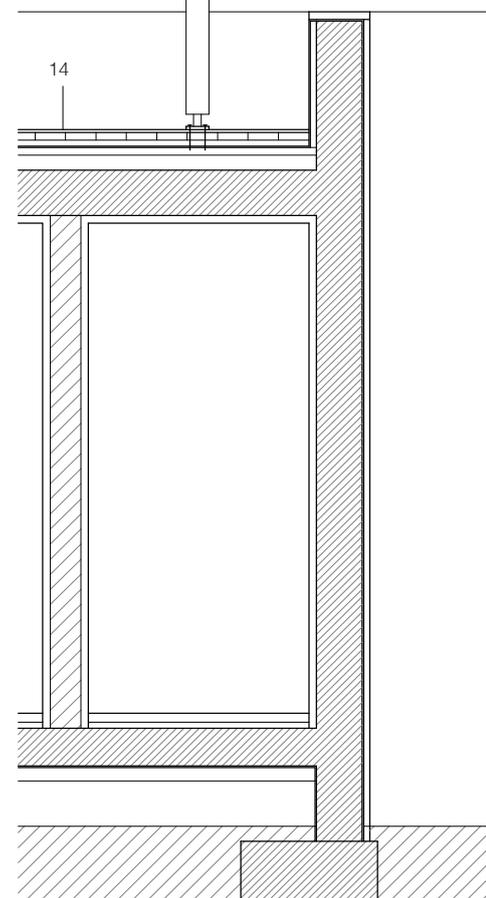
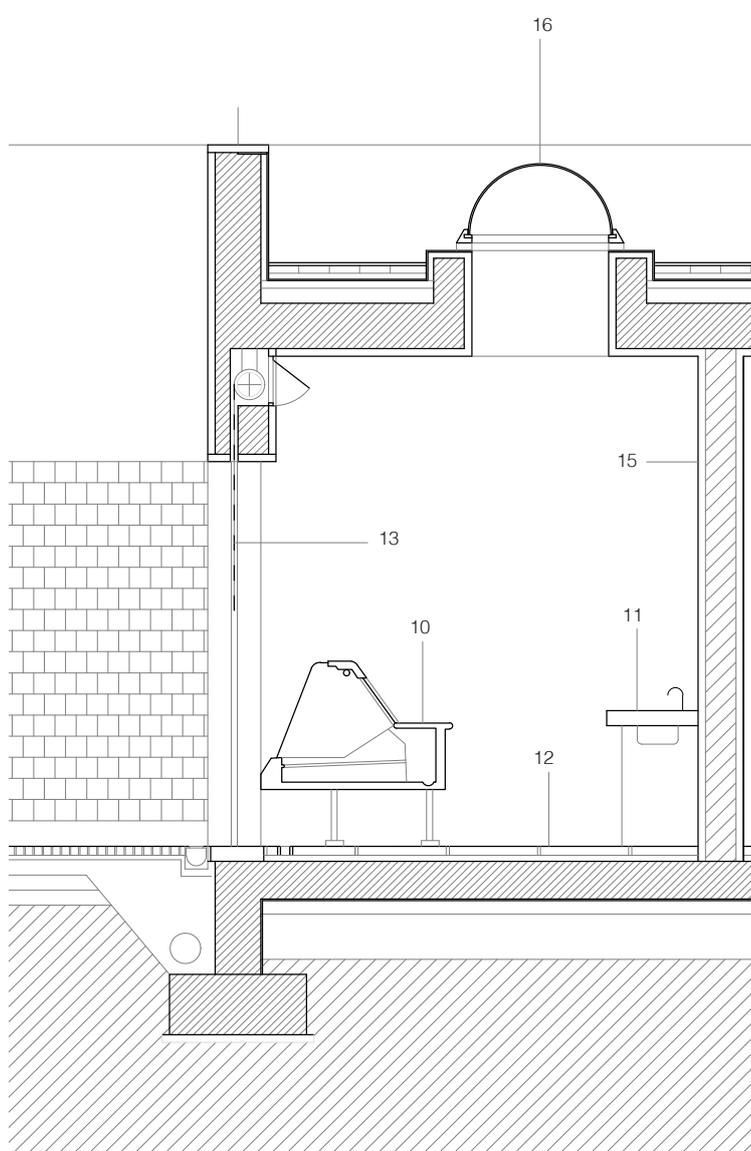
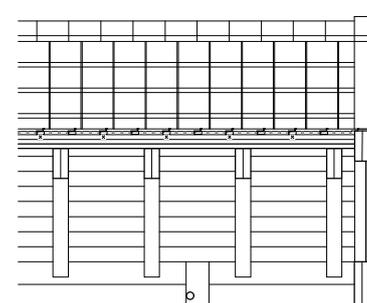
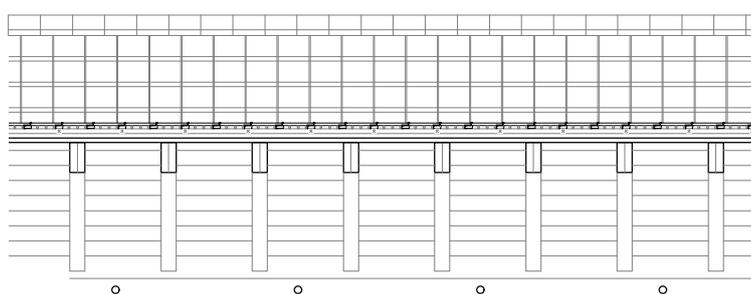
13. Estores de rolo

14. Cobertura plana percorrível

[Camada de limpeza; Camada de forma; Tela Impermeabilizante; Isolamento térmico; Suporte pavimento]

15. Paredes de tijolo rebocada

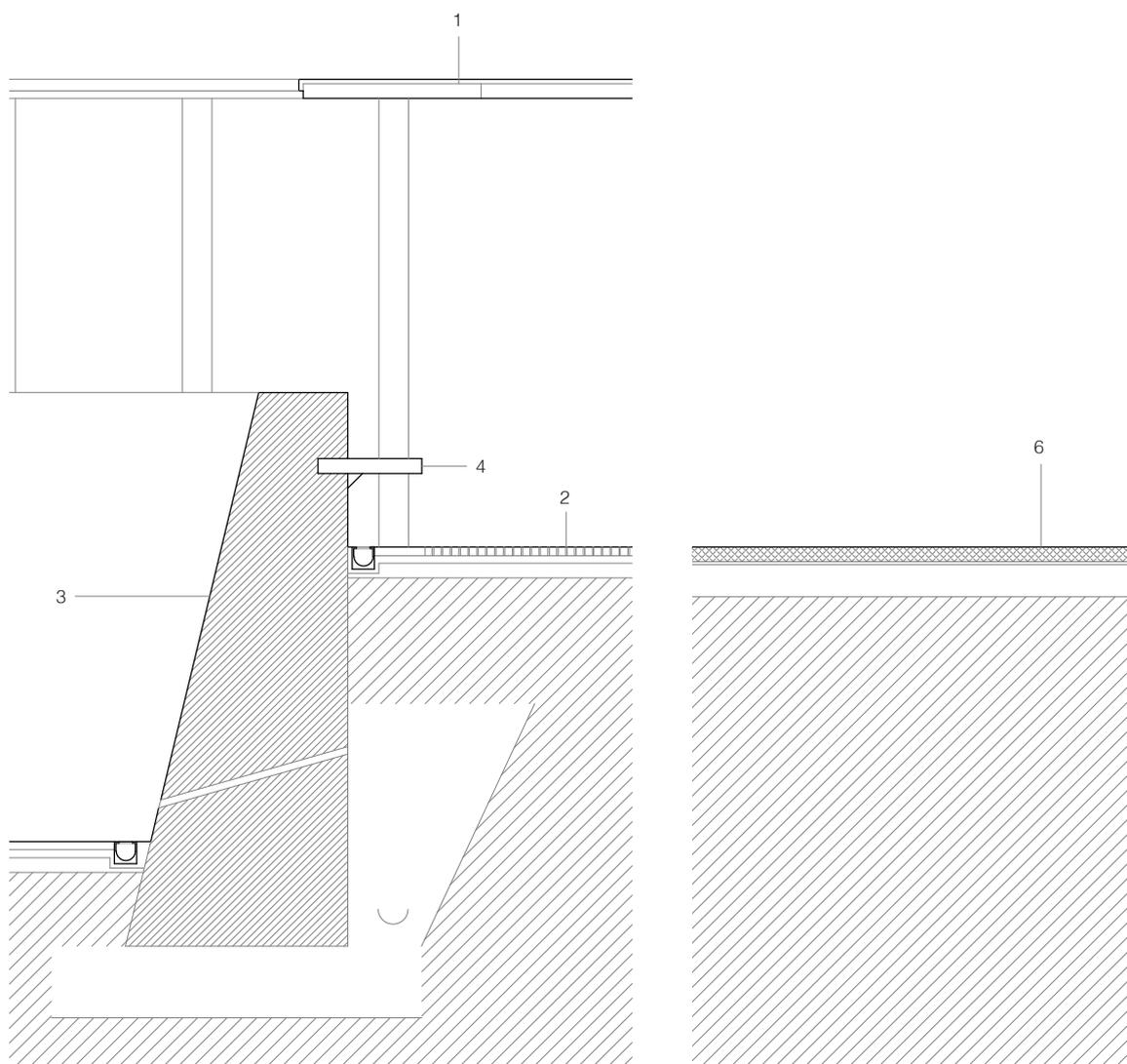
16. Lanternins de cúpula em Vidro, estrutura em aço e ventilação



177 **Legenda**

1. Cobertura fixa em aço inox, cor branca. Cobertura chapa zincada
2. Pavimento em "Calçada à Portuguesa"
3. Muro de Alvenaria em Pedra
4. Banco de Madeira
5. Lancil de contenção - Caleira em Mármore Lioz

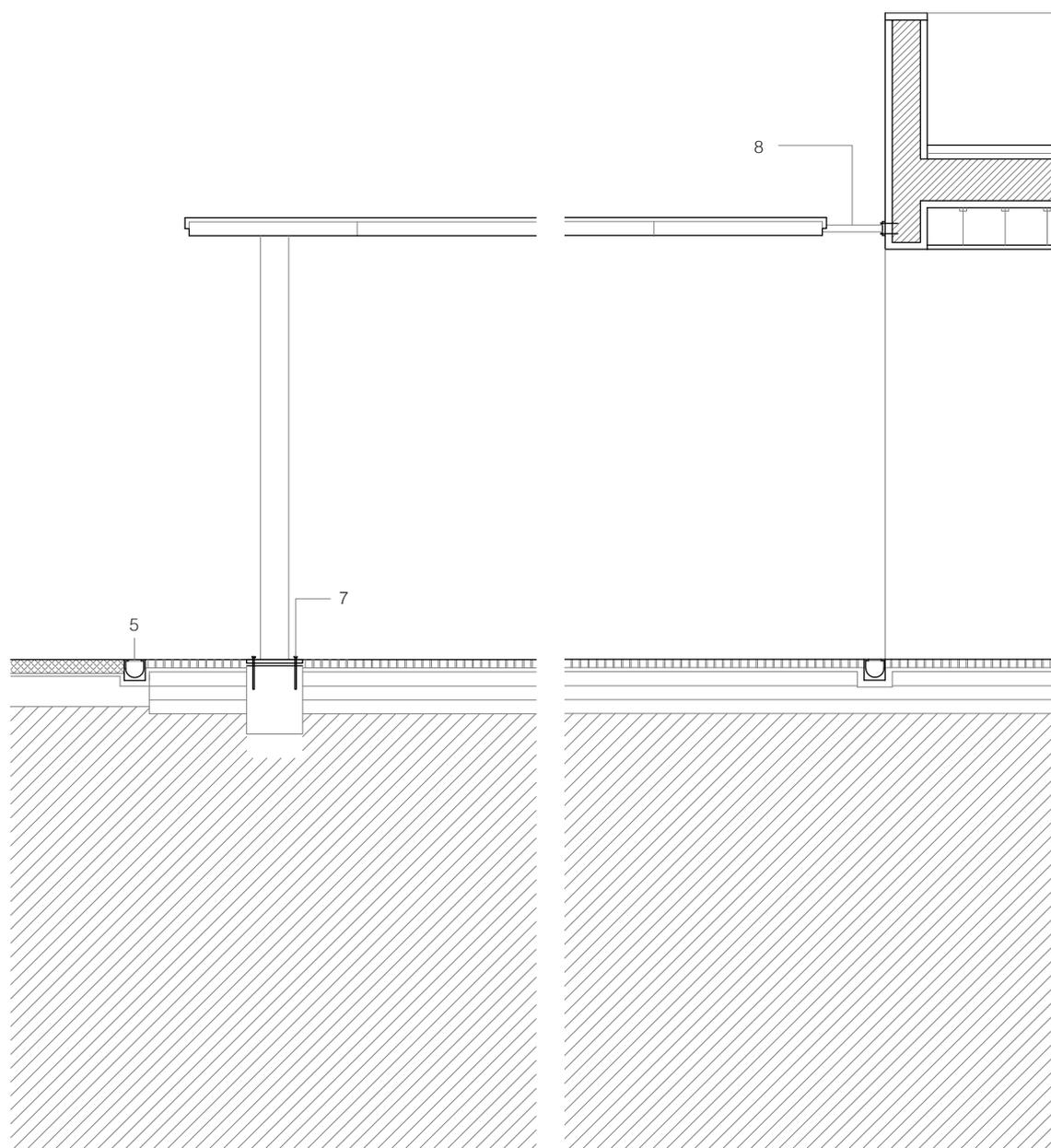
3.73 | Análise do Projecto - Espaço Público
Definição Construtiva - Escala 1:50



6. Pavimento estabilizado em Saibro estabilizado

[Mistura Saibro + ligantes; Camada de Pó de pedra; Tout-venant; terreno existente]

7. Fixação parafusada ao betão (Parede ou Sapata)



4. Considerações Finais

A faculdade da imaginação do ser Humano dá-lhe a vantagem de conseguir criar cenários alternativos para as adversidades que surgem na sua vida individual, mas sobretudo coletiva. Sonhar com uma sociedade ideal que, segundo os autores da construção do pensamento utópico, seria impossível de implementar. Com a Utopia seria fácil modelar os comportamentos e controlar os movimentos sociais, porém a sua materialização seria difícil de concretizar porque apesar de o organismo social estar dominado, o ambiente físico era incontrolável.

A Utopia foi desacreditada (...) e é necessário reabilitá-la. (LEFEBVRE, 1991, 18). Desacreditada a partir do momento em que se tenta transferir uma ideia – o pensamento utópico – para uma realidade construída. Grande parte dos casos estudados neste trabalho, nunca foram casos de sucesso, ou foram-no por pouco tempo. O controlo excessivo usado para que esses cenários pudessem ser viáveis, converteram-nos em territórios distópicos. No entanto, a Utopia e a sua possibilidade de reflexão torna-se benéfica para resolver certos problemas do presente, permitindo discuti-los, apresentando soluções – dando a liberdade de se juntar a imaginação e o sonho ao processo do projeto.

Para além da sociedade, também a cidade – sendo ambas objecto de estudo das ciências sociais – é um organismo de difícil controlo. A invenção do urbanismo, como ferramenta de análise, planeamento e controlo, poderá ser, por si só, ser considerada como uma tentativa utópica de resolver os seus problemas. Porventura, será este o motivo pelo qual os aglomerados urbanos foram abandonados no auge da revolução industrial, e todas as soluções tiveram a arquitectura como ferramenta para construir a resolução desse problema.

A Cidade pode ser considerada como uma das melhores invenções da Humanidade. A organização de sociedades, dando resposta a interesses comuns dos seres humanos que as integram, revelou-se indispensável à sua sobrevivência. Não só pelas necessidades materiais, mas também sociais, pois, o Homem, segundo Aristóteles (no seu livro Política), é um animal social devido à sua tendência natural para associar-se a outros indivíduos e criar sociedades. Também o sentimento de entreaajuda e de defesa fez com que, na sua génese, a espécie se tornasse independente e prosperasse até aos dias de hoje. Esta mesma condição, apoiada por um conjunto de regras, que mais tarde foram objecto de estudo político, deram origem aos aglomerados hoje conhecidos como cidades. Portanto, é inerente à condição humana, ser urbano e viver em cidades.

Pelas circunstâncias estudadas, hoje é difícil habitar em núcleos urbanos porque já escasseiam as condições que a o permitam. Por essa razão, este trabalho aborda os conceitos de cidade, – pensada como um conjunto de problemas a e Utopia, acreditando-se que deverão ser criadas as condições para que ambos os domínios possam prosperar.

No caso concreto de Santarém, esta cidade contém diversas oportunidades que, por terem sido pouco exploradas, fizeram com que a cidade entrasse em decadência. As tradicionais feiras da agricultura que aconteciam no planalto, a grande parte do comércio e da habitação que faziam parte do centro histórico ou pela ligação ao rio que tanto foi referida neste trabalho, demonstram que, em tempos, a cidade já foi o que esta Utopia que agora se propõe procura – uma Cidade ideal.

Das diversas opções exploradas, optou-se por desenvolver a frente ribeirinha pela importância que a água tem nas cidades portuguesas. Outro factor a considerar é o estado avançado neste sítio, que é património municipal e que se encontra num estado avançado de abandono, mas que ao mesmo tempo lhe confere imensas oportunidades para novas ideias e cenários - Utópicos.

O respeito pela memória do lugar, pelos costumes preservados na história que permanecem e a carência de elementos indispensáveis para que seja possível viver nestes núcleos foram os conceitos tidos em conta nas decisões de projecto. Estas opções foram implementadas tendo em consideração outras cidades estudadas, e nas quais, ainda hoje se mantêm presentes, dando como exemplo a actividade ribeirinha e dos mercados municipais.

Com tudo isto, conclui-se com uma procura em adaptar o pensamento utópico a cada lugar, tentando não incorrer nos riscos dos não-lugares das utopias literárias antigas. Procura-se, para um lugar em concreto, - a cidade – neste caso de Santarém, a criação de um cenário que a torne ideal. No entanto, deixa-se a questão em aberto:

Considera-se o regresso à cidade e ao seu território uma Utopia ou uma Distopia?

Bibliografia

CHOAY, Françoise (1925) *Alegoria do Património*. Lisboa, Edições 70.

COELHO, Carlos Dias (2015) *O Tecido - Leitura e interpretação*. C.D. Coelho (coord.) *Os Elementos Urbanos*. Lisboa, Argumentum, pp. 13 – 35.

COMBES, Francis, LAFOUR, Patricia (1991) *Conversation avec Henri Lefebvre*. Paris, Messidor.

CONCEIÇÃO, Luís (1997) *A consagração da água através da Arquitectura – para uma Arquitectura da água*. Dissertação para Doutoramento em Arquitectura. Lisboa, Faculdade de Arquitectura.

CULLEN, Gordon (2020) *Paisagem Urbana*. Lisboa, Edições 70.

CURL, James Stevens (2018) *Making Dystopia: The strange Rise and Survival of Architectural Barbarism*. Oxford University Press.

FERNANDES, Sérgio (2014) *Génese e Forma dos Traçados das cidades portuguesas - Morfologia, tipologia e sedimentação*. Dissertação para Doutoramento em Urbanismo. Lisboa, Faculdade de Arquitectura.

FISHMAN, Robert (2012) *Urban Utopias in the Twentieth Century - Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier* - in *Readings in Planning Theory*. Oxford, Blackwell Publishing Ltd, pp. 28 - 51

FRIEDMANN, JOHN (2000) *The Good City: In defense of Utopian Thinking* in *International Journal of Urban and Regional Research*, Volume 24.

GADANHO, Pedro, LAIA, João, VENTURA, Susana (2017) *Utopia/Dystopia - A Paradigm Shift in Art and Architecture*. Fundação EDP e Mousse Publishing.

GARCIA, Andreia (2017) *Espaço Cénico, Arquitetura e Cidade - Guimarães, um modelo conceptual*. Lisboa, Caleidoscópio.

HALL, Edward T. (1986) *A Dimensão Oculta*. Lisboa, Relógio d'Água.

HUXLEY, Aldous (2013) *Admirável Mundo Novo*. Lisboa, Antígona.

KOOLHAAS, Rem (2008) *Nova York Delirante*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

KOOLHAAS, Rem (2014) *Acerca de la ciudad*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

KRIER, Léon (1999) *Arquitectura: Escolha ou Fatalidade*. Lisboa, Estar.

LEFEBVRE, Henri (2012) *O Direito à Cidade*. Lisboa, Estúdio e Livraria Letra Livre.

LOUREIRO, João (2009) *Rio Tejo – As Grandes Cheias 1800-2007*. Lisboa, ARH do Tejo, L.P.

MORE, Thomas (2019) *Utopia*. Miguel Morgado (introdução), Torres Vedras, Book Builders.

- MUNFORD, Lewis (2007) *História das Utopias*. Lisboa, Antígona.
- ORWELL, George (1987) *Nineteen Eighty-Four*. Lisboa, Antígona.
- PESSOA, Fernando (1993) *Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa*. Lisboa, Ática.
- PLATÃO (2010) *A República*. Maria Helena Pereira (introdução), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROBSON, John M., KINZER, Bruce L. (1988) *John Stuart Mill, The Collected Works of John Stuart Mill, Volume XXVIII - Public and Parliamentary Speeches Part I November 1850 - 1868*. Toronto/ Londres, University of Toronto Press e Kegan Paul.
- ROWE, Colin, KOETTER, Fred (1978) *Collage City*. Londres, MIT Press.
- ROSSA, Walter (2015) *Fomos Condenados à Cidade: Uma década de estudos sobre património urbanístico*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SARAMAGO, José (2014) *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa, Porto Editora.
- SERRÃO, Joaquim (1959) *Santarém História e Arte*. Coimbra, Oficina da Atlântida.
- SERRÃO, Vitor (1990) *Santarém*. Lisboa, Editorial Presença.
- SILVA, José (2017) *A invenção do património urbano: processos de produção dos lugares patrimoniais em Portugal*. Dissertação para Doutoramento em Urbanismo. Lisboa, Faculdade de Arquitectura.
- TRIGUEIROS, Luiz (1993) *Fernando Távora*. Lisboa, Blau.
- ZAMIATINE, Evgnei (1999) *Nós*. Lisboa, Antígona.

Exodus, or the voluntary prisoners of architecture, disponível em: <http://socks-studio.com/2011/03/19/exodus-or-the-voluntary-prisoners-of-architecture/>.

Famisterio de guissa arquiteturas 1996, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uu-qHVYZRyml>.

Especiais – José Saramago – Bloco 1, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yh2GD-MzdMBE>.

Santarém, Capital da Lenda, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/santarem-capital-da-lenda/>.

Pier Paolo Pasolini – La forma della citta 1974, disponível em: <https://vimeo.com/99520799>.

Vista aérea das cheias na Ribeira de Santarém – Dezembro de 2019, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Po4GUBFDD-Y&t=427s>.

Santarém – Vista Aérea, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KBSQy8Eklyw>.

Arquitecto Eduardo Souto Moura – Uma ideia para Amarante, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bobwT9_om24&t=938s.

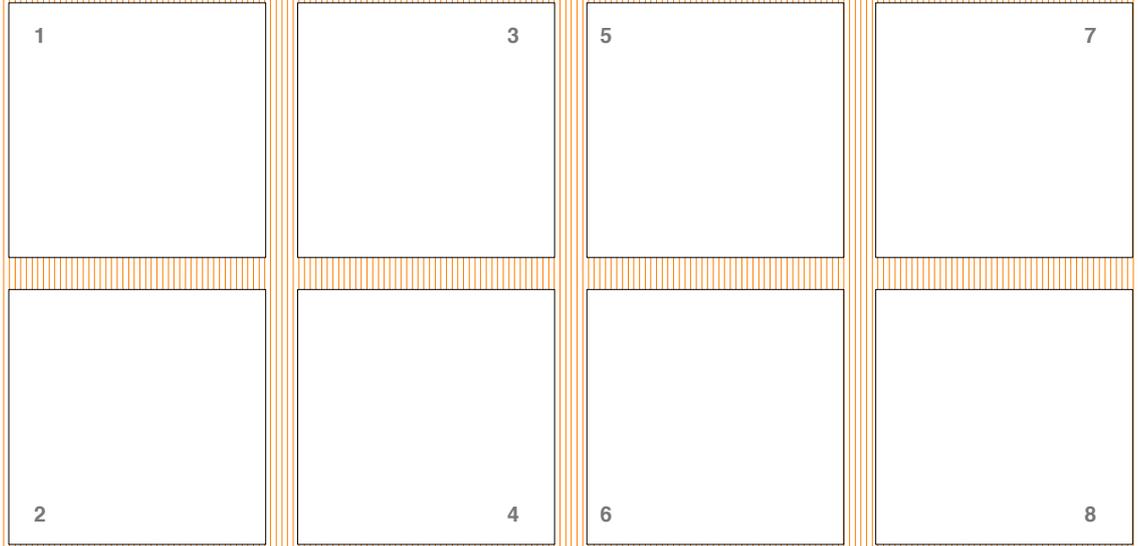
Anexos

27-01-2021

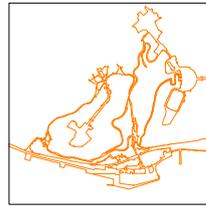
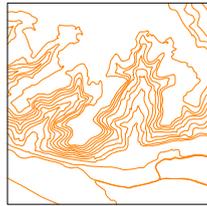
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Sala 4.0.10

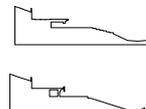
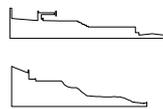
11H00 (GMT +0)



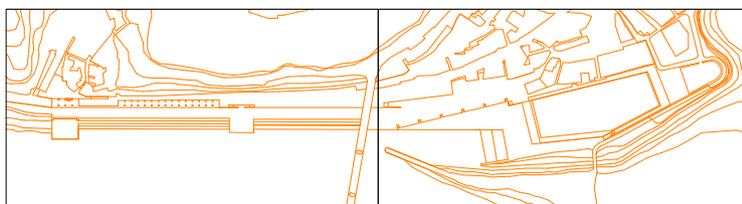
Maquetas de enquadramento
[Escala 1: 2 500]



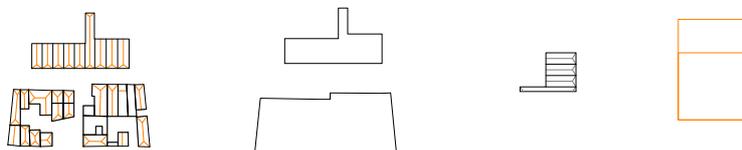
Fragmentos da frente ribeirinha
[Escala 1: 200]



5.1 | Disposição dos elementos apresentados:
painéis e maquetas



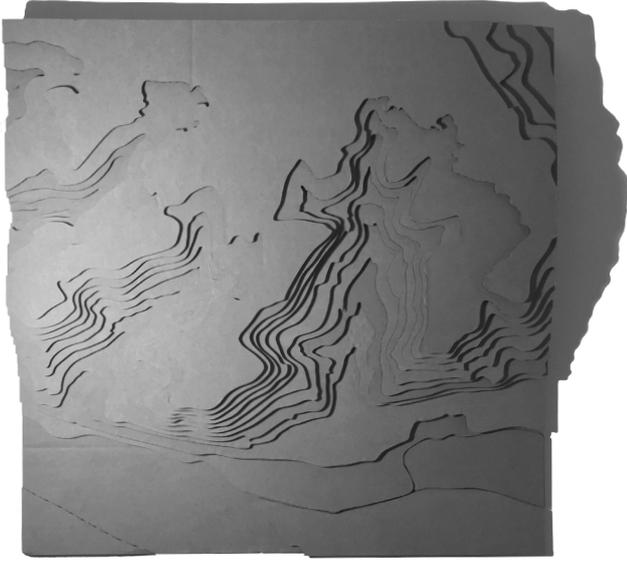
Maqueta da nova frente ribeirinha [Escala 1: 500]



Maquetas de transformação do quarteirão [Escala 1: 200]

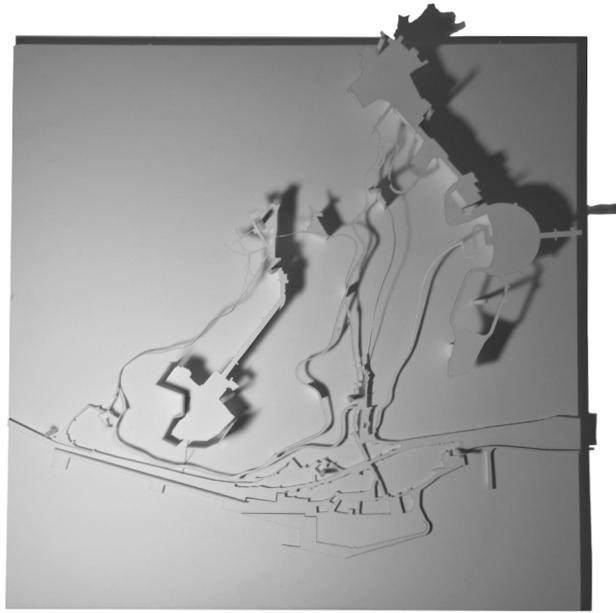
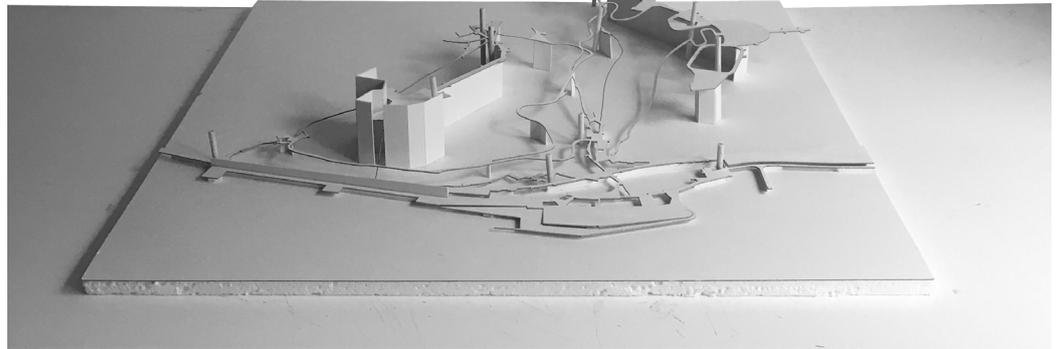
Maqueta de estudo do projecto [Escala 1: 100]

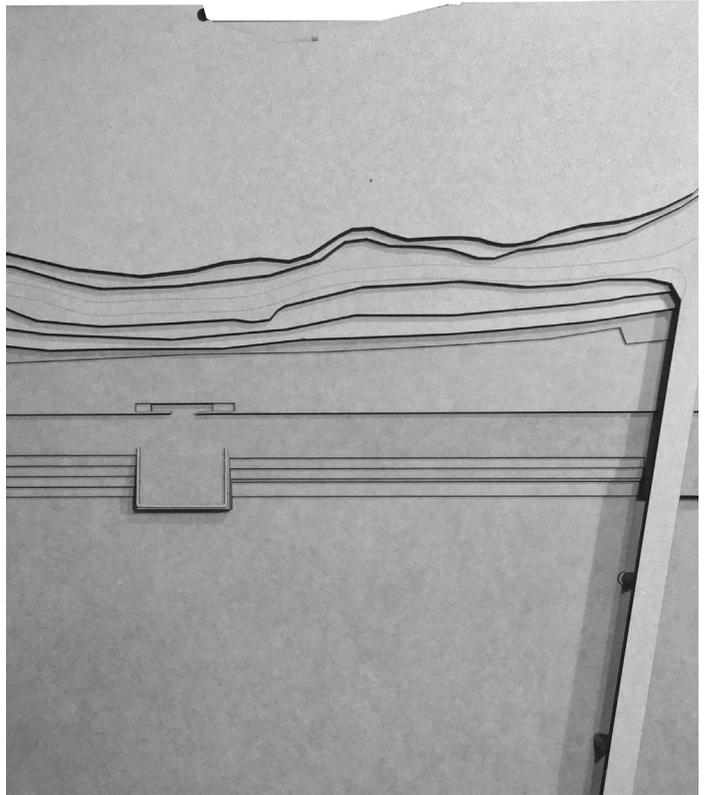
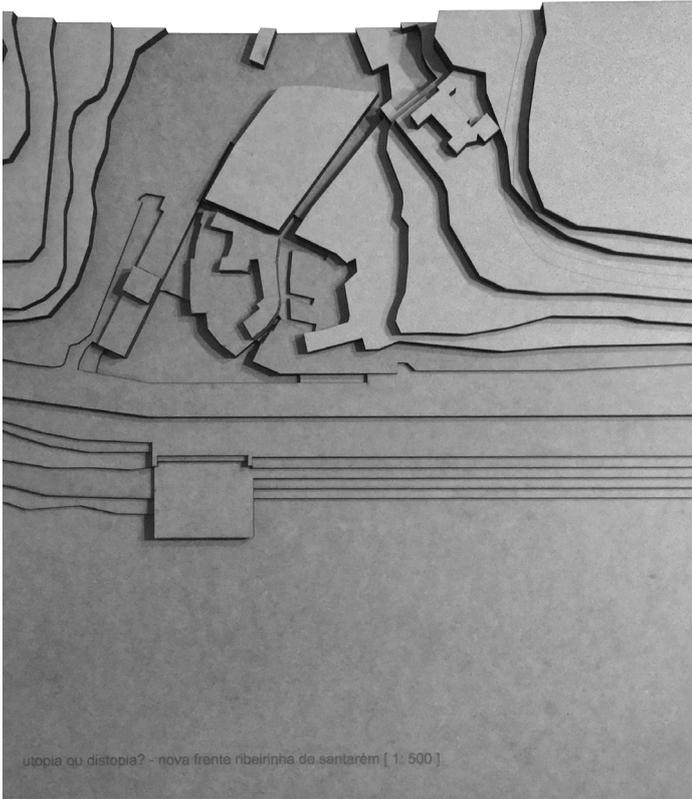
Booklets das fases de trabalho 5º ano - 1º+ 2º semestre



5.2 | Maqueta de Enquadramento: Topografia
[Escala 1:2.500]

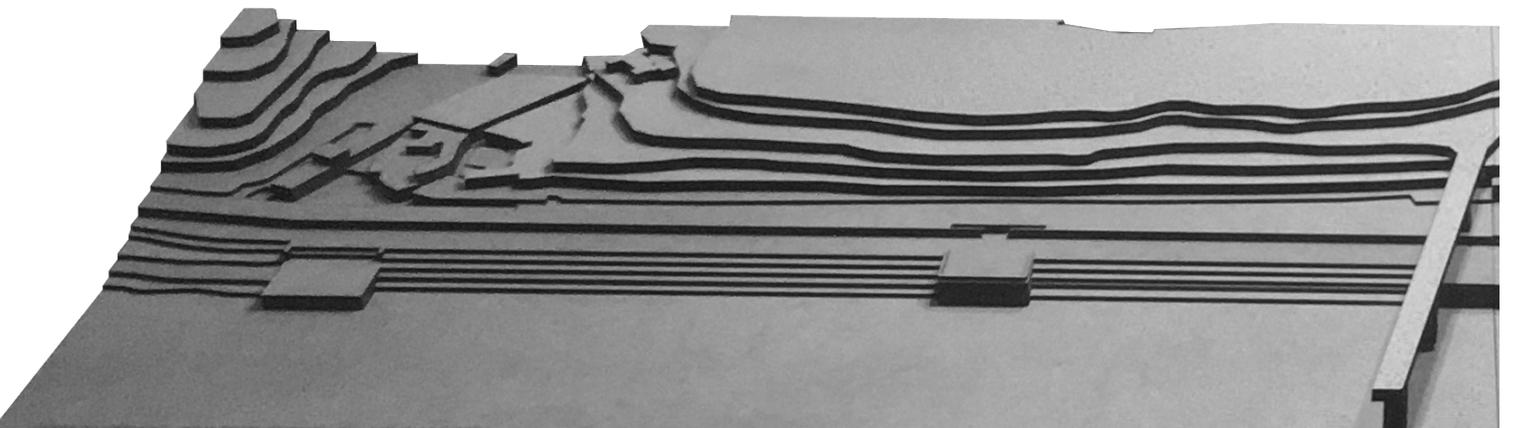
5.3 | Maqueta de Enquadramento: Traçado Urbano - Ligações entre o planalto e o rio
[Escala 1:2 500]

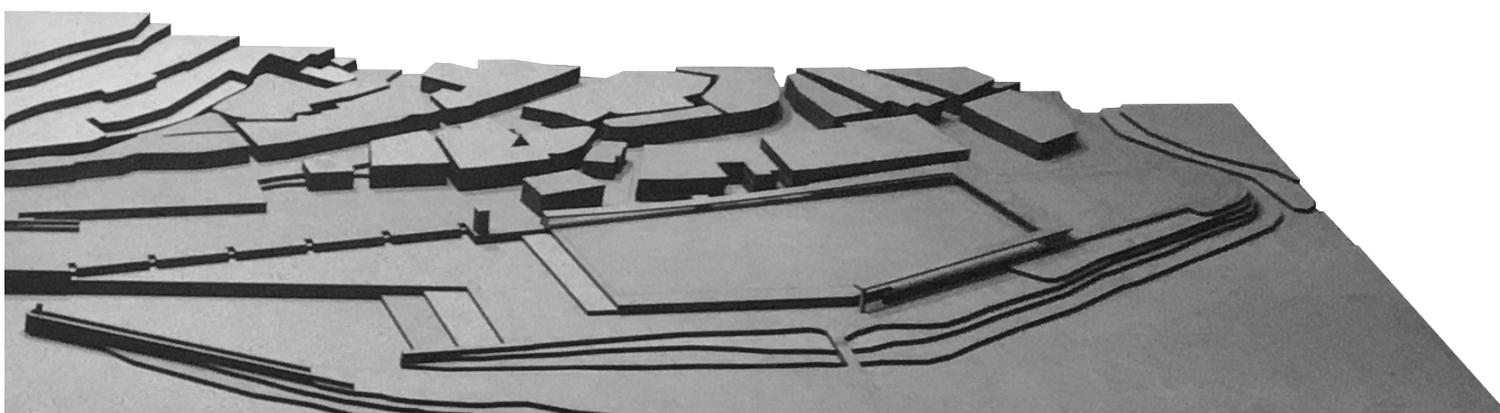
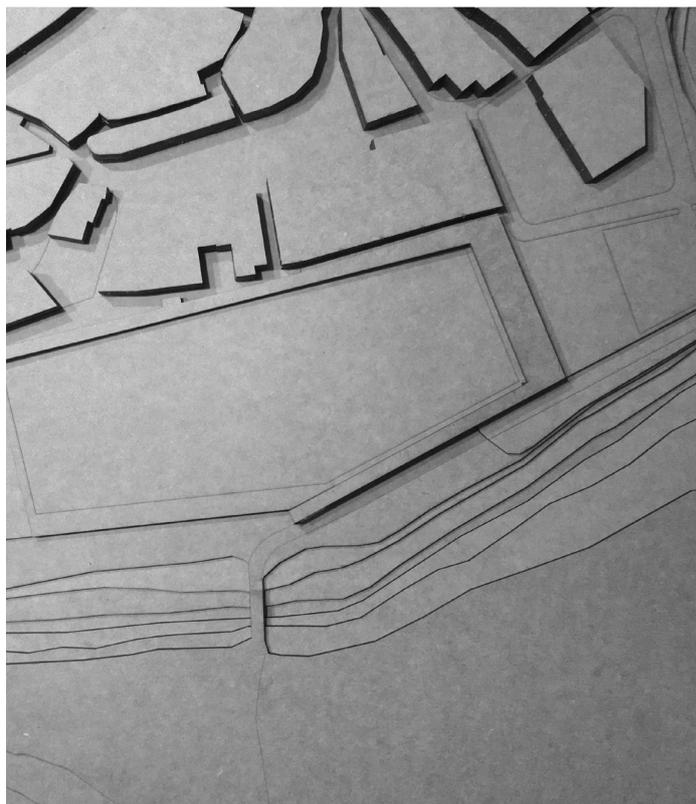
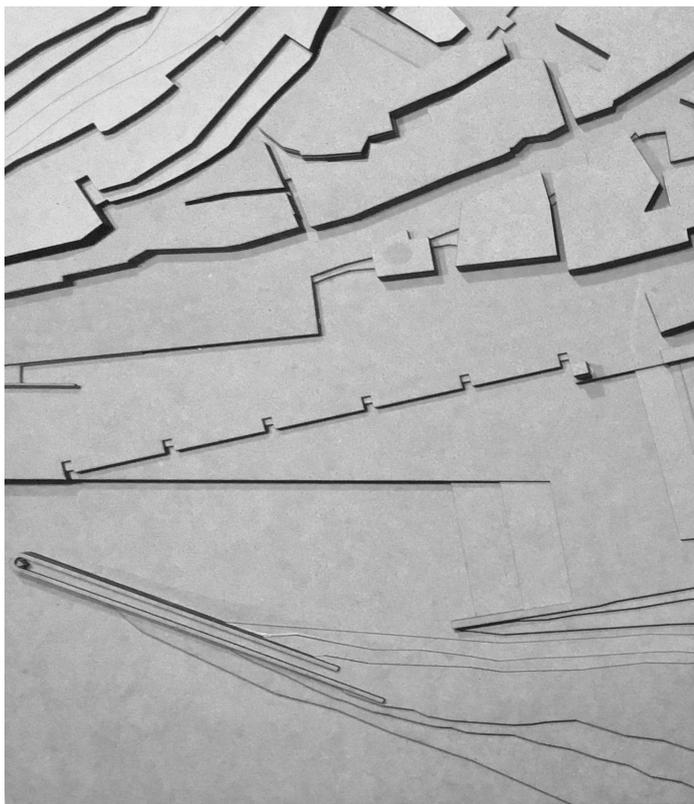




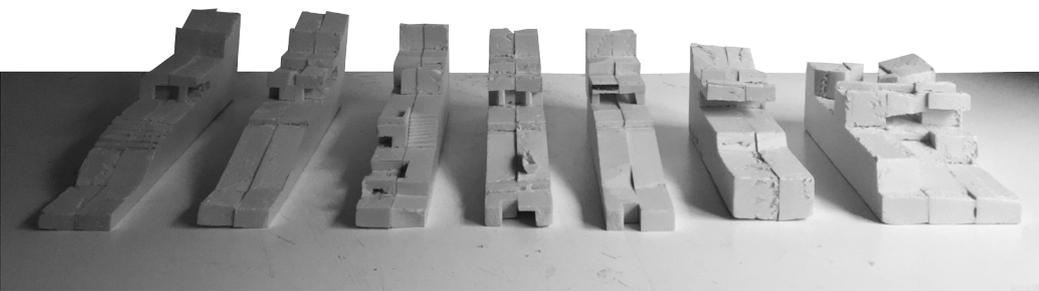
utopia ou distopia? - nova frente ribeirinha de santarém [1: 500]

5.4 | Fragmentos da maqueta da proposta para a nova frente ribeirinha de Santarém [Escala 1:500]



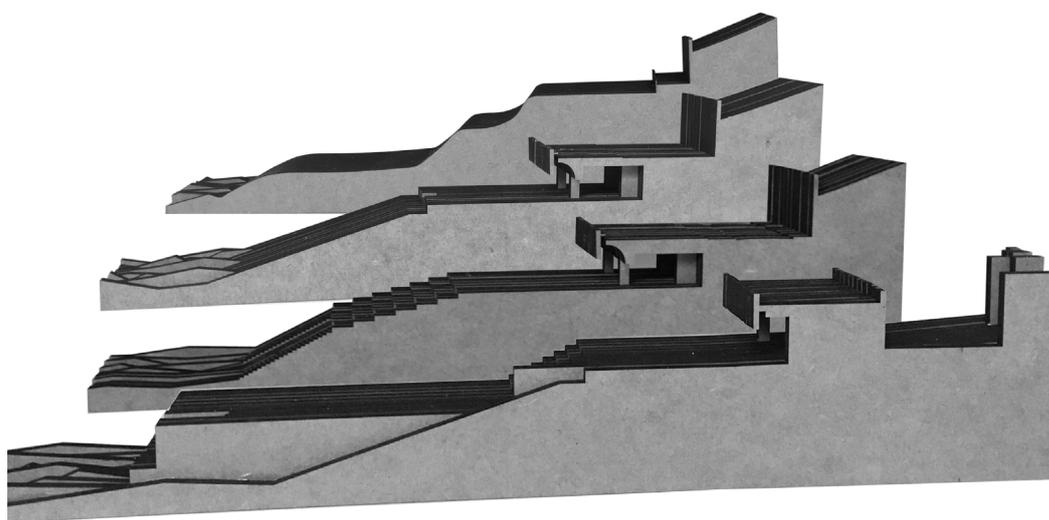


5.5 | Maqueta da proposta para a nova frente ribeirinha de Santarém [Escala 1:500]

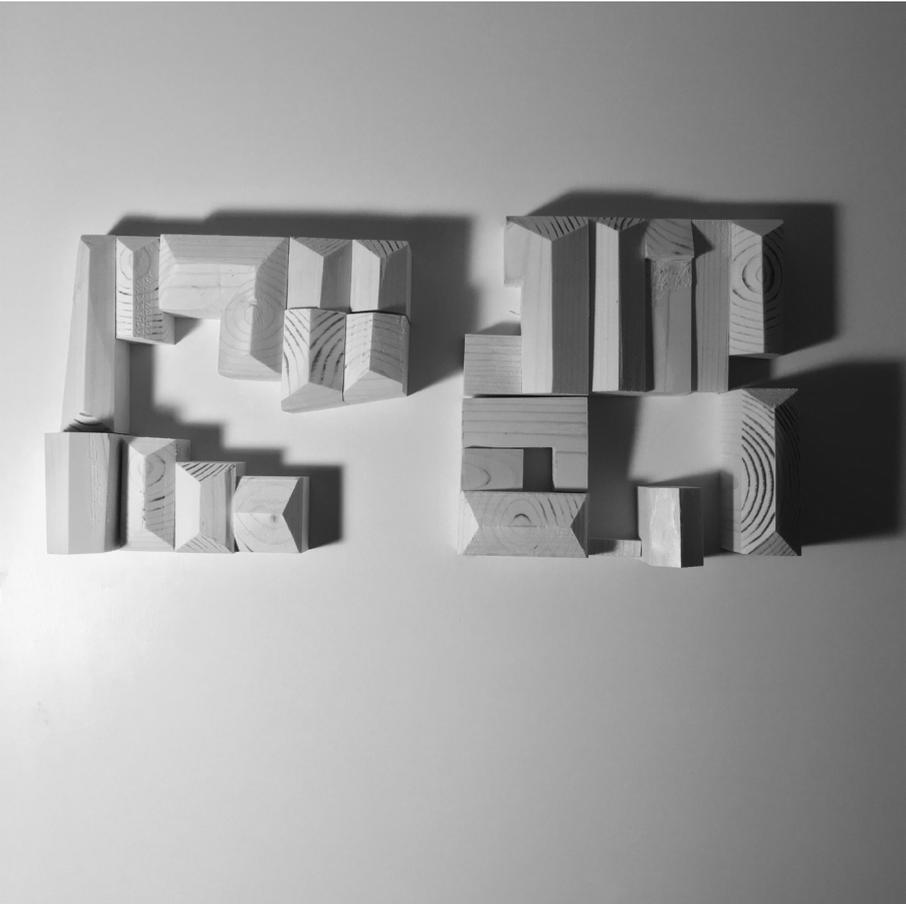


5.6 | Maquetas de estudo de fragmentos para a nova frente ribeirinha
[Escala 1:200]

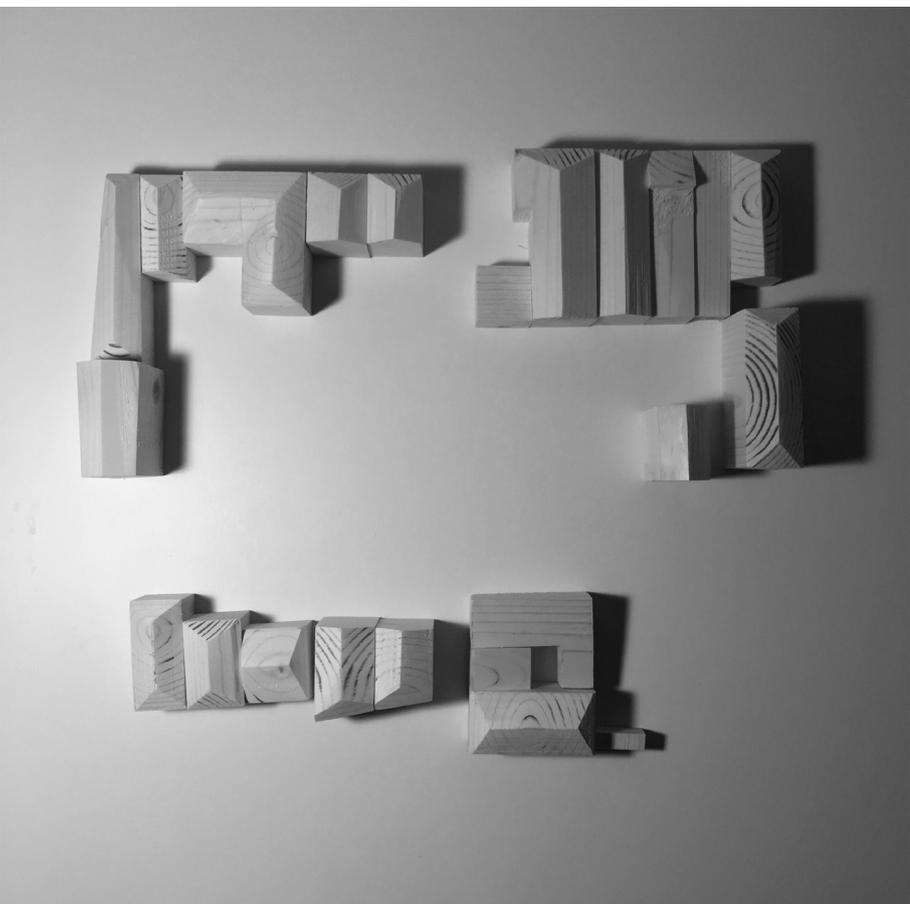
5.7 | Maquetas de fragmentos da proposta para a
nova frente ribeirinha
[Escala 1:200]



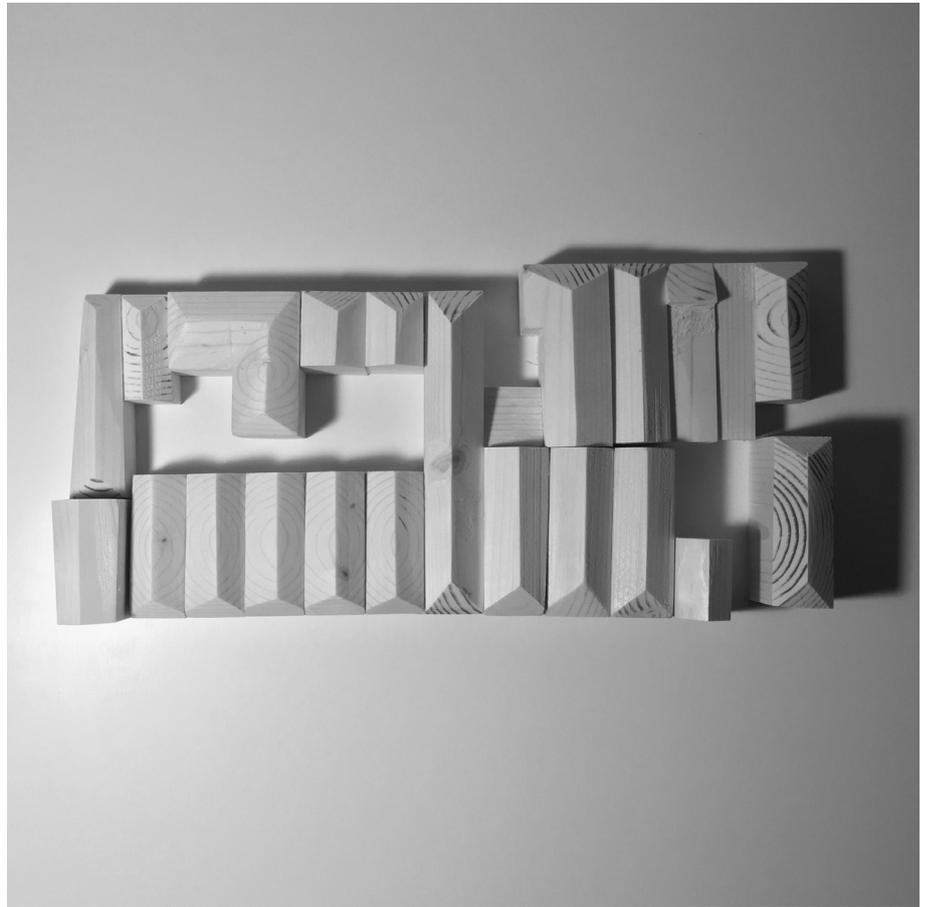
5.8 | Estudo do quarteirão: maquete de situação existente
[Escala 1:200]



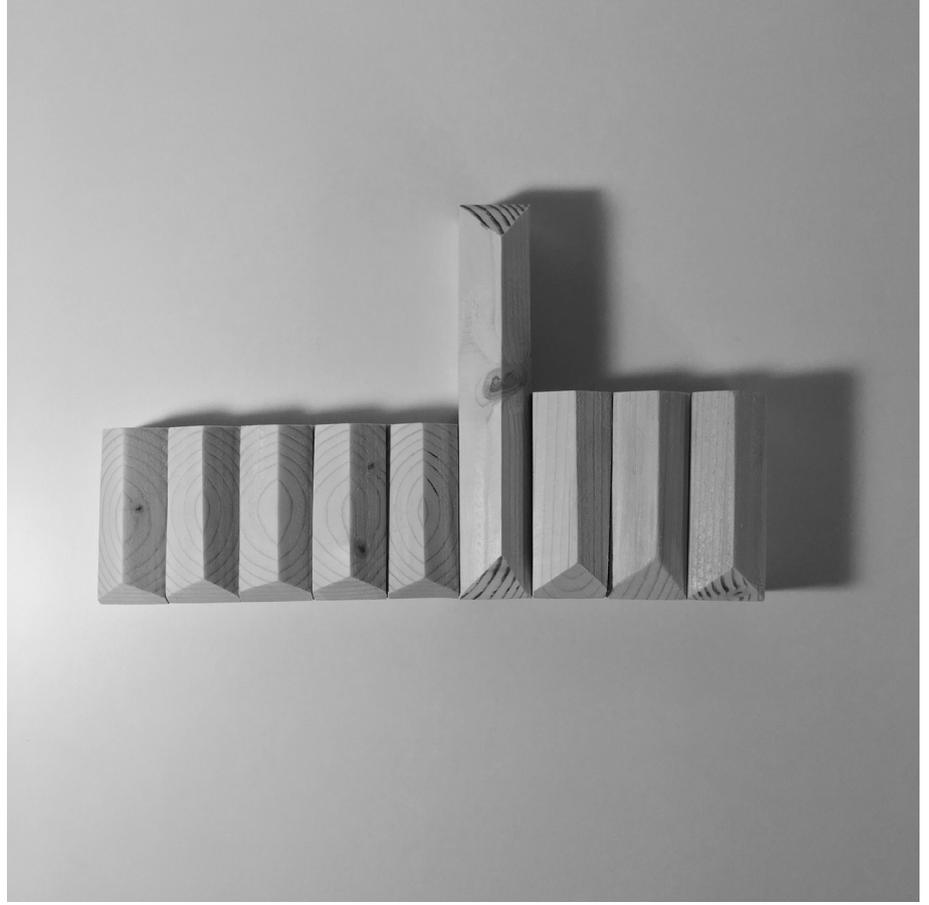
5.9 | Estudo do quarteirão: maquete de transformação e edifícios a demolir
[Escala 1:200]

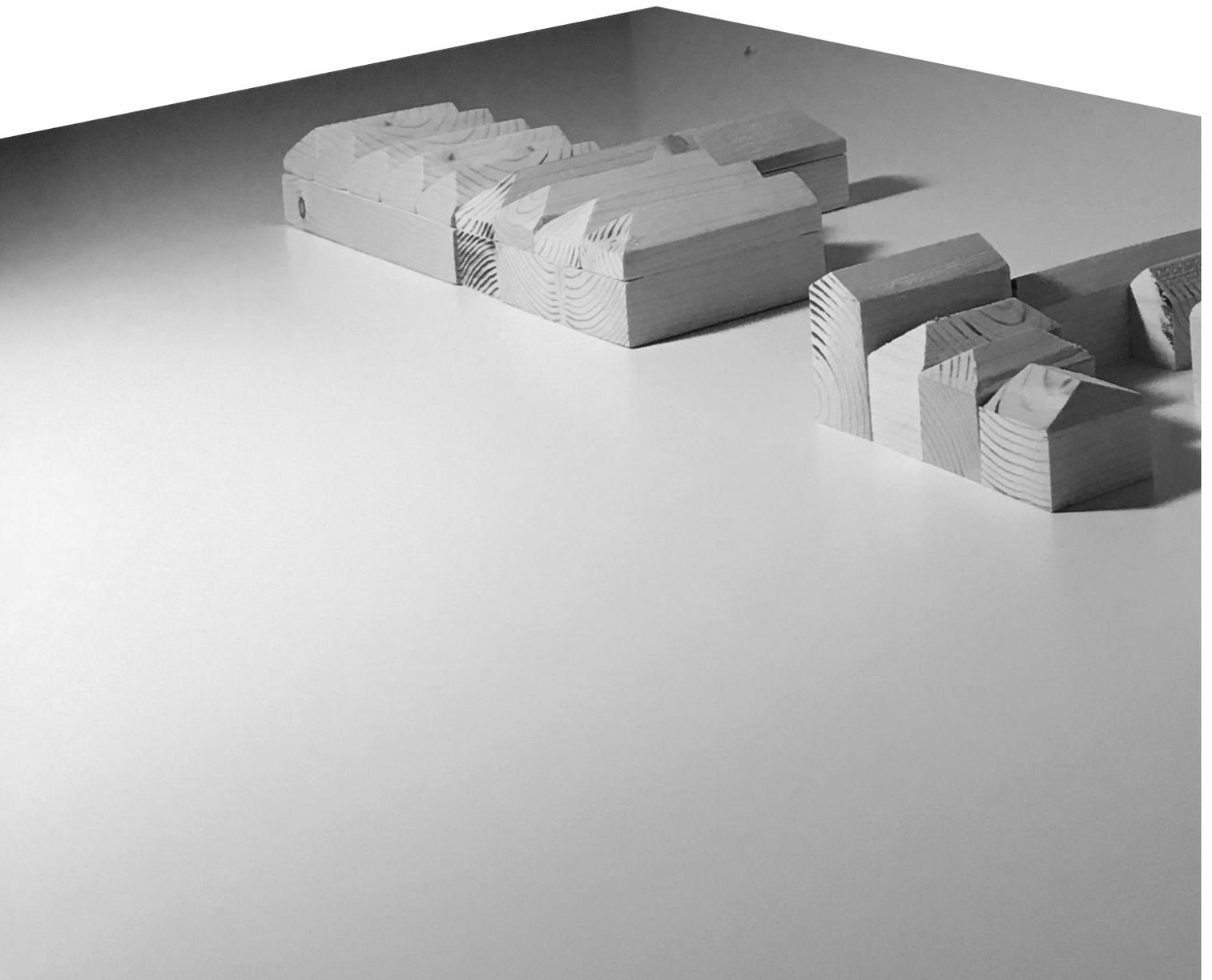


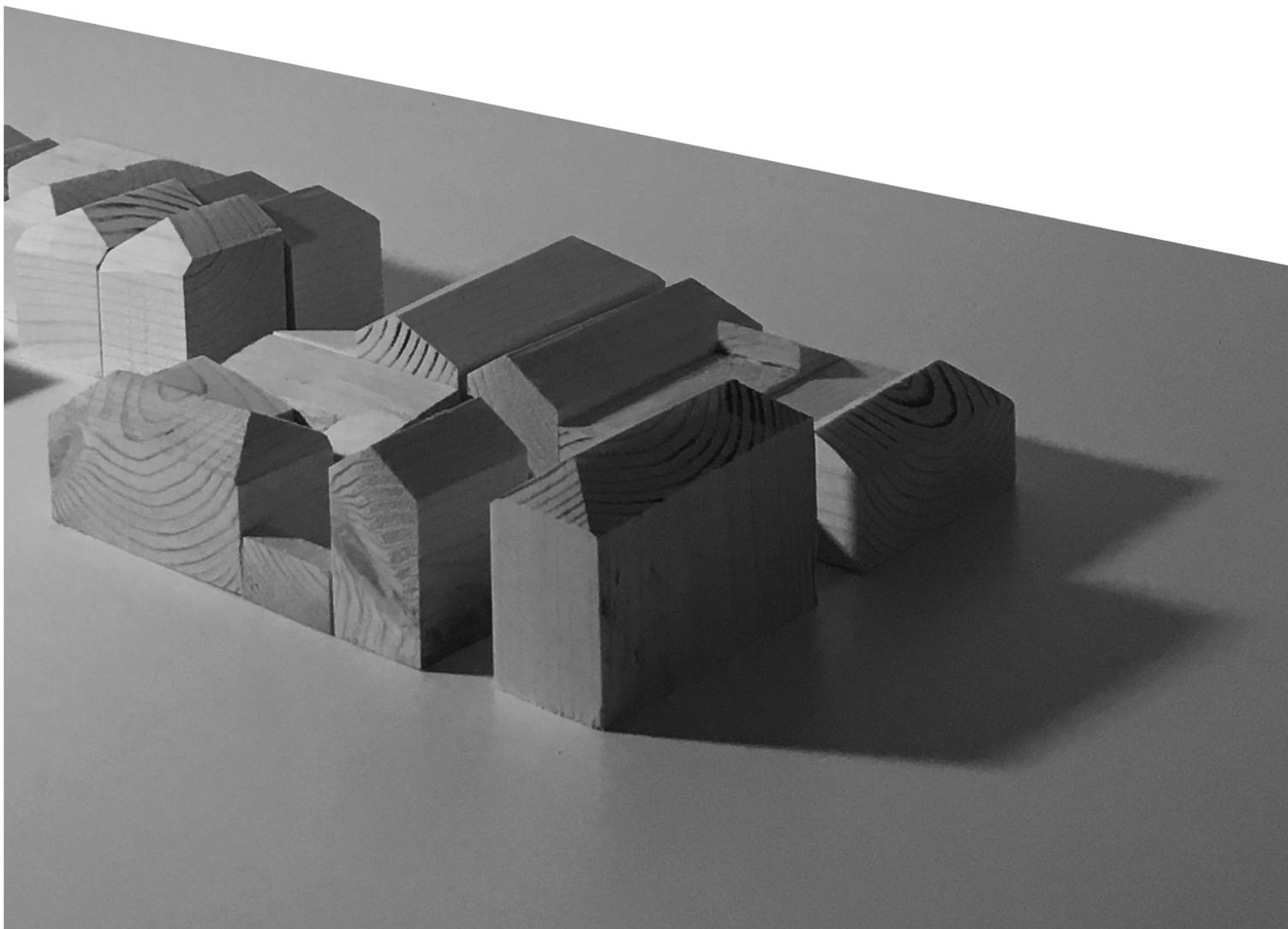
5.11 | Estudo do quarteirão: maquete do cenário final
[Escala 1:200]



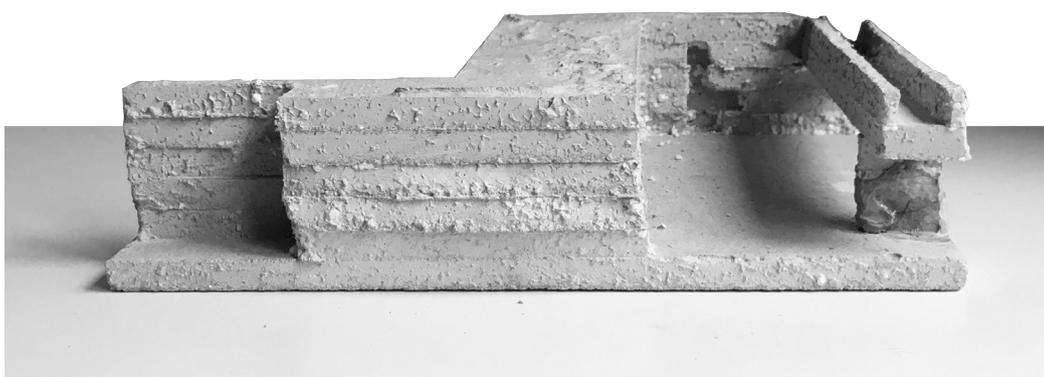
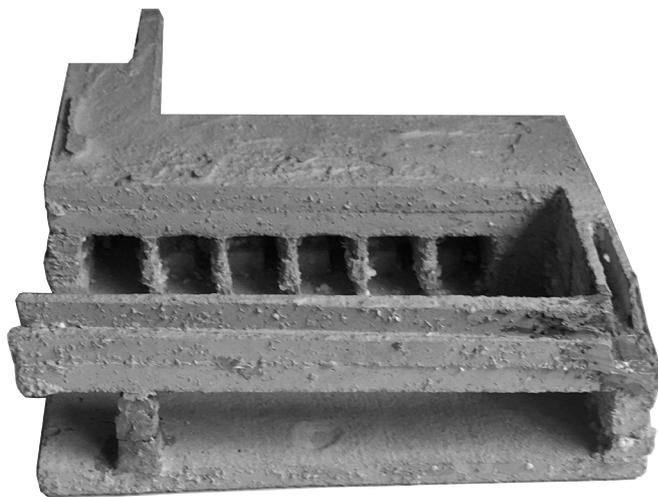
5.10 | Estudo do quarteirão: maquete do objecto arquitectónico proposto
[Escala 1:200]



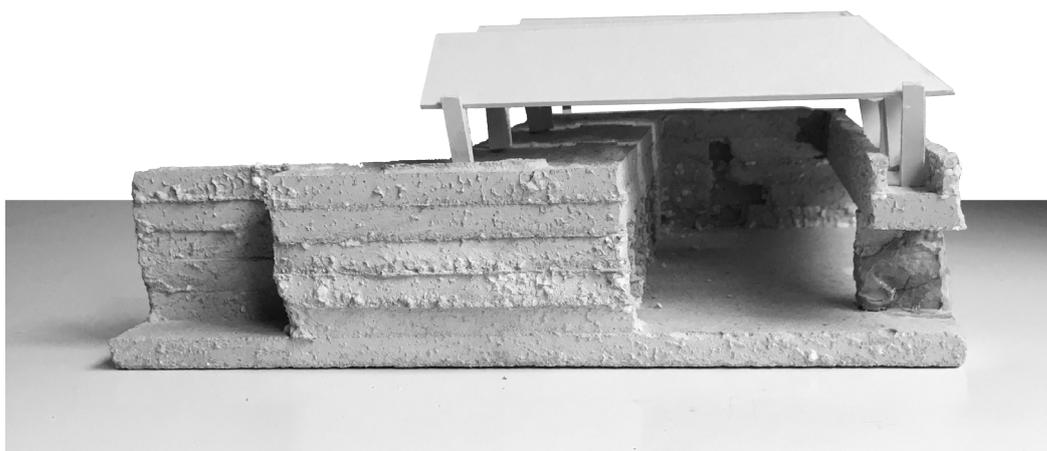




5.12 | Estudo do quarteirão: maquetas da situação existente e solução proposta
[Escala 1:200]



5.13 | Maqueta conceptual do projecto - embasamento para o mercado municipal
[Escala 1:100]



5.14 | Maqueta conceptual do projecto - cobertura para o mercado municipal
[Escala 1:100]

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.

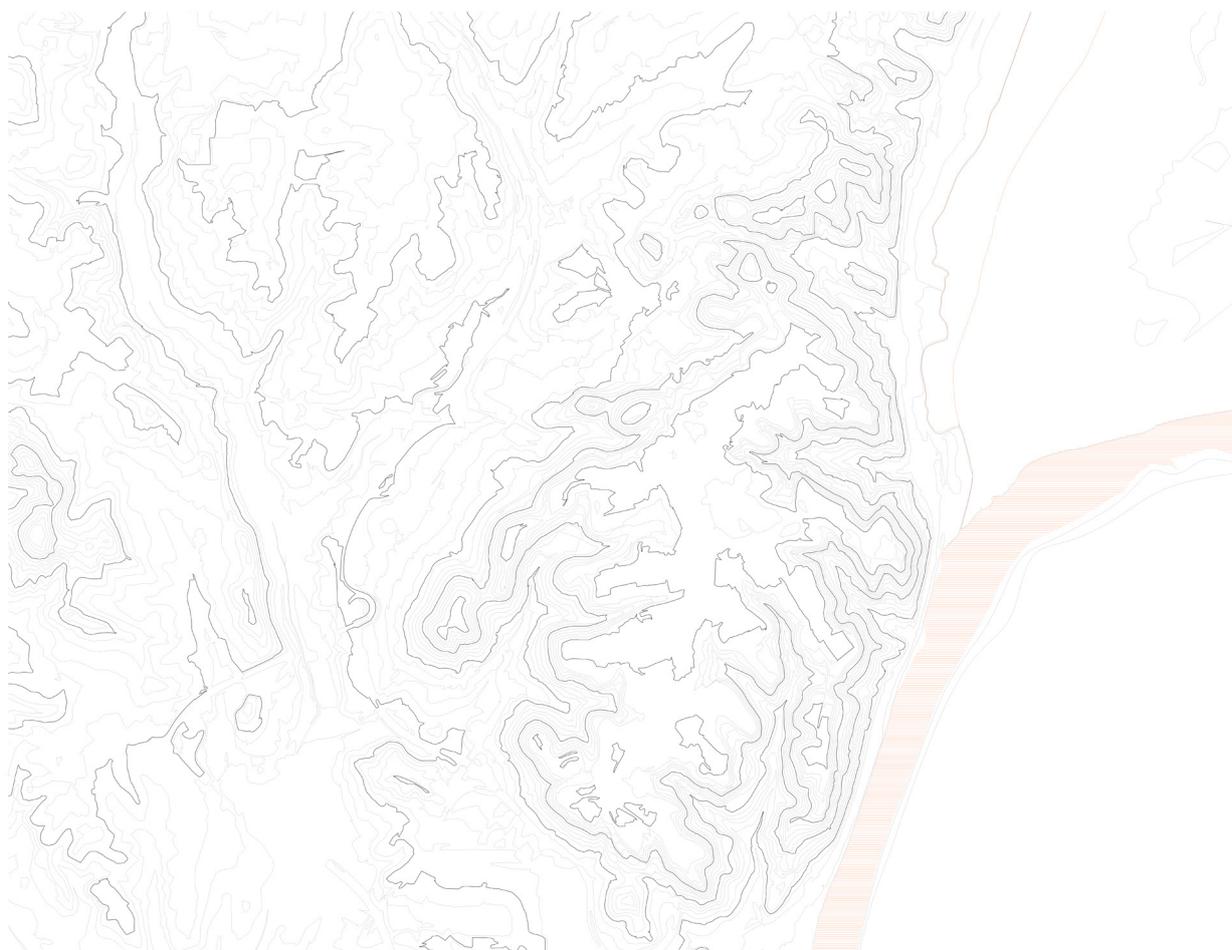


enquadramento da foz do rio tejo escala 1: 500 000

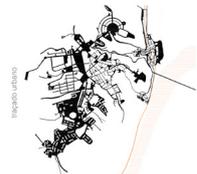
enquadramento do território
rio e foz do tejo

projecto final de mestrado
grupo chris pinho | prof. alvaro fernandes + prof. joão ruivo
FAUL | janeiro 2021

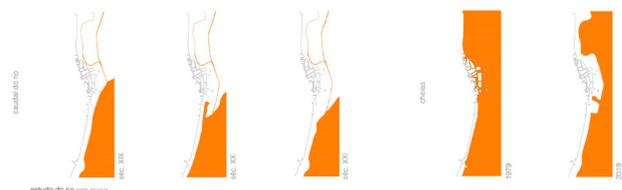
UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.



enquadramento do lugar - topografia escala 1:10.000



2 estudo da cidade sem escala



estudo do rio sem escala

enquadramento urbano
caracterização do lugar

projeto final de mestrado
gongalo chrinta pinho | prof. sítigo fernandes + prof. joão Nunes
FAU | janeiro 2021

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém



cidade planície



cidade planície

esquema de comparação entre as áreas da cidade: planície vs periferia (ver p. 102)

cidade lacustre (p. 11)



cidade lacustre (p. 11)



cidade lacustre (p. 11)



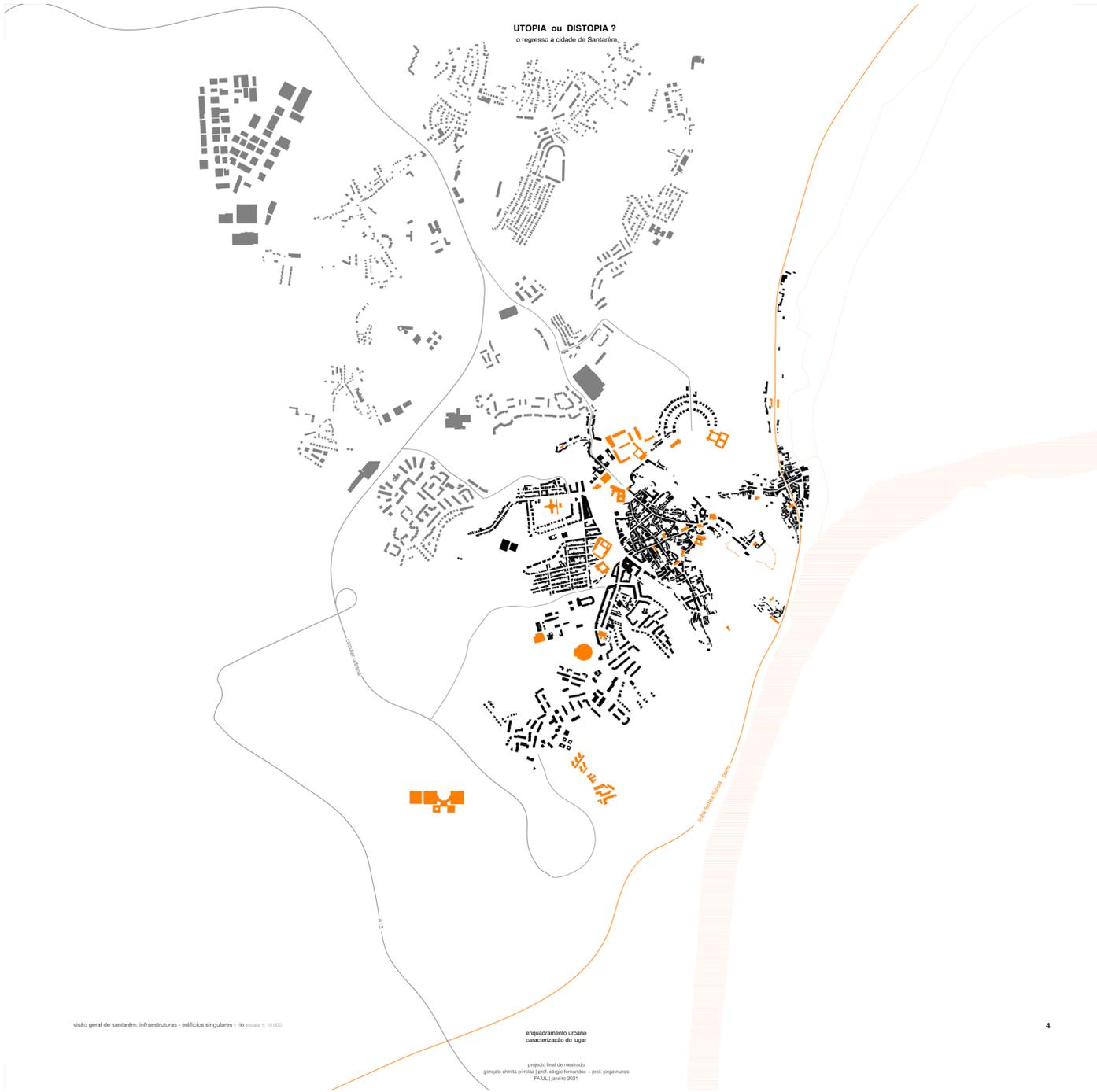
cidade lacustre (p. 11)



esquema de evolução da cidade lacustre

enquadramento urbano
evolução da cidade

projeto final do trabalho
grupo christa crozes | prof. Sérgio Fernandes | prof. Jorge Nunes
FAUP, janeiro 2021



UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.



Fragmento I - consolidar espaços vazios, reconstruir acessibilidades escala 1:5.000



Fragmento II - novos usos para edifícios obsoletos escala 1:5.000



Fragmento III - reavivar a frente ribeirinha escala 1:5.000



novo traçado para linha férrea e criação de interface terrestre sem escala

- monumental celestino graca  **catedrais**
- antigo presídio militar  **hotéis**
- antiga fábrica de sabão  **centros multiusos**
- teatro rosa damasceno  **escolas**
- igreja de marvila  **museus**

exemplo de novos programas para edifícios obsoletos sem escala
plano de estrutura
estratégias para um regresso à cidade

projeto final de mestrado
gongalo chanta pirotas | prof. sérgio fernandes + prof. joão nunes
FAUL, janeiro 2021



novo desenho da margem e edifícios a recuperar sem escala

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.

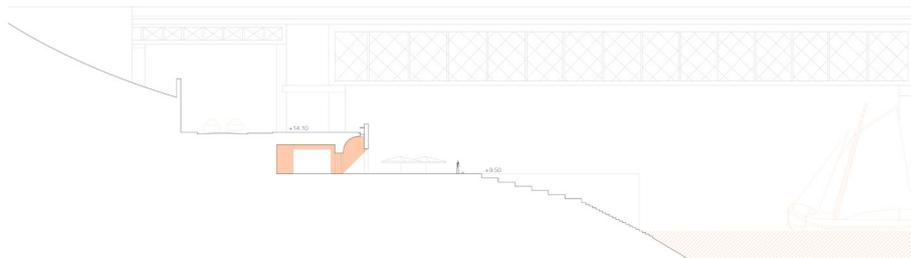


6 planta de enquadramento da área de intervenção e acessibilidades escala 1:2.000

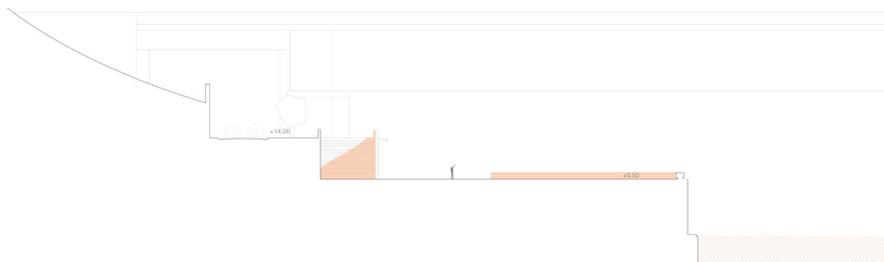
plano de detalhe
enquadramento e acessibilidades

projecto final do masterplan
 grupo de trabalho | prof. alvaro torres | prof. jorge ruivo
 P.L.A., Janeiro 2021

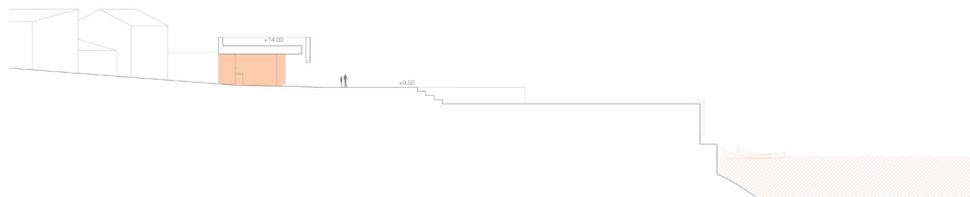
UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.



AA

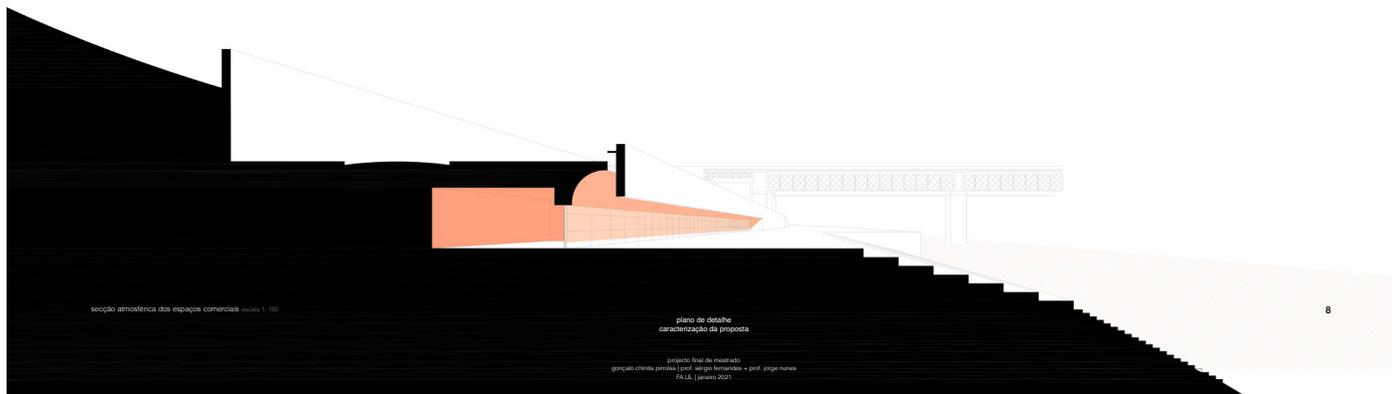


BB



CC

secções ao longo da frente ribeirinha escala 1:200



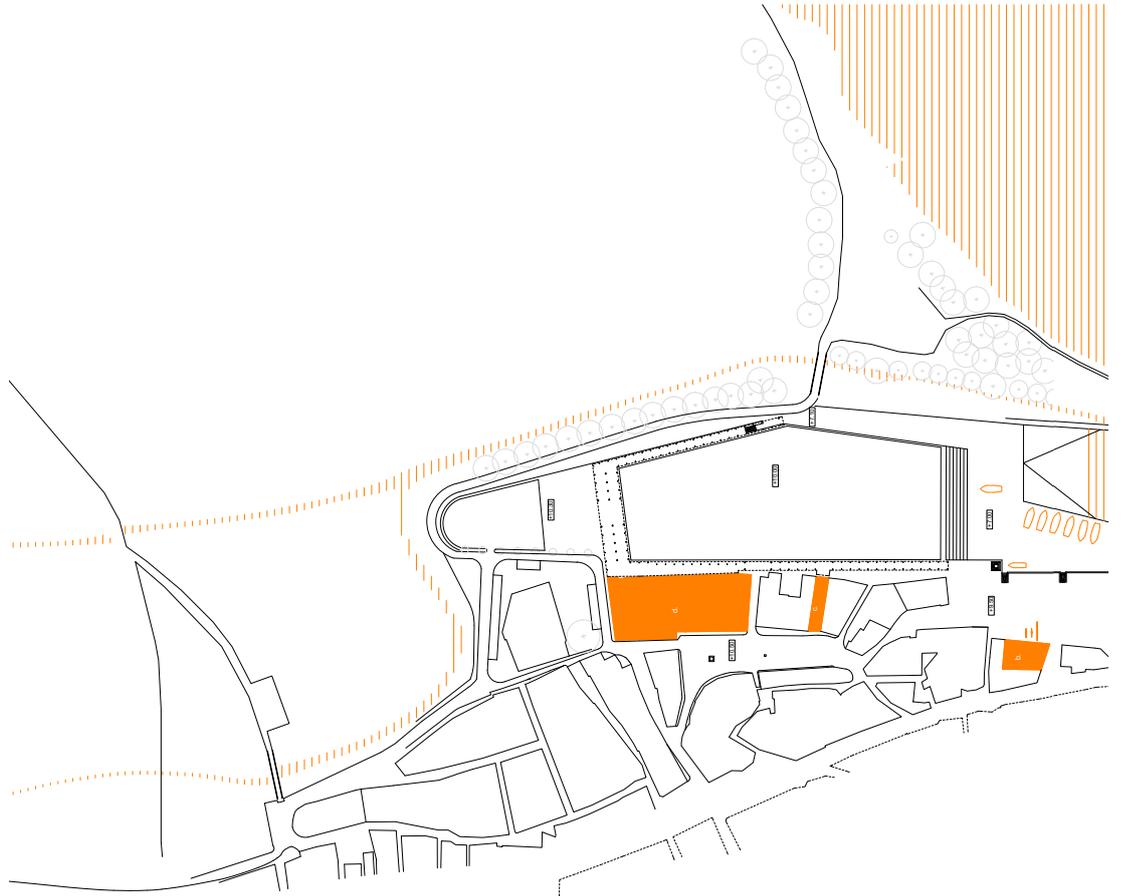
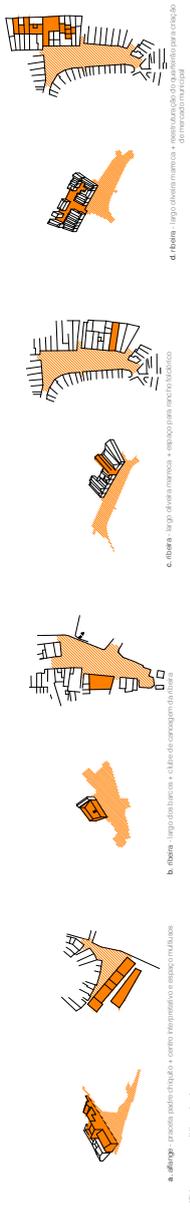
secção atmosférica dos espaços comerciais escala 1:100

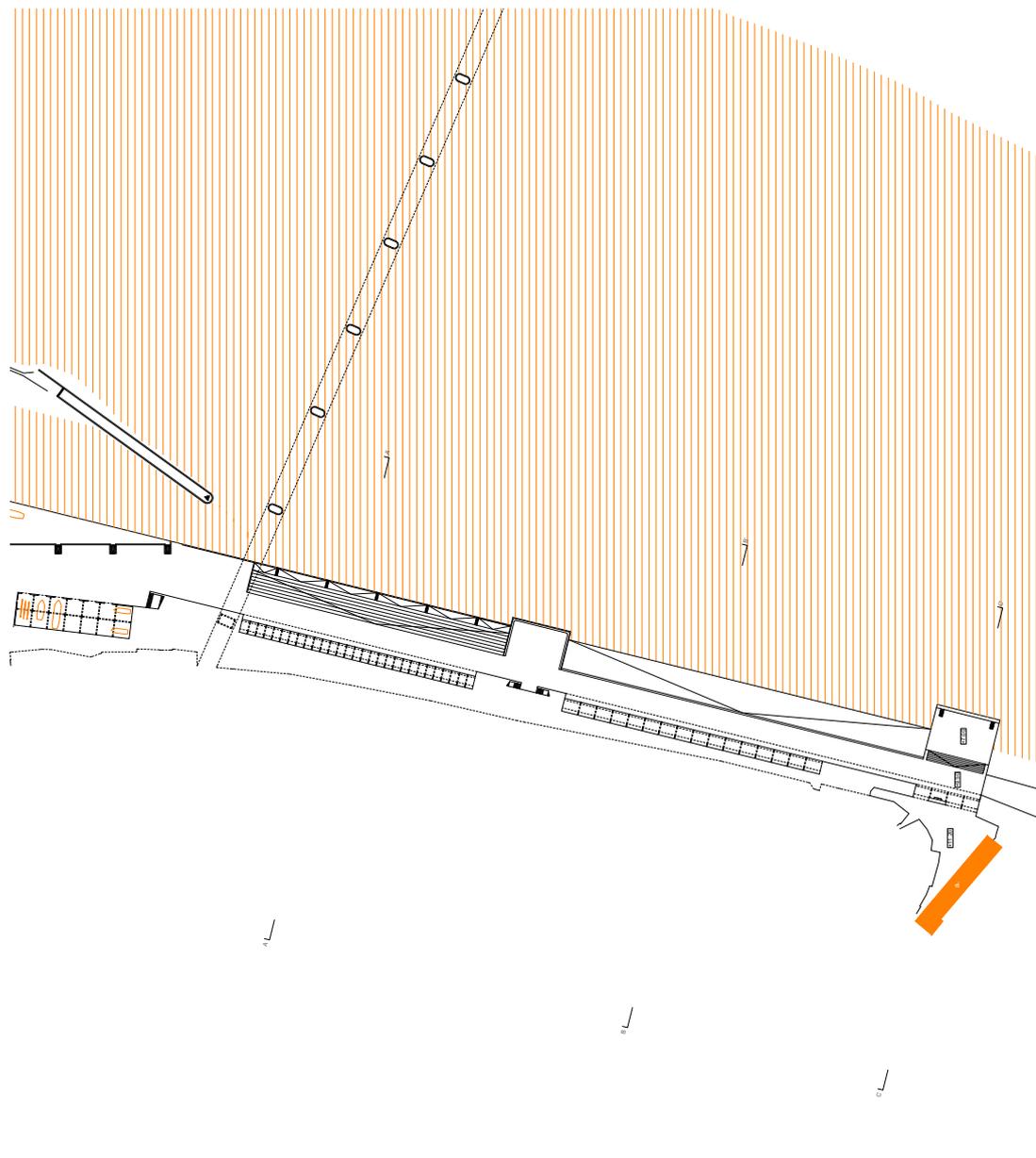
plano de design
caracterização da proposta

projecto final de mestrado
gracinda chelva pinheiro | prof. alberto fernandes | prof. joão nunes
FAU, janeiro 2021

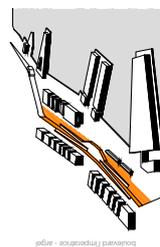
UTOPIA OÙ DISTOPIA ?
L'urgence d'habiter de demain.

9

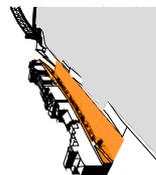




plano da forma habitada - espaços interiores escala 1:1.000



bolévard transparente - apert



ruído da biblioteca - pontos



planta da maia - biblioteca

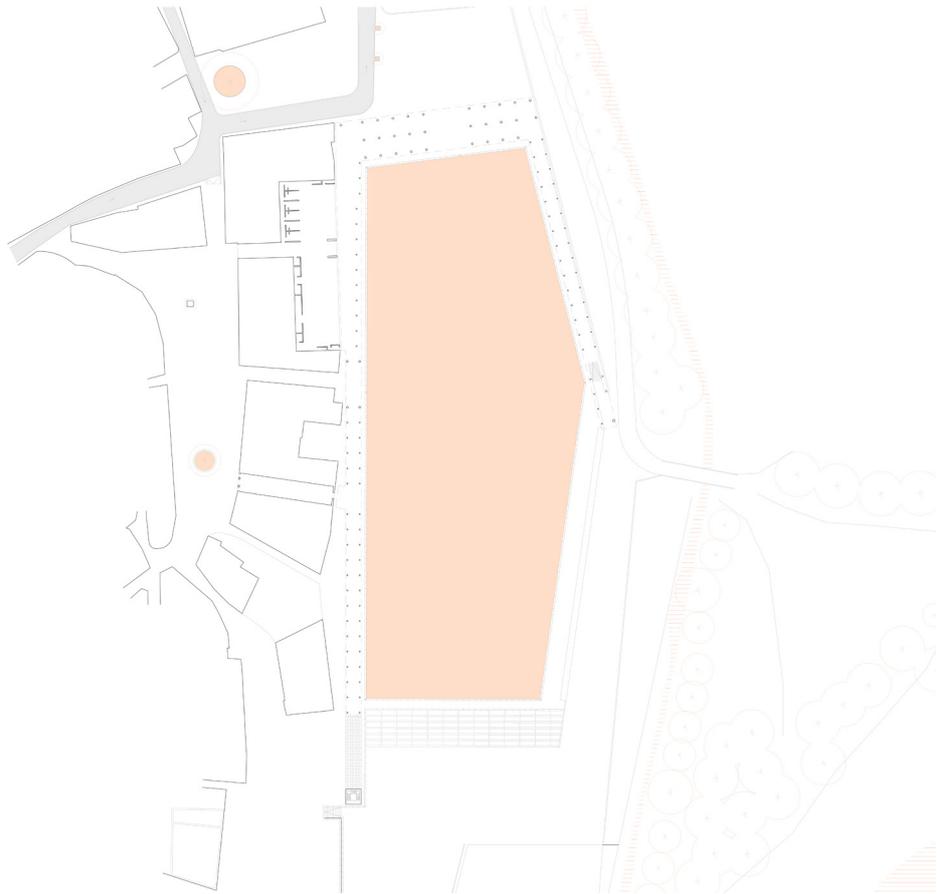


ruído da maia - pontos de ruído

projeto integrado
 análise da proposta e seus estudos

autor: [illegible]
 grupo de trabalho: [illegible]
 [illegible]

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.

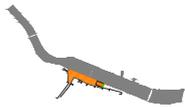


planta do desenho de espaço público - novo terreno escala 1:500



seção - mercado da ribeira

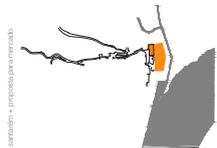
relações de estudo: relação entre o rio, as praças e os mercados escala 1:10.000



seção - mercado do porto



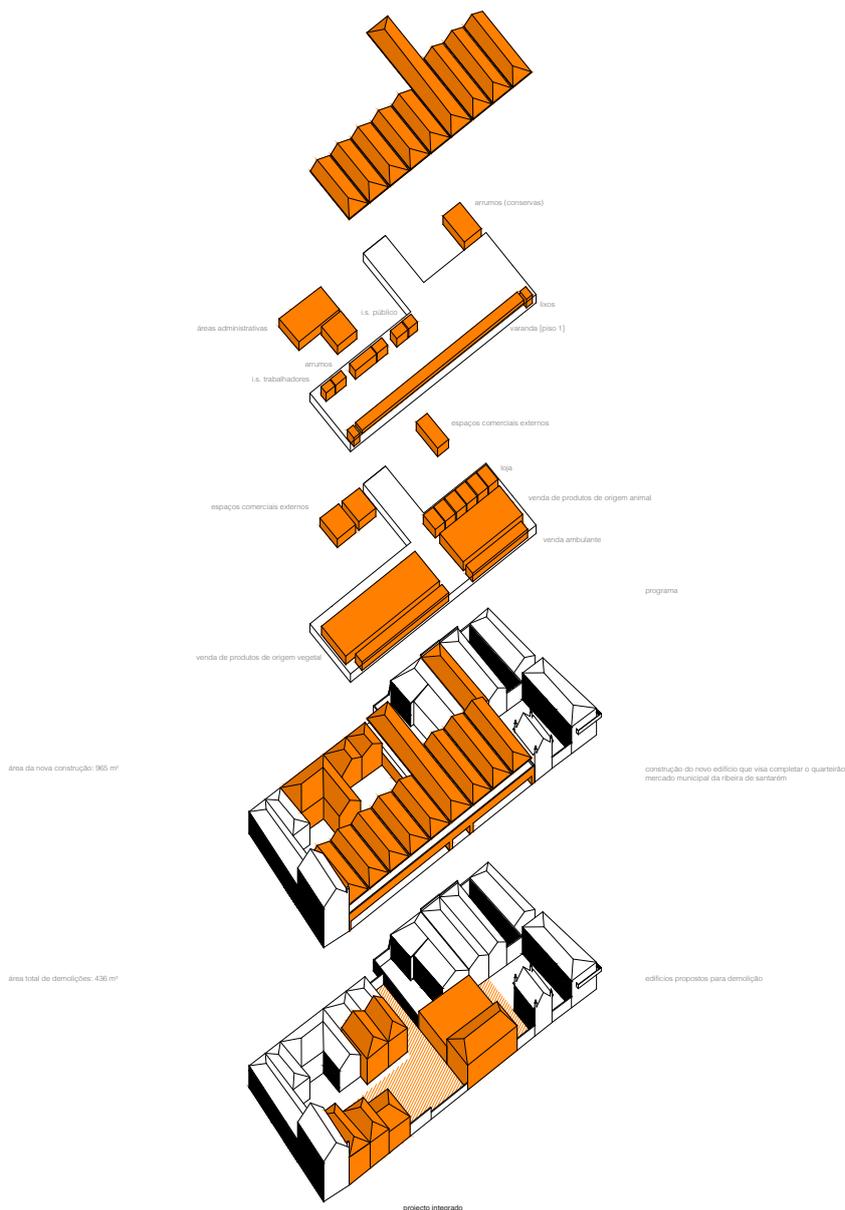
seção - mercado da rua dos gregos



seção - praças para o mercado

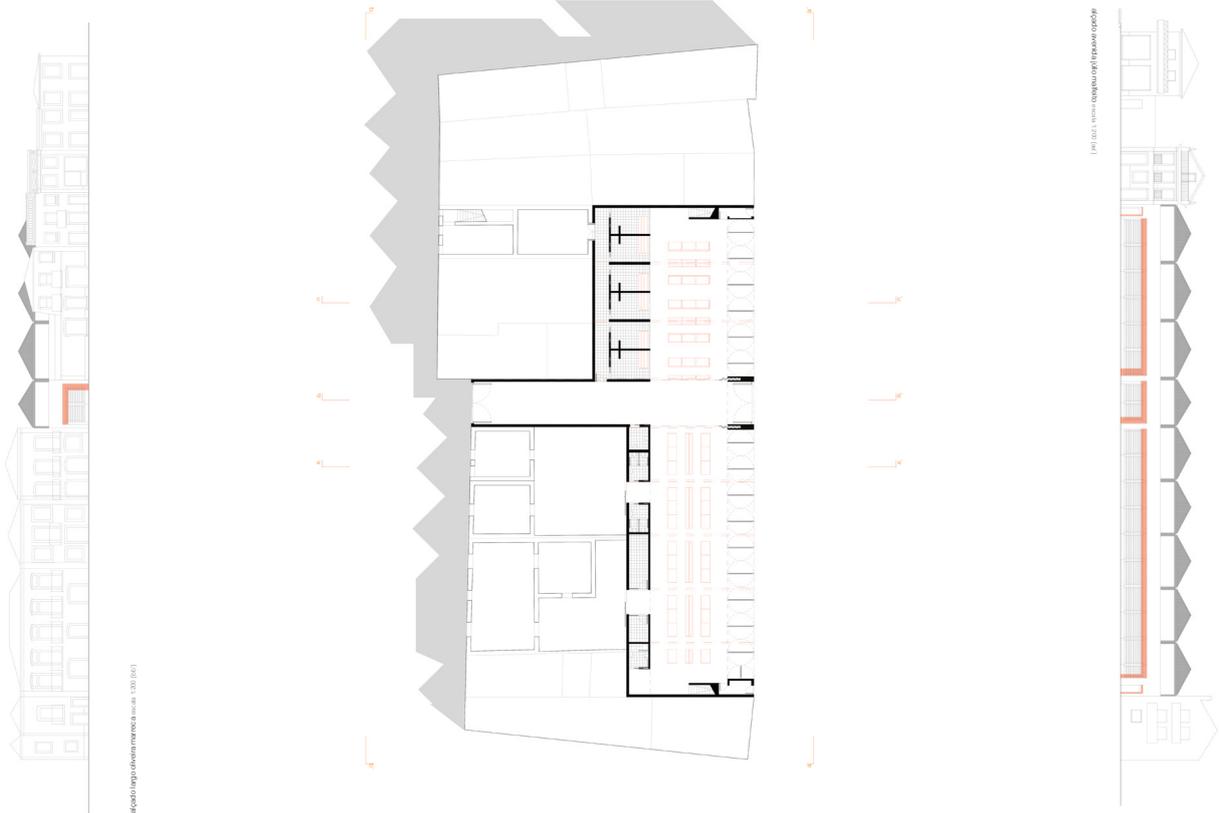
projecto integrado
enquadramento e espaço público
projecto final de mestrado
gongalo chãlla pinho | prof. sergio fernandes | prof. jorge ruivo
FAUL | janeiro 2021

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.

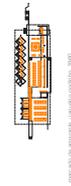
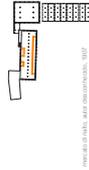
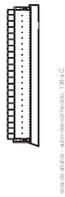
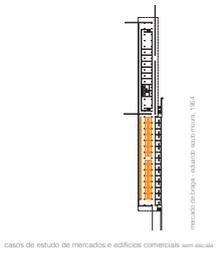


projecto integrado
transformação do quarteirão
axonometria
projecto final do mestrado
grupo de pesquisa | prof. Sérgio Fernandes + prof. Jorge Nunes
FSA, U. | janeiro 2021

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.



representação do quarteirão - mercado municipal da ribeira de santarém escala 1:200 (-10,20)



casos de estudo de mercados e edifícios comerciais sem escala

projecto integrado
caracterização do projecto

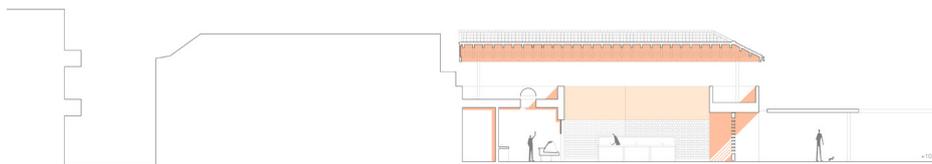
projecto final de mestrado
grupo chrisa pinheiro | prof. sérgio formosinho + prof. joão muniz
FAUP | janeiro 2021

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.



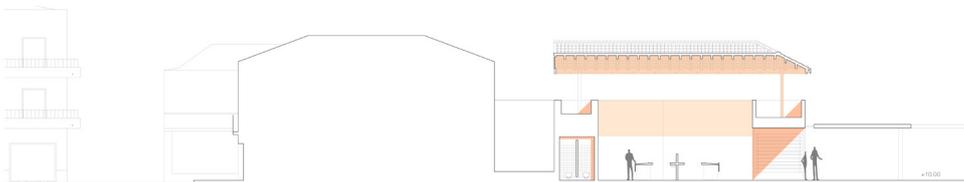
alçado principal escala 1:100

aa'



+10.00

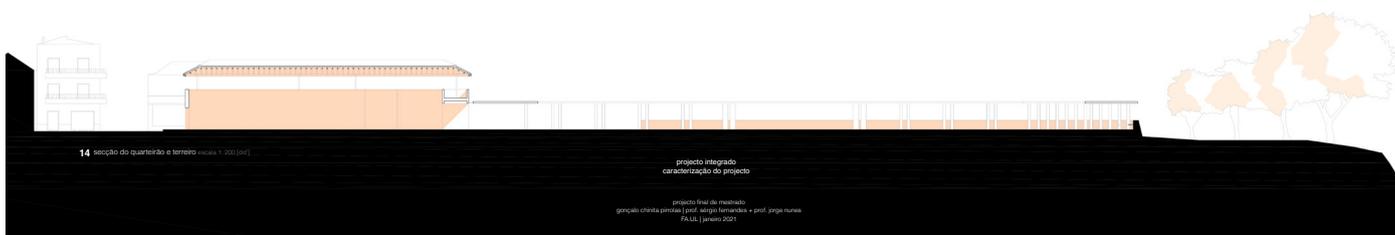
cc'



+10.00

dd'

secções do quarteiro escala 1:100

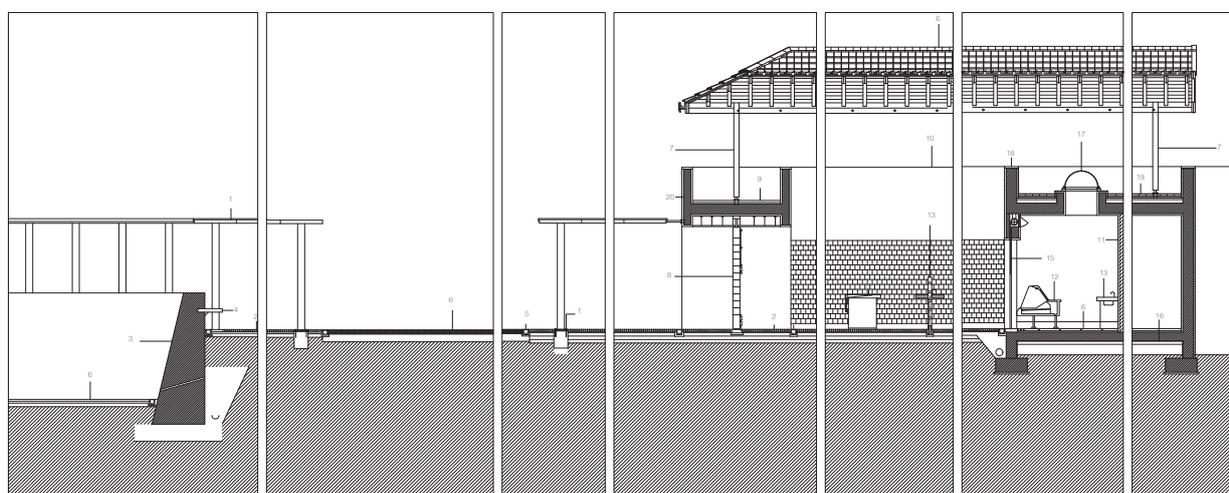


14 secção do quarteiro e terreno escala 1:200 (a-d)

projecto integrado
caracterização do projecto

projecto final do tratamento
gáncio chinda pinhal | prof. alberto fernandes e prof. jorge ruivo
PAUL | janeiro 2007

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.



definição construtiva - secção 1 - 01

legenda: exterior [terreiro]

1. cobertura fixa em aço inox / cor branca, fixação parafusada à sapata ou parede estrutural (betão); capoteamento da cobertura em chapa zincada. | 2. pavimento em 'caixada' à portuguesa | 3. muro de suporte - alvenaria em pedra | 4. banco de madeira, encastado no parede de alvenaria | 5. bancal de contenção e caixa de escoamento de águas pluviais em marmosa luz | 6. pavimento estabilizado em sabão; mistura de sabão com ligante estabilizante; camada de pó de pedra, tau-venant termico existente.

legenda: interior [mercado municipal]

6. cobertura em telhado de três águas; estrutura em lambeado de madeira, cobos e torças em madeira maciça, tocha plana | 7. estrutura de suporte do telhado em aço parafusado ao pavimento | 8. gôndola pivoteante em madeira; fichas e fechaduras em alumínio | 9. pavimento cerâmico | 10. parede estuqueada, revestimento em azulejo; rodapé cerâmico | 11. parede em alvenaria de tijolo corrente | 12. bancada de venda em aço inox | 13. estrutura metálica para bancadas de apoio | 14. caixa metálica para escoamento de águas | 15. estufa de vidro em alumínio; caixa de escape encastada | 16. tela impermeabilizante | 17. Lanterna em vidro fosco; estrutura em aço para ventilação | 18. capoteamento de mureta em pedra | 19. cobertura plana perimetral; camada de limpeza; camada de forma, tela impermeabilizante; isolamento térmico; suporte do pavimento; pavimento cerâmico | 20. estrutura em betão armado; pilar e viga invertida



estrutura metálica; banco em madeira; aberto campo base



sabão estabilizado; mistura de decoliza; gôndola byrne



caixada à portuguesa



estrutura telhado em lambeado madeira em fiavel; face estudo



revestimento azulejo; estufa alto vidro; desenho de julo pomar



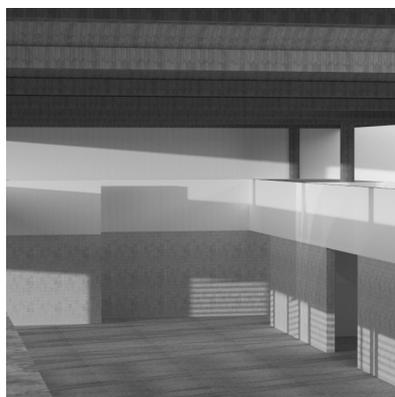
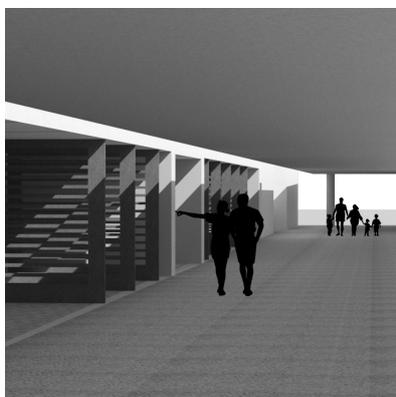
estrutura modular; torre de observação do case igneã; madeira maciça; argolo; mangueiras

exemplos de materialidades

projeto integrado
definição construtiva

projeto final de materialidade
gândulo olímpia pinheiro | prof. alvaro fernandes + prof. joão nunes
FAUL | janeiro 2021

UTOPIA ou DISTOPIA ?
o regresso à cidade de Santarém.



CITY & PARASITE



CITY without SUBURB



CITY with SUBURB



SUBURB without CITY



CITIES within the CITY



219

